DESAFIANDO O
RIO-MAR
Descendo o Negro II
HIRAM REIS E SILVA

Este livro é, antes de mais nada, um exercício de amor, de tenacidade e perseverança. Nele, o autor descreve "*pari passu*" suas impressões sobre a geografia, a história, a etnologia e até a sociologia de uma das mais remotas e desconhecidas áreas de nosso território: o vale do Rio Negro.

Como sabemos, o Rio Negro [Uruna ou paraná-pixuna de tempos imemoriais], nos é alcançado do Hemisfério Norte pelo seu nome colombiano de Guainía, com a direção Noroeste-Sudeste, vindo a desaguar no Amazonas. Esse curso d'água, por alguns exploradores conhecido como "*Rio das mil ilhas*", banha uma região de indiscutível valor histórico e cultural, densamente povoada por descendentes de antigas civilizações indígenas, compreendendo várias etnias.

Por suas características, grandeza e importância geopolítica, foi escolhido para determinar o eixo direcional da Expedição. O território é guarnecido pelo conjunto de Pelotões de Fronteira do Exército, distribuídos pelos diferentes pontos da fronteira terrestre, pela Aeronáutica e pelo zelo Missionário dos Salesianos. Essa presença conseguiu estancar as incursões espanholas do Norte, e fixar a indiscutível consciência brasileira hoje dominante.

Há uma copiosa bibliografia relacionada a essa região fisiográfica, herdada de aventureiros, cientistas e escritores que viveram nos séculos passados.

Suspiros Poéticos e Saudades I
II – Adeus À Pátria
(Domingos José Gonçalves de Magalhães)

Adeus, oh Pátria amada,
Terra saudosa, onde eu abri meus olhos
Pela vez prima ao Sol americano;
Onde nos braços maternais suspenso,
O teu amor com a vida
No albor dos anos meus fruí gostoso.

Oh margens do Janeiro,
Eu me ausento de vós com mágoa e pranto!
Adeus, brilhante céu da terra minha!
Adeus, oh serras que vinguei difícil!
Adeus, sombrias várzeas,
Que vezes passeei meditabundo.

Adeus, augustas torres
Do templo, onde lavei-me do pecado!
O som funéreo dos sagrados bronzes
Ainda vem magoar os meus ouvidos,
E n'alma despertar-me
Tristíssimas, cruéis reminiscências.

Eis ali a montanha
Cujos pés beija o Mar que em flor se esbarra.
Quantas vezes ali triste, sentado,
Minha alma no infinito se espraiava,
Os olhos vagueando
Sobre este Mar, que deve hoje levar-me!

Sim, eu te deixo, oh Pátria;
E deixo-te lutando com as procelas ([1]),
Que no teu horizonte se abalroam.
Ah! quanta dor o coração me punge,
Por ver alguns teus filhos,
Baldos ([2]) de pundonor, como te olvidam. [...]

---

[1] Procelas: tormentas.
[2] Baldos: desprovidos.

Sumário

Índice de Imagens

Índice de Poesias

Suspiros Poéticos e Saudades II

II – Adeus À Pátria

(Domingos José Gonçalves de Magalhães)

[...] Teus filhos... Ah! cubramos,
Se algum há, com desprezo o seu opróbrio.
Feras serpentes que entre mansas aves
Se aqueceram nos ovos, e mal nascem
Dilaceram os filhos,
E as próprias aves que lhes deram vida.

Malévolos sicários,
Raça espúria, sem Pátria, ermos de brio,
Já traidores alfanges ([3]) afiando,
O ensejo só aguardam favorável
De ensopá-los no sangue
Daqueles a quem bens, e honra devem.

Não é pavor, nem susto
De aos pés calcado ser de intrusos Neros,
Nem de rojo levado ao cadafalso,
Que hoje arrancar-me de teu grêmio pode;
Nem a ambição me acena
Que eu vá mercadejar por longes terras.

Não, eu não temo a morte,
Nem dos tiranos temo a catadura;
Sei firme assoberbar adversos fados;
Que o varão, que o dever toma por norte,
Sempre a Pátria antolhando,
Morte honrosa prefere à vida escrava.

Amor da sapiência,
Desejo de colher lições do mundo
Leva-me às margens do soberbo Sena,
Para, se me não for avessa a sorte,
Ante o altar da Pátria
Meus serviços prestar vir respeitoso. [...]

---

[3] Alfanges: sabre largo e curvo.

Alucinógenos ou Psicoativos?

Os trágicos acontecimentos de março de 2010, envolvendo o assassinato do cartunista Glauco Villas Boas e seu filho Raoni, devoto do Santo Daime, fundador da Igreja Céu de Maria, sediada em sua própria casa, por um dos frequentadores, levaram-me a criar um capítulo especial sobre algumas substâncias narcóticas utilizadas pelos nativos Sul-americanos.

A Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul (PUCRS) vem promovendo, já há alguns anos, o diálogo, o estudo e o aprofundamento sobre a realidade da cultura indígena no Estado e no País, através de uma série de palestras que fazem parte do evento chamado "*Círculo de Cultura Indígena*", que celebra, neste ano, sua 8ª edição. O evento é coordenado pelo Departamento de Direito Público da Faculdade de Direito e pelo Núcleo de Estudos e Pesquisa em Cultura Indígena. Durante minhas locuções sou, sistematicamente, interpelado pelos líderes indígenas no sentido de não me referir às drogas que utilizam nos seus rituais como "*narcóticos*" ou "*psicotrópicos*" e sim "*psicoativos*".

A proliferação de seitas que usam, nos seus rituais plantas, chamadas eufemisticamente, pelos seus simpatizantes de "*psicoativas*" mas que, na realidade, nada mais são do que drogas que provocam ou estimulam surtos psicóticos, deveriam receber uma maior atenção por parte das autoridades. Há que se diferenciar uso da droga pelos povos nativos, atendendo a rituais ancestrais, e seu uso pelos "*civilizados*" em busca de novas experiências ou modismos "*pseudo-religiosos*" que nada têm a ver com a sua história e seus costumes.

Imagem 01 – Jequitiranaboia - Fulgora laternaria (Rui Pará)

Essas pseudo-doutrinas só prosperaram tendo em vista a possibilidade de se fazer uso lícito de drogas proibidas e a ignorância e a falta de conhecimento científico a respeito dos malefícios que o uso delas pode acarretar. Quantos outros casos semelhantes ao do cartunista Glauco deixaram de ser repercutidos pela mídia só porque as vítimas eram cidadãos comuns!

Modismos recorrentes levam a humanidade, volta e meia, a buscar nos procedimentos primitivos a cura para suas mazelas. Há necessidade, por exemplo, de identificar se o princípio ativo das substancias usadas pelos "*Pajés*" tem realmente algum poder curativo ou não. Diversas dessas plantas, ditas "*medicinais*", foram pesquisadas e nenhum princípio ativo foi identificado, que justificasse seu emprego. As últimas pesquisas indicam que apenas cerca de 12% das plantas utilizadas pelos aborígines têm algum efeito benéfico sobre o organismo.

Achar que o conhecimento nativo empírico sobre a flora e a fauna e a natureza em geral não necessita de uma revisão mais científica é desprezar todo o conhecimento da história da humanidade ao longo de milhares de anos.

Tive a oportunidade, na minha carreira militar, como oficial de engenharia, de conviver por dois anos com os Uaimiris-Atroaris (UA). Apareci, certo dia, na Aldeia da "*Terraplanagem*" com um estranho inseto na mão, que apanhara num tronco seco à beira da estrada, para que eles me identificassem o animal.

Os UA apavoraram-se, pois atribuíam ao pequeno inseto um veneno mortal para o ser humano e diziam que se o pequeno e exótico animal, conhecido como Jequitiranaboia ([4]), picasse uma árvore, ela perderia imediatamente todas as folhas e tombaria em vinte e quatro horas. Na verdade, o animal era totalmente inofensivo. Como a sua esquisita cabeça lembra o crânio de um jacaré isso foi suficiente para que os nativos lhe atribuíssem poderes especiais.

Drogas Psicotrópicas ou "*Psicoativas*"

A Organização Mundial da Saúde, em 1981, definiu estas substâncias como aquelas que "*agem no Sistema Nervoso Central produzindo alterações de comportamento, humor e cognição, possuindo grande propriedade reforçadora sendo, portanto, passíveis de autoadministração*".

Essas alterações podem ser proporcionadas para fins: recreacionais (alteração proposital da consciência), rituais ou espirituais (uso de enteógenos), científicos (funcionamento da mente) ou médico-farmacológicos (como medicação).

---

[4] Jequitiranaboia (Fulgora lanternaria): inseto pertencente à família Hemíptera, possui uma curiosa cabeça semelhante a de um jacaré e é totalmente inofensivo, alimentando-se do néctar das flores e da seiva de vegetais. É conhecido também como: jitiranaboia, jaquirana, jaquiranaboia, cobra-voadora, cobra-do-ar, cobra-de-asa e "*Alligator – Headed Lantern Fly*" – Cobra-voadora-cabeça-de-lanterna. Emprestou seu nome – Jaquirana – ao principal afluente do Rio Javari.

A ética em relação ao uso dessas drogas é objeto de contínuos debates. Muitos governos têm imposto restrições sobre a produção e a venda dessas substâncias na tentativa de diminuir o abuso de drogas.

Resolução N° 1, de 25.01.2010

O poder público pecou em não regulamentar mais clara e objetivamente o uso do chá. A Igreja tem o dever de indenizar, se for provado que ministrou sem os cuidados que a resolução determinava.
(André Alves Wlodarczyk – Advogado Criminalista)

Segundo a Resolução n° 1, Carlos Grecchi, pai de Carlos Eduardo, assassino do cartunista Glauco e seu filho, poderia, legalmente, vir a solicitar indenização por parte da Igreja "*Céu e Maria*". Grecchi afirma que vinha solicitando a Glauco, desde 2007, quase três anos, que seu filho não fizesse uso do Daime, pois apresentava surtos psicóticos após a administração da droga. Na década de 80, o uso da bebida chegou a ser proibido.

Histórico "Legal"

1987 - Suspensão provisória da interdição do uso da Ayahuasca, através da Resolução n° 06 do CONFEN (Conselho Federal de Entorpecentes), de 04.02.1986;

1991 - Denúncias anônimas indicando o mau uso da substância gerou o reexame da bebida. O CONFEN realiza estudos sobre a forma de produção e consumo da bebida e, em parecer de 02.06.92, conclui que não havia razões para alterar a conclusão de 1987, que havia <u>liberado o uso da droga para fins religiosos</u>;

2004 **-** O Conselho Nacional de Políticas sobre Drogas (CONAD) solicitou, em 24.03.2004, à Câmara de Assessoramento Técnico-Científico a elaboração de estudo e parecer técnico-científico a respeito do uso da Ayahuasca.

O parecer apresentado e aprovado na Reunião do CONAD, de 17.08.2004, serviu de base à Resolução n° 5, do CONAD, de 04.11.2004, que criou o atual Grupo Multidisciplinar de Trabalho (GMT);

2010 **-** Através da Resolução n° 1, de 25.01.2010, o CONAD dispõe sobre a observância, pelos órgãos da Administração Pública, das normas e procedimentos compatíveis com o uso religioso da Ayahuasca.

Lei n° 11.343, de 23.08.2006

Art. 20. Ficam proibidas, em todo o território nacional, as drogas, bem como o plantio, a cultura, a colheita e a exploração de vegetais e substratos dos quais possam ser extraídas ou produzidas drogas, ressalvada a hipótese de autorização legal ou regulamentar, bem como o que estabelece a Convenção de Viena, das Nações Unidas, sobre Substâncias Psicotrópicas, de 1971, a respeito de plantas de uso estritamente ritualístico-religioso.

Resolução N° 1, de 25.01.2010

[...] Grupo Multidisciplinar de Trabalho [GMT], instituído pela Resolução n° 5 – CONAD, publicada no DOU, de 10.11.2004; [...] Resolve:

Art. 1° Determinar a publicação, na íntegra, do Relatório Final, [...] fazendo-o parte integrante da presente Resolução. [...]

GMT – Ayahuasca – Relatório Final

V – Conclusão

[...] O Grupo Multidisciplinar de Trabalho aprovou os seguintes princípios deontológicos [éticos] para o uso religioso da Ayahuasca:

1. O chá Ayahuasca é o produto da decocção do cipó Banisteriopsis caapi e da folha Psychotria viridis e seu uso é restrito a rituais religiosos, em locais autorizados pelas respectivas direções das entidades usuárias, *vedado o seu uso associado a substâncias psicoativas ilícitas*;

2. Todo o processo de *produção*, *armazenamento*, *distribuição e consumo da Ayahuasca integra o uso religioso da bebida*, sendo vedada a comercialização e/ou a percepção de qualquer vantagem, em espécie ou "*in natura*", a título de pagamento, quer seja pela produção, quer seja pelo consumo, ressalvando-se as contribuições destinadas à manutenção e ao regular funcionamento de cada entidade, de acordo com sua tradição ou disposições estatutárias;

3. O uso responsável da Ayahuasca pressupõe que a extração das espécies vegetais sagradas integre o ritual religioso. Cada entidade constituída *deverá buscar a autossustentabilidade em prazo razoável*, desenvolvendo seu *próprio cultivo*, capaz de atender as suas necessidades e evitar a depredação das espécies florestais nativas. A extração das espécies vegetais da floresta nativa deverá observar as normas ambientais;

4. As entidades devem *evitar o oferecimento de pacotes turísticos* associados à propaganda dos efeitos da Ayahuasca, ressalvando os intercâmbios legítimos dos membros das entidades religiosas com suas Comunidades de referência; [...]

8. Compete a cada entidade religiosa *exercer rigoroso controle sobre o sistema de ingresso de novos adeptos*, devendo proceder entrevista dos interessados na ingestão da Ayahuasca, a fim de evitar que ela seja ministrada a pessoas com *histórico de transtornos mentais*, bem como a pessoas sob efeito de *bebidas alcoólicas* ou outras *substâncias psicoativas*;

9. Recomenda-se ainda manter ficha cadastral com dados do participante e informá-lo sobre os princípios do ritual, horários, normas, incluindo a necessidade de permanência no local *até o término do ritual e dos efeitos da Ayahuasca*. [...]

Alienação do CONAD

A liberação do uso da ayahuasca para fins religiosos pelo CONAD reconheceu, ainda que implicitamente, que a ingestão do alucinógeno é *potencialmente perigosa*. O estabelecimento de rígidos procedimentos que estabelecem a proibição de sua administração a pessoas com "*histórico de transtornos mentais*" ou sob "*efeito de bebidas alcoólicas*" ou outras "*substâncias psicoativas*", e a necessidade de que as entidades religiosas exerçam "*rigoroso controle sobre o sistema de ingresso de novos adeptos*" deixa isso patente. O CONAD erra ao atribuir toda a responsabilidade sobre a seleção de adeptos, produção, uso do psicotrópico e acompanhamento dos efeitos aos próprios usuários como se isso fosse de fato viável.

Quem seriam os encarregados de acompanhar os efeitos em cada usuário? Membros da seita sob efeito do alucinógeno? O CONAD, também, não determina quem será o responsável pela fiscalização destas regras nem como isso será feito. O advogado constitucionalista João Wiegerinck acrescenta:

Por eliminação, percebemos que a fiscalização só será feita quando provocada: quando alguém passar mal ou surtar com a bebida. Obviamente, é uma falha.

Os profissionais da saúde pública criticam a resolução pois, segundo eles, entrega aos próprios adeptos a responsabilidade de determinar quem pode fazer uso do chá quando, na verdade, essa orientação deveria ser feita por psicólogos ou psiquiatras. O psiquiatra Dartiu Xavier da Silveira afirma:

> O uso do chá é arriscado para pessoas que tomam antidepressivos e é contraindicado a pessoas com diagnóstico de psicose, já que aumenta muito a produção de certas substâncias no cérebro. A falta de fiscalização pode levar ao aparecimento de vários casos graves.

O psiquiatra Emmanuel Fortes acredita que:

> É uma temeridade. As pessoas não saem por aí dizendo se têm doença mental ou não. Isso merece uma reflexão por parte do Conselho Federal de Medicina.

Ayahuasca

> A Ayahuasca é conhecida em diferentes culturas pelos seguintes nomes: yajé, caapi, natema, [...] bejuco de oro, vine of gold, vine of the spirits, vine of the soul e a transliteração para a língua portuguesa resultou em hoasca. Também é conhecida amplamente no Brasil como "*Chá do Santo Daime*" ou "*Vegetal*". Na linguagem Quechua, aya significa espírito ou ancestral, e huasca significa vinho ou chá. Este nome tanto se aplica à bebida preparada por meio da mistura da Banisteriopsis caapi e da Psichotria viridis, quanto à primeira das plantas. [...]

As diversas preparações geralmente contêm talos socados da Banisteriopsis caapi ou espécies correlatas mais as folhas da Psichotria viridis. As plantas adicionadas à Ayahuasca ajudam a maximizar as experiências de estimulação visual e as sensações de contato com "*forças e locais sobrenaturais*" e divinas. Os métodos de preparo variam conforme o grupo, como um chá quente ou amassando-se junto à água fria, deixando-se em descanso por aproximadamente 24 horas. [...]

Histórico

As origens do uso da Ayahuasca na Bacia Amazônica remontam à Pré-história. Não é possível afirmar quando tal prática teve origem, no entanto, há evidências arqueológicas através de potes, desenhos que levam a crer que o uso de plantas alucinógenas ocorra desde 2000 a.C. Apesar da coleta e identificação da Ayahuasca datar de 1851, os alcaloides já eram conhecidos desde a primeira metade do século XIX, o que se deve à facilidade de extração dos mesmos, bem como aos possíveis usos clínicos: logo, a Harmalina foi isolada da Peganum harmala em 1840. Sete anos depois, a Harmina foi identificada. A "*telepatina*" – harmina – foi identificada na "*yajé*" em 1905. [...]

Antropologia e Uso da Ayahuasca

[...] Há relatos do uso das poções em toda a Amazônia, chegando à costa do Pacífico no Peru, Colômbia e Equador, bem como na costa do Panamá, sendo que foi reconhecida em pelo menos 72 tribos indígenas, com pelo menos 40 diferentes nomes. Entre as diversas tribos da Bacia Amazônica, a Ayahuasca é percebida como uma poção mágica inebriante, de origem divina, que "*facilita o desprendimento da alma de seu confinamento*

corpóreo", voltando ao mesmo conforme a vontade e carregada de conhecimentos sagrados. Entre os nativos, é usada para propósitos de cura, religião e para fornecer visões que são importantes no planejamento das caçadas, prevenção contra espíritos malévolos, bem como contra ataques de feras da floresta. [...]

Ayahuasca e Religião

No século passado, além do consumo da mistura entre as populações indígenas, várias Igrejas adotaram o uso da ayashuasca em rituais sincréticos, especialmente no Brasil, onde os efeitos psicoativos são acoplados a conceitos das doutrinas Judaica, Cristã, Africana entre outras. As principais religiões deste módulo incluem a UDV [União do Vegetal], CEFLURIS [Santo Daime], Barquinha e o Alto Santo. [...] Tais seitas incluíram a Ayahuasca em seus rituais de comunhão como um simbolismo comparável ao "*pão e vinho*". Estas Igrejas argumentam que a poção ajuda a promover concentração pronunciada e contato direto com o plano espiritual. [...]

Ayauhuasca e a Expansão do Consumo

O crescente número de indivíduos que vêm experimentando a Ayahuasca de maneira descontextualizada, visitas a seitas com o único intuito de conhecer a bebida, e a atual possibilidade de se usar a Pharmahuasca: combinação sintética dos ingredientes psicoativos da Ayahuasca.

Chá do Santo Daime (Ayahuasca)

O chá de Santo Daime é um alucinógeno. Tal propriedade se deve à presença nas folhas da chacrona de uma substância alucinógena denominada N, N-dimetiltriptamina [DMT].

O DMT é destruído pelo organismo por meio da enzima monoaminaoxidase [MÃO]. No entanto, o caapi possui uma substância capaz de bloquear os efeitos da MAO: a harmalina. Desse modo, o DMT tem sua ação alucinógena intensificada e prolongada.

Riscos à Saúde

Pode haver sensação de medo e perda do controle, levando a reações de pânico. O consumo do chá pode desencadear quadros psicóticos permanentes em pessoas predispostas a essas doenças ou desencadear novas crises em indivíduos portadores de doenças psiquiátricas [transtorno bipolar, esquizofrenia]. (MARQUES & PALHARES)

Santo Daime e União do Vegetal

O Santo Daime é uma manifestação religiosa exótica que surgiu, no Brasil, a partir do estado do Acre, nas primeiras décadas do século XX. Seus membros fazem uso de uma bebida enteógena ([5]), o ayahuasca que, segundo eles, serviria para catalisar processos espirituais visando à cura e bem-estar do indivíduo. Após fazer uso da beberagem, Irineu Serra, seu fundador, imaginou ter tido uma visão de entidades superiores que lhe ordenaram propagar o Santo Daime. Irineu concebeu apenas, muito genericamente, uma doutrina que mescla diversas tradições religiosas antigas e contemporâneas cujo pano de fundo serve apenas para justificar o uso da ayahuasca pelos seus discípulos. A União do Vegetal (UDV) foi criada pelo baiano José Gabriel da Costa na década de 60 que havia migrado para a região Norte para trabalhar como seringueiro.

---

[5] Enteógena: droga alucinógena.

Em 1959, José Gabriel teve o primeiro contato com a ayahuasca e, depois disso, começou a ter visões de suas vidas passadas e atuar como mensageiro e difundir sua doutrina.

Em 1961, criou o Centro Espírita Beneficente União do Vegetal. A sede da UDV localiza-se, hoje, em Brasília, tem filiais em todo o território nacional e no exterior. É a doutrina ayahuasqueira mais numerosa do país, seus rituais possuem forte influência kardecista.

Richard Spruce

Richard Spruce, em novembro de 1852, navegando pelo Rio Negro chegou à Aldeia de Ipanoré, maloca de Urubucoará, onde assistiu à cerimônia do culto Jurupari, em que os Tucanos usavam uma bebida chamada "*kapi*", erroneamente grafada "*caapi*", palavra tupi-guarani que designa gramíneas, preparada a partir de uma espécie de cipó.

Spruce relata que:

> Os brancos que tomaram caapi na forma apropriada coincidem em seus relatos sobre as sensações obtidas sob seu efeito. A vista se altera e diante dos olhos passam rapidamente visões onde parecem combinar-se tudo o que viram ou leram sobre o esplêndido e o magnífico. (SPRUCE)

Spruce embriagou-se com caxiri ([6]) e não chegou a provar a bebida "*sagrada*", mas, já no dia seguinte, começou a pesquisar o seu principal componente, o cipó que denominou Banistera caapi ([7]).

---

[6] Caxiri: bebida fermentada à base de macaxeira.
[7] Banistera caapi: depois Banisteriopsis caapi.

Relatos Pretéritos

Richard Spruce (1853)

Nos relatos dos viajantes a propósito das cerimônias realizadas pelas tribos Sul-americanas e das invocações executadas pelos seus Pajés. Há frequentes menções a poderosas drogas empregadas para provocar intoxicação ou mesmo delírio temporário.

Varia o modo de administrar e ingerir esses narcóticos, que ora são reduzidos a fumaça e tragados, ora a vapor e inalados, ora ingeridos sob forma líquida. Aliás, são poucas as plantas utilizadas pelos indígenas como matéria prima de artigos de consumo, podendo-se citar apenas o fumo e as que produzem bebidas fermentadas, especialmente o milho, a banana, a mandioca e mais umas poucas.

Como tive a sorte de assistir ao uso dos dois narcóticos mais famosos, e de obter espécimes das plantas que os produzem [perfeitos o suficiente para serem determinados botanicamente], transcrevo a seguir as observações a seu respeito que anotei "*in loco*". [...]

É a parte inferior do caule que se utiliza para produzir o narcótico. Uma certa quantidade dela é imersa em água e pilada num almofariz. Eventualmente é acrescentada uma pequena porção de raízes delgadas da planta conhecida como "*caapipinima*". Depois de pilado e triturado, o "*caapi*" é peneirado e escoimado das fibras lenhosas e, em seguida, diluído numa quantidade de água suficiente para transformá-lo em bebida. Depois de pronto, adquire uma coloração verde amarronzada, e seu sabor é amargo e desagradável. [...]

Uso e Efeito do Caapi

Em novembro de 1851, fui convocado a comparecer a um "*dabacury*" – ou seja, a uma "*festa dos presentes*" – realizado numa maloca [residência coletiva] conhecida como Urubuquara e situada acima das primeiras corredeiras do Uaupés. [...]

Durante toda a noite, o caapi foi servido cinco ou seis vezes para os jovens, durante os intervalos das danças, sendo contemplados poucos usuários a cada rodada, e sendo poucos aqueles que, terminada a festa, chegaram a tomar mais de uma dose.

O "*garçom*" – sempre do sexo masculino, já que o uso do caapi é vedado às mulheres – inicia a cerimônia de servir com uma curta corrida, vindo do lado de trás da casa, trazendo em cada mão uma cuia contendo uma porção correspondente a uma xícara de chá.

Chegando diante dos que o esperam, murmura algo assim como "*Mo-mo-mo-mo-mo*" e se encurva pouco a pouco, até quase encostar o queixo no joelho, momento em que estende uma das cuias para o usuário, que sorve um gole. Depois vai fazendo o mesmo com os demais, até que as duas cuias se tenham esvaziado.

Passado menos de dois minutos, começam a se fazer notar os efeitos do caapi. O índio que o tomou adquire uma palidez mortal, suas pernas começam a tremer e sua fisionomia aparenta um sentimento de horror. Súbito os sintomas invertem e ele começa a suar copiosamente, parecendo estar tomado por uma fúria incontrolável, ocasião em que apanha a primeira arma que encontra – tanto faz que seja um murucu [lança], arco, flecha ou facão, – sai da maloca e aplica violentos golpes no chão ou nos beirais da porta, gritando coisa como:

> É assim que vou fazer com meu inimigo Fulano, se ele aparecer por aqui!” Passados uns dez minutos, cessa o efeito e o índio recobra a calma, dando mostras de estar exausto. Se estivesse em sua casa, certamente iria cair na rede e dormir até se recuperar completamente, mas aqui na festa o que tem a fazer é sacudir a sonolência e voltar a dançar.

Os brancos que já tomaram caapi de maneira mais racional e relataram suas experiências foram concordes na descrição de seus efeitos, caracterizados por uma alternância de ondas de frio e calor, de medo e coragem. A visão fica turva e diante dos olhos do usuário passa a desfilar uma sucessão de imagens deslumbrantes e magníficas, lembrando cenas vistas ou lidas no passado. Subitamente, a temática se inverte, e as cenas visualizadas passam a ser horrendas e esquisitíssimas. Foram também esses os sintomas gerais a mim relatados por mercadores civilizados do Alto Rio Negro, do Uaupés e do Orenoco que tiveram tal experiência, dando-se o desconto de uma ou outra variação de caráter pessoal.

Um amigo brasileiro me disse que, de certa feita, depois de ter tomado uma dose completa de caapi, enxergou a sua frente as maravilhas exóticas que lera nas “*Mil e uma noites*”, como se num cenário animado, mas as derradeiras cenas daquele desfile fantástico se transformaram numa sequência de imagens pavorosas dignas dos contos de horror. Na festa de Urubuquara, fiquei sabendo que a planta do caapi era cultivada de maneira suplementar numa roça situada poucas horas Rio abaixo. Fui lá um dia, com a intenção de colher alguns espécimes e adquirir uma quantidade razoável de talos já cortados e enfeixados, para poder enviá-los à Inglaterra, a fim de ser ali analisados. [...]

O caapi é utilizado pelos índios de todas as tribos assentadas ao longo do Uaupés, algumas das quais

falam línguas totalmente diferentes entre si, além de terem costumes também inteiramente diversos. Já no Rio Negro, se ele algum dia foi usado, caiu em completo desuso, e também não me consta que seja empregado pelas tribos da nação Caribe – Barés, Baniuas, Mandauacas, etc. – com a solitária exceção dos Tarianas, que se introduziram ligeiramente no Uaupés, onde provavelmente aprenderam seu uso com seus vizinhos da tribo Tucano.

Quando estive nas cataratas do Orenoco, em junho de 1854, reencontrei, o caapi, com esse mesmo nome, num acampamento de Guaíbos selvagens, nas savanas de Maypures. Esses índios não só bebiam a infusão da planta, preparada da mesma maneira empregada pelos índios do Uaupés, como mascavam o talo seco, como se costuma fazer com o fumo. Aprendi com eles que todos os moradores nativos dos Rios Meta, Vichada, Guaviare, Sipapo e dos Riachos intercalados entre esses Rios conhecem o caapi e o usam precisamente do mesmo modo. [...]

Em maio de 1857, nas aldeias peruanas de Canelos e Puçá-Yacu, voltei a ver plantações de caapi, da mesma espécie do Uaupés, mas ali denominava-se "*aya-huasca*", palavra Inca que significa "*videira-de-defunto*", e usado igualmente como narcótico estimulante pelos índios das tribos Zaparo, Angutero e Mazane. A bebida é também usada pelos feiticeiros quando estes são solicitados a resolver pendências, responder consultas, revelar os planos do inimigo, dizer se os estrangeiros visitantes seriam ou não confiáveis, se as esposas são fiéis, quem teria deitado mau-olhado sobre fulano que adoeceu de repente, etc. [...] Os jovens não têm permissão de usar o "*aya-huasca*" enquanto não atingirem a puberdade, sendo seu uso inteiramente vedado às mulheres, exatamente como no Uaupés. [...] (SPRUCE)

Higino Veiga Macedo (1974)

Meu grande amigo, Coronel de Engenharia Higino Veiga Macedo, enviou o relato abaixo em que narra sua experiência com os usuários do "*chá*" quando chefiava a equipe de terraplenagem do 5° Batalhão de Engenharia de Construção, na BR-364, no trecho Manoel Urbano – Feijó.

Os Peões e o Cipó

> Um problema que quase se torna sério era o consumo de "*cipó*", pelos peões. Subindo o Rio Envira, a dois quilômetros do porto de Feijó, havia uma maloca de índios aculturados ou "*culturados com civilizados*" ou, como queiram, com costumes de brancos. A etimologia de aculturado é enrolada, vindo do anglicismo, mas formada por raízes latinas e prefixo grego. Pelo dicionário, pode se ver: a+cultur+ado. Pelo prefixo "*a*", grego, dá para entender que esse "*a*" quer dizer negação: então é a negação da cultura primitiva, para melhor ou para pior. Mas a indiada era bem civilizada. O grande líder [Cacique] na época era o Seu Inácio, já com uns oitenta e tantos anos, seguido por seu filho Bruno [Cacique herdeiro], já com uns sessenta anos e bote força. O Seu Inácio fora recebido por Getúlio Vargas e ganhou não só uma terra demarcada como também ferramentas para lavoura, várias vezes. Segundo os maldosos, mas não muito, venderam ou trocaram por roupas, cachaça, armas, motores de popa e por aí a fora. Mas eles eram Caxinauá, descendentes de Incas, dedução minha, pois cultuavam o uso do "*cipó*", nome dado por eles mesmos a um chá. O Cipó era uma combinação de uma folha colhida, por eles, num determinado dia do ano, com uma raiz, também colhida num determinado dia do ano.

Aquilo era armazenado e, de tempo em tempo, era feita a cerimônia de tomar o cipó, de tomar o chá. Em Feijó, havia muitos brancos, autoridades, que iam para a Aldeia tomar cipó com os índios. Segundo seu Inácio, contado em meu acampamento, que na verdade fora ali pedir cinquenta litros de óleo diesel, a tradição remonta a seus ancestrais antes de contato com brancos, onde eles usavam o tal chá. Se algum guerreiro de uma tribo inimiga assassinava um elemento de sua tribo e entre elas mantinham-se "*centenários*" anos de guerras, a tribo se reunia, aos cuidados do Pajé, e tomavam o cipó. As visões alucinativas permitiam que se visse quem cometeu o assassinato e de qual tribo era. Os brancos, com familiares longes, tomavam o cipó para viajar espiritualmente e rever elementos da família.

Fui convidado algumas vezes, mas nunca tive coragem. A cerimônia era mais ou menos assim. Todos se reuniam num galpão, com gente sentada em bancos ou no chão para onde o Pajé levava a panela, com a infusão. Começava uma cantoria indígena, puxada pelo Pajé. Em determinado momento, era distribuído um copo de vidro tipo americano com o chá. Segundo o pessoal, era muito amargo e não raro provocava vomitório imediato.

Quem vomitasse repetia a beberagem. As mulheres não participavam do ritual. Bom, depois de uns quinze, vinte minutos, começava a fazer efeito. A pessoa que estava calma, serena e de bem com a vida, via coisas lindas, cidades iluminadas, pessoas amigas antigas, pais, mães, mesmo mortos. Via passado e futuro. Era uma viagem em que a pessoa ficava vendo tudo: banco, buraco, fogo, água, cachorro e junto via também o paraíso. Os que estivessem preocupados, perturbados e nervosos, viam a cobra-grande, jacarés tentando engoli-lo, latido de cachorro, mas saído de um bicho parecido

com um jacaré... Era um constante pesadelo. O Pajé não bebia o cipó. Ele continuava cantando e cuidando daqueles que, por motivo de alucinação tenebrosa, queriam correr, se ferir ou fugir. Depois de umas seis horas, o efeito passava.

Numa manhã, quando eu ia para o acampamento, num sábado encontrei um filho do vizinho, parado no meio da Rua, já próximo de sua casa. O efeito acabava de dar uma recidiva e ele estava tocando violão. Quando perguntei o que fazia, ele me reconheceu e disse que, das cordas do violão, saiam chispas de fogo coloridas e não som. Levei-o até sua casa e o deixei no portão, mas ele continuava a tocar. Mas o perigo era com o meu pessoal.

Numa segunda-feira, um dos operadores, conhecido por Acreano, saiu de cima do trator funcionando e saiu correndo, se batendo com o chapéu. Depois correu e subiu na máquina e a estancou, mas continuou a se bater com o chapéu e com os braços. Fui até ele e perguntei o que acontecia. Ele respondeu que um bando de borboletas gigantes o estavam atacando. Perguntei se tinha tomado cipó na noite anterior e ele me confirmou isso, mas que à meia-noite o efeito já tinha passado. Mandei que ele passasse o trator a outro operador e ele terminou aquele dia auxiliando a mecânica.

Esse mesmo ritual foi copiado pelos brancos, sempre tem um esperto, fundaram uma religião que tem alguns nomes: ayahuasca ["*vinho das almas*", em quíchua, na língua dos Incas peruanos]; Santo Dai-me; União dos Vegetais [UDV] e outros. Mas as de maiores influências nos brancos são: Santo Dai-me e União dos Vegetais. Cada uma se apresenta como sendo a mais importante. Todas elas conseguiram cooptar simpatizantes entre os ditos intelectuais, atores, cantores, pintores, escritores e outros.

Hoje há filiais pelo mundo inteiro dessas práticas, agora, religiosas. O "*Santo Daime*" veio via Acre. Não há uma data precisa do seu nascimento. Foi fundada por um cidadão, negro, que se diz neto de escravos e que veio para o então Território do Acre e se instalou em Brasileia, Cidade na fronteira com a Bolívia. De Brasileia facilmente se chega a Assis Brasil, também Acre e daí ao Peru. Lá na Bolívia, até hoje a maioria dos seringueiros da Bolívia são brasileiros, o senhor Raimundo Irineu Serra, nascido em São Vicente Ferret, no Estado do Maranhão em 1892, aprendeu a usar o tal chá, com o nome de ayahuasca e que, em Feijó, a indiada chama até hoje de cipó. Passou a chamar Santo Daime porque durante a abertura da cerimônia são repetidas as palavras: "*Dai-me luz, Dai-me força e Dai-me amor!*". Essa religião, via Acre, tem forte influência católica porque o tal fundador, conhecido hoje por Mestre Irineu, falecido em 1971, diz ter recebido essa Doutrina através de uma aparição de Nossa Senhora da Conceição, em uma das primeiras vezes que tomou a bebida em Brasileia.

A outra religião, que está nessa disputa de ser a primeira e principal, é a UDV. Fundada por José Gabriel da Costa, nascido a 10.02.1922, na localidade Coração de Maria – Município de Santo Amaro da Purificação, na Bahia. Foi para Salvador e depois se alistou como Soldado da Borracha e foi dar com os costados em Manaus e depois em Porto Velho, naquela época capital do Território do Guaporé onde trabalhou como enfermeiro em hospital público e conheceu Raimunda Ferreira, dona Pequenina, sua esposa. Como Rondônia era muito ruim de seringal, ele acabou se deslocando para os seringais bolivianos, a partir de Guajará-Mirim. Foi num destes seringais que entrou em contato com a bebida, certamente por meio de alguns índios e ou seus descendentes, experimentando ali o vegetal, pelas primeiras vezes.

Ainda em território boliviano, ao lado de Dona Pequenina, Mestre Gabriel criou, a 22.07.1961, a União do Vegetal. Esta é a vertente via Rondônia.

Quando servi em Porto Velho, e até hoje tem, perto do Quartel, uma Comunidade dessa UDV, tive oportunidade de conhecer frequentadores de lá, funcionários do Batalhão, oriundos da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré que contaram alguma coisa assim: o senhor Mestre Gabriel, na verdade, foi para a Bolívia corrido da polícia de Porto Velho. Essa religião tem uma mística ligada às ordens esotéricas com sinais de reconhecimentos, passados aos mestres. Eles se dizem discretos e não secretos. Não fazem propaganda da religião e nem vendem o chá ou os vegetais como a outra faz para que seus adeptos levem para outros estados ou países. O Santo Daime tem sua Meca. E o local é conhecido como Céus de Mapiá. Fica à margem de um Igarapé, afluente do Rio Purus e desemboca perto da Cidade, do Amazonas, de Boca do Acre, com o nome de Igarapé Mapiá. Foi fundada uma Comunidade como se fosse uma das vilas hippies, da década de sessenta, com presença de estrangeiros, políticos, e todos os de sufixo "*ores*": escritores, atores, cantores, pintores... Ali, além da prática dos ritos, elas também cultivam as plantas e comercializam o material para o mundo todo. É uma fonte de renda para a Comunidade.

Os vegetais que compõe o chá, que os índios de Feijó chamavam de cipó, são: a Chacrona [Psychotria viridis], um arbusto que fornecesse as folhas; o cipó Jagube [Banisteriopsis caapi]. A composição é descrita como alucinógeno ou enteógeno [que proporcionam a sensação de contato com o divino]. O alcalóide dimetiltriptamina [DMT] presente nas folhas da chacrona aumenta os níveis de serotonina do cérebro, proporcionando o êxtase e, segundo os

usuários, a cura, o autoconhecimento, o encontro com Deus, isto é, produz uma expansão de consciência responsável pela experiência de contato com a divindade interior, presente no próprio homem. Quando misturadas e ingeridas, as plantas atuam no sistema nervoso central, provocando efeitos comparáveis aos do cogumelo e do cacto peiote [Lophophora williamsiii], popularizado pelo escritor Carlos Castañeda em obras como "*A Erva do Diabo*". A Chacrona é também conhecida por Folha Rainha.

Mas a Polícia Federal de Rio Branco tinha um farto "*dossiê*" sobre o assunto. Não ficou provado que provocava dependência Química ou psicológica. Entretanto, havia uma Comunidade que servia, antes da cerimônia, um chá dessa "*erva Rainha*", que a polícia afirmava não ser a Chacrona, mas sim maconha. E era servido indiscriminadamente até para crianças. Havia uma estória que, caso a criança fizesse peraltice, a mãe ameaçava dizendo: "*hoje você não tomará chá*" – e a criança se derretia em choro pelo castigo de não tomá-lo nesse dia. O chá viciava.

A ação do cipó, como alucinógeno, é tão violenta que ilude o cérebro. O caso do meu vizinho em Feijó, por exemplo, estava havendo uma completa inversão em seu cérebro. Aquilo que era sonoro, o cérebro estava interpretando como visual. Por isso ele via o som e não ouvia o som.

Assim, tentei explicar algo sobre o cipó, porque sempre há curiosidade sobre ele e que às vezes atrapalhava o bom andamento do meu serviço. Ainda existem tribos que fazem uso desse chá do cipó em seus rituais de cura, cerimônia de iniciação e cerimônia de batismo, por assim dizer feito para crianças recém-nascidas. (MACEDO)

Alfredo Bonessi (1971)

O meu amigo Capitão Alfredo Bonessi, Mestre em Administração, Professor Universitário, Escritor e Irmão Maçom faz algumas colocações à respeito de suas experiências pessoais com o Santo Daime e UDV:

> Poderoso Irmão Hiram Reis – saúde
>
> Passei pela experiência do Santo Daime e UDV em Porto Velho, em 1971, quando servia no 5° BEC – onde fui pioneiro e tive muito contato com gente antiga daquela região. Não conheci o Mestre Irineu do Santo Daime e nem o Mestre da UDV porque ambos já tinham falecido. Mas conheci o Mota – segundo em confiança do Mestre Irineu, que depois fundou o templo na região do Mapia.
>
> Posso dizer que havia uma rivalidade entre o Santo Daime e a UDV – o pessoal do Santo Daime dizia que o Daime era puro e que a UDV misturava o chá. No Santo Daime eu me reunia somente com Mestres, em uma casa de madeira, em ruínas, na estrada que ia para Santo Antônio. O Mestre Mota veio do Acre a Porto Velho especialmente para me conhecer – tinha ouvido falar de mim naquelas paragens.
>
> Com relação a UDV fui conhecer a sede e conheci a viúva do Mestre Sobrinho. Vejo e escuto muito falar sobre o vegetal. Posso garantir uma coisa, apesar de ter utilizado o chá uns 8 meses, naquela ocasião:
>
> – O chá é uma chave de muitas portas – serve para coisas boas e para coisas ruins. Alguns tomam o chá para diversas finalidades: para a pesca, para a caça, para negócios, para cura de doenças, para saber algo dos inimigos, e até para conquistas amorosas. Porque como o chá é essencialmente da floresta, quem bebe tem acesso a alguns

poderes dentro da mata – estabelece-se um vínculo espiritual e material com essa energia, originada do ritual, em que o usuário passa a pertencer a essa comunidade que fica em ligação com esses seres da natureza, da floresta.

- o uso do chá fica restrito às seguintes condições: se a pessoa que bebe for evoluída, estiver pura e isenta de erros, ou pecados, como queiram, ela não vai sentir nada de ruim durante o ritual. Porque o uso da bebida é em função do merecimento espiritual de cada um. Por isso que as reações são diversas, em função do grau de adiantamento espiritual de quem o bebe, do objetivo visado, estado de saúde da pessoa, pois como eu disse, tem gente que bebe tanto para fazer o bem como para fazer o mal. Essas pessoas podem até enganar os presentes, mas não enganam o ritual, o chá, e não enganam o Mestre que está conduzindo o ritual. Não há lugar para se esconder quando se está fazendo uso do chá. O Mestre vê, aquilo tudo, e enxerga a finalidade de quem está tomando.
- há uma sessão geral para visitantes, e uma sessão particular para os mais evoluídos, podendo até haver uma sessão de grau, seleta, para os super-evoluídos;
- aquilo que se alcança, que se aprende durante o uso do chá no ritual, não pode ser revelado – porque o conhecimento é mérito pessoal de cada um, e não pode ser partilhado com outros de menor grau ou de menor merecimento. Esse é o grande segredo do chá.
- então aqueles que beberam e não viram nada, é porque não mereceram, ou ainda, não estão preparados para receber os ensinamentos. Aqueles que beberam e passaram mal, é porque fizeram algo de ruim, e o chá traz aquilo na mente para que a pessoa veja que errou e pelo perdão se limpe do pecado ou do mal feito. Como a mente humana é o tribunal que julga a nós mesmos, o vegetal proporciona isso, nos colocando de frente

com o nosso eu, no nosso subconsciente e inconsciente nos mostrando os erros cometidos e a possibilidade de limpeza.

- aqueles que fazem mal uso do corpo, pelas drogas, pela bebida, pelo fumo, passa muito mal, porque o chá vai mostrar a eles o estado de lama suja que está a matéria dele. De igual maneira aqueles que praticam a prostituição em suas mais variadas formas, chegando ali vão penar até se limpar.
- o uso do chá possibilita ao usuário enxergar e ver o seu organismo, como ele está, se possui alguma doença ruim. Quem tiver problema de estômago, porque fuma, ou bebeu, vai vomitar até ter o seu organismo limpo.
- o ritual consiste do seguinte: abertura, saudação, harmonização, chamada, evolução, revelação, tratamento de saúde, iluminação, paz celestial e término do ritual, onde tudo voltará ao normal. Veja que um leigo que toma o chá não percebe essas evoluções dentro do ritual, e dependendo do que ele foi fazer lá, passa batido e não alcança nada, ou passa mal, e depois sai falando bobagens atacando aquilo que ele não sabe, porque o chá é um mistério, como acabei de relatar e depende do estado moral e de merecimento de cada um que faz uso dele.
- recomendações: como acontece em muitas religiões, há casos de charlatanismo por parte de algumas pessoas, que possuem o chá em casa, e fazem reuniões nas casas, convidando pessoas inocentes e despreparadas para fazerem uso do chá e as consequências são aquelas que muito se ouviu falar, de pessoas saírem pelas ruas em desespero e fazendo o que não devem. Quem quiser conhecer procure a sede da UDV ou do Santo Daime, uma sede credenciada, com gente preparada para ministrar a bebida, onde os usuários poderão receber os benefícios do chá e ao final do ritual saírem em segurança e em melhores condições de quando ali chegaram. Não

bebam em casa, ou na companhia de pessoas que não conhecem, porque isso não leva a nada, podendo trazer prejuízos para quem bebe – lembre-se que a finalidade de quem procura beber é fundamental para se conseguir as coisas boas.

- coisa séria: o ritual que se pratica é coisa muito séria. Você fica em contato com algum ser cósmico, que fica falando contigo, e responde a todas as perguntas que você faz. Em caso de você receber algum tratamento médico dentro do ritual, você é conduzido a um centro cirúrgico completo, você vê os médicos paramentados fazendo a tua cirurgia, todos de batas verdes, você sente a cirurgia, extraem o que precisam extrair. Fazem a sutura, passam a dieta, e no dia seguinte você sente o local dolorido, a cicatriz, e vem a melhora.
- no meu caso: fui operado de uma mancha no pulmão e da vesícula biliar. E minha esposa também foi operada durante um ritual na UDV.

Encerrando: UDV – significa obedecer, pureza de propósitos, bons pensamentos, amor, merecimento, honestidade de propósitos, humildade, confiança, fé e respeito, por você, pelas outras pessoas e pelo chá, dentro de um ritual sério, responsável e altruístico.

Obs: alguns mestres relataram que o centro de poder e atividade do chá provem da floresta, mas em estrita ligação com um mundo cósmico de uma estrela de luz chamada Orion, cujo Mestre chama-se Achitar, muito em ligação com alguns habitantes da nossa terra, por vontade dele, que outrora foi rei na Babilônia antiga, tendo construindo as pirâmides do Egito, como um grande centro de comunicação entre Deus e o Homem. Vou parar por aqui.

Saudações - Alfredo Bonessi (BONESSI)

Ipadu

Ainda em Maçarabi, eu havia perguntado a Dona Isabel se ainda hoje se fazia uso do Ipadu e se ela conhecia a técnica de preparação do "*psicoativo*". A gentil senhora afirmou que o uso do Ipadu foi proibido pelos missionários durante muito tempo e que, apenas nos últimos anos, o seu emprego, em cerimoniais, vem sendo tolerado pelos religiosos, na região do Uaupés.

Na verdade, o consumo do Ipadu já foi uma tradição cultural de profundo caráter místico embora, na atualidade, tenha perdido muito de seu aspecto religioso. Os nobres e religiosos Quíchua (Incas) usavam-no em virtude de suas propriedades "*psicoativas*". Os espanhóis estimularam o seu consumo, tendo em vista que a coca diminuía o apetite e aumentava a capacidade de trabalho dos escravos nativos, disseminando o seu uso por toda a Cordilheira. Desta maneira, a coca foi perdendo, com o passar dos anos, seu caráter religioso e mágico.

Cultivo e preparação da Coca

Os índios, há séculos, cultivam pequenas roças de Ipadu para o consumo próprio. As folhas são colhidas e secas em fornos e, depois de maceradas, seu pó misturado com cinzas de folhas secas de Embaúba ([8]). O produto final é transformado numa pasta e mascado, pelos adultos, que se sentam em círculos. Quando começam a sentir o efeito da droga, os índios discutem sobre diversos problemas enfrentados pela Comunidade com a esperança de poder resolvê-los com a ajuda dos espíritos invocados com a ingestão do Ipadu.

---

[8] Embaúba: Cecropria sp.

Relatos Pretéritos – Ipadu (Coca)

João Daniel (1752)

Padu é um cipó do Amazonas ainda pouco vulgar, e conhecido, mas na verdade digno de muita estimação, e pode correr parelhas com o famigerado ginseng da China porque como me afirmaram os experimentados têm todos ou quase todos os mesmos efeitos de refazer as forças, suprir as faltas de sono, matar a fome, e sede. [...] Descobriu-se no governo de São José do Rio Negro, donde alguns curiosos já o transplantaram para o governo do Grão-Pará, e depois de bem provadas as suas virtudes será talvez o melhor chá, e a mais regalada bebida, sendo certos tantos bons efeitos, que dele se contam. (DANIEL)

Boanerges Lopes de Sousa (1928)

[...] O "*Ipadu*" é um tônico excitante e poderoso feito de folhas de coca reduzido a pó finíssimo e a que costumam adicionar cinza de folha de Embaúba. Depois de torrar as folhas da coca – que chamam de "*Ipadu*" ou simplesmente "*padu*" – levam-nas a um pilão feito do "*mirapiranga*" – que é uma das melhores madeiras de lei – onde são reduzidas a pó. [...] O "*padu*" é muito cultivado entre os índios do Tiquié. De Uira-poço, trouxemos umas amostras. Nosso botânico, Dr. Luetzelburg, também trouxe boas amostras. Observei que o "*Ipadu*" é usado só pelos adultos e de preferência pelos velhos que fazem a roda, passando, de um a um, o "*hato*" ou "*patuga*", como os gaúchos o fazem com o chimarrão. O Dr. Rice conta que os índios costumam preparar uns comprimidos de "*Ipadu*", adicionando-lhe farinha de tapioca para dar-lhe consistência. Viajam dois a três dias, alimentando-se exclusivamente com eles, sem sentir fome nem sono. (SOUSA)

Altino Berthier Brasil (1988)

A coleta da Embaúba e do Ipadu é uma atividade executada apenas pelos homens. Aliás, tanto o preparo como o consumo da droga é um ato privativo do sexo masculino. As mulheres não permanecem nem mesmo nas proximidades de um homem no momento em que ele se delicia em mascar o seu Ipadu. [...] Logo em uma manhã próxima, vi um índio chegar olhando para os lados, desconfiado. Ele acendeu o fogo. Ficou longo tempo de cócoras, soprando as brasas e constatando se, realmente, eu não o estava vigiando. O fogo se espalhou na lenha, e senti um cheiro de ferro derretido – era o forno que estava pronto, aquecido, na medida do necessário. Eu pensei que ele fosse fazer farinha, já que o forno que o índio preparava era o mesmo utilizado, uns dias antes, pelas mulheres para aquele trabalho. Mas eu estava enganado. O assunto era mesmo Ipadu. [...]

O índio, sempre desconfiado, colocou, então, uma boa quantidade de Ipadu sobre a chapa quente do forno redondo, e começou a mexer a folhagem com uma pá de madeira, que mais parecia um remo. Ele estava torrando as folhas, de modo que elas queimassem por igual. A operação durou menos de meia hora. As folhas não perderam de todo sua coloração verde, mas ficaram duras e quebradiças. O cheiro era forte, mas não me fez mal. Quando o índio notou que a operação tinha atingido o ponto desejado e as folhas pareciam ter perdido toda a sua umidade, elas foram transferidas para um pilão rústico, feito de tronco de árvore, mas que estava limpo e à disposição do preparador. Ali, um outro índio começou a socar aquelas folhas. Quando ele levantava o macete, eu notava que as folhas iam se transformando em pó verde, que era recolhido com cuidado e depositado em uma cuia.

Em outro recipiente, as folhas de Embaúba eram rasgadas de tal forma a separá-las completamente dos talos, e incineradas. Este trabalho era feito por um terceiro índio. Todos os participantes conservavam-se quietos, atentos, com a atenção totalmente concentrada em seu trabalho. A Embaúba foi, então, transformada em cinza, bem triturada. Depois aprendi que aquela cinza tinha o nome de "*patu-mõé*", cuja tradução corresponde, mais ou menos, a "*tempero do Ipadu*". A cinza esbranquiçada foi levada à cuia onde tinha sido depositado o Ipadu.

Tudo foi misturado lentamente, com um pauzinho. Daí, a mistura daqueles dois componentes – Ipadu e Embaúba triturados – foi colocada dentro de uma bolsa de pano especial, que os índios chamam de "*patu pari-sutire*" e que quer dizer "*invólucro de bater Ipadu*". A sacola, uma vez cheia, foi amarrada fortemente na ponta de uma vara. O índio tomou o "*patu pari-sutire*" na mão direita. Agitou a vara no ar, não sei se para esfriar, ou se para algum ritual específico. Notei, então, a sacola desaparecer para dentro de outro pilão, e o índio, meio abaixado, ficou a segurar na extremidade livre da vara. Bateu vigorosamente o conjunto de encontro ao fundo e às paredes do pilão. De quando em quando ele puxava a vara, examinava a sacola e continuava o trabalho. Quando o homem notou que o pó tinha ficado fino a ponto de passar através do pano da sacola, esta foi murchando, até esvaziar-se completamente. O índio recolheu, então, do fundo do pilão, o produto elaborado. Estava pronto o Ipadu. O pó foi transferido cuidadosamente para uma gamela e distribuído aos chefes de família que só neste momento apareceram. [...] Os índios simplesmente tomam um punhado do pó e metem na boca. [...] Em contato com a saliva, o Ipadu se transforma numa pasta, a qual é empurrada, devagar, para o canto da boca, com o auxílio da língua.

> Fica uma bola armazenada na parede interna da bochecha. Aos poucos, vai se dissolvendo. O homem cuida para que isso seja feito o mais lentamente possível. Durante a "*comilança*", o índio fica com a bochecha estufada, como se estivesse com dor de dentes. Os olhos injetados. [...] A inocência do consumo do Ipadu por parte dos índios; as ligações daquele ato com suas origens culturais; a necessidade daquela gente em vencer carências alimentares, as doenças e a solidão, – tudo isso me deu um sentimento de compreensão, e eu só poderia absolver o selvagem. Entendi o seu ritual e mais do que isso, dei por absurda qualquer analogia entre o branco e o selvagem, no que tange ao exercício daquele hábito. A doce alma do índio nada tem a ver com a falta de escrúpulos e a alma negra do dito "*homem civilizado*". (BRASIL, 1989)

Paricá - Epena (Virola pavonis)

Paricá ou Epena é o nome dado pelos aborígines amazônicos ao rapé feito com as cascas de várias espécies de árvores. Os Yanomâmis extraem a resina da casca da Virola para preparar um rapé usado em rituais religiosos. Prepara-se o rapé retirando-se as cascas e raízes exteriores e interiores da árvore e triturando-as. O material é espremido e o líquido das raspas é cozido até engrossar. A resina é posta a secar e, as vezes, se misturam extratos de outras plantas como tempero.

> Paricá ou Epena são alguns nomes que os Yanomamis e outros indígenas da floresta amazônica dão ao rapé feito com as cascas de várias espécies de Virola, incluindo a Virola pavonis encontrada nas florestas do Brasil, Colômbia, Venezuela, Equador e Peru. Os Yanomamis extraem a resina da casca dessa árvore para preparar um rapé para ser usado em rituais e festivais religiosos.

A Virola pertence à família da myristicaceae, ou noz moscada. Pelo menos uma dúzia de espécies de Virola é usada pelos nativos Sul-Americanos. A Virola é sem dúvida a espécie mais usada. Uma exsudação avermelhada de aspecto resinoso é extraída da região cambial da casca desta frágil árvore. Um nome popular dado a esta arvore é "*ucuúba*", enquanto que muitas tribos amazônicas lhe chamam "*Paricá*" ou "*Epena*". Todavia, é apenas no Oeste amazônico e nas partes adjacentes da bacia de Orenoco que este gênero tem sido usado como fonte sagrada para preparo de rapé. Ao contrário dos índios colombianos, entre os quais o uso por cheiro é normalmente limitado aos xamãs, outras tribos podem usar esta planta quase diariamente. Os homens acima dos treze ou quatorze anos podem participar dos rituais. De modo a preparar o rapé, as cascas e raízes exteriores e interiores da árvore são retiradas, e um líquido é espremido das raspas e cozido até formar uma espécie de resina espessa. A resina deixa-se secar para uso posterior, e por vezes é misturada com extratos de outras plantas. (www.naturezadivina.com.br)

Relatos Pretéritos – Paricá (Anadenanthera peregrina)

João Daniel (1752)

Paricá, é como o chamam outros pau angico, é a última espécie ínfima de paus pintados, e por isso, e porque também é muito sólido, e fino, é também precioso, e pau real, mas a respeito dos nomeados é mais grosseirão, e rústico. Tem suas máculas, que o fazem ser estimado, e buscado para várias obras, especialmente para grades grandes e pequenas de Igrejas, e o não ser mais estimado é pela sua muita abundância; e fora de ser boa madeira e pau precioso, tem muitos outros préstimos.

Porque as suas cinzas, que são fortes como a cal, servem nos curtumes de solas e de toda a casta de courama, como de onças, veados e antas para descabelar o cabelo, e para engrossar, ou encorpar os couros. A casca do mesmo pau pisada ou picada para melhor largar a sua fortaleza, serve para se fazer a golda ([9]), com que aperfeiçoam os tais couros em forma que as solas parecem de atanado ([10]); e as mais finas ficam tão perfeitas como veludo, de sorte que muitos se enganam cuidando ser veludo os couros dos veados curtidos, e deles usam muitos para vestes, calções, e outras obras, que se equivocam com o veludo, especialmente sendo tintos de preto, e o vencem na duração.

Da sua fruta, que é miúda, torrada e moída, usam todos os índios por tabaco especial, que dizem, os faz végetos ([11]), fortes, e vigorosos, e por isso o preferem ao tabaco ordinário, de que ordinariamente não usam. Dão estas árvores do Paricá a goma-arábica tão perfeita, que me afirmou um Missionário de muita experiência que não só a tinha visto, e mostrado a outros curiosos, mas que também usava dela, e que a há em muita quantidade, e de duas cores, branca e loura, sinal de que há duas espécies de pau Paricá. Ao tabaco que fazem de sua frutinha chamam também Paricá, não sei se tomando o nome original da árvore, ou se a árvore lhe dá o seu nome na língua do país, porque na língua portuguesa o chamam de angico. (DANIEL)

Henry Walter Bates (1850)

Há um curioso costume dos Muras que merece ser registrado antes que eu termine esta digressão.

[9] Golda: infusão.
[10] Atanado: curtido com tanino.
[11] Végetos: robustos.

Trata-se da prática de cheirar um pó chamado Paricá, o que é feito de acordo com um ritual peculiar. Esse pó [também chamado de cohoba], altamente estimulante, é preparado com as sementes de uma espécie de ingá, planta pertencente à ordem das leguminosas. As sementes são postas para secar ao Sol, depois socadas num pilão de madeira e guardadas em canudos de bambu. Quando elas estão maduras e chega a época do preparo do pó, os Muras fazem uma espécie de festival de caráter semirreligioso, que os brasileiros chamam de quarentena e dura vários dias, durante o qual ficam permanentemente embriagados.

Começam tomando grande quantidade de caiçuma e caxiri, bebidas feitas com mandioca e vários tipos de frutas fermentadas; contudo, preferem a cachaça quando conseguem obtê-la. Em pouco tempo eles chegam a um estado de semi torpor, quando então começam a cheirar o Paricá. Com esse fim, eles se separam formando pares, e os componentes de cada dupla, servindo-se de um canudo contendo uma certa quantidade do pó, sopra-o com toda a força dentro das narinas do companheiro, depois de fazer uma encenação e murmurar uma série de palavras ininteligíveis. O efeito que isso causa nos selvagens, habitualmente apáticos e taciturnos, é extraordinário. Eles se tornam imediatamente muito falantes e começam a cantar, gritar e pular em louca excitação. Logo vem uma reação contrária, porém, e é preciso então mais bebida para tirá-los do seu estupor; e assim eles continuam vários dias. [...]

Os primeiros viajantes a percorrerem a região descobriram que o Paricá já era usado pelos Omáguas, um ramo dos Tupis que habitou outrora a região do Alto Amazonas, distante mais de mil quilômetros das terras dos Mauhés e dos Muras. (BATES)

Richard Spruce (1854)

A primeira vez que colhi espécimes de Paricá foi em 1850, perto de Santarém, na confluência do Tapajós com o Amazonas, onde a planta parecia ser cultivada. No ano seguinte, vim colhê-la à beira do Riacho Jauauari, afluente do Rio Negro, em estado indubitavelmente nativo. Mas não vi o pó preparado a partir de sementes e sendo usado senão em 1854, nas cataratas do Orenoco. Uma horda errante de Guaíbos provenientes do Rio Meta estava acampada nas savanas de Maypures e, quando os visitei, vi um velho que estava moendo sementes de "*niopo*". Ele me vendeu o artefato com o qual se fabrica o pó e os instrumentos com que ele é inalado, os quais agora se encontram entre os artigos expostos no Museu de artigos Vegetais em Kew. [...]

Primeiro, as sementes são assadas, e em seguida reduzidas a pó numa tigela rasa de madeira, quase do tamanho de um vidro de relógio de parede, porém mais comprida do que larga, medindo 23,5 por 20,3 centímetros e dotada de um cabo largo que permite mantê-la presa entre joelhos. O índio segura o cabo com a mão esquerda, e com a direita empunha um pilãozinho feito de pau-d'arco [Teecomae, sp], e assim vai triturando as sementes. O pó resultante desse processo é guardado num estojo feito com um pedaço do fêmur de onça, lacrado numa das extremidades com piche. Esse estojinho é carregado como se fosse um colar, todo revestido de rizomas odoríferos extraídos de uma Ciperácea [Kyllingia odorata]. É assim que se faz tanto no Amazonas como no Orenoco, pois os índios acreditam que esses rizomas sejam poderoso antídoto contra mau-olhado e inveja.

Para inalar o rapé de "*niopo*", eles fabricam com um osso tirado da perna de uma garça [ou de outra ave

pernalta], um pequeno instrumento parecido com um diapasão, isso é, em formato de Y, aberto em baixo e tapado nas pontas de cima com pequenos botões pretos perfurados, feitos do endocarpo de uma certa palmeira. O tubo de baixo é introduzido no estojo de "*niopo*", e os braços com tampas perfuradas nas narinas do usuário, que desse modo inala aquele rapé de imediato efeito narcótico estimulante, mormente quando se trata de pessoa não habituada ao seu uso. O efeito estimulante dura poucos minutos, seguindo-se um efeito calmante mais duradouro.

Os Guaíbos levavam, pendurados ao pescoço, além do estojinho de "*niopo*", um pedaço da "*caapi*" pois, enquanto moíam o "*niopo*", costumavam arrancar um naco da "*caapi*" com os dentes, mascando-o com evidente satisfação. "*Com uma mascada de caapi e uma pitada de niopo, que sensação de bem-estar! A gente não sente fome, nem sede, nem cansaço!*" – disse-me um deles em seu espanhol canhestro. Desse indivíduo escutei que o "*caapi*" e o "*niopo*" eram usados em todas as tribos dos afluentes do alto Orenoco, ou seja, do Guaviare, do Vichada, do Meta, do Sipapo, etc. Tempos atrás, em 1852, eu havia comprado, de um comerciante de Manaus, um dispositivo para inalar "*niopo*", um tanto semelhante ao utilizado pelos Guaíbos. O comerciante o tinha trazido do Rio Purus, de uma tribo de índios Catauixis. Na ocasião, fiz a seguinte anotação em meu Diário:

> Os Catauixis usam o rapé de "*niopo*" como estimulante narcótico precisamente como os Guaíbos da Venezuela, os Muras e outros índios do Amazonas, onde o pó é chamado de "*Paricá*". Para absorvê-lo por via nasal, prepara-se um tubo curvo com um tarso de uma ave cortado ao meio, sendo as partes amarradas entre si de maneira a formar um ângulo que deixe a extremidade na boca e a outra na altura das narinas.

> Uma porção do rapé é colocada no tubo e soprada, entrando nas narinas. Esse mesmo princípio é utilizado para a confecção de aparelhos de lavagem intestinal, só que se utilizando o tarso de uma ave maior, o tuiuiu ([12]). O efeito da inalação do "*Paricá*" é o de induzir rapidamente uma espécie de intoxicação, cujos sintomas lembram, segundo me disseram, os produzidos pelo fungo "*Amanita muscaria*" ([13]). Tomado por via oral, funciona como purgante violento, dependendo da dose. Quando os Catauixis estão prestes a partir para a caça, tomam uma pequena dose de "*Paricá*" e ministram outra em seu cão, e o efeito em ambos, segundo dizem, é o de clarear a visão e torná-los mais espertos e alertas.

Em seu livro "*O Vale das Amazonas*", Herndon nos oferece um relato de emprego de "*Paricá*" entre os índios Mundurucus do Rio Tapajós, repetindo o que lhe fora contado por um inteligente francês chamado Maugin, que costumava comerciar com esses índios. Segundo esse relato, eles pulverizavam as sementes de Paricá, depois compactam o pó transformando-o numa massa dura, da qual extraem, de tempos em tempos, um pedaço que voltam a reduzir a pó, utilizando-o como rapé. Para inalar esse pó, utilizam os canos de duas penas da cauda da garça-real, formando um tubo duplo, e aplicam uma extremidade nas narinas e outra no pó, inspirando-o de uma só vez. Os efeitos dessa inalação foram assim relatados por Monsieur Maugin:

> O índio arregalou os olhos, contraiu os lábios e suas pernas começaram a tremer. Seu aspecto dava medo. Para não cair, teve de sentar-se. Era como se estivesse completamente embriagado. Todavia, passados uns cinco minutos, recobrou-se inteiramente e voltou ao seu estado normal. (SPRUCE)

---

[12] Tuiuiu: Mycteria americana.

[13] Amanita muscaria: cogumelo vermelho ou amarelo com pintas brancas – agário-das-moscas ou mata-moscas.

Jornal do Brasil, n° 339
Rio de Janeiro, RJ – Sábado, 13.03.2010

Assassinato em Nome de "*Jesus*"

Polícia Procura Jovem Suspeito de Matar Chargista Glauco e seu Filho Homem se Dizia Cristo

Um crime bárbaro, em São Paulo na noite de quinta-feira, por motivos tão torpes quanto inexplicáveis, pôs fim a carreira de sucesso de um dos maiores chargistas do país. O cartunista Glauco Villas Boas, 53 anos, e o seu filho Raoni, 25, foram assassinados em frente à casa deles em Osasco, na Grande São Paulo. O principal suspeito é Eduardo Sundfeld Nunes, de 24 anos, conhecido da família, que está foragido.

Segundo uma enteada de Glauco, de 30 anos, que testemunhou o crime, Eduardo Sundfeld teria chegado à casa de Glauco com arma em punho. Disse que queria levar toda a família de Glauco – ele, mulher e filho, que ainda não chegara – à sua casa, para convencer a sua mãe de que era Jesus Cristo. O jovem já frequentara a igreja Céu de Maria, fundada por Glauco há 15 anos, onde se bebe o Santo Daime.

O jovem estava transtornado e parecia drogado. Glauco começou a tentar dissuadir o jovem da ideia e se propôs a ser levado em lugar da mulher. Quando saía de casa, encontrou o filho Raoni, que chegava. Houve discussão entre os jovens e Eduardo Sundfeld disparou 10 tiros contra os dois, que morreram no local. O assassino fugiu com a ajuda de um comparsa em um Gol.

Histórico

Eduardo havia frequentado a igreja, mas estaria afastado dos cultos. De acordo com o delegado Archimedes Cassão Veras Júnior, da Delegacia Seccional de Osasco, o rapaz era uma pessoa "*problemática*", e, durante a negociação com Glauco, chegou a falar em se matar. O suspeito já tem passagem na polícia por porte de drogas.

O crime chocou a classe artística do país, empresários, jornalistas e políticos. O presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva – alvo constante das charges que Glauco fazia para a página 2 da Folha de S. Paulo, soltou nota:

"*Glauco foi um grande cronista da sociedade brasileira, entendia os usos e costumes da nossa gente e expressava isso com inteligência e humor*", disse Lula, em nota.

Glauco nasceu em Jandaia do Sul [PR] e começou a carreira em Ribeirão Preto, no Diário da Manhã, nos anos 70. Estreou na Folha, em 1977. Será enterrado hoje à tarde no Cemitério de Anhanguera. (JDB, N° 339)

O Fluminense, n° 38.869
Niterói, RJ – Sábado, 13.03.2010

Cartunista é velado

Criador de Personagens como Geraldão é Morto na Porta de Casa com o Filho. Polícia Identifica suspeito

Os corpos do cartunista Glauco Villas Boas, 53 anos, e seu filho Raoni Villas Boas, de 25, estão sendo velados na Igreja Céu de Maria, que fica ao lado da casa do artista em Osasco, na Grande São Paulo. A cerimônia é fechada, sem acesso à imprensa. O cartunista era guia espiritual da Céu de Maria, comunidade religiosa que usa uma bebida alucinógena feita de cipó – ayhuasca – em seus rituais.

O sepultamento será hoje no Cemitério Anhanguera. Glauco e seu filho foram assassinados no início da madruga na porta de casa com quatro tiros cada um. O principal suspeito, Carlos Eduardo Sundfeld Nunes, 24, era conhecido da família e seria seguidor da seita.

Fazem parte da obra de Glauco os personagens Geraldão, Dona Marta, Zé do Apocalipse e Doy Jorge. Personalidades e autoridades lamentaram o assassinato. [...] (O FLUMINENSE, N° 38.869)

Jornal do Brasil, n° 348
Rio de Janeiro, RJ – Segunda-feira, 22.03.2010

Mente Conturbada
Bebida Potencializa Doença Psíquica

O uso de alucinógenos, como o Santo Daime, no caso de indivíduos que os psiquiatras classificam como "*vulneráveis*", com tendência à depressão, à esquizofrenia ou à psicose, aciona o gatilho para o surgimento ou o agravamento da doença, que pode estar adormecida, em estado latente, ou com poucas manifestações. No caso de Carlos Eduardo Sundfeld Nunes, o assassino do cartunista Glauco Vilas Boas, o rapaz mostrava sinais de esquizofrenia: ele acreditava ser a reencarnação de Jesus Cristo.

"*Na esquizofrenia, o sujeito acredita em fatos que não fazem sentido. Pode acreditar, por exemplo, que é outra pessoa, ou que tem uma missão especial*", diz o psiquiatra Carlos Salgado, presidente da Associação Brasileira de Estudo do Álcool e outras Drogas.

O Santo Daime contém a substância alucinógena dimetiltriptamina, que torna mais graves casos pré-existentes de esquizofrenia.

"*E, embora o efeito agudo da droga dure cerca de 24 horas, o usuário pode ter o que se chama 'flash-backs' dias depois de ingerir a substância*", comenta Carlos Salgado.

A esquizofrenia é uma doença hereditária. A mãe de Carlos Eduardo tinha diagnóstico da doença, assim como a tia-avó do rapaz. Em linhas gerais, a esquizofrenia consiste numa alteração no equilíbrio de neurotransmissores no cérebro, especialmente, a dopamina, explica Analice Gigliotti, psiquiatra-chefe do Setor de Dependência Química da Santa Casa da Misericórdia, no Rio.

Segundo ela, os alucinógenos, como o Santo Daime, agem justamente sobre os receptores dopaminérgicos do cérebro, potencializando este desarranjo químico:

> "*Tomar o Santo Daime acentua a desorganização cerebral. E faz até com que remédios antipsicóticos tenham efeito atenuado ou mesmo anulado*".

Tanto Analice Gigliotti como Carlos Salgado frisam que desconhecem o, digamos, prontuário médico de Carlos Eduardo, e que, portanto, não podem afirmar realmente se ele tinha esquizofrenia – ou só esquizofrenia.

"*Ele nunca havia matado antes. Pode ter havido outras variáveis que o levaram ao crime*", diz Salgado. "*Mas é evidente que ele matou porque estava fora do seu juízo*", completa Analice.

Carlos Eduardo, assassino confesso do cartunista Glauco, tem o perfil de um esquizofrênico e a maior evidência disso era o fato de se considerar a reencarnação de Jesus Cristo. Filho de uma família de classe média alta de São Paulo, era usuário de maconha, segundo seus próprios parentes informaram à imprensa. Nos Últimos três anos, vinha tomando o Santo Daime nos rituais da igreja Céu de Maria fundada pelo cartunista assassinado. Em depoimento à polícia, o rapaz disse ter bebido o chá todas as vezes em que participou dos rituais.

Segundo Carlos Grecchi, pai do assassino confesso, o filho vinha mostrando um comportamento alterado desde quando começou a frequentar os rituais. O rapaz não aceitou ser tratado numa clínica psiquiátrica. (JDB, N° 348)

Jornal da ABI, n° 352
Rio, RJ – Segunda-feira, Março de 2010

O Triste Trago da Despedida

Colegas de Profissão e Amigos Ressaltam a Qualidade do Trabalho de Glauco, Cartunista Assassinado em 12 de março. Criador de Diversos Personagens Politicamente Incorretos, com Extremo Humor Afiado, ele fez História no Universo das Tirinhas.

(Por Paulo Chico)

A carreira de Glauco Villas Boas, interrompida de forma precoce em 12 de março, num incidente que culminou em seu assassinato e também do de seu filho, Raoni, começou pelas mãos de um mestre do Jornalismo: José Hamilton Ribeiro.

"*Em 1976, eu estava dirigindo um jornal em Ribeirão Preto e fiz um artigo com o título: 'Glauco Villas Boas, guardem bem esse nome!' O texto apresentava aos leitores o novo chargista do jornal, uma pessoa totalmente desconhecida, nem era da cidade. Era da pequena Jandaia do Sul, no Paraná. Pois, uns dias antes, após ouvir boas referências dele como desenhista, Glauco chegou à minha sala, após atravessar a Redação. Era um rapaz entre 17 e 18 anos, vestido de forma meio hippie, barbicha rala, magrinho e tímido*", recorda o repórter do Globo Rural.

Logo de cara, o iniciante desenhista disse que gostaria de fazer tiras em quadrinhos para o jornal. Hamilton argumentou que não era o caso, uma vez que a publicação contava com tirinhas muito boas, que saíam quase de graça.

"*De qualquer forma, pedi para ver os seus desenhos. Eram uns traços rudes, toscos, meio grosseiros – até sujo, vamos dizer. Porém, tinham a força de uma machadada. Ele era capaz, no espaço mínimo de um quadrinho, de sintetizar uma situação e bater nela, com crítica e contundência. E, por outro lado, seus quadrinhos carregavam grande força de humanidade, de elevação, de espiritualidade*", diz Hamilton, dando pistas da busca espiritual que, anos mais tarde, levaria Glauco a fundar uma comunidade ligada ao Santo Daime. Zé Hamilton logo percebeu que estava diante de alguém especial, e acolheu aquele jovem, que pensava em prestar vestibular para Engenharia, na Redação do Diário da Manhã

Imagem 02 – Jornal da ABI, n° 352

"*Disse que a tirinha não daria pra ele fazer. E que, se quisesse, poderia fazer a charge da página 3, daquele mesmo dia. Glauco apanhou um pouco no começo – estava acostumado a contar histórias em três quadros. Ali, só dispunha de um. Mas ele foi pegando o jeito e um ano depois ganharia um prêmio no Festival de Humor de Piracicaba. Era o primeiro reconhecimento e a certeza de que seu rumo era aquele mesmo, ser cartunista. Tornou-se, com o passar do tempo, o nosso grande Glauco, cuja morte precoce, aos 53 anos, ocorrida em Osasco, é uma coisa horrível, difícil de entender e aceitar*", lamenta José Hamilton.

Simples, mas Sofisticado

Em 1977, Glauco começou a publicar suas tiras esporadicamente na Folha de S. Paulo. A partir de 1984, quando o jornal dedicou um espaço diário à nova geração de cartunistas brasileiros, ascendeu ao time de artistas fixos da casa.

O cartunista é autor de uma família de tipos como Geraldão, Geraldinho, Dona Marta, Zé do Apocalipse e Doy Jorge.

Para a estação UOL Humor, criou, em maio de 2000, os personagens Ficadinha, adepta do sexo casual, e Netão. Este último, segundo o próprio autor, era "*um cara metropolitano, de uns 30 anos, que vive internado no apartamento e viaja só pela tela do computador*", definiu numa entrevista.

Editor de Arte da Folha de S. Paulo, Fábio Marra ajuda a entender a graça do trabalho de Glauco.

"*Esteticamente, seu traço era simples e, ao mesmo tempo, sofisticado e rico em detalhes e personalidade. O marcante das tirinhas dele era a irreverência e a proximidade que ele tinha com os leitores, com aquele estilo de humor muito característico e peculiar. O bom humor e a maneira simples e direta de ver as coisas faziam dele um artista bem especial. O sentimento aqui na Redação ainda é de tristeza por perder não só um grande talento, mas um amigo, de forma tão inesperada*", diz Marra, que fala do comportamento metódico de Glauco

"*Ele parecia não confiar em e-mail. Diariamente ligava para a Redação e dizia para quem quer que o atendesse na Editoria de Arte: 'Faaaala Panga! Confere se chegou minha tirinha...'. Era assim que ele fazia*".

"*Fala Panga*" nada mais era do que uma gíria utilizada diariamente por Glauco e que deu nome à exposição que entrou em cartaz em 30 de março, na Pizza do Babbo, tradicional reduto de desenhistas, em São Paulo. Nela estão reunidos trabalhos de 28 artistas, todos em homenagem ao cartunista. Amigos como Chico Caruso.

Imagem 03 – Jornal da ABI, n° 352

"*Nosso objetivo é recordar o Glauco através de seus colegas e desenhos. Pensar um pouco nessa luz que se apagou, e que refletia a genialidade do criador de tantos personagens divertidíssimos*", explicou o chargista de O Globo. Em tempo: "*panga*", como Glauco se referia efusivamente a todos os colegas ao entrar na Redação, nada mais era do que o diminutivo carinhoso de "*pangaré*" ou "*cavalo véio*". Coisas de interiorano.

Em declaração em nome da empresa, o Diretor de Redação da Folha de S. Paulo, Otavio Frias Filho, lamentou a morte do cartunista.

"*Glauco foi um grande artista e ser humano admirável. Sua obra ficará na memória das gerações que amaram seus desenhos e no traço de muitos artistas jovens que sua imaginação influenciou. Era uma pessoa que tinha a doçura de uma criança e a serenidade de um sábio. Sua morte e a de seu filho Raoni são motivo de profunda tristeza, especialmente na Folha, casa profissional do cartunista há mais de três décadas*", dizia o texto, divulgado na manhã de 12 de março.

Xixi na Pia dos Pincéis

O cartunista Orlando, que trabalha na Folha de S. Paulo desde 1985, é outro que tem boas recordações de Glauco.

"*Acho difícil que qualquer pessoa que tenha convivido com ele não tenha alguma história... Era um tipo interiorano e se comportava como tal. Tirava sarro, pegava no pé de todo mundo, fazia xixi na pia onde a gente lavava os pincéis... O Glauco serviu de inspiração para os novos e também para os veteranos, figuras que, no trabalho dele, enxergaram uma espécie de autorização para relaxar em relação ao próprio humor, e se divertirem um pouco mais*", avalia. Na lembrança do colega, Glauco surge no cenário por volta de 1978, com traço e humor absolutamente irreverentes. Enquanto todos se pautavam pelo combate ao ainda em vigor regime militar, com charges e cartuns pesados e engajados, ele introduz assuntos como família, aborto, namoro e casamento.

"*Não era que de fugisse dos temas políticos. Pelo contrário. Mas como o trabalho dele era muito intuitivo, esses assuntos se misturavam, e o ridículo vinha à tona de forma engraçada. Vários temas por ele abordados foram depois aprofundados pelo Angeli e Laerte. Juntos, eles produziram talvez as melhores crônicas sobre mudanças de comportamento da sociedade brasileira nos anos 80 e, principalmente, da sociedade paulistana*", diz Orlando, que considera que o traço rápido, a personalidade clownesca ([14]) dos personagens e o humor que trafegava do sacana ao ingênuo fizeram de Glauco um cartunista único. Em alguns dos seus personagens, acredita, havia muito do autor.

"*Com o Geraldão, ele inaugurou ou recuperou a possibilidade do anti-herói. O personagem simpático, carente, irresponsável, boa gente. Muito como ele próprio",* diz Orlando. Para ele, o assassinato, cometido pelo jovem Carlos Eduardo Sundfeld

---

[14] Clownesca: apalhaçada.

Nunes, que, mesmo envolvido com drogas, estava sendo acolhido por Glauco na comunidade religiosa, acabou por despertar maior atenção sobre seu talento. "*O trabalho e a genialidade dele ganharam evidência. Todo mundo percebeu o quanto aqueles personagens fizeram e fazem parte do nosso cotidiano. E nós passamos a discutir não só sua obra, mas a importância dos cartunistas e do humor*".

A Alma das Festas

O cartunista Ota também lembra de Glauco. "*Eu o conheci em início de carreira, acho que por volta de 1984, quando ainda trabalhava na Redação da Folha. Havia uma sala da Arte. Às vezes, eu visitava o pessoal. Nós nunca trabalhamos juntos, já que morávamos em cidades diferentes. Nosso contato foi pouco, porém marcante. Ocorria em eventos e salões de humor. Pessoalmente, ele era ainda mais engraçado do que suas próprias tiras ou cartuns. De certa forma, era a 'alma' das festas, pois sempre aprontava alguma coisa divertida. Parecia um extraterrestre, tinha um jeito diferente de ver as coisas, um brilho especial*", descreve.

Certa vez, num salão de humor no Piauí, quando os hóspedes já haviam chegado desde o início da noite, todos pensaram que Glauco havia furado. Depois, na madrugada, após as solenidades, os artistas foram se confraternizar.

"*Pelas duas ou três horas da manhã chega o Glauco, com suas mochilas e bagagens. Disse que tinha preferido vir a pé do aeroporto, pra apreciar o caminho. Agora, como descobriu que estávamos naquele bar, eu não sei. Entretanto, depois ele foi sumindo aos poucos, à medida que se aprofundava no Daime. Nem mesmo os amigos mais chegados o viam muito. O Glauco estava em outra.*

Acho que ele resolvia suas obrigações com a Folha em poucas horas e cuidava da igreja o resto do tempo", acredita Ota.

"*O melhor elemento gráfico que ele criou eram aqueles braços e pernas rabiscados, para dar a impressão de movimento. Não sei se foi ele o primeiro a usar essa linguagem, mas foi o que melhor usou o recurso. E também a inovação do pinto de fora nos desenhos. Ele fazia aquilo de um jeito que não tinha como ser censurado. Acho que o Glauco não deixa um seguidor direto, mas muitos cartunistas das novas gerações captaram de algum modo algo da linguagem dele. Foi uma grande perda, não é? O desenho brasileiro está de luto*", resumiu Ota.

Discípulo de Henfil

Gualberto Costa, à frente da HQMix Livraria, que funciona na Praça Franklin Roosevelt, Centro de São Paulo, é outro que lamenta a morte do cartunista. "*Nós perdemos um dos pilares da geração pós-Pasquim de humoristas gráficos. Um discípulo direto do Henfil, com humor anarquista e, ao mesmo tempo, politizado. Seu legado sempre estará presente na republicação de sua vasta obra*".

"*Legítimo representante da turma do Pasquim, Ziraldo definiu o episódio do assassinato de Glauco como 'uma tragédia grega e maluca'. Acho que agora a gente tem que mostrar mais ao Brasil a qualidade do trabalho dele, que é absolutamente genial*", disse Ziraldo.

Também representante da velha guarda dos cartuns brasileiros, Jaguar é outro que elogia a obra de Glauco e também seus companheiros de geração. "*Ele tinha um trabalho bem diferente, embora tenha*

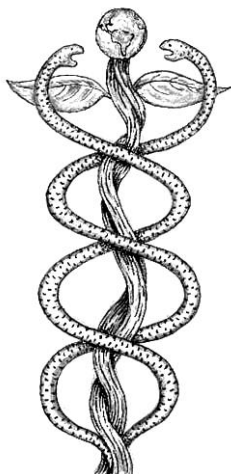
sido bastante influenciado pelo Henfil, principalmente no modo de desenhar pernas e braços duplicados ou triplicados, sugerindo movimento. Acho que o início de qualquer cartunista é sempre assim. Ele se inspira em alguém que admira, até ganhar autonomia para voo próprio, desenvolvendo seu estilo pessoal. O traço do Glauco era aparentemente grosseiro, mas era extremamente refinado", afirma Jaguar, que prossegue:

"*Essa geração mais nova, da qual fazia parte o Glauco, que acabou sendo vítima de uma barbaridade, é muito talentosa. A edição de 'Los Três Amigos', feita por ele com o Angeli e o Laerte, era genial. Esse pessoal mais novo olhava os representantes da minha geração um pouco de lado... Mas dei sorte. Eles gostavam de mim. Tanto que mereci uma edição especial de 'Los Três Amigos', em minha homenagem, na qual fui desenhado caracterizado de mexicano*", diverte-se Jaguar.

Fundador da Circo Editorial, que esteve em atividade durante a década de 1980 e início dos anos 1990, Toninho Mendes lamentou a perda do talento de Glauco, que, assim como muitos colegas, publicou trabalhos em publicações da editora, como Geraldão e Chiclete com Banana.

"*Com ele morre parte do que esse País tinha de alegre, respeitoso, diferente e em busca do futuro. A gente trabalhou juntos na Circo Editorial, por quase dez anos. Eu não consigo acreditar no que aconteceu*", disse Toninho Mendes. (JORNAL DA ABI, N° 352)

Imagem 04 – Jornal da ABI, n° 352

Oh meu Divino Pai
(Mestre Raimundo Irineu Serra)

Oh meu Divino Pai
Foi vós foi quem me deu
Eu vim me apresentar
Por ser um filho seu

A minha mãe que me ensinou
Dentro do meu coração
É quem me dá esta verdade
Para expor aos meus irmãos

Piso firme e sigo em frente
Não devemos esmorecer
Para ser eternamente
Sou filho de todos seres

Seguindo neste caminho
Que minha Mãe me ensinou
Piso firme com alegria
Sou filho do Redentor

Maçarabi/Santa Isabel

Partida para Sítio do Sr. Manoel (27.12.2009)

Parti às 06h38, com a intenção de atingir a Comunidade Boa Vista que, também, segundo o mapa do ISA, tinha um posto telefônico. Durante todo o trajeto, avistei apenas três outras pequenas embarcações cruzando o Rio e pouco ou nenhum movimento nas raras Comunidades. Grandes bancos de areia me fizeram desviar, por mais de uma vez, da rota planejada. Em cada parada eu me refrescava nas águas cor de chá do Negro, recuperando a energia.

Uma chuva forte caiu no início da tarde dificultando um pouco a comparação das cartas com o terreno e tive então de confiar somente no GPS. Eu tinha de saber exatamente onde estava porque o trajeto percorrido pelas embarcações do CECMA, que estava gravado no GPS, não contemplava as paradas que eu planejara fazer.

Após a chuva, continuei comparando as fotografias aéreas do Google com o terreno, sem qualquer dificuldade, até chegar ao mapa de número doze. A fotografia aérea, tomada por nuvens, não permitia avaliar corretamente o formato das ilhas ou Furos. Marquei o rumo e segui remando até chegar numa bifurcação de dois braços praticamente paralelos.

Consultei o GPS e a dúvida persistiu, tomei então o Canal da direita. Certamente entrei no Canal errado e saí a montante do planejado, avistando algumas ilhas não visíveis na fotografia aérea.

Resolvi não arriscar pois, se ultrapassasse a Comunidade Boa Vista, só chegaria, à noite, à próxima Aldeia. Alterei a rota para a margem Meridional. Avistei, na margem direita, uma cabana numa pequena praia a montante do ponto em que me encontrava. Remei forte contra a correnteza e aportei, exausto, no sítio do senhor Manoel Menezes, da etnia Tuiuca às 15h21, 09 horas e 43 minutos depois de percorrer pouco mais de 60 quilômetros.

As crianças empoleiradas nos galhos de pequenas árvores observavam-me curiosas. Bebi um pouco de água e fui até uma das toscas cabanas me apresentar e solicitar autorização para o pernoite. O senhor Menezes, muito prestativo, mostrou-me onde montar minha barraca e informou-me que Boa Vista ficava perto, pouco mais de sete quilômetros, mas eu não estava em condições de remar por mais uma hora.

À Sudoeste do sítio, avistei as estranhas e belas formações rochosas das quatro elevações relatadas por Wallace (04.10.1850) e Carvalho (30.05.1949).

Relatos Pretéritos – Serrotes

> Pouco abaixo, em Santa Isabel, já havíamos visto várias elevações cônicas, mas todas com menos de mil pés de altura. (WALLACE)

> Passamos por Castanheiro, um lugarejo atualmente deserto, que também já foi Cidade e teve sua história. Ao longe, na margem direita, podem ser vistos quatro serrotes cujos nomes são: Jacamim, Taiaçu, Balaio e Tapira. No morro do Jacamim encontra-se a famosa e cobiçada orquídea conhecida como galo branco [Cactasectum pileatum]. (CARVALHO)

Manoel Menezes (“*Forrest Gump*” Tuiuca)

Menezes, da etnia Tuiuca ([15]), morava num sítio paupérrimo com a esposa, o genro e a filha, que não parecia ter mais de 13 ou 14 anos e já era mãe de quatro crianças. Montei a barraca sob uma rala cobertura de palha e, depois de tomar um revigorante banho e ingerir uma porção de macarrão, crua, estava pronto para conversar e descansar.

Fiquei conversando, ou melhor, diria, ouvindo meu novo amigo. Menezes falou ininterruptamente sobre o Nhengatu (língua geral) que dominava perfeitamente embora tivesse certa dificuldade em se expressar na sua própria língua. A língua Tuiuca chegou a ser considerada, pela UNESCO, há algum tempo atrás, como uma das mais vulneráveis no mundo. Hoje, graças a experiências bem sucedidas na área da educação, como o da Escola Indígena Municipal Utapinopona ([16]), houve uma significativa reversão no processo de perda de identidade linguística e hoje a grande maioria dos cerca de 900 Tuiucas falam sua língua mãe. O senhor Menezes contou-me que havia se desentendido com um mercador que lhe comprava os produtos artesanais que produzia no seu roçado nas cabeceiras do Tiquié e sentindo-se ameaçado pelo comerciante, refugiou-se naquela bela região do Rio Negro.

---

[15] Tuiuca: é um dos grupos linguísticos “*Tucano Oriental*” do Alto Rio Negro. Atualmente os Tuiucas estão divididos em dois grupos que habitam o alto Tiquié e o Igarapé Inambu, afluente do Papuri. Estes grupos, embora geograficamente próximos, mantêm pouco contato.

[16] Escola Indígena Municipal Utapinopona: a escola Tuiuca é uma escola Ocidental ressignificada que permite refletir e recriar as identidades; espaço de negociação de valores e práticas culturais Tuiuca e de outros povos; é um dos espaços que favorece a construção de novas relações humanas, produção de novos conhecimentos e acesso a outros recursos. (REZENDE)

Falou das dificuldades para manter seu roçado, de sua vida desde Pari da Cachoeira até as cercanias de Boa Vista, da preparação do caxirí... Fiz algumas observações, fáceis de serem executadas, de como ele deveria proceder em relação ao plantio de árvores frutíferas, preparando as cavas previamente com matéria orgânica já que as margens do Negro são muito pobres.

Lenda de Como os "*Tuiucas*" Viraram Macacos

Menezes me contagiou com seu espírito hospitaleiro e sua humildade. Depois de conversarmos longamente sobre diversos assuntos, perguntei se ele poderia me contar alguma lenda Tuiuca, o que ele fez sem pestanejar.

> Há muito, muito tempo atrás, um grupo de Tuiucas colhia frutas em um imenso miritizal ([17]) onde também se encontrava, escondido, "*Uakti*", o diabo.
>
> Entretidos com a colheita dos frutos, os índios não perceberam que a noite se avizinhava e, quando escureceu, por mais que procurassem, não conseguiram encontrar o caminho de volta resolvendo, por segurança, dormir por ali mesmo. O "*Uakti*" aguardou todos dormirem profundamente para se aproximar silenciosamente. Depois de soprar-lhes no rosto para anestesiá-los, arrancou-lhes os olhos, sem acordá-los. Um dos Tuiucas, porém, estava acordado e a este o diabo não fez nenhum mal. Ao amanhecer, os Tuiucas, cujos olhos haviam sido arrancados, nada enxergavam e começaram a reclamar que o dia custava a raiar e que a noite era longa demais.

---

[17] Miriti, buriti (Mauritia): é uma das mais belas palmeiras, com seus cachos pendentes de frutos avermelhados e suas enormes folhas abertas, em forma de leque, cortadas em fitas, cada uma das quais, na opinião de Wallace, constituindo a carga de um homem. (AGASSIZ)

O Tuiuca que permanecera acordado contou-lhes tudo o que acontecera à noite. Os Tuiucas cegos começaram a chorar e a maldizer sua triste sina, pedindo ao companheiro que os levasse de volta para casa. O Tuiuca cortou, então, um cipó e determinou que todos o agarrassem para que ele os conduzisse de volta à Aldeia.

Durante o deslocamento, os Tuiucas infelizes pediram que o seu guia lhes conseguisse olhos postiços para que não fossem objeto de escárnio quando chegassem à Aldeia. O Tuiuca foi à procura de sementes que parecessem com os olhos humanos e entregou duas a cada um deles. Depois de colocarem seus falsos olhos, os Tuiucas voltaram a agarrar o cipó. O Tuiuca cortou o cipó e fugiu abandonando-os à própria sorte. Os Tuiucas desesperados subiram nas árvores lamentando-se e acabaram se transformando em macacos barrigudos.

Aquele único Tuiuca que se salvou originou toda a linhagem dos Tuiucas que habitavam as cabeceiras do Rio Tiquié. (Manoel Menezes)

Partida para Boa Vista (28.12.2009)

Um dos netos do senhor Menezes, o caçula, apresentava fortes sinais de gripe e, a pedido dos pais, deixei com o Manoel todos os comprimidos para gripe de minha caixa de primeiros socorros. Recomendei que os administrasse depois das refeições e, inocentemente, perguntei a ele qual era, normalmente, o horário em que se alimentavam e ele respondeu-me com a tranquilidade de um asceta – "*quando temos o que comer*". Chocado com a penúria daquela gente, deixei-lhe todo meu estoque de alimentos. Na maioria das vezes, Menezes e sua família tinham apenas o chibé (tiquira ou jacuba) para saciar a fome.

O chibé nada mais é que um alimento levemente ácido resultante da mistura da farinha de mandioca com água. A farinha incha com água apresentando a textura de um mingau que é consumido para mitigar a fome.

Parti mais tarde, às 07h10, já que o trecho a percorrer era mais curto que os demais. Remei uns quatro quilômetros e, quando ia passando próximo à Comunidade Boa Vista, ouvi o Coronel Teixeira chamando-me e apontei a proa para a origem dos gritos. Foi bom avistar, pela primeira vez, minha equipe de apoio. Já estava achando que desceria sozinho o Negro.

A embarcação, um "*bonguinho*", usada pela dupla de apoio, porém, era de assustar, feita de um único tronco, com um fundo arredondado, não tinha qualquer estabilidade e somente, graças à destreza do piloto, é que se mantinha a flor d'água.

Acompanhado pelo nosso piloto Osmarino Videira Melgueiro, visitei a simpática Aldeia enquanto o Teixeira foi numa voadeira buscar a bússola, que eu esquecera na casa do Tuiuca Menezes. A casa de farinha estava bastante movimentada e o processo de fabricação se encontrava na fase de peneiração.

Fabricação da Farinha em Boa Vista

As mulheres se encarregam de desenterrar os tubérculos. A mandioca brava, mais rica em amido, é um alimento de melhor qualidade, porém, contém ácido prússico (também conhecido como ácido cianídrico – HCN), e os índios desenvolveram um método para neutralizar o seu veneno.

Depois de permanecerem mergulhados na água por três dias, os tubérculos são descascados e ralados em raladores ([18]) grosseiros, obtendo-se assim uma espécie de massa úmida que é colocada em tipitis ([19]).

Depois de cheios, utiliza-se o princípio da alavanca para alongar o cilindro e espremer a massa. O líquido que escorre é coletado em uma vasilha. Esse suco, o tucupi, é usado como molho para acompanhar as carnes. Fermentado, produz uma bebida alcoólica chamada "*caulim*". A massa é passada em peneiras para uniformizar a farinha e retirar possíveis impurezas para depois ser assada em grandes fornos onde são colocadas e mexidas com grandes pás de madeira, semelhantes às pás de um remo, até atingirem o ponto desejado.

Relatos Pretéritos – Farinha de Mandioca Brava

Padre João Daniel (1752)

> Das farinhas da mandioca se fazem quatro castas de farinha, principalmente. A primeira e mais mimosa e estimada é a farinha de água, que equivale, por exemplo, ao mais mimoso pão de trigo no seu tanto. [...] A farinha de água se faz deste modo: tirada da terra a raiz da mandioca, deita-se de molho em poços, ou tanques de água viva, boa, corrente, porque de ser boa ou má a água vai sair melhor ou pior farinha.

---

[18] Raladores: pranchas de madeira de aproximadamente 90 cm de comprimento por 30 cm de largura, levemente abauladas, recobertas com pregos. Antigamente eram usados pequenos pedaços pontiagudos de quartzo incrustados regularmente formando fileiras diagonais e fixados com cola vegetal.

[19] Tipitis: tubos de palha elástica com alças nas extremidades feitos da palmeira jacitara (Desmoncus polyacanthos).

> Depois de 3 dias pouco mais, ou menos tempo, suficiente para apodrecer, e corromper-se quando está de vez, a tiram da água, e lhe tiram a casca, que se dá com muita facilidade, e bem lavada a metem na prensa a tirar-lhe a umidade chamada "*tucupi*", cujas prensas são de vários modos. (DANIEL)

O Padre João Daniel omitiu no seu relato o processo de cortar e ralar os tubérculos descascados. Depois de ralados e, só então, a massa resultante é levada até as prensas para retirar a umidade.

> Têm estas prensas, a que chamam "*tipitis*", suas presilhas nas pontas, e na parte superior uma boca por onde lhes metem aquela massa, e logo dependurados os tipitis ou prensas em forquilhas, e puxadas de baixo com algum peso, que ordinariamente é o mesmo da mesma feitora, sentada em um pau, que lhe metem na presilha debaixo, cuja ponta seguram em outra forquilha, com este peso dão de si as prensas para baixo, e apertam de tal sorte, que fazem sair a aguadilha, ou "*tucupi*" que aparam debaixo em grandes panelas, ou preparados vasos. (DANIEL)

Daniel esquece de comentar que massa, agora mais seca, antes de ir para os fornos, é passada em esteiras para peneirá-la, uniformizando o produto.

> Depois de bem espremida a torram em fornos a fogo, os quais são do feitio da copa de um chapéu de Sol, maiores e menores, virados para cima, e com fogo debaixo; nestes fornos vão deitando farinha, que tiram espremida dos tipitis, e a mexem bem até lhe darem a sua constituição, depois a tiram, e metem em paióis ou cestos para seus usos; e sem mais maestria têm feito, e cozido o pão para todo o ano. [...] (DANIEL)

Beijus su

Fazem-se também uns bolos espalmados a que chamam beijus de duas espécies: a uns chamam "*beijus su*", e são de farinha seca tão delgados como papelão "*per minus*" ([20]), e se fazem de farinha seca depois de sair espremida da prensa, e antes de ir ao forno a socam em pilões, e depois vai ao forno, onde, ao mesmo tempo que vai aquecendo, a vão unindo até sair em beijus maiores, ou menores, do feitio, e alvura de uma roda de nabo; mas maior, e fina, e tão frágil, que com qualquer toque quebra. (DANIEL)

Tucupi

Um dos venenos mais usuais e conhecidos é o chamado tucupi: é este o sumo da mandioca, de que fazem o seu pão, ou farinha usual e ordinária, da qual adiante daremos plena notícia. É tão ativo este veneno tucupi que, em breves horas, mata aos que o bebem, ou sejam animais, ou homens, e com tão excessivas dores que parece desfazerem-se as entranhas com ânsias e convulsões espantosas, como alguns têm admirado nos brutos até em breve expirarem. E com a circunstância que para maior dano é muito doce e grato ao paladar, e por isso os animais, quando o acham pelas Missões, Povoações, e Sítios, onde incautamente e sem advertência o lançam algumas índias, logo correm a ele e, depois de bebido, entram a sentir seus efeitos. A mesma raiz da mandioca comida antes de ser espremida causa as mesmas convulsões, ânsias, e morte: e o mesmo faz assada, como eu mesmo presenciei, sendo chamado a batizar e ajudar a bem morrer uma índia que comera uma pequena raiz assada.

[20] Per minus: pelo menos.

[...] A mesma aguadilha que lança na prensa, a que chamam de "*tucupi*", veneno refinado comido cru, como também a mesma raiz comida sem ser espremida, cozida é um excelente tempero nos guisados, aos quais dá uma especial galantaria: e por isso a carne e peixe cozidos em tucupi têm muita graça; e os índios e ainda os brancos de ordinário não o perdem, só pela muita quantidade quando fazem fábricas de farinhas. (DANIEL)

Relato Pretérito – Boa Vista

Antônio Ladislau Monteiro Baena (1839)

Lugar situado na margem direita do Rio Negro, acima da sua Foz 148 léguas sobre planície alta e muito espairecida na curvidade de uma longa enseada. É subjugado à autoridade da Vila de Thomar. Estabeleceu-se este Lugar com indianos da Povoação de Castanheiro Velho, e de Camundé: a primeira situada na direita do Rio Negro 176 léguas acima da sua Foz; e a segunda na margem direita do Rio Marié próxima a sua Foz: ambas não existiam em 1823. (BAENA)

Partida para Santa Isabel (28.12.2009)

Parti antes do retorno do Teixeira, tendo em vista que o meu deslocamento era muito mais lento do que o barco a motor da equipe. Antes de conhecer nosso barco de apoio, eu tinha programado transferir todo o material que estava carregando no caiaque para ele. O caiaque, mais leve, me permitiria deslizar mais rápido e com menos esforço nas águas do Negro Caudal. Infelizmente o pequeno e estreito "*bonguinho*" estava sobrecarregado com combustível reserva e o material de seus dois tripulantes.

Parei num enorme banco de areia para fotografar a equipe de apoio que se aproximava e os serrotes do Jacamim, Taiaçu, Balaio e Tapira, que se destacavam na linha de horizonte a Sudoeste. Ao partir, o Teixeira fez uma pequena filmagem de minha navegação junto a um enorme banco de areia.

A viagem transcorreu sem alterações e, ao meio-dia, numa pequena praia, degustei um peixe pescado e preparado pelo nosso piloto, acompanhado de arroz. Era uma tranquilidade ter por perto uma equipe de apoio para atender a essas necessidades básicas. Estava acostumado, no Solimões, a fazer refeições quentes só depois de atingir o objetivo. Depois do almoço, seguimos para Santa Isabel do Rio Negro.

Chegamos a Santa Isabel na véspera de seu aniversário, às 15h32 depois de navegar por 08h22 num trajeto de 52 quilômetros. A vista da Cidade é a mais bela que tive a oportunidade de ver desde o Solimões. A Igreja, o novo Hospital, a Missão e um belo Parque ajardinado, com restaurante e coreto, compõem um agradável conjunto para quem avista a Cidade descendo o Rio Negro.

Suspiros Poéticos e Saudades III
II – Adeus À Pátria
(Domingos José Gonçalves de Magalhães)

[...] A ti me voto inteiro,
Tu és o meu amor, minha alma é tua.
Só para te ofertar flores cultivo
Nos mágicos jardins da Poesia;
Se te apraz seu aroma,
Ah! como fico de prazer ufano!

Ah! praza a Deus que a nuvem,
Que obumbra ora teu céu, tão belo sempre,
A cólera do Eterno não desabe
Sobre as tristes cabeças de teus filhos!
Ah! praza a Deus que nunca
Teu Anjo tutelar fuja a teus lares!

Oh Senhor, tu proteges
O povo que se vota à Liberdade;
A Liberdade é dom que nem tu mesmo
Aos homens tiras; como um mortal ousa,
Erguido pó da terra,
Eclipsar os teus dons, manchar teu nome?

Cara Pátria, sem susto
Tua fronte levanta majestosa,
Como tuas montanhas, e teus bosques!
Não sejas só no mundo conhecida
Por teus ricos tesouros,
Pelos prodígios da sem-par Natura.

Oh Pátria, ovante marcha;
Já em teu seio encerras Varões dignos
De renome imortal; não te envergonhes
De cingir-lhes as frontes, de apontá-los.
São eles que te escoram,
E que te hão de elevar à Eternidade. [...]

Imagem 05 – Saída de Tapurucuara Mirim – SGC, AM

Imagem 06 – Partida do Sítio da Família Manoel Menezes – SGC

Imagem 07 – Fabricação de Farinha – Com. Boa Vista – SIRN

Imagem 08 – "Serrotes" (Wallace e Carvalho) – SIRN

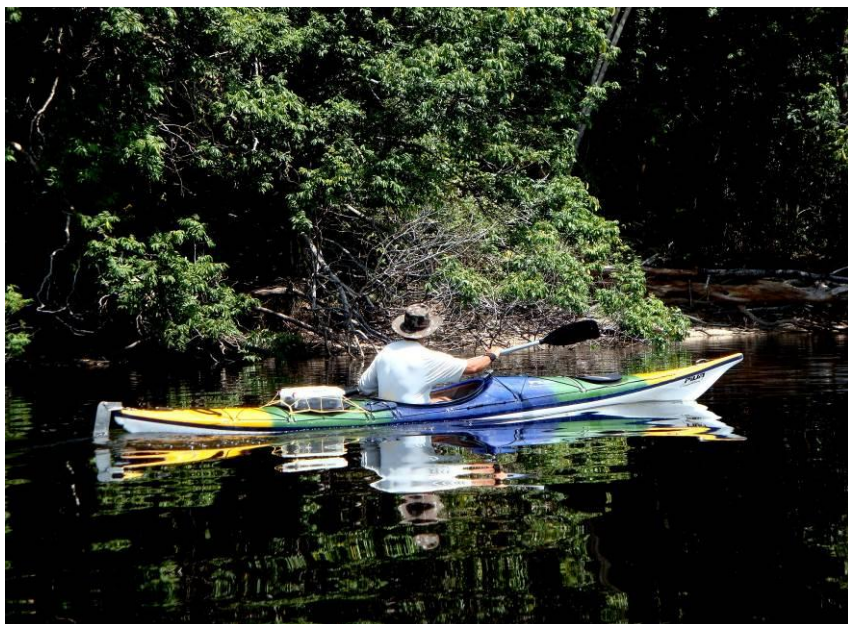



Imagem 09 – Autor – Rio Negro, AM

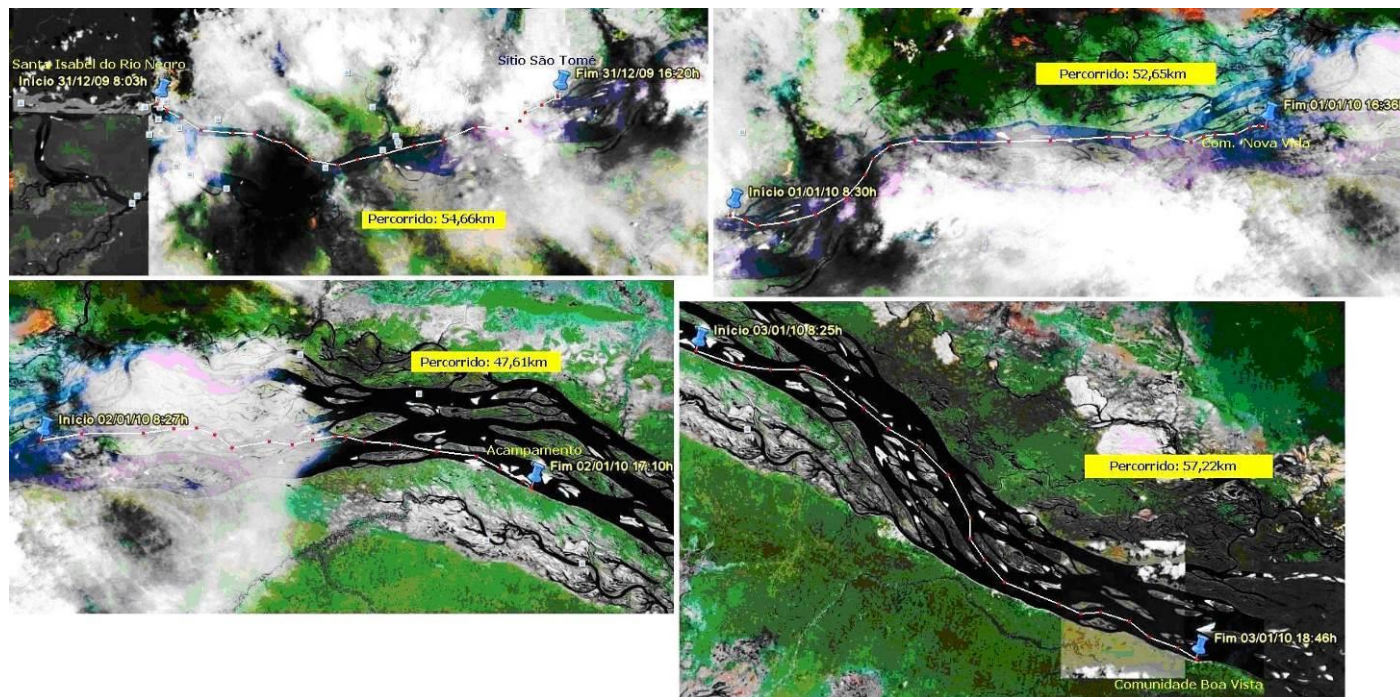
Imagem 10 – Equipe de Apoio – Rio Negro, AM

Imagem 11 – Santa Isabel do Rio Negro (SIRN), AM

Imagem 12 – Santa Isabel do Rio Negro (SIRN), AM

Imagem 13 – Santa Isabel do Rio Negro (SIRN), AM

Imagem 14 – Comunidade de Serrinha (SIRN), AM

Mapa 01 – S. Isabel – Com. de Boa Vista (h. de verão – 2h+)

Santa Isabel do Rio Negro (SIRN)

Os festejos se arrastaram até a noite de 29 e somente no dia 30.12.2009 conseguimos contatar o Chefe de gabinete da Prefeita, senhor Rosalino de Vasconcelos Lima que, gentilmente nos cedeu um CD com os dados do Município, que, em parte, reproduzimos:

Aspectos Gerais do Município

Criado pela Lei Estadual n° 117, de 29.12.1956, com uma área de 61.752 km², com 0,4 habitantes por km².

Acesso Via Fluvial: através dos chamados "*Recreios*", embarcações de passageiros e carga que navegam pelo Rio Negro, 03 dias de viagem. Distância da Capital: 782 km. Acesso Via Aérea: a "*Trip Linhas Aéreas*" pousa duas vezes por semana no Aeroporto Municipal, 02 horas de viagem, correspondendo a 631 km em linha reta.

Demografia

População: 18.506 habitantes [Censo de 2007].

Na zona rural: 7.083 habitantes e na zona urbana: 11.423 habitantes. É considerada a região menos povoada do Rio Negro. A faixa etária é de 80% de jovens, assim considerados aqueles de 12 a 25 anos. As crianças também ocupam um Lugar relevante com uma média de cinco por família. Os adultos com mais de vinte e cinco anos e os idosos são 12% dos habitantes, o que equivale dizer que a população economicamente ativa é insuficiente para conduzir com êxito a atual linha de desenvolvimento econômico do Município.

A população se originou, em grande parte, da miscigenação do branco com o índio e do nordestino com o caboclo, o que gerou pessoas com traços diferentes em sua grande maioria. Os portugueses também plantaram algumas "*sementes*", no Município

Histórico do Município

1661 - Após a expulsão dos Jesuítas da Amazônia, o povoamento do Rio Negro é reativada, a partir de 1685, com a chegada de religiosos de outras congregações que, com a finalidade de catequizar os índios, vão fundando vários povoados ao longo do Rio Negro. Em 1728 é fundada a Missão Nossa Senhora da Conceição de Mariuá, berço da atual Cidade de Barcelos;

1769 - Estabelece-se um Destacamento militar e, em seguida, se constrói um Forte no local onde hoje é a Cidade de São Gabriel da Cachoeira. Toda a região constituía então a Capitania de São José do Rio Negro, com sede em Barcelos. A meio caminho entre Barcelos e São Gabriel da Cachoeira, floresce a Povoação de ilha Grande, à margem direita do Rio Negro, defronte a essa incidência geográfica que lhe deu o nome;

1931 - Quando definitivamente é restaurado o Município de Barcelos, a região do atual Município de Santa Isabel do Rio Negro fazia parte do seu território. Em 29.12.1956, pelo desmembramento determinado pela Lei Estadual n° 117, é criado o Município de Santa Isabel do Rio Negro, com sede na Vila antigamente chamada de ilha Grande.

1931 - Em 04.06.1968, pela Lei federal n° 5.449, o Município é enquadrado como "*Área de Segurança Nacional*".

Economia

Conta com um sistema econômico incipiente. Todas as atividades são basicamente de subsistência: agricultura, pesca e extrativismo vegetal.

– As indústrias existentes são: a Olaria Municipal, Fábrica de Asfalto e Fábrica de Gelo.

– O artesanato, que é basicamente indígena, apesar de muito bonito, ainda não "*aconteceu*", economicamente falando.

– Na área formal, tem como a "*grande mãe*" a Prefeitura, que atua como principal órgão de geração de emprego. Além disto, para incentivar a produção, tem comprado os produtos que excedem o consumo, e tentando distribuí-los para os menos afortunados [farinha e peixe principalmente]. O comércio é, também, de subsistência, contando com mais de 20 estabelecimentos [distribuidoras de bebidas, papelaria, confecções, marcenarias e bares, etc. ...]. Não existe nenhuma prestadora de serviços.

– A renda "*por família*" é de um salário mínimo ao mês e o índice de desemprego não é grande tendo em vista que o escambo gera uma economia informal.

– A vocação econômica do Município está assim delineada: agricultura [Incentivo pelo Programa 3° Ciclo] e pesca de subsistência. O Turismo promete ser um grande polo econômico no futuro.

Clima

O clima é ameno, do tipo temperado, tropical chuvoso e úmido. Congrega estação de chuvas, inverno e verão e o ar é puro, sem qualquer traço de poluição. Temperatura: Máxima de 32,6° C e Mínima de 21,5° C. Média de 27,5° C.

Altitude

50 metros.

Hidrografia

O manancial de água doce é soberbo. Em seu território percorrem os Rios, Marauiá, Nambu, Manipuá, Cauburi, Rio Enuixi, Teia, Aiuaná, Darahá e Tibahá. O Rio Negro, em cuja margem esquerda se instalou a sede do Município é totalmente navegável, crescem na região, peixes tipo: tucunaré, cará, surubim, o ornamental cardinal e o mais nobre a pescada, aracu e o pacu.

Divisão Territorial

O Município tem território único e não adota divisões territoriais. As Povoações são chamadas de "*Comunidades*", mas não detêm o "*status*" de Vila. Hoje existem, reconhecidamente, 38 Comunidades Rurais.

Relevo e Vegetação

O relevo do Município é do tipo acidentado. Em seu território, está localizado o "*Pico na Neblina*", ponto mais alto do Brasil com, 3.018 m de altura. A vegetação é ainda floresta densa, com 80% do território coberto pela floresta Amazônica. Possui grande quantidade de madeiras de lei e árvores de grande potencial econômico como a sorva, a piaçava e a se-

ringueira. Conta com magníficos espécimes de plantas ornamentais, principalmente um orquidário natural que desponta como um dos mais belos do mundo.

Prefeita do Município

– Eliete da Cunha Beleza [2005/2008 e 2009/2012].

Relatos Pretéritos – Santa Isabel

José Monteiro de Noronha (1768)

174. Continuando a viagem mais dezessete léguas, se chegará à nova Povoação de Santa Isabel, habitada por índios da nação Uaupé e situada na mesma margem Sul do Rio Negro, depois de deixar nesta os Riachos Xibaru e Mabá, e na do Norte, o Riacho Jaú, em que houve três grandes Aldeias de Manaos e entre elas a do facinoroso e rebelde principal Ajuricaba, e o Rio Daraá. (NORONHA)

Alexandre Rodrigues Ferreira (1783)

Pelas 10h00 de 08 ([21]), passei pela boca do Daraá, que tem uma grande cachoeira, na distância de uma hora de viagem por ele acima: pela tarde do mesmo dia dei fé da tapera, que é hoje, e algum dia foi a Povoação de Santa Isabel, situada então na margem Austral. Desta é, que dão notícia tanto o citado Diário do Doutor Ouvidor Ribeiro de Sampaio, como o "*Roteiro da Viagem para a Capitania de São José do Rio Negro*", que escreveu o Reverendo Vigário Geral José Monteiro de Noronha. Donde se segue, que ainda então até aquele tempo se não tinha mudado para a margem Setentrional a Povoação, de que falo: cheguei a ela pelas 11h00 do dia 09 ([10]), depois de completos quatro dias e meio de viagem.

---

[21] 08 e 09 de setembro de 1783.

Ao dobrar de uma ponta de pedra, para dentro de uma pequena ressaca, que ali faz a costa, está montada a Povoação sobre um declive pouco sensível, servindo-lhe de base a mesma pedreira. Parece que está fundada sobre alguma abóbada da referida pedra, pela fidelidade com que restitui o som da pancada, quando a batem. (FERREIRA)

Antônio Ladislau Monteiro Baena (1839)

Lugar dependente da alçada da Vila do Thomar, e fundado pelos missionários Carmelitas na <u>margem esquerda</u> do Rio Negro, 141 léguas acima da sua Foz sobre uma campina alterosa e extensa, e de ampla vista, que se espalha pelo âmbito de uma baía e 3 léguas de largura. A população não passa de 06 homens brancos, 4 mulheres brancas, 18 mamelucos, 14 mamelucas, 62 índios e 82 índias.

As pousadas são telhadas com folha de palma e com a mesma é também coberto o teto da Igreja, a qual é dedicada a Santa Isabel, e distinta por duas cruzes, uma alteada na extremidade anterior da cumeeira, a outra no adro ([22]), que é um quadrado equilátero. Existem vestígios das duas grandes ruas, que antigamente ocupava uma Povoação mui florescente. As terras são aptas para maniva e outras mais plantas úteis, e para anil, cuja fécula colorante era ali objeto de grande manufatura, tendo para isso uma boa fábrica.

Deste Lugar inclusivamente até a Serra Cucuí acima de São José de Marabitanas se chamava nos tempos passados Parte Superior do Rio Negro ([23]) e toda ela constituía um Distrito Militar subordinado ao Governador do Rio Negro.

---

[22] Adro: espaço descoberto na frente da igreja.
[23] Parte Superior do Rio Negro: Alto Rio Negro.

Na adjacência deste mesmo Lugar habitou antigamente o nefário ([24]) Ajuricaba, principal dos Manaos e flagelo dos índios Aldeados do Rio Negro seus conjuntos pela pátria natural, o qual se aliançara com os holandeses de Suriname, aonde ia pelo Rio Branco permutar com eles os índios, que fazia escravos por meio de assíduas e poderosas correrias praticadas nas aldeias discorrendo pelo Rio Negro à frente de uma esquadra de 25 canoas com a Bandeira dos Países Baixos.

O General do Pará João da Maia da Gama, avisado em 1725 do rodar daquele malfeitor, expediu em socorro das povoações índicas do Rio Negro, que não deviam ficar inultas ([25]), um corpo de infantaria ao mando de Belchior Mendes de Moraes, o qual também foi comissionado pelo Ouvidor-Geral do Pará José Borges Valério para devassar daquelas calamidades, e levou ordem do General para repreender com bastante rigidez o Ajuricaba e seus irmãos Dejari e Bebari, colegas nos flagícios ([26]), fazê-los entregar os prisioneiros que tivessem, guarnecer as povoações, e remeter a devassa para servir de instrução à representação, que devia ser dirigida ao Monarca.

Em 1727 uma força armada sob as ordens do Capitão João Paes do Amaral, segundo a determinação do Gabinete de Lisboa, incorpora-se no Rio Negro com a de Belchior Mendes de Moraes, profliga ([27]) os Manaos, e aprisiona 2.000 índios com o seu caudilho Ajuricaba, o qual escapou do patíbulo por se afogar no Rio, lançando-se a ele com os ferros que o cingiam depois de tentar uma sublevação dos prisioneiros da canoa da sua condução.

---

[24] Nefário: cruel.
[25] Inultas: impunes.
[26] Flagícios: atos criminosos.
[27] Profliga: derrota.

Muito tempo pareceu impossível aos Manaos a morte do seu Principal Ajuricaba; eles esperavam a sua vinda com ânsia igual ao amor e obediência que lhe tinham prestado. (BAENA)

Alfred Russel Wallace (1850)

No dia seguinte [04.10.1850], alcançamos Santa Isabel, miserável Povoação tomada por capinzais e matagais, onde então residia um único morador. Tratava-se de um português, com o qual tomamos uma xícara de café. Foi necessário, no entanto, adoçá-lo com o nosso próprio açúcar, já que ele não dispunha há tempos daquela preciosidade. Era uma dessas pessoas decentes que preferem viver sozinhas, mesmo tendo que levar uma vida miserável, enfrentando adversidades e privações tais que, numa sociedade civilizada, seriam apenas o resultado da mais absoluta pobreza. (WALLACE)

Major Boanerges Lopes de Sousa (1928)

Em Santa Isabel [07.09.1928], encontramos o Comandante Braz de Aguiar, da Comissão de Limites, chefiada pelo Almirante Ferreira da Silva, que ali se achava de regresso de São Gabriel, onde fora pesquisar os recursos da região e colher informações que orientassem a instalação dos trabalhos de demarcação da fronteira com a Venezuela projetados para o corrente ano. Foi providencial sua presença a bordo do "*Inca*", pois o Comandante Braz nos forneceu informações que nos habilitaram a discutir o assunto relativo a nosso transporte para o Alto Rio Negro. Somos imensamente gratos à gentileza do prezado camarada da Marinha que, na curta convivência de Santa Isabel nos cativou sobremaneira, já cumulando-nos de atenção, já presenteando-nos com diversas especialidades do seu rancho, de que dou detalhes no meu diário.

Ainda naquele porto, apresentou-se, de ordem do Senhor Dr. Bento Lemos, Manuel da Silva, piloto do batelão "*Confiança*" acionado a motogodile 5 Hp, tipo alemão, pertencente à inspetoria do Serviço de Proteção aos índios [SPI] e que desde então ficava à minha disposição com mais dois tripulantes, dos quais um inteligente índio Tariana Paulino que prestou serviços inestimáveis em nossa excursão. [...] Investido pelo Dr. Bento Lemos, do cargo de Delegado honorário dos índios da região do Rio Negro, tive de interceder, em Santa Isabel, em favor do Senhor Benedito Monteiro de Melo que, apesar de velho e cego das duas vistas, desempenha ali as funções de Delegado dos índios com entusiasmo e devotamento. Acusa os portugueses Vivaldo e Pedreira e o brasileiro Ovídio Rei, de se apoderarem de castanhais explorados pelos índios e de safras colhidas por estes, a pretexto de dívidas fantasiadas pelos usurpadores. Refere-se aos castanhais do Rio Jurubaxi, Uenuexi e Igarapé Caraua, afluente deste.

Tomei providências que me pareceram oportunas e de tudo dei conhecimento ao Inspetor dos índios em Manaus. Na tarde de 08 ([28]), partimos de Santa Isabel, pela lancha "*Vitória*", viajando somente de dia. (SOUSA)

Dr. José Cândido de Melo Carvalho (1949)

Chegamos a Tapurucuara às 08h00 [29.05.1949]. Antigamente o local se chamava Santa Isabel, nome este ainda usado pela gente da região. Situada numa ilha fluvial, já começa a se desenvolver em terra firme, na margem esquerda, onde a Missão Salesiana fez várias construções. O povoado da ilha tem nove casas, um correio e uma escola primária em construção.

---

[28] 08 de setembro 1928.

Ao lado da Missão, fica a filial da firma "*J. G. Araújo*". Assisti ao desembarque do Padre Ladislau Paz, Inspetor das Missões. Os meninos receberam-no com cânticos, "*vivas*" e, como é costume no Brasil, um discurso de boas-vindas, a que o homenageado respondeu. Nesse dia houve uma reunião de habitantes das cercanias da Cidade.

A Missão possui uma plantação nos fundos. Embora ainda nova, há muitas árvores já em produção. Cultivam a cana de açúcar, laranja, abacate, banana, mandioca e outras culturas. A Missão conta, atualmente, com 80 meninos. Está em construção o prédio das freiras, onde será localizado o colégio das meninas.

Aqui já se veem muitos índios civilizados. Aliás, a grande maioria da população é proveniente das tribos da região. A ação missionária no Rio Negro foi iniciada em 1657, pelos Jesuítas, estabelecidos na Boca do Tarumá, entre os índios deste nome. Com a expulsão dos Jesuítas, em 1661, somente 34 anos mais tarde voltaram os Carmelitas a fundar aldeias, perdurando sua ação por longo tempo na região.

Coube a Frei José dos Santos Inocentes, de quem fala Wallace de modo assaz pitoresco, a restauração das missões em 1832, voltando a encerrar seus trabalhos em 1888. Em 1910, foi criada a Prefeitura Apostólica do Rio Negro por Pio X, sendo a mesma entregue aos Salesianos, sob a gestão de Monsenhor Lourenço Giordano. Seu atual prelado é Dom Pedro Massa, posição essa que mantém desde 1925. Os Salesianos possuem algumas cabeças de gado, porcos e galinhas. Também alguns moradores do local criam umas poucas cabeças, inclusive uma meia dúzia de carneiros existentes na ilha. (CARVALHO)

Estada em Santa Isabel

Era véspera do aniversário da Cidade, e todos se preparavam para a série de eventos patrocinados pela Prefeitura. Hospedamo-nos num hotel e, graças aos amigos da Polícia Militar, comandados pelo Sargento Pepes, conseguimos algum apoio. A Polícia Militar proporcionou-nos um "*tour*" fluvial pelo Negro de onde tiramos belas fotos da Cidade.

No dia 30.12.2009, conseguimos contatar as autoridades municipais. O Secretário de Educação, Aloísio Oliveira dos Santos e a Prefeita Eliete da Cunha Beleza nos receberam com muita cortesia e concederam entrevistas. A dinâmica administração do Município contrasta com a estagnação e a falta de empreendimentos de São Gabriel da Cachoeira. Através da Prefeita, ficamos conhecendo o videorrepórter Regiandro Albuquerque Góes da Rede Amazônica de TV.

O Régis, como é conhecido, serviu na 1ª Companhia de Engenharia de Construção do 1° Batalhão de Engenharia de Construção (1ª Cia E Cnst / 1° Btl Eng Cnst), sediada em São Gabriel da Cachoeira, e é eternamente agradecido ao então Tenente Quintana, Chefe da 1ª Seção da 1ª Cia E Cnst que o iniciou nos segredos da informática. Hoje, graças a esses passos iniciais, ele é um repórter criativo e capaz de, sozinho, redigir belos textos como roteirista, gravar imagens de vídeo, colocar sua voz pausada e de perfeita dicção e editar, enfim, videorreportagens de alta qualidade. No nosso primeiro dia em Santa Isabel, eu havia assistido, extasiado, a uma reportagem dele sobre a exploração da piaçaba.

Entrevista da Prefeita Eliete da Cunha Beleza

Meu nome é Eliete da Cunha Beleza, já estou há 20 anos em Santa Isabel, não sou daqui, mas me considero como se fosse. Vim para cá em 1982 mais ou menos. Meu esposo é daqui, ele foi Prefeito em 1989, chama-se José Beleza. Entre tantas idas e vindas, fui Vice-Prefeita no período de 1997 a 2000 e hoje estou no meu 2° mandato. Estamos trabalhando, encontramos o Município com muita dificuldade, praticamente abandonado, a situação era crítica na área da saúde, da educação, sem perspectiva de melhora.

Quem hoje vem a Santa Isabel percebe que o Município mudou muito em todos os aspectos, na estruturação; hoje nós encontramos uma Prefeitura totalmente modernizada, informatizada, com pessoal qualificado.

Na área de educação nós temos uma escola chamada CETAM, do Estado, onde existem muitos cursos técnicos, formação de profissionais, principalmente na parte dos jovens que precisam de uma formação. Temos uma faculdade particular, tem a UEA. Essa última já formou mais de 100 Professores, aqui e em Barcelos e agora está com outro curso de formação de Professores indígenas. Existe uma base em São Gabriel da Cachoeira e ela age em toda essa região. Tem uma faculdade particular onde, no ano passado, formaram-se alunos na área de administração.

Tivemos que reestruturar praticamente toda a Cidade, até fevereiro iremos inaugurar um hospital novo, de referência, a orla da Cidade, o aeroporto, estamos negociando com o Calha Norte tentando um convênio de R$ 600.000,00 para fazer o terminal, também aumentar a pista para recebermos aviões maiores.

Vamos asfaltar toda a Cidade, colocar calçada, meio fio, esgoto, já fizemos dois conjuntos habitacionais, fora as reformas das casas, que foram muitas, esse ano nós demos uma paradinha, mas já estamos com projeto de mais dois conjuntos residenciais. Inclusive agora em janeiro já vai começar um que é um projeto Estadual.

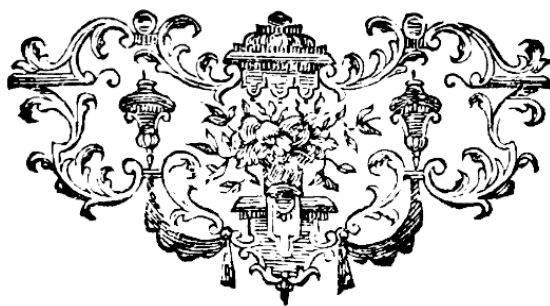
Nós precisamos, além de fazer tudo isso que tem que ser feito pela Prefeitura, nos preocupar como o Município vai sobreviver? Nós não podemos apenas viver da Prefeitura, não tem condições, você tem que pensar em geração de renda. Nós temos muita coisa, nós somos muito ricos, o Rio Negro é muito bom, é bom de turismo, e pretendemos estruturar melhor o turismo no Município. O Pico da Neblina está situado no Município de Santa Isabel do Rio Negro, embora o acesso mais fácil seja por São Gabriel da Cachoeira.

Nós temos a pesca esportiva, os peixes ornamentais, temos um foco bastante grande de turistas. Agora estamos com um novo projeto na secretaria de produção, para investir numa agricultura nova, mecanizada, com técnicas modernas, acabar com a história de queimar roça e ficar fazendo aquela coisa ainda bem extrativista.

Todos os Professores daqui têm curso superior, temos videoconferência nos polos. Não basta tudo o que a gente planejou, o que já fizemos e os projetos que ainda virão, o mais importante é o Exército que também vai vir para contribuir em muito: a partir de 2010 termina a construção do Batalhão em Barcelos e eles irão iniciar aqui as obras da Brigada. Nós já temos uma área destinada, que foi da Diocese de São Gabriel, que a cedeu para o Exército se instalar, virá uma Brigada do Rio de Janeiro, como já tem em São Gabriel.

Sem dúvida nenhuma, o Exército representará 50% do nosso desenvolvimento ou até mais.

Nós estamos estruturando a Cidade para poder receber o Exército. O exército chegando, será uma maravilha.

Uma das coisas de que necessitamos muito é um posto da Polícia Federal, pois Santa Isabel é uma das rotas do tráfico de drogas. Aqui tem o mesmo problema de São Gabriel: o suicido [por enforcamento] e, segundo os dados baseados num estudo social que estamos fazendo, é mais por causa da droga aliada à bebida.

Piaçaba

Piaçaba (Attalea funifera)

Nome comum de palmeira nativa que tem sua origem na língua tupi, significando "*planta fibrosa*", devido ao seu caule característico. Possui estipe ([29]) liso e cilíndrico, folhas eretas, verde-escuras, com pecíolo ([30]) longo, e frutos comestíveis. A fibra dura e flexível é extraída das margens dos pecíolos e utilizada na confecção de vassouras, escovas e empregada no artesanato. As sementes fornecem marfim-vegetal. Conhecida, também, como coqueiro-piaçaba, japeraçaba, pau-piaçaba, piaçabeira, piaçaveira e vai-tudo.

"*Piaçava*" é o nome dado à palmeira na Bahia, da qual se retiram também fibras para a fabricação de vassouras, sendo que esta tem fibras mais duras que a "*Piaçaba*", árvore da mesma família encontrada somente na Amazônia.

Relato Pretérito – Piaçaba

Alfred Russel Wallace (1850)

> A piaçaba cresce em lugares úmidos, alcançando cerca de 20 ou 30 pés de altura. Suas folhas são largas, penadas, brilhantes, muito lisas e homogêneas. Todo o seu tronco é densamente revestido pelas fibras, que dele pendem como grossos pelos, brotando da base das folhas e crescendo junto ao caule. Numerosos grupos de homens, mulheres e crianças entram na floresta a dentro para cortar essas fibras.

---

[29] Estipe: caule das palmáceas.
[30] Pecíolo: haste que se prende ao limbo da folha e a liga ao caule.

> Elas são muito empregadas em toda a região, servindo também para confeccionar os cabos e cordas utilizados nas pequenas embarcações que navegam pelos Rios amazônicos. Humboldt refere-se a essa planta, designando-a pelo seu nome venezuelano vulgar "*chiquichiqui*". Contudo, apesar de ter passado por essa mesma estrada, parece que ele não viu a planta.
>
> Acredito que a piaçaba seja uma espécie do gênero Leopoldinia, o mesmo de duas outras árvores que ocorrem às margens do Rio Negro, as quais, assim como esta, restringem sua ocorrência apenas àquela área. Quando a vi, não estava na época do florescimento ou da frutescência. Mesmo assim, fiz um esboço de seu aspecto geral e denominei-a – Leopoldinia piassaba, designando a espécie pelo seu nome vulgar mais conhecido na maior parte de sua área de ocorrência. (WALLACE)

Palmeira Piaçaba

Em Santa Isabel do Rio Negro estabelecemos contato com o repórter Regiandro Albuquerque Góes da Rede Amazônica, que recentemente tinha feito uma excelente videorreportagem sobre a "*piaçaba*" para a TV.

O Régis, como é conhecido, serviu na Companhia de Engenharia de Construção sediada em São Gabriel da Cachoeira. Com sua devida autorização, reproduzimos o texto de seu vídeo sobre o tema.

> Produtora de fibra longa, resistente, rígida, lisa, de textura impermeável e de alta flexibilidade, essa palmeira se desenvolve bem em solos de baixa fertilidade e com características físicas inadequadas para a exploração econômica de muitos cultivos.

A necessidade de poucos recursos financeiros para o plantio, a manutenção e exploração, tornam a piaçabeira uma opção de extrativismo atraente, pelos reduzidos riscos e altos rendimentos que proporciona ao investidor.

Depois de quase seis horas de viagem, chegamos a campina do Rio Preto, Comunidade pertencente a Santa Isabel do Rio Negro, aproximadamente a cem quilômetros de distância do Município de Santa Isabel do Rio Negro. Aqui moram dezessete famílias que praticamente sobrevivem da extração da Piaçaba há séculos, uma tradição deixado de pai para filho. Trabalhar com a piaçaba não é tarefa fácil; para conseguir a fibra, é preciso andar quilômetros dentro da mata, estar preparado para os perigos e desafios.

Aqui também encontramos a piaçaba preta, conhecida como piaçabarana, de pouca comercialização, usada principalmente para o acabamento na confecção de artesanato.

Depois de algumas horas de caminhada, finalmente encontramos a piaçabeira vermelha. As fibras de Piaçaba ficam ao redor da palmeira e servem também de abrigo de insetos e animais peçonhentos, por isso, antes de extrai-las, o piaçabeiro tem que bater nas fibras para espantar os animais, evitando acidentes.

Para começar a extração, primeiro é realizada a limpeza das folhas. O corte nas folhas deixa as fibras soltas já para a extração da piaçaba. Nas palmeiras mais altas, é preciso do auxílio de um mutar – espécie de um jirau feito a partir de galhos de árvores. Cada piaçabeiro tira uma média de 50 k de piaçaba por dia em oito horas de trabalho. Calculando esses números, sua produção, em trinta dias, é de mil e quinhentos quilos.

Seu Francisco, piaçabeiro desde os dez anos, explica que, depois do primeiro corte feito na palmeira, a piaçaba só deve ser novamente extraída depois de um longo período de descanso, para possibilitar a formação de fibras mais longas e de melhor valor comercial.

– Daqui a uns três anos você pode cortar novamente e já vai ter um palmo.

Aos poucos, as fibras vão sendo retiradas, arrumadas e amarradas para serem transportadas para local de destino. Já na Comunidade, a piaçaba passa por um processo de seleção, limpeza e embalagem, ficando em condições de ser colocada para comercialização.

O local de extração da Piaçaba é de difícil acesso; muitos barracões que armazenam a Piaçaba ficam dentro de Igarapés, o local é raso e estreito, por isso o transporte só pode ser realizado através de pequenos barcos conhecidos como "*chatas*" até a Boca dos Igarapés, onde um barco maior espera para ser carregado com o produto a ser transportado para Manaus.

Seu Francisco Bezerra é de família de piaçabeiro, começou a trabalhar aos quinze anos de idade e hoje, com trinta, e dono do próprio negócio, ele fala das dificuldades que enfrenta no dia-a-dia:

– É muito trabalho; tem que limpar o Igarapé, limpar os caminhos, fazer colocação. O piaçabeiro sai da Cidade até chegar no plano do trabalho dele; para começar a trabalhar, gasta mais de dois meses; às vezes, um mês é pouco pra ajeitar, fazer caminho, fazer barraco e encontrar produto; enquanto isso, ele vai comendo, comendo, comendo... porque tem que comer todo dia e, quando ele vai achar o produto, a conta dele já está avançada.

A comercialização da Piaçaba é pouco valorizada devido ao baixo preço; o quilo é vendido a oitenta centavos e, muitas vezes, a venda é feita à moda antiga, trocando-se o produto por mercadoria.

Para valorizar e fortalecer a classe, o "*I Fórum da Piaçaba*" reuniu moradores e ribeirinhos que sobrevivem do extrativismo dessa fibra.

A Prefeita Eliete da Cunha Beleza espera que as pessoas realmente se organizem e se qualifiquem e possam sustentar suas famílias. Além da falta de assistência técnica e de um preço mínimo, o Fórum discutiu também a implantação de uma fábrica de vassouras com selo verde, o que pode gerar muitos empregos no Município.

O senhor Valdelino Cavalcante, da Agência de Desenvolvimento Sustentável, afirmou durante o Fórum que, se as pessoas:

> se organizarem em associações e cooperativismo seria muito importante; esse é o ponto principal, o ponto fundamental para que a gente possa, daqui a pouquíssimo tempo, estar colocando esse produto da Piaçaba no mercado nacional e internacional.

O pesquisador Ignácio Oliete fez o mestrado sobre a Piaçaba e diz como o estudo pode ajudar na exploração racional da Piaçaba:

> Eu andei de 2006 a 2008 nos piaçabais, levantando informações socioeconômicas com relação à atividade, por isso mesmo, porque é uma atividade esquecida, faltava informação científica, e eu achei que era importante a gente levantar dados para o diagnóstico econômico que identificasse os problemas e levantasse questões biológicas e ecológicas sobre a espécie. (Regiandro Albuquerque Góes – Videorrepórter – Santa Isabel do Rio Negro, AM)

Desbravador
(Denise Figueiredo)

Subi serra desci mato,
Me arvorei desbravador.
Olha só o que me resta,
Muitas mágoas e tanta dor.

Embrenhei-me nesse caso,
Até de dor não aguentar.
Vinha pedra comia pedra,
Vinha água fazia um mar.

Hoje sou desbravador,
Que tem o que contar.
A vida me deu história,
Mas não alguém para amar.

Sigo firme a desbravar,
O que a vida tem pra me dar.
Sei que ali mais lá na frente,
Uma pedra vou encontrar.

Movo a pedra encontro ouro,
Que serve pra tudo comprar.
O que meu corpo bem precisa,
Mas pra alma não vai comprar.

Amor, carinho, atenção! ...
Isso jamais se vai comprar.

Os Massacres do Rio Urubu

[...] chorou o último a aleivosia daqueles Tupuias no fatal incêndio de trezentas Aldeias, depois da Mortandade de setecentos homens dos mais valorosos da suas nações, e o cativeiro de quatrocentos [...]. (Bernardo Pereira Berredo)

Legislação Indígena

Os destemidos pioneiros que subiram o Amazonas, após a viagem de Pedro Teixeira, sonhando encontrar lendários veios auríferos, fracassaram no seu intento e partiram para a exploração das drogas do Sertão. Era abundante, em toda a Bacia Amazônica, a baunilha, a canela, o cravo, as raízes aromáticas e o apreciadíssimo cacau, encontrado principalmente no Rio Madeira.

A caça ao índio provocada pela falta de mão de obra local era, porém, mais lucrativa, mas a que mais riscos oferecia. Havia necessidade de trabalhadores nas indústrias, nas lavouras, nos serviços públicos e domésticos. A legislação em vigor, desde o Rei D. Sebastião, defendia o direito dos nativos à liberdade e especificava, claramente, em que circunstância podia se realizar o seu apresamento.

O cativeiro só era permitido desde que o índio fosse capturado em "*guerra justa*", isto é, quando ele e seus pares atacassem os colonizadores ou quando capturado por uma tribo inimiga estivesse aguardando o momento de ser sacrificado. Nesse caso ele seria "*resgatado*" pelos sertanistas, por isso, os integrantes da incursão eram conhecidos como "*Tropas de Resgate*". Ainda assim, após dez anos, deveriam ser liberados para retornar para suas aldeias.

A lei, contudo, jamais foi cumprida e os sertanistas escravizavam todos os aborígines que encontravam independente do amparo legal. Eram conduzidos às centenas para Belém e vendidos aos moradores da cidade pelo preço estipulado pelo Governador e pela Câmara.

Padre Antônio Vieira

Muitos deles vivem e morrem pagãos, sem seus senhores nem párocos lhes procurassem batismo. (Antônio Vieira)

Vieira foi ordenado em dezembro de 1634 e logo depois da Restauração (quando Portugal libertou-se do domínio Castelhano) se tornou conselheiro do Rei para quem exerceu atividades diplomáticas secretas por toda a Europa e, graças a isso, conseguiu grande prestigio junto à Corte Portuguesa. Antônio Vieira chegou a São Luís do Maranhão, em 1653, com 45 anos de idade, e ficou estarrecido com o tratamento dispensado aos indígenas em geral e principalmente aos aldeados.

Os índios que moram em suas aldeias com títulos de livres, são muito mais cativos do que os que moram nas casas particulares dos portugueses [...], pois ordinariamente se ocupam em lavouras de tabaco, que é o mais cruel trabalho de quantos há no Brasil. Mandam-nos a servir violentamente a pessoas e em serviços a que não vão a não ser forçados, morrem lá de puro sentimento; tiram as mulheres casadas das aldeias, e põem-nas a servir em casas particulares, com grandes [...] queixas de seus maridos [...]; não lhes dão tempo para lavrarem e fazer suas roças, com que eles, suas mulheres e seus filhos padecem e perecem.
(Antônio Vieira – Carta a D. João IV, 20.05.1653)

O Rei D. João, atendendo às reivindicações de Vieira, editou uma lei mais favorável aos índios que, dentre outras diretrizes, determinava que:

- Os índios deveriam receber salário pelo fruto do seu trabalho;
- Só deveriam trabalhar oito meses por ano para que pudessem retornar às suas casas, periodicamente, e trabalhar nas suas roças garantindo o sustento e sobrevivência das suas famílias;
- Não poderiam ser empregados nas lavouras de tabaco.

Vieira lançou mão de sua oratória tentando convencer os colonos a abrir mão da escravidão indígena comparando-os aos faraós do Egito e os "*gentios*" aos filhos de Israel.

Sabeis quem traz as pragas às terras? Cativeiros injustos.
Quem trouxe ao Maranhão a praga dos holandeses?
Quem trouxe a praga das bexigas?
Quem trouxe a fome e a esterilidade? Estes cativeiros.
(Antônio Vieira – Sermão do domingo de Páscoa, 1653)

A lei era burlada de todas as maneiras possíveis e Vieira decidiu retornar à obra missionária depois de ser desacatado publicamente por seus rivais.

Com a chegada dos Jesuítas a Belém, os religiosos iniciaram um movimento tentando coibir o "*status quo*" e o Padre Antônio Vieira conseguiu fazer chegar à Corte Portuguesa as súplicas indígenas.

O Rei, porém, cedendo a pressões dos colonos, considerou ser impossível dar a liberdade a todos os índios sem distinção determinou que qualquer um poderia comandar as famigeradas "*Tropas de Resgate*" desde que obtivesse a permissão de uma Junta e se fizesse acompanhar de um eclesiástico. As novas normas eram muito mais condescendentes e qualquer índio ser escravizado desde que:

- ✧ Desfechassem ataques por terra ou por Mar;
- ✧ Impedissem a livre circulação pelas estradas ou o comércio;
- ✧ Deixassem de pagar tributos;
- ✧ Não obedecessem quando chamados para trabalhar a serviço da coroa ou para fazerem guerra aos inimigos do Rei;
- ✧ Caso se aliassem aos inimigos do Rei;
- ✧ Comessem carne humana após serem considerados vassalos do Rei;
- ✧ Impedissem a pregação do Evangelho.

Lei de abril de 1655

Viera continuou pressionando a Corte e conseguiu que fosse editada uma lei que determinava que a administração de todas as aldeias indígenas fosse realizada pela Companhia de Jesus. Aos Jesuítas caberia autorizar as tropas de resgate e decidir quais índios poderiam ser escravizados.

Embora fosse mantida a escravidão, os catequistas iam pouco a pouco conquistando os nativos. Fiz esta pequena digressão histórica para que o leitor possa melhor avaliar o contexto em que os fatos que vamos narrar a seguir ocorreram.

Aldeamentos e Descimentos

(Fonte: Maria Regina C. de Almeida – Povos indígenas no Brasil)

> A vinda do primeiro Governador Geral, acompanhado de seis Jesuítas, entre eles o Padre Manoel da Nóbrega, significava um esforço da Coroa para manter a soberania sobre a colônia contra os ataques estrangeiros e, principalmente em submeter os índios inimigos e integrar os aliados.

Isso se faria através da guerra justa e da política de aldeamentos, respectivamente. [...] Iniciava-se a política de aldeamentos, cuja função era a de reunir os índios aliados em grandes aldeias próximas aos núcleos portugueses.

Ali estabelecidos, inicialmente sob a administração dos Jesuítas, iriam se tornar súditos cristãos para garantir e expandir as fronteiras portuguesas na colônia e servir aos colonos, missionários e autoridades, mediante trabalho compulsório num sistema de rodízio e pagamento irrisório. [...]

Em meados do setecentos, a nova legislação indigenista de Pombal, estabelecida através do Diretório dos índios, foi o primeiro passo para a política assimilacionista que iria se acentuar no século XIX.

Expulsos os Jesuítas, a nova lei [escrita inicialmente para a Amazônia e depois estendida às demais regiões da América portuguesa] visava transformar as Aldeias indígenas em Vilas e Lugares portugueses e os índios em vassalos do Rei, sem distinção alguma em relação aos demais.

Incentivou-se a miscigenação e a presença de não índios no interior das aldeias. [...]

Para civilizar e assimilar os índios, procedia-se, conforme as diferentes situações. Assim, em algumas regiões, efetuavam-se descimentos e estabeleciam-se novas Aldeias; em outras, desencadeavam-se guerras consideradas justas e, em áreas de colonização antiga, onde existiam Aldeias seculares, pregava-se sua extinção com o argumento de que os índios já estavam civilizados e misturados à população.

Annaes Históricos

Fui presenteado, recentemente, pelo Venerável Mestre e Amigo Altino Berthier Brasil com uma obra rara, a terceira edição do livro "*Annaes Históricos de Bernardo Pereira Berredo*", editada em 1905, e sofregamente me debrucei sobre ela. Um relato despertou minha atenção que foi a missão comandada pelo Sargento-Mor Antônio Arnau Vilela, no Rio Urubu, afluente da margem esquerda do Rio Amazonas.

Já havia lido diversas crônicas e mesmo poemas a respeito e achei na obra de Berredo a descrição mais fiel até então reportada e que procuro compartilhar com meus leitores.

Embora fuja, geograficamente, da Bacia do Negro, este relato mostra os procedimentos usados pelos portugueses para submeter os índios inimigos e integrar os aliados ao mesmo tempo em que mostra como os nativos reagiam às chamadas incursões que, na maior parte das vezes, contrariavam frontalmente às normas preconizadas pela Política Indigenista Lusa.

Cruel Epidemia

1109. Na sucessão do ano de 1663, se conservava o Estado do Maranhão no mesmo sossego, em que o tinham posto as acertadas providências do seu Governador; e ainda que uma cruel epidemia, que vagava por ele havia muitos meses, afligia os ânimos dos seus Moradores, como todos os golpes deste fatal flagelo só descarregavam sobre os pobres índios [ordinário sucesso em semelhantes casos pelas disposições da sua natureza], consolavam a mágoa de tamanha perda com a esperança de ressarci-la com duplicados juros na geral concessão

dos seus resgates, além dos descimentos, de que lhes deixava o uso mais livre para os interesses do serviço comum a nova forma de administração, que já tratavam como confirmada, regulando-se pelas promessas dos seus Procuradores na Corte de Lisboa, que esforçava também Ruy Vaz de Siqueira.

Os Descimentos

1110. A capacidade deste Fidalgo soube bem atalhar o fatal precipício, a que caminhava aquele Estado na geral comoção de todos os povos; e para fomentar as mesmas esperanças, de que se alimentava o seu sossego, lhes antecipou a posse na Expedição de várias Missões, escoltadas de Tropas para as segurarem no ministério de descimentos, e resgates de índios dos vastos Sertões das Amazonas, e caudalosos Rios, que lhe tributam as suas águas.

Sargento-Mor Antônio Arnau Vilela

1111. Por um destes Rios, chamado Urubu, que quer dizer corvo [nome, que tomou de serem assistidas as suas praias de infinito número destas fúnebres aves], entrou uma das Tropas que comandava o Sargento-Mor Antônio Arnau Vilela, dando calor a uma das Missões, de que era Diretor o Padre Frei Raimundo, Religioso Mercedário, de conhecido préstimo, para tão Santo emprego; e os Principais das nações Caboquenas, e Guanevenas, Tapuias belicosos, buscando logo ambos, empenhadamente os persuadiram com as demonstrações de maior amizade, a que se encaminhassem para as suas terras, que não estavam longe, já com os seguros de que achariam nelas abundância de escravos: e que dos naturais também desceriam algumas Aldeias, para a vizinhança das muitas, que sabiam seguravam bem a sua fortuna na nossa sujeição.

1112. As liberais promessas de que se valiam estes bárbaros eram mui poderosas para os interesses de Antônio Arnau e o Padre Frei Raimundo; e deixando vencerem-se com pouca repugnância da repetição delas, guiados ambos dos mesmos Tapuias, desembarcaram nas primeiras terras do seu domínio com tal satisfação da sinceridade do seu ânimo, que Antônio Arnau, só para mostrar a boa disciplina, levantou logo uma caiçara ([31]), junto do mesmo porto, que também cobrindo as embarcações, que tinha nele, segurava a sua retirada: porém estes abortos da racionalidade, que só discorrem com mais que instinto nos desatinos da sua aleivosia, para melhor dissimularem, a que conspirava contra a inocência de tão incautos hóspedes, pediram com instâncias ao Sargento-Mor alguns Soldados, que os ajudassem na condução de uns escravos seus, de que lhe queriam fazer oferta, em fiéis primícias da sua amizade; e como as ambiciosas recomendações da mesma promessa concorriam muito para tirar as dúvidas, nenhuma houve para o conseguirem.

1113. Dez Soldados, com maior número de índios, dos de melhor nome, sacrificou Antônio Arnau ao ídolo da sua cegueira; e caminhando todos na companhia daqueles bárbaros já como arrastados do fatal destino do seu Comandante, assim que entrou a noite, se viram insultados de uma grande emboscada, não só antecipadamente prevenida pelos mesmos traidores, mas também reforçada por eles.

Morreram logo quatro Soldados com alguns dos índios, e todos os mais manietados serviram então de primeiro despojo a sua aleivosia, depois sem dúvida à brutalidade da sua gula; porque nunca mais houve notícia certa destes infelizes.

---

[31] Caiçara: trincheira de pau a pique.

1114. Lisonjeados do feliz sucesso de uma traição tão abominável, intentaram segunda; porque sabendo bem que não haveria testemunhas que os condenassem para o castigo da primeira, unidos já todos na mesma madrugada, tornaram a buscar o Sargento-Mor com a nova ficção de levar atados alguns dos companheiros com título de escravos; e asseverando que a escolta que lhes dera tinha passado mais adiante, para assistir à condução de outros, que necessitavam de mais segura guarda, por ser maior o número. Antônio Arnau, preocupado todo dos fatais influxos das mesmas esperanças, sem mais exame, nem militar cautela, lhes fez patente a sua caiçara, de que aproveitando-se o aleivoso ânimo daquelas feras racionais, o cercaram logo, como demonstração de fiéis alvoroços; e com os mesmos paus, que levavam nas mãos, que chamam de jucar ([32]), ordinárias armas de muita parte das nações Tapuias, lhe descarregaram pelas costas repetidos golpes na cabeça, de que caiu morto.

1115. Com iguais circunstâncias o acompanhou na mesma desgraça o Alferes Francisco de Miranda, com mais alguns Soldados e índios amigos; e salvando-se só de toda a nossa gente, a que com passos apressados buscou as canoas, que estavam no porto, logrou também esta fortuna o Padre Frei Raimundo com o seu companheiro; mas ambos mal feridos.

Alferes João Rodrigues Palheta

1116. Ficaram estes brutos senhores do campo; mas permitiu a alta Providência, que cantassem só nele o bárbaro triunfo da sua aleivosia; porque sabendo que o Alferes João R. Palheta se achava na Aldeia de Saracá [a que dá nome um espaçoso Lago, de que bebe todas as suas águas o mesmo Rio

---

[32] Jucar: que quer dizer matar.

Urubu], o buscavam também, como nova vítima da sua fereza, com o grande poder de quarenta e cinco canoas, quando já informado do sucesso, se lhe opôs com cinco, acompanhado só de dezoito Soldados: e não se querendo ainda aproveitar das vantagens da terra, os atacou no Mar tão valorosamente, e com tanta fortuna, que vingou bem a fatalidade de Antônio Arnau, degolando a maior parte deles.

1117. João Rodrigues Palheta era natural da Vila de Serpa, uma das Províncias do Alentejo, e filho de Manoel Martins, que assim como a Pátria [por serem ambos pais de tão honrado filho] merece bem as recomendações da posteridade, que também se deviam de justiça aos mais companheiros na glória do triunfo, se nas memórias dele ficassem a dos seus nomes; lastimoso silêncio, de que se queixam todas as Histórias nas ações mais ilustres da nação Portuguesa.

Tenente General Pedro da Costa Favela

1118. Festejou a notícia desta ocasião o Governador Rui Vaz de Siqueira com as demonstrações que ela merecia; mas como ao mesmo tempo teve também a da aleivosia daqueles bárbaros Tapuias, não se dando ainda por satisfeito de tão justa Vingança [...] nomeou por seu Tenente General a Pedro da Costa Favela, que saiu do Rio de Belém do Pará em 06 setembro ([33]) com uma Armada de trinta e quatro canoas, que guarneciam quatro Companhias de Infantaria, [...] e quinhentos índios, que obedeciam aos Principais das suas nações; e depois de alguns dias de favorável navegação, tomou terra na grande Aldeia dos Tapajós, a que dá o nome um dos soberbos Rios, que desembocam no das Amazonas, como já fica referido.

[33] 06 de setembro de 1663.

1135. Aqui se deteve Pedro da Costa até 24 de outubro na proveitosa recondução de muitos Principais da sujeição do Estado, que atemorizados dos belicosos Caboquenas, e Guanevanas, a que não podiam fazer oposição por falta de forças, se refugiaram com todos os vassalos no centro dos Sertões dos seus próprios domínios; e buscando agora menos a guerra, que os ameaçava, do que a sua vingança, a seguravam no valoroso braço de Pedro da Costa, que se fez à vela naquele mesmo dia na derrota do primeiro porto dos inimigos, em que entrou ditosamente em 25 de novembro.

Desembarcou logo as suas Tropas; e separando delas as que lhe pareceram necessárias para a defesa das embarcações, que segurou bem com uma trincheira sobre o mesmo porto, com todas as mais se pôs em marcha, na qual o deixarei penetrando destemidamente os ásperos Sertões daqueles bárbaros, por pertencer ao ano seguinte a relação deste sucesso na ordem das memórias.

1137. O guerreiro espírito do Governador, que não sossegava [...], se empregou todo na formatura de novos esforços; e seguido dos maiores do Estado, depois de vencidos os fortes embaraços, que se lhe opunham, saiu da Cidade de Belém pelos princípios de novembro na direitura da Fortaleza do Gurupá, onde desembarcou dentro de poucos dias; mas ainda que se adiantou a toda a diligência da sua atividade até a grande Aldeia, que recebe o nome do Rio Xingu, como as dependências do Governo político das Capitanias o chamaram com pressa, não continuou naquela jornada, muito apesar dos marciais ardores, que o conduziam; e encarregando um crescido socorro ao Sargento-Mor Antônio da Costa, se recolheu ao Pará já no fim deste ano, último sucesso para as memórias dele.

Sargento-Mor Antônio da Costa

1137. Entrou a nova sucessão de 1665, e o Sargento-Mor Antônio da Costa, que seguia os passos do Tenente-General, o achou já bem ensanguentado no merecido açoite dos inimigos; mas reforçado mais com este socorro, multiplicou tanto os seus estragos, que chorou o último a aleivosia daqueles Tapuias no fatal incêndio de trezentas Aldeias, depois da Mortandade de setecentos homens dos mais valorosos da suas nações, e o cativeiro de quatrocentos, que arrastando cadeias na Cidade de Belém do Pará, como aparatos da vitória, fizeram maior a celebridade nos interesses dela. Todos os que se acharam nesta Expedição tão cheia de perigos, granjearam créditos para a sua fama; porém além dos Oficiais já nomeados, só nos deixou especial memória, na distinção do nome, o Alferes Antônio de Oliveira. (BERREDO)

Ajuricaba, Herói ou Traidor?

A resistência dos Manáos foi causada somente pelas correrias portuguesas e pelo antagonismo natural das tribos, cujos rios eram penetrados. Ajuricaba é um nome inteiramente desconhecido dos Holandeses, seus pretensos aliados. (Joaquim Nabuco, 1903)

Relatos Pretéritos Controversos

Se analisarmos apenas os antigos relatos de cronistas e mandatários portugueses, iremos considerar Ajuricaba como um celerado que vendia os índios de tribos rivais que apresava, diretamente aos holandeses em troca de armas e bebidas. Na "*Questão do Pirara*", litígio fronteiriço entre a Guiana Inglesa e o Brasil, Nabuco faz uma defesa contundente de Ajuricaba absolvendo os holandeses e culpando os portugueses.

A nascente república brasileira enfrentou na sua instalação muitas desavenças intestinas e os republicanos tentavam a todo custo apagar da memória dos nacionais as grandes conquistas portuguesas e as realizações do Império. O ato de "*reescrever a história*" não é um fato novo na biografia da humanidade e muito menos privilégio dos brasileiros. Quantas vezes foi usado para melhorar a autoestima de um povo em relação às suas conquistas e glórias maximizando-as e dando-lhes um colorido simpático e atraente. Infelizmente, quando certos Partidos com tendências totalitárias estendem seus tentáculos pelos tortuosos meandros do poder há um propósito claro de reescrever a história omitindo aquilo que não lhes é conveniente e usando de ardis de toda a ordem para mascarar desvios de conduta e atrocidades ou transformar antônimos em sinônimos – totalitarismo em democracia.

O chavão "*nunca antes na história deste país*" empregado sistematicamente por alguns alienados encastelados no poder da República atual reflete apenas sua tentativa de menosprezar o passado. Ao negar as conquistas realizadas pelos seus antecessores, apoderando-se de programas iniciados em outros governos, olvidam o trabalho incansável das gerações que os antecederam. Menosprezam o trabalho de nossos pais e avós, desconsideram as belas páginas da história gravadas "*Ad æternum*" pelos nossos heróis.

Voltemos, pois, à "*Questão Ajuricaba*" reportando textos de renomados historiadores de um passado não tão distante:

José Monteiro Noronha

> **174**. Continuando a viagem mais dezessete léguas se chegará à nova Povoação de Santa Isabel, habitada por índios da nação Uaupé e situada na mesma margem Austral do Rio Negro, depois de deixar nesta os Riachos Xibaru e Mabá, e na do Norte, o Riacho Jaú, em que houve três grandes Aldeias de Manaos e entre elas a do <u>facinoroso</u> <u>e</u> <u>rebelde</u> principal Ajuricaba, e o Rio Daraá. (NORONHA)

Alexandre Rodrigues Ferreira

> Que invadiam as aldeias dos outros gentios, situados nas margens do Rio-Negro e capitaneados pelo <u>facinoroso</u> Principal Ajuricaba, subiam pelo Rio Branco a vender os índios que cativavam aos holandeses de Suriname, com os quais se comunicavam, vencendo com jornada de meio dia o espaço de terra, que há entre o Tacutu e a parte superior do Rupunuri, que deságua no Essequibo, e este no Mar do Norte. (FERREIRA)

Antônio Ladislau Monteiro Baena

> Na adjacência deste mesmo lugar habitou antigamente o nefário Ajuricaba, Principal dos Manaos e flagelo dos índios aldeados do Rio Negro seus conjuntos pela pátria natural, o qual se aliançara com os holandeses do Suriname, aonde ia pelo Rio Branco permutar com eles os índios, que fazia escravos por meio de assíduas e poderosas correrias praticadas nas aldeias discorrendo pelo Rio Negro à frente de uma esquadra de 25 canoas com a Bandeira dos Países Baixos. (BAENA)

Os Manao e o Despovoamento do Rio Negro

Na última década do século XVI, Walther Raleigh tomou conhecimento da existência dos Manao, o mais famoso grupo indígena da Bacia do Rio Negro, quando navegava pela Foz do Essequibo e do Baixo Orenoco.

Os Manao eram hábeis navegadores e ambiciosos comerciantes que usavam o ouro e escravos indígenas como moeda de troca.

Os Manao percorriam o Negro, alcançavam, na estação das chuvas, as Lagoas do Japurá através do Urubaxi onde adquiriam pequenas barras de ouro dos Aysuare, Ibanoma e Yurimagua. De posse do ouro e índios cativos eles atingiam o "*Mar do Norte*", subindo o Rio Branco até o Tacutu e atravessando um trecho terrestre até o Rupunuri afluente do Essequibo para praticar o escambo com os holandeses instalados no litoral. O comércio de ouro, pelos Managu ([34]), foi relatado pelo Padre Cristóbal de Acuña, em 1639, e cinquenta anos mais tarde pelo Padre Samuel Fritz.

---

[34] Managu: Manao.

> Os nativos que contatam os que extraem este ouro são chamados de Managu [Manao] e os que habitam o Rio se ocupam de extraí-lo, são chamados de Yumaguari, que quer dizer, em sua língua, "*extratores de metal*", porque "*yuma*" é o metal e "*guari*" os que extraem. (ACUÑA)

> Eles vão de canoa do Médio Rio Negro, via Urubaxi, até o Japurá. O comércio que esses Manaos praticam com os aysuares, ibanomas e yurimaguas consiste em pequenas barras de ouro, tinturas e raladores de mandioca [...] (FRITZ)

Os sucessivos "*descimentos*" haviam transformado, no século XVIII, a região do Baixo Rio Negro (da sua Foz até Barcelos), uma extensão de aproximadamente 500 quilômetros, em uma área praticamente despovoada de aborígines.

Os Manao faziam uma campanha sistemática de captura de índios de outras tribos que trocavam por mercadorias com as tropas de resgate. Para não perder o rentável negócio, os Manao impediam que as tropas de resgate alcançassem as cachoeiras do Alto Rio Negro onde existia uma considerável população indígena que lhes servia de "*suprimento*".

Os Manao

No início do século XVIII, morre Caboquena, o grande líder dos Manao, que habilmente conseguira estabelecer um contato amigável com os colonizadores portugueses. O fim das hostilidades contra os colonizadores portugueses, por volta de 1675, tinha sido consolidado com o casamento de Marari, filha de Caboquena, com o Sargento Guilherme Valente. Assumiu, então, a liderança dos Manao, o fraco e corrupto Huiuebene, pai de Ajuricaba e filho mais velho de Caboquena.

Huiuebene negocia com as "*Tropas de Resgate*" obrigando os Manao a acompanhar os portugueses na captura de outros índios em troca de parte dos lucros do butim. Certa feita, a tropa de resgate tinha retornado de uma de suas incursões e, em visita à Aldeia dos Manao, festejavam o sucesso da empreitada, bebendo e discutindo a respeito da partilha dos bens até que, sem chegar a um acordo, acabam assassinando Huiuebene. Ajuricaba havia sido preparado, desde cedo, pelo avô Caboquena para se tornar um líder. A relação com seu pai havia se degenerado rapidamente e ele já havia começado a se organizar para a tomada do poder. O assassinato de Huiuebene precipitou os acontecimentos permitindo-lhe assumir o posto de Tuxaua dos Manao.

O Guerreiro Ajuricaba

O primeiro ataque de Ajuricaba aos conquistadores, de que se tem notícia, ocorreu em 1723, contra a tropa comandada por Manoel Braga, em que morreram um líder indígena que acompanhava a tropa como guia e um soldado. Logo após a agressão, uma revolta se alastrou por toda a Bacia do Rio Negro e os confederados, formados praticamente por quase todas as nações indígenas, colocaram em perigo as possessões portuguesas. O Governador João da Maia da Gama escreveu, em 17.09.1723, uma carta ao Rei nos seguintes termos:

> Todas as tribos desse Rio – com exceção das que estão conosco e que já contam com missionários – têm sido assassinas de meus vassalos e aliados dos holandeses! Elas impedem a propagação da fé, têm roubado e assaltado continuamente os meus vassalos, comem carne humana e vivem como brutos, desafiando as leis da natureza [...]

> Esses bárbaros estão cheios de armas e munição, algumas das quais lhes foram dadas pelos holandeses, e outras lhes foram transmitidas por homens que, até agora, foram resgatá-los e molestá-los, contrariando as minhas Ordens Régias. Não apenas recorrem às armas [de fogo] mas também se entrincheiram em estacadas feitas de madeira e barro, dotadas de torres de vigia e defesa. Devido a isso tropa alguma os atacou até agora, por recear suas armas e sua coragem. Por meio dessa dissimulação eles se tornaram mais orgulhosos e se atreveram a cometer excessos e matanças [...] (João da Maia da Gama)

O Ouvidor e Intendente-Geral Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, no seu "*Diário de uma viagem*" faz o seguinte comentário sobre este período conturbado.

> **CCCLXXI**. Era, o Ajuricaba, Manao de nação, e um dos mais poderosos Principais dela. A natureza o tinha dotado com ânimo valente, intrépido, e guerreiro. Tinha feito uma aliança com os holandeses da Guiana com os quais comerciava pelo Rio Branco, de que já falamos. A principal droga desse comércio eram escravos, a cuja condição reduzia os índios das nossas aldeias, fazendo nelas poderosas invasões. Corria o Rio Negro com a maior liberdade, usando nas suas canoas da mesma bandeira holandesa de sorte, que se fazia terrível universalmente, e era o flagelo dos índios, e dos brancos.

> **CCCLXXII**. Governava o Estado do Pará o General João da Maia da Gama, e chegando aos seus ouvidos as repelidas queixas das calamidades, em que se achavam os povos, causadas pelas violências do Ajuricaba, deu necessário remédio àquelas desordens: mandando a Belchior Mendes de Moraes com um Corpo de Infantaria guarnecer as Povoações invadidas, e informar-se legalmente pelo meio de

uma devassa das referidas violências, e crueldades, trazendo para este fim a comissão do Ouvidor-Geral do Pará José Borges Valério.

CCCLXXIII. Quando Belchior Mendes chegou às nossas Povoações, achou a infeliz notícia de que há pouco tempo o Ajuricaba tinha invadido Carvoeiro, e apresado nele bastantes índios. Foi logo em seu seguimento, e passados três dias encontrou a armada do Ajuricaba composta de vinte e cinco canoas, com o qual não teve outro procedimento, conforme as ordens que levava, do que repreendê-lo severa, e asperamente, e fazer-lhe entregar os prisioneiros.

CCCLXXIV. Cuidou Belchior Mendes em guarnecer as mais Povoações, e entrou logo a proceder à devassa; concluída a remeteu ao General do Estado. Representou a Sua Majestade o mesmo General as violências do Ajuricaba, provadas pela devassa, com que instruiu a sua reapresentação, juntamente às de outros Principais facinorosos, como eram as dos irmãos os Principais Bebari, e Bejari, matadores do Principal Caranumá. Sobre esta justa reapresentação determinou Sua Majestade que se fizesse guerra àqueles nomeados Principais. Entrou logo o General a executar esta ordem, dispôs uma luzida ([35]) tropa, de que elegeu Comandante o Capitão João Paes de Amaral, com a ordem de se unir a Belchior Mendes. (SAMPAIO)

Frei Manoel Joseph de Souza

Eles foram tão injuriosamente e infantilmente tratados e afastados de nós, que todos os esforços de entrarmos em contato com eles se mostraram infrutíferos.
(Relatório de Storm Van's Gravesand – Governador holandês à Companhia das Índias Ocidentais Holandesas)

[35] Luzida: brilhante.

O Frei Manoel Joseph de Souza tentou, neste ínterim, cheio de esperanças, convencer Ajuricaba a ficar a serviço de Portugal. Encontrou-o navegando em uma canoa onde tremulava o pavilhão holandês.

> Infiel, orgulhoso e insolente homem que se autoproclama Governador de todas as nações. (Frei Manoel)

Conseguiu, em sinal da "*aliança*" firmada, que este lhe entregasse a bandeira da Holanda que foi substituída pela de Portugal, além da troca de cinquenta escravos por outros tantos resgates. Pouco tempo depois, Ajuricaba voltou a atacar as Missões e o Frei reclamou intervenção militar. Corria o ano de 1727, quatro anos haviam se passado e, apesar das cartas do Governador, a Corte se mantinha em silêncio. Reunindo todas as queixas, devassas, documentos legais solicitou, perante a "*Junta das Missões*", que fosse autorizada a "*Guerra Justa*". Apenas o Reitor do Colégio dos Jesuítas votou contra.

O Líder Ajuricaba

Mesmo considerado como inimigo da Coroa Portuguesa, todos, mesmo os portugueses, reconhecem a capacidade de liderança de Ajuricaba. Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio assim se referiu ao líder nativo:

> **CCCLXXV**. O que na verdade é mais célebre na história do Ajuricaba, é que todos os seus vassalos, e os mais da sua nação, que lhe tributavam o mais fiel amor e obediência, com a ilusão que fazem na fantasia estas razões, parecendo-lhe quase impossível que ele morresse, pelo desejo que conservavam, da sua vida, esperavam por ele, como pela vinda de El Rei D. Sebastião esperam os nossos sebastianistas.

CCCLXXVI. O Ajuricaba em todo o progresso da sua vida foi certamente um herói entre os índios: nome que muitas vezes merece pelas suas ações, e que somente faz diversificar dos outros heróis, e homens famosos, a diferença dos objetos, e não o princípio, e origem das mesmas ações. E por isso disse bem Mr. de Maupertuis no seu ensaio de filosofia moral:

> Se fores ao Norte da América achareis povos selvagens, que vos farão ver que os Scevolas, os Cursios, e os Sócrates não eram mais que mulheres junto deles, nos mais cruéis tormentos os vereis imóveis cantar e morrer. Outros, que apenas nos parecem homens, e que trotamos como cavalos, e bois, logo que lhe chega o aborrecimento da vida, eles sabem terminá-la. (SAMPAIO)

O Lendário Ajuricaba

O Governador José da Maia da Gama e o Ouvidor e Intendente-Geral Ribeiro de Sampaio fazem interessantes relatos desde o cerco à Aldeia de Ajuricaba, Azabary, até o seu martírio:

> Tinha sido resolvido que primeiramente eles [os soldados] procurariam o bárbaro e infiel Ajuricaba. Nossa gente o localizou em sua Aldeia, mas ele organizou a defesa antes de se completar o cerco. Depois de tiros de uma peça de artilharia que nossos homens para ali tinham levado, ele decidiu abandonar a Aldeia e escapar seguido de alguns outros chefes [...]. Nossos homens o perseguiram e o procuraram nos dias que se seguiram pelas aldeias de seus aliados. O bárbaro e infiel Ajuricaba e mais seis ou sete chefes menores, seus aliados, foram trazidos junto com ele. Quarenta desses serão tomados em pagamento pelas despesas feitas por Vossa Majestade, nesta guerra e trinta para o fundo da taxa real. [...]

Quando estava vindo, como prisioneiro, para a cidade de Belém e ainda estava navegando no Rio, ele e outros homens levantaram-se na canoa que estavam sendo conduzidos agrilhoados e tentaram matar os soldados. Estes sacaram de suas armas e feriram alguns deles e mataram outros. Então, Ajuricaba saltou da canoa para a água com um Chefe e jamais apareceu vivo ou morto. Deixando de lado o sentimento pela perdição de sua alma, ele nos fez uma grande gentileza libertando-nos dos temores de sermos obrigados a guardá-lo. (Relatório do Governador João da Maia da Gama sobre a situação da Capitania do Maranhão de 11 de setembro de 1727)

CCCLXXIV. [...] Concluíram estes dois cabos a mais afortunada guerra, aprisionaram o Ajuricaba com mais de dois mil índios, e sendo remetido o mesmo Ajuricaba para o Pará, teve a intrepidez de causar na canoa uma sublevação unido e conjurado com os mais prisioneiros que nela iam, de sorte que, ainda assim preso mostrou tal ânimo, e esforço, que foi necessário grande fortuna, para se apaziguar o motim: porém o Ajuricaba vendo impossibilitados os meios de se ver livre da prisão, e obrigado a ceder à sua inevitabilidade com incrível resolução e ânimo se lança com os mesmos ferros, que levava ao Rio, aonde achou na sua opinião morte mais heroica, do que a que alcançaria no patíbulo, que o esperava! (SAMPAIO)

Relatos Controvertidos

A extensa região da Guiana, além dos lavrados de Roraima, foi ocupada em princípios do século XVII, por exploradores holandeses que fundaram a Colônia de Suriname, que compreendia a República Cooperativa da Guiana e o Suriname de hoje. Os holandeses foram marcando seus domínios na esperança, quem sabe,

futuramente, de estendê-los à Amazônia onde, preparando a futura posse, iniciaram a construção de Fortins e Postos Comerciais na Foz do Xingu e do Tapajós. Os holandeses mantinham um contato amistoso com todos os nativos procurando ganhar sua confiança.

Bernardo Pereira Berredo conta nos seus "*Annaes Históricos*" que, em perseguição a um comboio flamengo, tomou conhecimento de que os holandeses forneciam armas aos gentios quando os perseguia nas cabeceiras do Rio Branco.

O historiador Arthur Cezar Ferreira Reis faz uma contundente defesa de Ajuricaba:

> Ouvido no caso, o Conselho Ultramarino decidiu, a 08.07.1719, que a ideia fosse aceita e o pedido de artilharia atendido. Menos de um ano decorrido, D. João V determinava a Berredo precisasse melhor a espécie de negócio dos holandeses, ordenasse ao Comandante do Fortim toda a severidade contra eles e mandasse traçar, por gente competente, o mapa dos Rios onde penetravam. Era, consequentemente, uma verdade essa aproximação, segundo a palavra dos portugueses.
>
> Documentos holandeses – dados a público por Joaquim Nabuco, entre eles o relatório de 15.06.1724, dirigido à diretoria central da Companhia Holandesa das índias Ocidentais, que explorava o Suriname – explicam o assunto fazendo luz sobre o que eram essas relações. Os Manaus, denominados Maganonts pelos holandeses, eram aliados dos Badon, cujo Chefe, de nome Arune, se dava ao comércio com os "*posthouder*" da margem do Corenti. De Badon, os Manaus, em troca de escravos, feitos nos povoados aportuguesados, obtinham as mercadorias holandesas, as tais armas.

As relações, com a gente do Suriname, por conseguinte, não existiam. Ajuricaba, diante de tais provas não manteve, absolutamente não manteve aliança com os holandeses.

Mas há provas que elucidam mais, convencem definitivamente. Pelos documentos holandeses a que nos referimos, sabe-se que os Manaus eram inimigos figadais dos Caraíbas, aliados da gente de Suriname. Em 1725, os Manaus atacaram-nos violentamente conseguindo vencê-los. A corte de Essequibo, em agosto de 1724, deliberou que fosse morto todo Maganont encontrado em terras da colônia. E em seis de setembro, resolvia premiar mais com dois machados os que provassem ter cumprido aquela deliberação, pagando em escravos pelos aprisionados. Todas essas providências, levadas à ciência da diretoria da Companhia, em janeiro do ano seguinte, tinham sido aprovadas.

Ajuricaba, que chefiava os Manaus, contra os quais se tomavam em Suriname tamanhas medidas de hostilidades, foi aliado dos holandeses? A acusação, percebe-se, foi arranjada para que em Portugal houvesse fácil aprovação à guerra, pretendida, quase que exigida pelos sertanistas e comerciantes, impedidos de lucros avultados enquanto os Manaus estivessem em armas.

Escreveu Joaquim Nabuco:

> Ajuricaba é um nome inteiramente desconhecido dos holandeses, seus pretensos aliados. O voto do Padre da Companhia de Jesus, Reitor do Colégio, contra a guerra é a melhor prova de que não havia realidade nessa ideia de aliança com os holandeses. A acusação era a melhor que os sequiosos traficantes podiam empregar para obterem autorização régia para as suas guerras de escravização; por isso a levantaram. (REIS, 1989)

Embora os holandeses pudessem não ter contato direto com o Chefe dos Manao, a verdade é que todos os indícios apontam para um intenso comércio mantido direta ou indiretamente com os mesmos, seja através de subordinados de Ajuricaba ou através de seus aliados os Badon.

Revista Trimensal de História e Geografia, 1850

Ano de 1720

Não devo passar em silêncio outra frequente entrada no Rio Branco, adiantada ao seu braço chamado Tacutu, e por ele procurada a comunicação com as colônias Holandesas. É fato indubitável que Frei Jerônimo Coelho, religioso carmelita o missionário da aldeia dos Tarumãs [a primeira do Rio Negro], mandava fazer negócio com os Holandeses por aqueles rios: o que, porquanto pude averiguar, seria pelos anos de 1720 e seguintes. Talvez que o célebre pirata Ajuricaba, de nação Manao, descobrisse aquele caminho; porque este famoso ladrão tinha feito aliança com os holandeses, usava nas suas embarcações de bandeira daquela república, e assaltava as nossas povoações do Rio Negro, reduzia à escravidão injusta aos nossos índios, e os ia vender aos Holandeses. A guerra que se fez a este pirata, e a sua trágica morte, é alheio assunto desta relação. (RTHG, 1850.)

Dicionário Topográfico, Histórico, Descritivo da Comarca do Alto-Amazonas, 1852

Ano de 1725

Em 1725, celebrizou-se no Rio Branco, Ajuricaba, Principal dos Manaos do Rio Hiiáá, o qual ao serviço dos Holandeses agredia os estabelecimentos Portugueses do Rio Negro, e arrebatando-lhes os Indígenas conduzia-os pelos Rios Branco, Repunuri e Suriname aos estabelecimentos Holandeses. [...]

A este tempo, sob o Governo do decimo-sétimo Capitão-mor do Pará, José Velho de Azevedo, ocorreu um fato de não pequena importância, qual a correria que no Rio Negro exerceu o famoso Ajuricaba, Principal dos Manaos do Rio Hiiáá, por indução dos Holandeses da Guiana, que levados de sua instintiva perfídia se lembraram de empreender o aniquilamento dos estabelecimentos Portugueses, não por aberta hostilidade, que comprometesse as relações internacionais, mas insinuando a insurreição, e a devastação por mãos dos próprios súditos rebelados; e Ajuricaba vencido pela persuasão, e dedicado como Indígena, agredindo as Missões do Rio Negro, e arrebatando seus neófitos, os arrastava pelo Rio Branco às possessões Holandesas, cuja bandeira trazia arvorada em sua flotilha, constante de vinte e tantas canoas. Ciente o Governador do Estado, João da Maia Gama, expediu a Belchior Mendes de Moraes com uma força em defesa das Povoações, enquanto aguardava determinações da corte; em virtude das quais, em 1727, expediu o Capitão João Paes do Amaral com suficiente reforço ao dito Belchior, que bateu e aprisionou Ajuricaba, o qual remetido em ferros para o Pará, baldada ainda uma tentativa de levantamento a bordo, atirou-se ao rio; e com este expediente poupou-se à ignominia do patíbulo, que o aguardava. Os Indígenas, seus entusiastas até a superstição, recusarão por muito tempo acreditar em sua morte, e o esperavam com a mesma tenacidade, com que ainda hoje esperam os Portugueses por seu D. Sebastião. (DTHDCAA, 1852)

Comissão do Madeira, Pará e Amazonas pelo Encarregado dos Trabalhos Etnográficos, 1874

Ano de 1725

Em 1725, celebrizou-se, no Rio Branco, o índio Ajuricaba, um dos mais poderosos chefes dos Manaos. A natureza havia-o dotado do ânimo intrépido e guerreiro. Tinha feito aliança com os holandeses da Guiana com os quais negociava em escravos, agredindo os estabelecimentos portugueses e arrebatando-lhes os indígenas, que ia vender aos holandeses.

Governava então a Capitania do Pará o General João da Maia da Gama, que, tendo notícia daquelas correrias, mandou a Belchior Mendes de Moraes com um corpo de infantaria, a fim de guarnecer as povoações invadidas. Apenas chegou Belchior ao Rio Branco, teve logo notícia de que acabava Ajuricaba de invadir o Carvoeiro, e de aprisionar muitos índios.

Partiu imediatamente em seu seguimento e três dias depois encontrou a esquadrilha de Ajuricaba, que compunha-se de 25 canoas. Segundo as instruções que tinha, limitou-se Belchior a repreender severamente o chefe Manao e a tomar-lhe os prisioneiros.

Depois disto, deu-se pressa Belchior Mendes em guarnecer as povoações e em proceder à devassa, de cujo resultado deu conhecimento ao Governador, que dirigiu-se ao Governo da metrópole, representando contra as violências de Ajuricaba, provadas pela devassa, e juntamente as de outros principais facinorosos, como eram as dos irmãos Bebari e Bajari, assassinos de Caranumá. Ordenou, então, o governo da metrópole que se fizesse guerra aqueles chefes.

Tratou logo o General de cumprir a ordem, preparando um luzido contingente, cujo comando confiou a João Paes do Amaral, com ordem de se unir a Belchior Mendes. Conseguiram estes dois capitães terminar com felicidade a guerra. Ajuricaba caiu prisioneiro com mais dois mil índios, mas sendo remetido para o Pará, teve a habilidade de provocar na canoa em que ia uma sublevação, que com muita dificuldade pôde ser sufocada. Malogrado o plano que havia formado, suicidou-se Ajuricaba, atirando-se ao rio. (CMPA, 1874)

Anais da Biblioteca Nacional, Vol. 67, 1948

Ano de 1728

Para o Governador do Maranhão

Louva-se-lhe a guerra que fez ao Índios Mamearús e Mayapinas e se lhe ordena a continue para desimpedir a passagem das Cachoeiras.

Dom João por Graça de Deus Rei, faço saber a vós João da Maia da Gama Governador e Capitão General do Estado do Maranhão que vendo-se a conta que me destes em carta de 25 de setembro do ano passado e papéis que com ela remetestes sobre as tropas que expedistes contra os Índios Manuanes, e guerra que mandastes fazer aos principais da Nação Mayapenas de que resultara prender-se ao Bárbaro Ajuricaba que se intitulava Governador de todas aquelas nações representando-me que para dezembro se havia dar o castigo aos ditos Mayapenas, e que com ele ficaria desimpedida a passagem das cachoeiras e se abriria caminho para as tropas dos resgates me pareceu dizer-vos que tudo o que obrastes foi com acerto e ajustado com as minhas ordens e se vos aprova e louva o que nesta parte

despusestes e assim vos ordeno continueis na diligência de desimpedir a passagem das cachoeiras expedindo tropas contra os Índios Mayapenas para castigarem na forma possível as suas desatenções e rebeldia. El Rei nosso Senhor o mandou por Antonio Roiz da Costa Dor e Joze Carvalho d'Abreu, Conselheiros do seu Conselho Ultramarino e se passou por duas vias.

Dionizio Cardoso Pereira a fez em Lisboa Ocidental a 23 de janeiro de 1728. (ADBN, N° 67)

O Guesa

Canto II

(Joaquim de Sousândrade)

[...] Talvez de Ajuricaba a sombra amada
Que vem, deixando os túmulos do rio,
Nas endechas da vaga soluçada
Gemer ao vento dos desertos frio:
Onça exata, erma planta do terreiro,
Que ainda acorda a bater os arredores
Ao repouso da noite do guerreiro,
Noite d'onde não mais surgem alvores.

Talvez Lobo-d'Almada, o virtuoso
Cidadão, que esta Pátria tanto amara,
A chorar, das relíquias vergonhoso
Que a ingratidão às trevas dispersara
Cidadão, que esta pátria tanto amara,
A chorar, das relíquias vergonhoso
Que a ingratidão às trevas dispersara:
Foi a queda do cedro da floresta
Que faz nos céus o vácuo para as aves
Que não encontram na folhagem mesta ([36])
Dos perfumes os ninhos inefáveis –
Ouçamos... o fervor de estranha prece,
Que no silêncio a natureza imita
De nossos corações... aquém palpita... [...]

[36] Mesta: lúgubre.

Poema do Rio da Vida Fluindo
(Isabel Nobre)

Nas vagas alterosas do Rio
As cores, fortes
Lembram pedaços de mim
Escritos por outrem...

E é também assim a vida,
Fragmentos
Coloridos de sofrer,
Vitrais
Através dos quais
Primeiro vemos
O Rio passar,
Depois descobrimos
Que Somos
O próprio Rio...

Fazemos a travessia
Com medo
Às vezes, com nostalgia
Mas sempre na Magia
Do Encontro
Com o NOVO...

O Rio
É essa descoberta,
A cor,
A Vida aberta
Ao Ser profundo
Que se desvela...

Santa Isabel/Comunidade Nova Vida

Partida para São Tomé (31.12.2009)

Com o apoio de nossos amigos da Polícia Militar do Estado do Amazonas, transportamos o material para as embarcações que tinham permanecido junto a um posto flutuante no Rio e partimos às 06h03. O primeiro lance de oito quilômetros ocorreu sem maiores alterações, com a já conhecida e taciturna alvorada do Negro Caudal.

Na segunda parada, na pequena Comunidade de Serrinha, encontramos alguns moradores descendentes dos Barés, que, em sua maioria, já tinham migrado espontaneamente para a sede do Município de Santa Isabel, em busca de uma melhor qualidade de vida. O Senhor Dani acabara de pescar duas piraíbas de bom tamanho com o seu espinhel.

Mostrei, no mapa, ao Teixeira onde eles deveriam me aguardar: Vila Espírito Santo. Cheguei ao local na hora marcada e não encontrei minha equipe de apoio. Aguardei quinze minutos e decidi continuar a descida, sempre pelo Canal, na rota da Companhia de Embarcações do CMA. Em uma de minhas fotografias aéreas, havia um local conhecido, o Sítio São Tomé. Quando visitamos a Prefeita Eliete, conhecemos o Vereador Tami, que havia nos colocado o seu Sítio à disposição. Com a expectativa de ter de ficar sem alimento, todo ele no barco de apoio, resolvi rumar para São Tomé. Cheguei ao Sítio às 14h20, depois de 08h17 de navegação e de percorrer aproximadamente 55 km. O Sítio estava abandonado; o caseiro certamente viajara para passar o final de ano com familiares.

Uma imponente mangueira secular, de cujos galhos caíam de vez em quando mangas maduras bicadas pelos japiins, foi a primeira a me brindar com seus frutos. Percorrendo o local, colhi goiabas, cocos, cajus e, enfim, uma infinidade de frutas prontas para serem degustadas por um esfaimado navegador. Depois de saciar a fome, descarregar o caiaque e transportá-lo para o alto do barranco, fui tomar um revigorante banho.

O silêncio era quebrado pelas inúmeras espécies de aves que competiam em busca do alimento fácil. Era bom ouvir novamente o canto dos pássaros e observar seus voos rasantes. As águas me revitalizavam, sentia uma energia fluir pelos meus poros até os músculos cansados da jornada forçada quando, de repente, avistei a equipe de apoio, que apareceu a poucas centenas de metros à minha frente. Chamei, aos berros, a dupla que já se dirigia para outro Canal. O jantar foi reforçado com arroz e algumas piranhas que o nosso piloto, pescador e cozinheiro, Osmarino Videira Melgueiro, tinha fisgado. O alimento quente era um conforto garantido pela zelosa equipe de apoio. Depois do jantar, dormimos no amplo avarandado da casa. O sono foi interrompido diversas vezes pelo canto dos galos que pareciam estar com o fuso horário ajustado pelo horário da Região Nordeste.

Partida para Comunidade Nova Vida (01.01.2010)

Acordamos às 05h30 e nos preparamos para partir. O dia raiou magnífico e partimos às 06h30, seguindo o Canal e a rota do CECMA. Os extensos areais nos forçavam, eventualmente, a dar grandes voltas.

Na hora do almoço, aportamos em uma pequena ilha em forma de pingo d'água e dei um longo passeio pelas areias para esticar as pernas.

Na volta, saboreamos, mais uma vez, o arroz com as piranhas pescadas no dia anterior, já que no dia de hoje nosso piloto não teve a mesma sorte. Joguei alguns grãos de arroz na água e apareceram alguns espécimes de Acará-Bandeira (Pterophyllum scalare) e Acará-Boari (Mesonauta festivus), peixes muito cobiçados pelos aquaristas de todo o mundo; afinal, estávamos navegando pelas águas de maior biodiversidade de peixes ornamentais do planeta. Mais adiante, vários jacarés-tingas ([37]), assustados com a nossa presença, abandonaram as areias mornas e atiraram-se ruidosamente na água.

Jacarés Crocodilianos

No Rio Negro, o imenso complexo insular e o tráfego, rarefeito, por rotas bastante definidas permitem que pequenos jacarés perambulem incólumes pelas isoladas praias das inúmeras ilhas, diferentemente do Solimões onde só os avistei, na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá e onde ouvi diversas histórias de jacarés gigantescos narradas pelos povos ribeirinhos. Cético eu ouvia, mas não lhes prestava a menor atenção. Tinha passado três anos no Pantanal (1987/1989) navegando em Rios e Lagos infestados por esses gigantescos sauros.

---

[37] Jacaré-tinga (Caiman crocodylus): habita, normalmente, o interior da floresta em Igarapés. Alimentam-se de pequenos mamíferos, aves, peixes e alguns artrópodes. Chegam a atingir 2,5 m de comprimento. Tem coloração amarelada e a fêmea coloca aproximadamente 25 ovos por ninhada.

Apesar de seu terrível aspecto, eles não eram absolutamente agressivos, cansei de entrar, a pé, em açudes, onde se agrupavam em grande número na época da vazante, e eles simplesmente abriam caminho à minha passagem. Essa era a imagem que eu tinha dessas formidáveis criaturas. Somente quando voltei da Amazônia, em fevereiro do ano passado (2009), é que confirmei o relato de meus amigos ribeirinhos através de uma notícia de um Jacaré-açu de 6,5 m morto no Pará e resolvi pesquisar a respeito.

Confirmei que nosso Jacaré-açu ([38]), diferentemente dos amigáveis jacarés do Pantanal, é maior que muitos crocodilos do mundo e mais agressivo que a maioria deles. Recordei os momentos em que me vi cercado por estes temíveis seres na Reserva de Mamirauá. Na oportunidade desconhecia sua inata agressividade e continuei meus trabalhos de pesquisas sem lhes prestar maior atenção.

Acostumado a ouvir histórias mirabolantes sobre as feras e lendas dos seres da floresta eu não tinha a menor ideia de que, desta vez, elas eram verdadeiras. As lendas, a maioria inverossímeis, têm sua origem nas narrativas orais dos povos primitivos e foram alimentadas e incrementadas pelos muitos viajantes, desbravadores e naturalistas que percorreram a região nos últimos séculos. Vamos reproduzir um relato do Padre João Daniel, que percorreu a região durante seis anos a partir de 1751, pleno de falsas colocações e recheado de mitos que brotaram da memória ancestral dos nativos e que ainda hoje povoam a imaginação popular:

---

[38] Jacaré-Açu (Melanosuchus niger): espécie de jacaré endêmica da América do Sul que pode viver até 100 anos e alcançar 7 metros de comprimento. Também conhecido como jacaré-negro.

[...] no Amazonas; lhe chamam os espanhóis "*Caiman*", e os portugueses jacaré. É o maior lagarto que há no mundo, capaz de investir, e intimidar ao mais robusto gigante. Dizem que o jacaré é a pior cousa, que cria o Amazonas; mas eu diria que é o monstro mais proporcionado de tanto Rio grandeza.

Há jacarés de 40, e 50 palmos de comprimento, com proporcionada grossura, como uma ordinária pipa, principalmente o seu bojo. Tem escamas como conchas que lhe servem de forte saia de malha, tão impenetrável como um aço; pois não lhes entram nem as mais agudas lanças, nem lhe fazem brecha as mesmas balas, quais duros rochedos, assim resistem, e cospem as balas.

Têm uma tão grande boca, que por ela engolem um homem inteiro; e quando a trazem aberta, fazem a figura de tamborete levantado, formando o queixo de baixo, que é imóvel, e firme, à semelhança do aperto, e o queixo de cima a de encosto. E assim como gozam do título, e honras de grandes, assim também o são as suas oxarias, porque comem com grandeza e à fidalga.

Não se contentam com ervas, frutas do mato, ou legumes, como os demais animais, mas só de bom peixe, que pescam, e boa carne, que caçam, ou pilham, por serem "*assueti vivererapto*" ([39]). Pescam muitas tartarugas nos Rios, e principalmente nos Lagos, que são ordinariamente os seus viveiros; também as acometem nas praias, quando saem a desovar e muito mais quando pequeninas saem dos ovos para a água, onde os jacarés estão esperando com os alçapões das suas grandes bocas, nas quais elas inocentes se vão meter, quais doninhas nas bocas dos sapos.

[39] Assueti vivererapto: acostumados a viver de rapina.

Têm especial antipatia com as onças, tigres, e cães; não porque perdoem a qualquer outro animal que, possam nas praias, ou Rios pilhar pois assim que podem fazer tiro seguram ainda ao mais bravo touro; mas porque tendo a escolher a caça, os primeiros acometidos são os cães, e onças [...].

Porém o seu melhor bocado é a carne de gente, quando a podem colher, que não é poucas vezes, ou já dos que caem na água, nas alagações, ou dos que vão a nadar, e lavar-se, ou já dos mesmos pescadores, e gostam tanto de carne humana, que nem a assam, nem a cozem senão no ventre. Usam de várias astúcias para apanharem a gente, porque umas vezes, dizem, fingem, que choram, e dizem que o fazem tão propriamente, que parecem crianças a chorar; e acudindo a gente à praia a ver, ou ouvir o que é, acodem os jacarés de súbito a fazer tiro em algum. Outras vezes vendo uma pessoa à borda da água, ou lavando-se, mergulham abaixo, e vão surgir na mesma parte, e dando logo com a cauda uma forte rabanada, quanto apanham é seu, que levando-o o vão comer muito contentes. São tão atrevidos, que algumas vezes têm acometido a gente nas mesmas embarcações, especialmente apanhando-as descuidadas; e alguns têm havido, que subindo pelo jacumã ([40]) foram dentro à embarcação a fazer a sua presa. Outras vezes estando algum pescador com o braço de fora segurando a linha, lhe agarram o braço, e o levam sem remédio; e alguns, que livraram foi largando o braço, ou perna.

Foi notável o ânimo, e o valor de um menino para tornar a sair do ventre de um jacaré. Apanhou-o este descuidado à borda da água, e fazendo tiro o segurou, e engoliu de um só bocado, não obstante

[40] Jacumã: comprida pá que serve de leme para a embarcação.

ser o rapaz já crescido de dez anos pouco mais, ou menos. Vendo-se o rapaz no ventre do jacaré, teve ânimo para menear os braços, e tirar da cintura uma faca com que golpeando a barriga daquele monstro pouco a pouco a abriu de todo, e saindo pela brecha para fora, montou no mesmo jacaré, já mais manso com as ânsias da morte, e remando com um braço, segurando-se com o outro na sela, o foi chegando a terra, onde saltou, e foi festejado como renascido, continuando depois a viver até a idade varonil, sem ter mais que uma pequena arranhadura em uma perna, por roçar ao engolir por um dente, de que facilmente sarou este novo Jonas. Assim mo afirmaram alguns missionários que o conheceram, dos quais ainda aqui vivem alguns.

Como seu sustento são ordinariamente as carnes, cujas sobras se lhes metem por entre os dentes, têm também seu palito para os esgravatar, e limpar. É este palito um passarinho, que metendo-se-lhe na boca, quando a tem aberta com o bico lhos esgaravata, e limpa, servindo-lhe estas lavaduras de sustento, e como seu pajem o acompanha sempre, já dentro da boca, e já na cabeça. Quando o jacaré quer fechar a boca, para o comer, depois de ter os dentes aliviados, dizem que o passarinho o fere com uma espinha, que tem nas costas e o constrange a abri-la, por cuja razão a avezinha sem susto, nem medo entra, e sai quando quer pela bocarra do bruto, como quem entra por sua casa; e o mais tempo gasta em pequenos voos da boca para a testa, e desta para o corpo, em cuja grandeza tem bom espaço para os seus pequenos voos; e só se retira do jacaré, quando este mergulha.

Posto que algumas vezes passeiam pelos Rios, especialmente se tem lodo, a sua principal estância é nas enseadas, e remansos, aonde estejam abrigados das ventanias, e livres das ondas, e por esta mesma

razão habitam nos Lagos em grande multidão, fugindo das costas lavadas dos ventos, para que as ondas os não levem, ou empurrem para os areais, de que muito fogem, ou por não poderem caminhar bem pela areia, ou porque são mais expostos a seus inimigos, sem lhes poderem fugir com ligeireza, pelo impedimento do vento, e das ondas.

Sabem já os índios esses costumes dos jacarés, e por isso se vão banhar, e refrescar ao Rio sem medo algum, e aparecendo algum jacaré, que vem descendo, ou atravessando, facilmente o veem, e também facilmente o matam, quando o apanham junto das praias. Quase sempre andam na água, e poucas vezes saem à terra a dar seu passeio, mas em terra não são tão ligeiros, como na água, por terem os pés, e mãos curtos, razão por que em terra são mais tímidos, e fogem de qualquer criança, sendo que na água investem ao mais bravo touro, ou ao mais forçoso gigante: contudo se os incitam, também dão sua carreirinha por terra atrás da gente.

Põem, e escondem os seus ovos na terra debaixo de ervas, e arbustos, e os vigiam com muito cuidado, e dizem que têm tal instinto, que já sabem quanto os Rios hão de encher, e por isso os põem mais, ou menos longe de sorte que as enchentes lhes não façam mal. São os ovos proporcionados à sua grandeza, ainda que são uns maiores que outros, conforme as espécies diversas dos jacarés: os ovos dos jacarés grandes são tamanhos como dois punhos. De sorte que basta um só para fazer uma grande fritada. São da mesma cor, e feitio dos ovos de galinha, exceto em terem a casca muita dura. Os índios gostam muito deles, e lhes dão busca pelas praias, onde já sabem que os põem, e por mais que os jacarés os escondam, sempre os índios lhes apanham muitos.

Dizem alguns que eles os chocam com a vista, e que por isso lhes estão sempre com os olhos fitos: bem pode ser que assim seja, porque também há pássaros que chocam os seus com a vista; mas outros dizem que o estar olhando para os ovos não é para os chocarem, mas para os vigiarem, e que só se chocam com o calor do Sol, como os ovos das tartarugas. Dizem alguns também que eles não comem na água, mas que, feita a presa, vão comê-la à terra, ainda que muitos, que têm feito experiência, afirmam que comem na água, como os peixes.

Com serem os jacarés os maiores inimigos que tem em si o Rio Amazonas, contudo há também alguns bons préstimos, como são os seus celebrados dentes, especialmente os dentes de uma espécie, de que logo diremos. Têm estes brutos os dentes grandes, e metidos uns para dentro dos outros, por se compor cada dente de três, ou quatro de sorte que tirado um, ficam os outros, como cascos de cebolas muito inteiros, sendo uns bainhas dos outros. São os seus dentes ótimo contraveneno para todos os venenos. Descobriu o seu grande préstimo na América um preto ministrando a outro, que no disfarce de seu amigo, e grande camarada, mas inimigo refinado no ânimo, o queria matar, para cujo fim o brindou por várias vezes com muitos e refinados venenos disfarçados em bebidas, e admirado de que nenhum surtisse efeito, desejoso de saber a causa, lhe meteu prática acomodada ao caso, na qual lhe perguntou se sabia algum remédio, com que andassem seguros das venenosas potagens ([41]) dos inimigos. Ao que o outro, que não suspeitava malícia, respondeu sincero que o remédio universal era um dente de "*Caiman*" trazido consigo, como ele o trazia no sovaco do braço

[41] Potagens: caldo que se mete nos potes ou panelas.

> Deste caso, que logo se foi publicando, se principiou a estimar como cousa preciosa o dente de jacaré, como excelente contraveneno; e cada vez se foi confirmando a sua virtude, por experimentada em muitos casos, dos quais foi muito notável o seguinte. Indo de jornada um Ministro português, lhe mordeu uma cobra surucucu o cavalo em um pé, que começou logo a sentir os efeitos do mortal veneno, lançando sangue por todas as vias, boca, olhos, e ouvidos, e já estirado agonizava com as ânsias da morte, e agoniado também o Ministro com a perda da cavalgadura, se lembrou do dente de jacaré, que o seu pajem levava consigo, e atando-lhe ao pescoço, pouco a pouco foi parando o sangue, e o animal restituído às suas forças brevemente pode continuar a jornada. [...]
>
> Outra virtude excelente, que dizem se tem descoberto nos mesmos dentes é uma grande antipatia contra as dores de dentes, expelindo-as logo que aplicam o dente de jacaré à mamila do padecente pela parte de baixo. [...]
>
> Também a gordura, ou a banha do jacaré, é aprovado remédio para os Papa-terras [geófagos]; porque lhes faz vomitar, expelir e limpar. [...] Diz o Padre Gumilha que no Orenoco é muito usual nos índios o abuso de comer terra, mas que não temem os seus ruins efeitos, por comerem também como cousa muito regalada e gostosa a gordura do jacaré, que sabem separar e limpar da catinga, donde procede toda a sua insipidez, e amargura. (DANIEL)

Equipe de Apoio à Deriva

Combinei com o Teixeira que me aguardasse por volta das 13h15 a montante ou a jusante de uma grande ilha, a uns oito quilômetros de onde estávamos e de onde continuaríamos seguindo a rota pelo Canal.

O Teixeira, contrariando o combinado, ancorou no lado Meridional da ilha e eu passei pelo Setentrional, de modo que não nos avistamos. Aportei logo abaixo, em uma ilha com grande areal, descansei durante alguns minutos e, depois de chamar, insistentemente, sem sucesso, pela equipe de apoio, segui avante. A opção de acampamento teria de ser nas praias, já que as ilhas eram de mata fechada; tinha um saquinho com algumas castanhas e isso teria de bastar até o dia seguinte. Resolvi remar forte para adiantar minha jornada quando, depois de remar por uma hora, avistei um barranco nu com algo que parecia, de longe, uma roupa pendurada no varal. Remei freneticamente e aportei na Comunidade Nova Vida às 14h36 depois de navegar 08h06 por 53 km.

Comunidade Nova Vida

A Comunidade é formada por quatro famílias de piaçabeiros que tinham sido escorraçados da região do Rio Preto (Santa Isabel do Rio Negro), em mais um dos inúmeros desmandos promovidos pela famigerada FUNAI em suas desastrosas e descabidas demarcações de terras indígenas. Hoje, os ex-piaçabeiros dedicam-se à pesca e à venda de peixe salgado sobrevivendo nesta região erma e distante. Estavam na Comunidade apenas Dona Anésia (esposa de Ocino), suas duas filhas (Ana Cláudia e Ana Paula) e os dois netos (Mateus e Tereza). Com a cortesia peculiar dos ribeirinhos, mandou as crianças matarem um frango e me proporcionou um belo jantar. Dona Anésia usa uma grande moringa de barro para refrescar e clarear, por sedimentação, as águas do Negro e usa cloro para tornar a água potável. Foi a primeira vez em minhas jornadas, que se iniciaram no Solimões, que alguém me dispensou tal atenção.

A limpeza das instalações mostrava a preocupação com a higiene daquela "*amazona*" que, com invulgar alegria e fraternidade, recebia eventualmente navegadores que se extraviavam nas redondezas. As palafitas foram erguidas com capricho e cobertas com palha de paxiúba, garantindo o conforto de seus moradores. As crianças criavam três gaivotas esfomeadas que tinham de ser alimentadas periodicamente. Para isso, as crianças estenderam uma pequena malhadeira à frente do barranco e volta e meia retiravam alguns pequenos peixes que eram picados para alimentar as vorazes aves.

Relatos Pretéritos – Lamalonga

Alexandre Rodrigues Ferreira (1786)

> Chamou-se algum dia Aldeia de Dari, porque assim se chamava o Principal que a fundou. Deu motivo à nova fundação a desavença que teve com o seu irmão o principal Cabacabari. Desmembrou-se, por isso, da que então era Aldeia de Bararoá, onde vivia incorporado com seu irmão e seguido dos índios do seu partido, subiu a fundar a sobredita Aldeia de Dari, hoje Lugar de Lamalonga. Nela teve princípio a sublevação dos índios que consta do citado Diário do Dr. Ouvidor Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, cuja repetição também consta das participações primeira e segunda da história desta viagem. Entre a Vila e o Lugar não desemboca Rio ou Riacho algum notável pela margem Austral. De uma se pode ir por terra à outra Povoação, sem incômodo sensível no seu trânsito. Está situado o Lugar na Latitude de 18° Sul, sobre uma barreira que conta duas braças de altura na sua maior elevação. [...] Da situação do Lugar, tanto se enamorou o Dr. Ouvidor Ribeiro de Sampaio, pela extensão da sua planície para todos os lados, pelo pouco sensível da sua elevação e pela

qualidade do terreno areento, que dela escreveu que "*em todo o Rio Negro não a havia mais própria para o estabelecimento de uma grande Povoação*". Com efeito, a terra é fértil quanto se pode desejar, porque, além de que o seu fundo consta das duas qualidades de terras, areenta e argilosa, as quais estão misturadas por um modo o mais favorável à vegetação, por outra parte, ainda mais a ajuda a outra mistura de terra humosa que é essa terra preta, por outro nome, terra de jardins, na qual se revolvem os vegetais mediante a putrefação, que procede das vicissitudes do calor e da umidade.

Assim ela serve de entreter a fecundidade dos terrenos, enquanto não chega a depauperar-se dos óleos e dos sais fecundantes. Com ter tão belas qualidades para um vantajoso estabelecimento, carece de comodidade de um porto mais abrigado do que o que tem.

Desta para cima, não consta que estendesse a sua visita algum dos três Ouvidores que tem tido a Capitania, desde o Bacharel Lourenço Pereira da Costa, criado primeiro Ouvidor dela por Carta Régia de 30.06.1760, até ao Doutor Ouvidor Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, que o foi por Decreto de 19.09.1772, com Carta de 24.03.1773 para servir de Intendente da agricultura, comércio, manufaturas etc. E ele assim o escreveu no seu Diário:

> Este é o Termo, onde têm chegado os meus antecessores em correição, do qual eu voluntariamente transgrediria, passando a visitar os estabelecimentos superiores, se a enchente do Rio me não embaraçasse inteiramente.

Entendia bem este Ministro a necessidade que havia de serem visitadas as povoações e corrigidos os seus Diretores; por isso sentia a dificuldade que lhe objetava a enchente. (FERREIRA)

Antônio Ladislau Monteiro Baena (1839)

> Lugar assentado dentro da jurisdição da Vila de Thomar sobre uma vistosa cabeça jacente na margem direita do Rio Negro 125 léguas acima da sua Foz sobre a extremidade de uma estendida planície muito própria para uma grande Povoação. Foi antigamente Aldeia do Principal José João Dary, que a fundou separando-se do Principal Alexandre de Souza Cabacabari, com quem vivia na Vila de Thomar mal contente e desabrido. [...] Esta gente fabrica cordame de piaçaba, planta café, mandioca, arroz, milho, algodão somente para o seu próprio consumo e saca dos matos breu, puxiri, e faz teias de pano grosso de algodão. [...] A Igreja, que as ruínas derrubaram, acha-se suprida com uma casa pouco decente na qual se vê um altar muito semelhante a uma mesa. O Orago é São José cuja imagem falta. Os moradores gozam de ótima perspectiva, de ares salubres, de boa água do vizinho Igarapé, e de fácil caça em uma ilha jacente em rosto do mesmo Lugar e habitada de inúmeras aves e passarinhos. (BAENA)

O Voo da Gaivota – Anseio de Liberdade

As pequenas e irrequietas gaivotas fizeram-me recordar outras tantas que encantaram meus amazônicos dias. Perfiladas nas praias, surfando nos troncos levados pela torrente ou simplesmente realizando acrobacias no anil infinito, elas dão um toque de beleza, serenidade ou, quando assustadas, fogem em gritos estridentes anunciando a chegada de forasteiros em seus domínios. A beleza contagiante dos momentos que vivenciei junto a esses pequenos seres alados transportaram-me para um belo poema escrito pela poetisa Regina de Nazaré Silva Falcão (Nagire) o qual reproduzo uma parte.

> [...] a grandiosidade do espetáculo proporcionado pelo Astro-Rei, em cumprimento ao labor divino do Supremo Arquiteto. É nesse momento mágico, de tocante candura, quando a Natureza me parece em prece ao Criador, que a gaivota amazônica surge dos céus, no seu derradeiro voo do dia. Com movimentos leves, graciosos, como se acompanhassem o ritmo de uma valsa, ela desliza no ar desfilando sua plumagem branco-acinzentada com invejável desenvoltura. Escorrega brandamente naquele espaço iluminado, planando, vencendo os ventos contrários em sua aprimorada acrobacia, deixando em qualquer expectador um convite hipnótico para "*viajar*" nos desenhos sinuosos do seu voo. Nele se traduz em seu sentido maior, a própria liberdade, liberdade tão ansiada por muitos.
>
> A sensação de voar espelha esse sentimento de liberdade absoluta, profundamente arraigado no ser humano, mas que jamais terá condições de ser usufruído na íntegra. (FALCÃO)

Jurupari e a Paxiúba

As palafitas da Comunidade Nova Vida cobertas de palha de paxiúba fizeram-me lembrar da lenda de "*Jurapari e a Paxiúba*".

> O povo Baniwa está localizado no Rio Içana e seus afluentes no Município de São Gabriel da Cachoeira no Alto Rio Negro, fronteira do Brasil, Colômbia e Venezuela. Diz a lenda que em tempos idos, uma índia nova e elegante da tribo Baniwa, foi considerada infecunda. Mulheres assim, aqueles índios canibais sacrificavam e comiam em ruidoso banquete, uma festa que eles denominavam "*dabaru*", e que significa "*cabeça quebrada*". Depois de bem alimentada, a infeliz era conduzida ao banho, voltando para casa em procissão por cima de folhas verdes, previamente espalhadas pelo caminho.

Em determinado lugar estava preparado o "*dabaru*", uma armadilha em forma de mundéu, feita de duas grossas estacas fincadas no chão, intervaladas de cinco passos. Sobre elas apoiavam um madeiro pesado, colocado horizontalmente. Faziam a moça passar por baixo desse tronco, cruzando por cima de uma armadilha detonadora, a qual, uma vez tocada, mesmo de leve, fazia cair o lenho.

Mas aconteceu um fato inusitado. Enquanto os índios se preparavam ansiosamente para aquele repasto macabro, a moça cruzou várias vezes por sobre a armadilha, sem que a arma homicida funcionasse. Os índios, mais assustados do que admirados, consideraram aquela misteriosa rapariga uma deusa, atribuindo-lhe o direito de governá-los, muito embora isso contrariasse o catecismo de Jurupari.

Vários anos se passaram sob o Império dessa mulher extraordinária. Mas, com o correr do tempo, os índios revoltados passaram a não mais admitir uma cunhã-uaimim ([42]) a subjugá-los. Resolveram matá-la por envenenamento, o que logo fizeram.

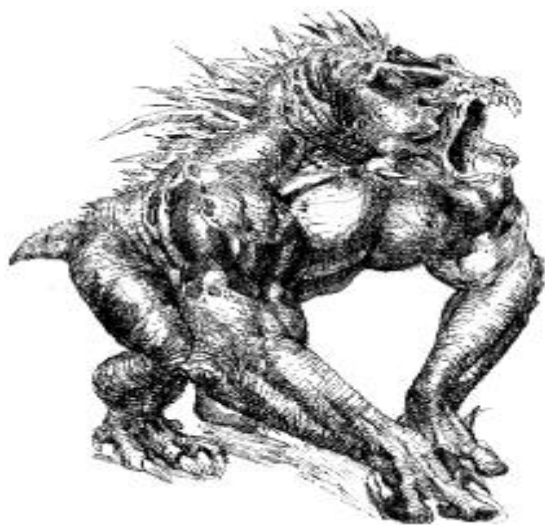
Organizada, ato contínuo, uma Junta, determinaram que quatro dos seus companheiros fossem ao mato fazer trombetas, utilizando a haste da palmeira paxiúba, comum na região. Os homens deveriam ficar escondidos, aguardando ordens. Horas depois, enviaram um emissário com instruções para que o grupo regressasse, tocando os instrumentos. Os músicos então se aproximaram lentamente, tirando daquelas rústicas trombetas um som agudo, percuciente e repetitivo.

Ouvindo aquele barulho assustador, os índios convenceram as mulheres de que aquilo, a ressoar me-

[42] Cunhã-uaimim: mulher velha.

> donhamente, era a alma da velha CUNHÃ-UAIMIM que voltava para anunciar igual destino a toda aquela que contestasse a lei do "*mando masculino*" imposta por Jurupari. Apavoradas, as mulheres fugiram em todas as direções. Depois voltaram e acabaram se conformando com a determinação do Legislador. E foi a partir de então que passaram a tremer de medo toda vez que espoca aquele som macabro e ameaçador. (BRASIL, 1999)

Teto de Estrelas

A barraca foi montada sem o toldo superior, para que eu pudesse olhar as estrelas. A Lua, quase cheia, me acordou no meio da noite e pude contar seis estrelas cadentes que cortaram o céu rumo Norte. As estrelas brilhavam com uma intensidade sem par; não existiam as luzes das grandes metrópoles para ofuscá-las e elas cintilavam sobre o manto escuro e aveludado da noite. O dia que se prenunciara tenebroso se mostrou pleno de fraternidade, amor e beleza.

Suspiros Poéticos e Saudades IV
II – Adeus À Pátria
(Domingos José Gonçalves de Magalhães)

[...] As solitárias ondas
Que hoje sonoras tuas: praias beijam,
Já outrora, não pedras, não espuma,
Mas cadáveres, e sangue arremessaram,
Cadáveres, e sangue
Dos nascidos nos teus sagrados bosques.

Se inimigos ousarem,
Armados contra ti, em frágeis lenhos,
Expelir o trovão, o raio, e a morte,
Abrir-se-ão estes mares a sorvê-los;
Seus lívidos cadáveres
Tuas areias juncarão de novo.

O coração pressago
Veemente palpita, e voz suave
Em meu peito ressoa, e me anuncia
Que o céu destes horrores te preserva;
O coração não mente;
A paz firmou-se em ti; seja ela eterna.

Como a enchente do Nilo
Que estendendo-se sobre a terra Egípcia,
Deixa após si fertilidade aos campos,
Assim, propicia paz, tu vivificas
O povo que te hospeda,
E por ti bafejada a indústria medra.

Como serei ditoso
Se dado ainda me for correr teus campos,
Beijar de anosos pais as mãos rugosas,
Abraçar os amigos, e arroubado
Nesse celeste instante
Novos, oh Pátria, cânticos tecer-te.

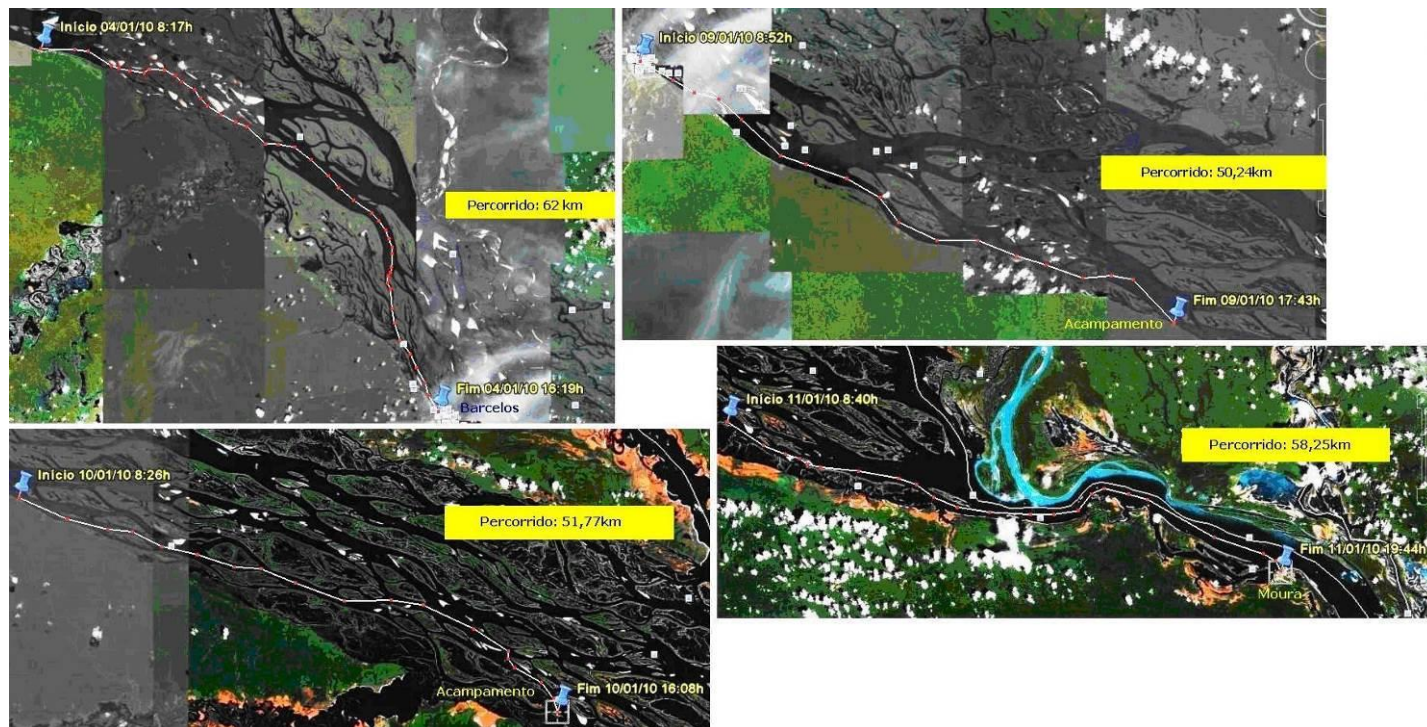
Imagem 15 – Comunidade de Serrinha (SIRN), AM

Imagem 16 – Sítio São Tomé (SIRN), AM

Imagem 17 – Comunidade Nova Vida, AM

Imagem 18– Comunidade de Cumaru, Barcelos, AM

Imagem 19 – Barcelos, AM

Imagem 20 – Cel Teixeira, "Tatunca Nara" e Ten Walter

Mapa 02 – Com. Boa Vista – Moura (h. de verão – 2h+)

Comunidade Nova Vida/Comunidade Boa Vista

[...] Abri-lhes a porta e o coração, amei-os como irmãos, partilhei com eles as minhas dores, as minhas alegrias, caminhei com eles. Agora entristece-me, ver algumas portas fechadas, de quem se esquece, que como peregrino, se partilha o que se tem, mesmo que seja, somente a dor…

Aqui estou, e estarei, na mesma rota, com as portas abertas, o coração receptivo, a quem peregrino ou não, vier, por bem. E somente posso dizer, que um peregrino, não deve esquecer, que ao partilhar as suas dores, as dividiu […] (Angelina Andrade – Hospitalidade)

Amazônica Hospitalidade

Acordei às 05h30, desmontei o acampamento e carreguei o caiaque depois de tomar um banho no Rio. Dona Anésia convidou-me para tomar um café com bolinhos fritos de trigo e embrulhou alguns para a viagem, que seriam muito bem-vindos caso não encontrasse a minha equipe de apoio.

Despedi-me da gentil senhora e de suas duas filhas e casal de netos antes de partir. Mais uma vez eu fora contemplado com a amazônica hospitalidade e isso me enchia de esperança na humanidade das pessoas.

É impressionante verificar como o espírito cristão está presente nos corações e almas ribeirinhos. A maneira afável como me acolheu dona Anésia e seus familiares é uma demonstração eloquente dessa ternura infinda que está impregnada na alma dos povos da floresta. Embora tenha recebido carinho análogo em minha descida pelo Solimões, continuo a me emocionar cada vez que isto acontece.

Partida (02.01.2010)

Parti às 06h27 e, logo no início da jornada, avistei um enorme gafanhoto, ainda vivo, sobre as águas. Já havia visto diversos deles voando ou mortos levados pela corrente. Recolhi o grande inseto e o coloquei sobre o convés; ele se arrastou vagarosamente e se postou sobre a proa, onde permaneceu imóvel durante todo o tempo. Depois de 01h15 de navegação, acostei e levei meu parceiro até um arbusto da ilha, colocando-o no galho mais forte. Gostaria de saber o que leva esses robustos animais a atravessar os enormes canais arriscando a vida. Seria um apelo à sobrevivência dos mais fortes e capazes? Instinto de reprodução? Não sei...

Aportei, novamente, num enorme banco de areia e estava comparando o terreno com a rota da Companhia de Embarcações do CMA; o trajeto nas cheias passava direto pelo enorme areal e decidi contorná-lo pelo Sul. Quando estava manobrando o caiaque, vinha chegando minha equipe de apoio. Foi uma visão reconfortante; ofereci uns bolinhos preparados pela Dona Anésia e comi algumas frutas que eles tinham colhido. O nosso piloto tinha pescado mais alguns peixes, garantindo a refeição do dia. O Coronel Teixeira prometeu que dali por diante teriam mais cuidado com o trajeto de maneira a não se afastar demais e me perder de vista. Paramos às 15h10, depois de navegar 08h43 e percorrer aproximadamente 48 km. Montamos acampamento em uma praia bastante extensa que possuía uma pequena enseada, que eu escolhera, a fim de aportarmos nossas embarcações livres das ondas provocadas pelos ventos e embarcações que passavam pelo Canal.

Montamos o acampamento, jantamos e, mergulhado até o pescoço, tomei banho acompanhado por pequenos lambaris que não paravam de mordiscar minha pele. A noite foi maravilhosa, longe da civilização, e dormi sem ser incomodado pelos cantos dos galos ou latidos dos cães das Comunidades.

Partida para Comunidade Boa Vista (03.01.2010)

Acordei às 05h30, o amanhecer estava magnífico com as nuvens "*rabo de galo*" adornando o firmamento, mantive a rotina diária de desmontar o acampamento, carregar o caiaque, tomar um banho de Rio e saborear o café preparado pelo nosso piloto. Partimos às 06h25, com a equipe de apoio menos afoita e mais preocupada em seguir a rota proposta para não nos separarmos, já que as 1.466 ilhas do maior arquipélago fluvial do mundo – Mariuá – determinavam uma navegação mais cuidadosa. Novamente, os bancos de areia aumentaram o percurso, exigindo mais de nosso preparo físico e mental. Os ventos de proa formaram banzeiros que, embora facilmente vencidos, exigiam mais força do canoísta e perícia do piloto, da equipe de apoio, para manobrar o tosco "*bongo*".

Relatos Pretéritos – Thomar

A Vila de N. Sr.ª do Rosário de Bararoá (Vila Tomar), conhecida também como *"a Corte do Rio Negro ou Corte dos Manau"* estava situada próxima à Foz do Xiuará, frontal à ilha Timoni, e era habitada por índios Manao, Baré, Uaiuana e Passé. Foi transferida para a margem direita do Negro, frontal ao Rio Padauari, ganhando importância como entreposto comercial. Incendiada durante a rebelião de Lamalonga, em 1757, é elevada a Vila por Mendonça Furtado, em 1758.

José Monteiro de Noronha (1768)

171. Na margem Setentrional fazem barra, pouco abaixo da Vila Tomar, o Rio Ererê, que foi em outro tempo habitado por índios das nações Carahiahy e Uariuá; e defronte da mesma Vila, o Rio Padauiri, em cuja margem Oriental deságua o Rio Uexiémirim. O Padauiri foi povoado por índios da nação Urumanue. Há nele alguma salsaparrilha e por ser de água branca persuadiram-se alguns erroneamente, de que também seria braço do Rio Branco. É comunicante com o Orenoco pelo Rio Umauóca, que deságua na margem direita do ramo do dito Orenoco a que sai o Canal Cassiquiare [...]. (NORONHA)

Alexandre Rodrigues Ferreira (1786)

Também esta Vila padeceu, quando Aldeia de Bararoá, os enormíssimos estragos que abortou a conjuração dos índios sublevados em 26.09.1757. Escuso repetir o que a este respeito escrevi em um dos quatro artigos, a que na participação primeira fica reduzida a história desta sublevação; refiro-me portanto ao que nela disse. Acrescento somente que, com a mudança da fortuna não mudou de lugar; dizem que a reedificara Manoel Pires, congregando de uma e outra parte os índios que ou não quiseram entrar no levante ou escaparam das mãos dos levantados. [...] Ao entrar para ela, vi primeiro que tudo, uma vargem pelo nascente. Toda ela se alaga com a enchente do Rio. Ali principia a Vila e, prolongando-se pela costa, vai, pouco a pouco, elevando-se, à proporção que também pouco a pouco se eleva a barreira. É formada de argila, misturada com areia, uma e outra substância carregada de tintura de ocra ([43]) avermelhada, e tinha na sua maior altura duas braças.

[43] Ocra: argila colorida por oxidação de ferro.

A Vila, dentro em si, está dividida em dois Bairros ao longo da Povoação. O de Santa Apolônia principia na vargem e acaba no lugar em que está situada a Matriz; segue-se o outro, a que não ouvi dar nome; continua da Igreja para cima, tem sua Praça de pelourinho e acaba no lugar em que está a casa da olaria.

Há em cada Bairro duas Ruas somente, a da frente e a do fundo; ambas pertencem aos índios, mas nas suas travessas e, particularmente na que sai à Praça do pelourinho, estão situadas as casas dos moradores brancos, à exceção de um ou de outro. A Rua da frente do sobredito Bairro de Santa Apolônia fica de todo arruinada; as casas já se não podem ter em pé, e o Rio continua a solapar cada vez mais uma pequena ressaca que ali faz a barreira. [...]

O porto, enfim, pouco mais abrigado que o de Moreira. No fim do primeiro Bairro fica situada a Igreja, que é do tamanho desta de Barcelos, mas como foi situada em uma cova, escorrem para dentro dela as águas da chuva, sem que sirva para as extravasar a sapata que tem, porque lhe fica superior; com efeito, não parece decente uma Igreja com o chão retalhado de regueiras ([44]), para dar escoamento às águas que entram para ela. [...]

A casa de Escola, que está contígua à da residência do Diretor, carece de reparo na cumeeira e em uma das paredes, que está quase no chão. O mestre era o morador Francisco Coelho, de quem dizia o Diretor, que percebia o ordenado, mas não cumpria com a sua obrigação; que nem escrevia bem, nem certo; que tudo eram escusas de que não tinha papel para as matérias; que se alguma cousa fazia raras vezes, era ensinar a doutrina. [...]

[44] Regueiras: sarjetas por onde correm as águas.

Foi esta Povoação fundada pela primeira vez na margem Austral deste Rio, imediatamente inferior à barra do Rio Xiuará, donde se mudou para o lugar que ocupa. Elevou-a à dignidade de Vila o Ilm° e Exm° Senhor Francisco Xavier de Mendonça Furtado, no ano de 1758. O Dr. Ouvidor Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio escreveu, no seu Diário, que bem se podia chamar a esta Vila a Corte dos Manao. [...] Se a população de algum dia foi realmente tal qual me dizem que então fora, fica sendo notável a diferença de um para outro tempo. Há quem diga que contava 1.200 e quem diga que 1.500 arcos; qualquer dos dois números que se verifique, confrontado com o que consta do mapa junto da população atual, provoca a discorrer seriamente sobre as causas de tão acelerada diminuição. (FERREIRA)

Antônio Ladislau Monteiro Baena (1839)

Vila ereta pelo Governador do Pará Francisco Xavier de Mendonça Furtado em 1758, é situada em uma larga e bela planície sobre a "*curtividade*" de uma enseada na margem direita do Rio Negro 120 léguas acima da sua Foz. A dita planície da banda de cima da Vila eleva-se gradualmente, e forma altas barreiras. Posição em Latitude e Longitude o paralelo Meridional 16′ cruzado pelo Meridiano 313°32′. A sua primeira fundação foi na mesma margem perto da Foz do Rio Chiuará, afrontada com a ilha Timoni. [...] A casa da Câmara e Cadeia e os mais edifícios menos a Igreja são telhados com folhagem. Desmancharam, em 1823, a Igreja para fabricar outra. O seu Orago é Nossa Senhora do Rosário. Os moradores aplicam-se às culturas de café, e cacau: e tiram salsaparrilha e copaíba do Rio Atauí, que deflui no Rio Padauari, cuja Boca demora diante da Vila na margem esquerda do Rio Negro. Também fabricam cordão de piaçaba. (BAENA)

Relatos Pretéritos – Moreira

A Aldeia de Nossa Senhora do Carmo de Caboquena (Moreira), habitada por índios Baniwa, Baré, Caraiaí, Japiua e Manao foi edificada, inicialmente, à margem esquerda do Rio Negro, abaixo do Rio Cauaburi. Foi transferida, mais tarde, para a margem direita, entre as aldeias de Mariuá (Barcelos) e Bararoá (Tomar), quase frontal à Foz do Rio Uaracá. Herdou o nome do seu fundador, o Tuxaua José Menezes Caboquena, dissidente da tribo dos Manao e aliado dos portugueses.

José Monteiro de Noronha (1768)

167. Da Vila de Barcelos se continuará a viagem, pela mesma margem do Sul, até o Lugar de Moreira, distante dezesseis léguas e habitado por índios das nações Manao e Baré. Este Lugar esteve unido à Vila de Moura em Uarirá no segundo sítio, explicado no parágrafo 156, estando no qual se separou dos demais o Principal José de Menezes Caboquena, que estabeleceu com os índios do seu partido o Lugar de Moreira, pouco abaixo do sítio em que estava então a Vila de Moura.

Na distância que há entre Barcelos e Moreira deságuam na margem Austral do Rio Negro os Rios Baruri e Cuiuni e os Riachos Aratai e Quemeucuri. Na margem do Norte deságuam o Riacho Parataqui e o Rio Uaraçá, a que chamam os europeus Araçá, em cuja margem Oriental faz Barra o Rio Demeuene, a que também por insciência ([45]) do verdadeiro nome, dão alguns o de Dimini, onde habitavam antigamente os índios da nação Quiana. [...] (NORONHA)

---

[45] Insciência: ignorância.

Alexandre Rodrigues Ferreira (1786)

Tendo nesta viagem consumido os dias 20, 21 e 22 ([46]) por ter sido feita em uma canoa grande e ronceira ([47]), com as demoras que da minha obrigação exigiam os exames das produções naturais e os reconhecimentos das margens deste Rio, pelas seis horas da manhã de 23 ([29]) cheguei ao Lugar de Moreira, em outro tempo Aldeia do Camará e, por outro nome Caboquena [dezesseis léguas e um terço]. Este era o nome que tinha o Principal seu fundador, o qual pela muita afeição com que olhava para os brancos e para os seus costumes, não merecia ter um fim tão desgraçado como o que lhe deram os índios das aldeias vizinhas na sublevação de 24.09.1757. É e será sempre odiosa a memória deste sucesso, que sumariamente se reduz aos artigos seguintes:

1° Escandalizou-se o índio Domingos, do Lugar de Lamalonga, de ter o seu Missionário feito separar da sua companhia uma concubina que tinha, e premeditado a vingança de assassiná-lo, ilaqueou ([48]) na mesma conjuração os Principais João Damasceno, Ambrósio e Manoel e, no primeiro de junho do referido ano ([49]) acometeram a casa do Missionário, que não acharam nela, arrombaram-lhe as portas e saquearam os seus móveis, investiram depois a Igreja, aonde cometeram o desacato de derramar por terra os santos óleos, pisaram os vasos sagrados, arruinaram a Capela-Mor e lançaram fogo à Povoação.

2° Em vez de darem sinais de terem os corações rotos de dor na consideração do enormíssimo delito que acabavam de perpetrar, e em vez de, por um sério arrependimento dele, desarmarem o braço de Deus e dos homens, muito pelo contrário, exasperando-se

---

[46] 20, 21, 22 e 23 de agosto de 1786.
[47] Ronceira: lenta.
[48] Ilaqueou: articulou.
[49] Referido ano: 1757.

cada vez mais no curto espaço de 54 dias, reforçaram o seu corpo com a aliança dos Principais Manacaçari e Mabé, acrescentando ao primeiro o segundo delito de recaírem de mão armada sobre o Lugar de Moreira, no dia 24 de setembro ([50]), que foi quando assassinaram o Missionário Frei Raimundo Barbosa, religioso Carmelita, o Principal Caboquena e muitas outras pessoas, e roubaram e queimaram a Igreja.

3° Informados que foram, de que com estas suas animosidades tinham conseguido fazer cair o ânimo ao Capitão de granadeiros João Teles de Menezes Melo, que então comandava um Destacamento de vinte homens, empregados na guarnição da Aldeia de Bararoá, hoje Vila de Thomar, assim que a sentiram desguarnecida, se lançaram sobre ela no dia 26 ([33]) do referido mês, roubaram os móveis preciosos da Igreja, degolaram a imagem de Santa Rosa; aplicaram a cabeça da santa para figura de proa das suas canoas, queimaram-lhe o corpo sobre o altar, atravessaram o Rio para a margem fronteira e nela mataram dois soldados somente, porque tanto os outros soldados, como alguns paisanos, que ali se achavam, se haviam refugiado na ilha de Timoni.

4° E ultimamente no façanhoso projeto de surpreenderem esta Capital, porque a supunham enfraquecida com a deserção dos soldados que, pouco antes, se haviam sublevado contra o Sargento-Mor, seu Comandante, Gabriel de Souza Filgueiras, engrossaram o seu partido com os dos outros gentios das cachoeiras deste Rio, maquinando uns e outros a última ruína, não só desta Capital, mas a de todas as colônias portuguesas estabelecidas nesta Capitania.

Este projeto, sabe V. Exmª que indisputavelmente se teria verificado, se em consequência da parte que dele deu o sobredito Sargento-Mor, não expedisse logo o Ilm° e Exm° Senhor Francisco Xavier de

[50] 24 e 26 de setembro de 1757.

Mendonça Furtado ao Capitão Miguel de Siqueira para atacar e desbaratar os rebeldes, como atacou e desbaratou a todos, sem mais perda da nossa parte, que a do Sargento Agostinho José Franco e a do Soldado Lourenço de Oliveira Pantoja. Os rebeldes das cachoeiras foram perseguidos e destroçados; a vitória, que pela nossa parte alcançamos contra uns e outros, abriu a porta ao processo legal que, no ano seguinte de 1758, fez o Doutor Ouvidor-Geral Desembargador Pascoal de Abranches Madeira, o qual veio para este fim na companhia do Ilm° e Exm° Senhor Francisco Xavier de Mendonça Furtado, quando pela segunda e última vez subiu a este Rio. Os corpos de delito foram formalizados nos mesmos lugares aonde o cometeram. A junta, considerando piedosamente a rusticidade dos agressores, relevou-os das maiores penas que mereciam pela enormidade das suas culpas; por acórdão dela se levantou uma forca no Lugar de Moreira, aonde foram justiçados os três índios Luís, Miguel e João.

Ainda está em pé um dos postes que se levantaram. Seguiu-se do castigo de uns, o exemplo de outros, cessando em todos de então para cá a animosidade de inquietarem, por semelhante modo, o sossego da Capitania. Escreveu circunstanciadamente a história deste sucesso o Doutor Ouvidor e Intendente geral Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, no seu "*Diário da Viagem e Correição das Povoações da Capitania de São José do Rio Negro*". Manuscrito dos anos de 1774 e 1775. (FERREIRA)

Antônio Ladislau Monteiro Baena (1839)

Lugar pertencente à jurisdição da Vila de Barcellos; fundado pelos missionários Carmelitas, e situado na direita do Rio Negro 102 léguas arredado da sua Foz sobre uma planura de terra rasa e graciosa em vista pelo prospecto do Rio desvestido de ilhas. (BAENA)

Comunidade Baturité

Depois de usufruirmos a tranquilidade de um longo furo, abrigado dos ventos pela mata ciliar, avistamos a Comunidade Baturité no alto do "*Paredão*", um barranco enorme de seus trinta metros de altura. Abastecemos com a água cristalina do poço da Comunidade, compramos algumas bananas e admiramos alguns artesanatos ribeirinhos que são vendidos para os turistas estrangeiros que frequentam o Rio Negro Lodge. Infelizmente a maior parte da ativa Comunidade estava empenhada na roça de modo que só conhecemos algumas crianças e anciãos que tinham permanecido no local.

Rio Negro Lodge

Passei pela entrada do Lodge sem parar, o ponto marcado pelo CECMA, verifiquei mais tarde, se referia ao complexo de lazer onde se localiza o bar, o restaurante, as salas de estar e jogos e a piscina. O Teixeira apareceu com uma lancha em meu encalço e me rebocou de volta, pelo menos uns 600 metros. Chegamos ao Rio Negro Lodge na hora do almoço. O seu gerente, Mark Cobos, gentilmente nos ofereceu um almoço e um refrigerante gelado, que só quem passou oito horas sob o Sol inclemente pode aquilatar o valor. O Hotel abriga os aficionados pela pesca desportiva, principalmente do Tucunaré. As primorosas instalações com cabanas individuais e complexo de lazer, complementado com cozinha de fartos produtos regionais, justificam sua fama internacional. O dono é o norte-americano Phillipe Aron Marsteller, representante da Amazon Tours no Brasil. O complexo inclui o barco "*Amazon Queen"* e uma frota de mais de 30 lanchas usadas para transportar os pescadores.

Infelizmente, existe um lado sombrio por trás do empreendimento. Segundo o Instituto Socioambiental (ISA), os proprietários proíbem os moradores dos sítios vizinhos de caçar, ameaçando-os com a polícia e apreensão de suas armas, além de pressionarem os nativos a abandonar os seus sítios, com a alegação de terem comprado uma extensa faixa de terras, na qual estariam incluídos os sítios vizinhos.

Na verdade, a Câmara Municipal de Barcelos, atendendo aos interesses particulares de Phillipe Aron Marsteller, aprovou a Lei n° 359 de 02.12.1997, que obrigava o proprietário a apresentar, no prazo de 180 dias de sua promulgação, um Projeto Ambiental. A exigência nunca foi cumprida, tornando automaticamente sem efeito a concessão, fazendo retornar a área de terras ao Patrimônio Municipal. Como fator complicador para o americano deve-se considerar que o projeto está encravado em uma Área de Proteção Ambiental municipal (APA Mariuá).

É impressionante o número de empresários estrangeiros que deixam de cumprir a legislação e as normas nacionais. A impressão que se tem é a de que, ao investir em países de terceiro mundo e aliciando políticos e agentes locais, eles acham que estariam isentos de fiscalização e cobrança por parte das autoridades.

Hotel Rio Negro Lodge é Suspeito de Biopirataria
(Náferson Cruz – Amazonas EM TEMPO, 18.04.2009)

> Uma operação conjunta entre a Receita Federal, Marinha do Brasil e o Ibama resultou na multa de R$ 2,7 milhões ao Hotel de Selva Rio Negro Lodge que mantinha um zoológico clandestino e um laboratório de biologia pirata. [...]

> “*No laboratório havia vários microscópios e lâminas com insetos, raízes, flores e plantas da Amazônia. Ainda não sabemos o motivo das pesquisas que vinham sendo realizadas*”, explicou o auditor fiscal. Ele explicou que as mercadorias eram compradas de forma ilegal e que, há quatro anos, tramita na Justiça um processo de operação ilegal de compra de mercadorias contra o dono do hotel. “*Ele sonegava o imposto e isso se caracterizava como contrabando*”, afirmou Pereira.

Comunidade de Cumaru

Passamos pela Comunidade de Cumaru cujo Presidente, o Senhor Raimundo Batista, nordestino de nascimento, veio com os irmãos na década de setenta para o Norte e, após servir no 6° Batalhão de Engenharia de Construção (Boa Vista, RR), na década de oitenta, casou com uma nativa, estabelecendo-se em Cumaru. Raimundo neutralizou um movimento local que pretendia que a área fosse demarcada como indígena, uma manobra que vem sendo perpetrada sistematicamente por Comunidades que se “*dizem*” indígenas e recebem o beneplácito da FUNAI. Este recurso vem sendo usado já há algum tempo em diversas regiões da Amazônia em que ribeirinhos “*travestem-se*” de indígenas para terem direito a terras demarcadas. Raimundo mostrou outro caminho para a Comunidade e, com o apoio do ITEAM (Instituto de Terras do Estado no Amazonas), conseguiu que as famílias tivessem seus lotes demarcados em áreas de 25 a 35 hectares e devidamente titulados. O nordestino empreendedor trabalha duro para fazer com que seu belo sítio seja o mais produtivo da área, ao contrário de seus preguiçosos vizinhos. Aplicando as devidas técnicas apreendidas junto aos técnicos agrícolas, o Presidente da Comunidade Cumaru mostra que se pode

extrair da terra arenosa o sustento da família. A Comunidade se ressente de uma escola de alvenaria e do conserto do telefone, cujo receptor foi quebrado pelas crianças.

A Comunidade é muito organizada e chama a atenção pela limpeza e aspecto geral das habitações. Cumaru é o retrato de como uma liderança esclarecida e empreendedora é capaz de alterar uma tendência nociva de demarcações de terras sem qualquer embasamento científico.

Comunidade Boa Vista

Às 16h46, resolvemos parar na Comunidade Boa Vista depois de navegar por 10h21 e percorrer aproximadamente 58 quilômetros. Encontramos o Professor Cavalcante, um dos líderes da Comunidade, que gentilmente nos acolheu e permitiu que montássemos nosso acampamento, confortavelmente, na varanda de um morador que se encontrava ausente. O Professor está cursando Letras em Barcelos e pretende, depois de formado, radicar-se em Manaus.

Com intuito de melhorar nosso cardápio diário, paguei a um dos meninos para colher algumas mangas. Fiquei preocupado quando vi, do Rio, que o menino tentava subir numa enorme mangueira. Já me preparava para tentar impedir seu intento quando o Professor Cavalcante subiu agilmente na frondosa árvore e começou a apanhar os frutos e atirá-los para o menino que os colhia radiante. Depois de saborear os deliciosos frutos, fiz minha higiene e depois degustamos o delicioso jantar preparado pelo Osmarino a base de peixes. Mais uma vez tivemos uma alvorada antecipada pelos latidos, e cantar dos galos.

Imagem 21 – O Milagre de Ourique (Domingos Sequeira)

Coroa Ibérica

D. Sebastião – o Desejado, Rei de Portugal e o último da dinastia dos Avis, cresceu com a plena convicção de que era um predestinado. Ao enfrentar os mouros, em número significativamente maior, na batalha de Alcácer Quibir, evidenciou nas suas ações achar que o "*milagre de Ourique*" repetir-se-ia.

Afinal a Batalha de Ourique foi um episódio simbólico para a monarquia portuguesa, graças a ela D. Afonso Henriques foi aclamado Rei de Portugal, em 25.07.1139. Para desespero de D. Sebastião e de seus combatentes, o milagre não se repetiu e a sua morte precipitou uma série de acontecimentos que culminaram com a unificação das Coroas de Espanha e Portugal sob a autoridade da Espanha ficando, o período, conhecido como União Ibérica.

O período, que durou 60 anos (1580-1640), permitiu que os espanhóis estendessem seus domínios no Pacífico em regiões reconhecidamente portuguesas e nas regiões platinas da América. O desinteresse pelas possessões amazônicas era embasado, seguramente, em dois fatores fundamentais: o econômico e o fisiográfico.

O primeiro em virtude da desilusão da missão de Gonzalo Pizarro na busca do País da Canela e do "*El Dorado*" que redundara em um retumbante fracasso.

O segundo, talvez a "*vera causa*", a Cordilheira dos Andes que impedia ou pelo menos dificultava a colonização espanhola da terra das Amazonas. A Cordilheira, segundo Euclides da Cunha foi "*um cordão sanitário ou ao menos um desmedido aparelho seletivo*".

Os portugueses, por sua vez, ampliaram sua área de influência na América, e a Amazônia foi sendo conquistada pelos lusos nos seus mais longínquos rincões, graças à instalação de fortificações e criação de pequenos povoados.

O Rei D. João V, com o ouro da "*Terra Brasilis*", pagou cientistas que elaboraram os fundamentos cartográficos do Tratado de Madri, construiu Fortes diminuindo a vulnerabilidade da colônia brasileira e negociou com o Papa Benedito XIV, a Bula "*Candor Lucis*", em 1745, que estabelecia as prelazias de Goiás e Cuiabá. O Vaticano, através da "*Candor Lucis*", reconhecia publicamente o avanço português sobre a linha de Tordesilhas antes mesmo do Tratado de Madri.

Estado do Maranhão e Grão-Pará

Em 1616, os portugueses, após a fundação do Forte do Presépio, na Cidade de Belém do Pará, pelo Capitão-Mor da Capitania do Maranhão, Francisco Caldeira Castello Branco, iniciam a exploração da Bacia do Rio Amazonas. D. Felipe IV, no dia 13 de junho de 1621, havia dividido a América Portuguesa em duas unidades administrativas autônomas:

- O Estado do Maranhão, ao Norte, com Capital em São Luís, abrangendo a Capitania do Pará, a Capitania do Maranhão e a Capitania do Ceará;
- O Estado do Brasil, ao Sul, cuja Capital era Salvador, abrangendo as demais Capitanias.

A política colonial de descentralização das sedes regionais, além de facilitar a aplicação e controle de medidas administrativas, atendia uma imposição geográfica. O médico, político, escritor e historiador português Jaime Zuzarte Cortesão assim se referiu às razões de determinismo geográfico:

> A divisão da América Portuguesa em dois Estados foi imposta por fatalidades da natureza, pois a criação do Estado do Maranhão e Grão-Pará se deve à impossibilidade de navios a vela navegarem contra a corrente das Guianas e alísios do Sudeste, entre Belém ou São Luís e os portos brasileiros, desde o Recife para o Sul.

Felipe, em aviso de 04.11.1621, determinou que os portugueses conquistassem e povoassem a costa paraense e adjacências. Os indômitos portugueses bateram holandeses e ingleses e forçaram os franceses a se refugiar na Foz do Xingu.

O Forte de Santo Antônio Gurupá foi construído sobre os escombros do Forte de Tucujus erguido pelos holandeses no início do século XVII e conquistado em 1623 por Bento Maciel Parente. O Forte estava localizado sobre um rochedo, na ilha Grande de Gurupá, confluência do Rio Xingu com o delta do Rio Amazonas e se transformaria em ponto de apoio para as futuras incursões.

Felipe, em 1637, criou a Capitania do Cabo Norte (Amapá), nomeando como seu donatário Bento Manoel Parente. Os portugueses, depois de muita luta, consolidaram seu poder nessa Capitania tão cobiçada pelos franceses.

Neste mesmo ano, o Governador do Estado do Maranhão e Grão-Pará, Jácome Raimundo de Noronha, organizou uma grande Expedição do Rio Amazonas, sob o comando do Capitão-Mor Pedro Teixeira. Pedro Teixeira subiu o Amazonas, o Marañon, o Napo, transpôs as escarpas da Cordilheira andina e entrou triunfante em Quito, na época Vice Reino do Peru. O historiador Samuel Benchimol faz o seguinte relato a respeito da ciclópica empreitada:

> A grande Capitania da conquista foi a do Grão-Pará, onde, a partir de São Luís, se iniciou, com Francisco Caldeira Castello Branco, a história das Bandeiras fluviais paraense-amazônicas. A fundação do Forte do Presépio, em Belém, no ano de 1616, serviu de base logística à expansão.
>
> Sem dúvida, a primeira grande Bandeira fluvial paraense-amazônica foi a do Capitão Pedro Teixeira, que, seguindo instruções do Governador Jácome de Noronha, partiu de Gurupá a 17.10.1637 com uma armada de quarenta e sete canoas, mil e duzentos

> índios de remo e peleja e mais seiscentos soldados portugueses, o que, contando mulheres e curumins, fazia a Expedição ascender a duas mil e quinhentas almas, segundo o registro histórico de João Lúcio de Azevedo.

A presença dos portugueses nos Andes desagradou às autoridades espanholas, e o Conselho das índias de Madri, na Ata da reunião de 28.01.1640, materializou seu descontentamento da seguinte forma:

> Y sobre lo que en esta usurpación se les permitiese ahora continuar las navegaciones por este Río, no hay sino dar por suyo todo el Perú y esperar que le ocupen ellos, haciéndose dueños de sus riquezas y contrataciones y saqueando les pareciere, sus más opulentas ciudades.

Os portugueses, apesar dos protestos espanhóis, continuaram explorando a região, antevendo a Restauração (quando Portugal se desvincularia da Espanha). O Padre Antônio Vieira, compara a Bandeira de Raposo Tavares, à façanha dos Argonautas. O Conde de Castellar, Vice-Rei do Peru, registrou queixa, sobre a série de invasões dos paulistas, pelas terras sob a jurisdição da Audiência e Chancelaria Real da Prata dos Charcas, o mais alto tribunal da Coroa Espanhola na zona conhecida como Alto Peru (hoje Bolívia):

> La más atrevida de todas los llevó hasta la población de Santa Cruz de la Sierra y extendiéndose por más de 800 leguas, hasta el Río Marañón o de las Amazonas.

Ao mesmo tempo que outros Bandeirantes paulistas marcavam sua presença na região, partiam do Estado do Maranhão e Grão-Pará as Bandeiras fluviais de conquista da Amazônia para a Coroa de Portugal.

Guerra da Restauração (1640/1668)

Reuniram-se, em 12.10.1640, na casa de D. Antão d'Almada, hoje Palácio da Independência, D. Miguel de Almeida, Francisco de Melo, seu irmão Jorge de Melo, Pedro de Mendonça Furtado, Antônio de Saldanha e João Pinto Ribeiro. Ficou acordado que o Duque de Bragança deveria assumir a defesa da autonomia da Coroa Portuguesa, tomando posse do trono. A ideia foi criando corpo e culminou com uma revolta que eclodiu, em Lisboa, no dia 01.12.1640. O movimento autonomista foi apoiado por diversas Comunidades urbanas e conselhos rurais do país, levando D. João IV (1640-1656), da Casa de Bragança, ao trono de Portugal, dando início à 4ª Dinastia – Dinastia de Bragança.

Durante vinte e oito anos, Portugal conseguiu impedir a invasão dos exércitos de Filipe III, da Espanha e, em 13.02.1668, foi firmado o Tratado de Lisboa, assinado por Afonso VI de Portugal e Carlos II de Espanha, pondo fim à Guerra da Restauração. A Espanha, segundo o Tratado, reconhecia a independência de Portugal e desistia de quaisquer futuras tentativas de incorporar o povo português ao Império espanhol.

Alternância do Centro do Poder Político

A administração pública alternava-se entre São Luís e Belém e as Ordens tardavam a chegar aos confins da Colônia. Progressivamente se verifica um gradual deslocamento do centro do poder político de São Luís para Belém de onde se podia melhor vigiar as tentativas de invasões estrangeiras além de servir de base logística para futuras expedições exploratórias.

Tratado de Madrid (1750)

O Tratado de Madrid firmado na capital espanhola entre D. João V de Portugal e D. Fernando VI de Espanha, a 13.01.1750, definia os limites entre as Colônias Sul-Americanas. Obra genial da diplomacia lusitana, que teve como seu principal artífice Alexandre de Gusmão, que dobrou a obstinação castelhana, levando-os a aceitar os marcos que imaginou baseando-se em pouca coisa mais do que informes de canoeiros e Padres carmelitas.

Gusmão revelou-se um grande estadista procurando salvaguardar os interesses portugueses legalizando suas conquistas amazônicas. As negociações fundamentaram-se no chamado "*Mapa das Cortes*", privilegiando os acidentes naturais para demarcação dos limites e consagrando o princípio do "*uti possidetis*", nestas linhas: *"que cada parte há de ficar com o que atualmente possui".*

Em 1751, o Capitão-General do Estado de Maranhão e Grão-Pará, Francisco Xavier de Mendonça Furtado, foi empossado em Belém, marcando, a partir de então, oficialmente, a transferência do poder de São Luís para Belém.

Em 1752, foi nomeado comissário e plenipotenciário das demarcações, a se realizarem em breve, pelo seu irmão, o Marques de Pombal, recebendo uma Carta Geográfica, cópia do Tratado e instruções. A análise da documentação mostrava a cessão de territórios que, de direito, deveriam pertencer a Portugal e Mendonça Furtado encaminhou um relatório, no dia 20.01.1752, ao Secretário de Estado Diogo de Mendonça Corte Real.

Coube ao Capitão-General Mendonça Furtado chefiar a 1ª Comissão Demarcadora da Fronteira estabelecida pelo Tratado de Madrid. Mendonça Furtado organizou uma Expedição de mais de mil almas, entre engenheiros, físicos, matemáticos, desenhistas, soldados, escravos e índios, e partiu de Belém em outubro de 1754. Em Mariuá, estacionou a Expedição à espera do representante espanhol D. José de Iturriaga que nunca apareceu. Furtado aproveitou, então, para fazer o reconhecimento do Alto Rio Negro, do Rio Branco, Solimões e Madeira. Mendonça Furtado, em sua correspondência para a Metrópole, sugeria a criação de um novo governo, fronteiriço às colônias espanholas, visando facilitar o trabalho de aculturação do indígena, e de garantir a soberania portuguesa, negligenciada naquele rincão que era objeto de cobiça dos holandeses e espanhóis e entregue à sanha de criminosos e desertores.

Capitania de São José do Rio Negro

Tenho resoluto estabelecer um terceiro Governo nos confins Ocidentais desse Estado cujo Chefe será denominado Governador da Capitania de São José do Rio Negro. O território do sobredito Governo se estenderá pelas duas partes do Norte e do Ocidente até as duas raias Setentrional e Ocidental dos domínios de Espanha e pelas outras partes do Oriente e do meio dia lhes determinareis os limites que vos parecerem justos e convenientes para os fins acima declarados. (D. José I)

A Carta Régia do dia 03.03.1755, atendendo à sugestão de Mendonça Furtado, criou a Capitania de São José do Rio Negro, tendo como capital a Aldeia de Mariuá de São José do Javari, atual Barcelos, fundada pelos Jesuítas, subordinada ao Governador, sediado em Belém, abrangendo os atuais territórios dos Estados do Amazonas e de Roraima.

A criação da Capitania visava consolidar o poder português em toda a Bacia do Amazonas e os portugueses partiram para a demarcação das fronteiras da ocupação lusitana até as proximidades das nascentes andinas do grande Rio e seus principais afluentes.

Nesse ínterim entra em vigor a Carta Régia de 04.04.1755, que mandava estimular os casamentos tanto de portugueses com índias, como das portuguesas com índios incentivando, dessa forma, a permanência dos colonos e o fortalecimento da estrutura familiar daquela sociedade em formação.

A Carta Régia de D. José I declarava todos os descendentes dessas uniões eram dignos de sua atenção. Concedia-lhes o direito de preferência para as ocupações nas terras em que se estabelecessem, considerava seus filhos e descendentes hábeis e capazes a qualquer emprego, honra ou dignidade e proibia que contra eles fosse praticada qualquer forma de discriminação.

> E, outrossim, proíbo, que os ditos meus Vassalos casados com índias ou seus descendentes, sejam tratados com o nome de Caboclos, ou outro semelhante, que possa ser injurioso; e as pessoas de qualquer condição, ou qualidade, que praticarem o contrário, sendo-lhes assim legitimamente provado perante Ouvidores das Comarcas, em que assistirem, serão por sentença deles, sem apelação, nem agravo, mandados sair da Comarca dentro de um mês, e até mercê minha; o que se executará sem falta alguma, tendo porém os Ouvidores cuidado em examinar a qualidade das provas, e das pessoas, que jurarem nessa matéria, para que se não faça violência, ou injustiça com esse pretexto, tendo entendido, que só hão de admitir queixas do injuriado, e não de outra pessoa.

> O mesmo se praticará a respeito das Portuguesas, que casarem com índios: e a seus filhos, e descendentes, e a todos concedo a mesma preferência para os Ofícios que houver nas terras, em que viverem; e quando suceda, que os filhos, ou descendentes destes matrimônios tenham algum requerimento perante mim, me farão a saber esta qualidade, para em razão dela mais particularmente os atender... (D. José I – Carta Régia)

Mendonça Furtado viajou para Belém no dia 23.11.1757, ausentando-se de Mariuá por quase seis meses, para fazer publicar e executar as duas Cartas Régias editadas em 1755, ambas de inspiração pombalina, contendo os fundamentos das reformas concebidas pelo poderoso Ministro de D. José I: a de 6 de junho, permitindo converter as Aldeias missionárias em Vilas ou em Lugares e dando plena liberdade ao índio; e a outra, de 7 de junho, tirando dos Jesuítas o poder temporal sobre o índio e mandando que ele fosse exercido "*pelos juízes Ordinários, Vereadores e mais Oficiais de Justiça nas Vilas, e pelos respectivos Principais nas Aldeias*".

Mendonça Furtado retornou a Mariuá a 04.05.1758, levando o Ouvidor da Capitania do Grão-Pará, Doutor Paschoal de Abranches Madeira Fernandes.

Furtado tinha pressa em instalar a sede da Capitania e acabar com poder dos Jesuítas, acusados de atentar contra os interesses portugueses, entre eles de retardar a chegada de D. José de Iturriaga e de promover deserções e rebeliões indígenas.

Furtado tratou logo de cumprir a Carta Régia de D. José I, que dizia, em um dos seus parágrafos:

> E hei por bem que na mesma Vila haja [por ora] dois Juízes Ordinários, dois Vereadores, um Procurador do Conselho, que sirva de Tesoureiro; um Escrivão da Câmara, que sirva também de almotacé ([51]); e um Escrivão público do Judicial e Notas, que sirva também das execuções.
>
> O que se entende enquanto a Povoação não aparecer, de sorte que sejam necessários nela mais oficiais de justiça, porque me sendo presente a necessidade que deles houver, provereis os que forem precisos.
>
> E chegando os moradores ao número declarado na criação dos Juízes dos órfãos, se procederá na eleição dele, conforme dispõe a mesma lei. Os oficiais da Câmara farão eleição dos almotacéis, e se constituirá Alcaide na forma da Ordenação, tendo seu Escrivão da Vara.
>
> As serventias dos ofícios de provimento dos Governadores, provereis nas pessoas mais capazes, sem donativo, pelo tempo que podeis, enquanto eu não dispuser em contrário. E para conhecer dos agravos e apelações, tendo nomeado Ouvidor da nova Capitania, com correição e alçada, em todo o território. (D. José I – Carta Régia)

Mariuá foi elevada a Vila, recebendo o nome de Barcelos a 06.05.1758. A Preocupação com o poder dos Jesuítas e a mudança do nome da Vila de Mariuá para Barcelos seguia as orientações de Sebastião José de Carvalho e Melo, Marques de Pombal, ao seu irmão, Capitão-General Mendonça Furtado. Trechos destas cartas determinavam:

---

[51] Almotacé: antigo oficial municipal encarregado da fiscalização das medidas e dos pesos e da taxação dos preços dos alimentos e de distribuir ou regular a distribuição, dos mesmos em tempos de maior escassez.

> Que muito se faz necessário parar os Padres Jesuítas [que já claramente estão fazendo esta guerra] da fronteira da Espanha, valendo-nos para isto de todos os possíveis pretextos, visto que com esta potência Eclesiástica nos achamos em tão dura e custosa guerra [...]. Ocupar, colocando nomes portugueses, nos espaços amazônicos ao Norte [Capitania do Cabo Norte], Noroeste e Oeste [Rios Negro, Branco e Solimões] e Sudoeste [Rios Purus e Madeira).

A 07 de maio ([52]), Mendonça Furtado, contrariando a Carta Régia e seguindo os conselhos do Bispo D. Miguel de Bulhões, expressos em Carta de 13.05.1755, instalou a sede da Capitania em Mariuá.

> Mas sendo tão prudente e acertada esta ideia, me parece que devia ter alguma mudança em quanto ao modo de se executar. Determina Sua Majestade que a Vila Capital [...] seja na Boca do Rio Javari [...] conheço a importância desta nova vila [...] mas me parecia justo que a Capital deste novo governo fosse essa Aldeia de Mariuá por muitas razões. A <u>primeira</u> porque dando o Rio Negro a nomenclatura ao mesmo governo, era racionável que nele se estabelecesse a sua capital [...] A <u>segunda</u>, porque a Capital deve ser fundada no meio do mesmo Governo, e esse Rio existe entre Rio Branco e Amazonas, que são dois poderosos braços que se há de estender o tal Governo e ambos confinantes com as sobreditas nações ([53]); A <u>terceira</u> porque essa Aldeia ornada com os edifícios que Vossa Excelência lhe tem mandado construir, está estabelecida em uma competente Cidade, sem mais gasto, nem de tempo, nem de dinheiro. A <u>quarta</u>, porque o Rio Javari, pela imensa praga que tem, é indigno de ser perpétua habitação de um governador [...]

---

[52] 07 de maio de 1758.
[53] Nações: Espanha e Holanda.

> A quinta, porque estabelecidos os governadores nesse Rio poderão com mais facilidade acudir e socorrer com todas as providências assim a povoação do Rio Branco como as Vilas de São José e Borba, a nova de Trocano, o que facilmente não poderão fazer vivendo na distância do Javari. A sexta, porque nesse Rio poderão embaraçar melhor o contrabando dos índios quando se entende fazer e extrair com pouco gasto e trabalho os inumeráveis que habitam nesse Sertão. A sétima, finalmente porque atendendo a comodidade do sítio achará, Sua Majestade, vassalos que o sirvam nesse novo governo com gosto, honra e préstimo, o que não conseguirá talvez ficando ele estabelecido no Javari [...]. (D. Miguel de Bulhões)

Na mesma data, nomeou como primeiro Governador da Capitania de São José do Rio Negro o Coronel de infantaria Joaquim de Mello e Póvoas, seu sobrinho, e os titulares das demais funções públicas relevantes, escolhidos entre os cidadãos mais destacados da localidade.

A cerimônia, revestida de toda pompa, foi realizada na Praça pública, contando com a presença do Ouvidor Doutor Pascoal de Abranches, a guarnição e população local. O povo, por três vezes, deu vivas a "*El Rei!*" e na casa da Câmara, os Vereadores, os Juízes e o Procurador da Vila tomaram posse, inaugurando a vida Municipal no Rio Negro.

Pela Carta Régia, Mendonça Furtado delegou a demarcação dos limites Orientais e do Sul da Capitania ao novo Governador. Os limites naturais eram muito claros. Furtado ordenou que a carta fosse registrada nas Câmaras das Vilas mais importantes. Vejamos parte da referida Carta:

> Pela parte Setentrional do Rio Amazonas, o Rio Nhamundá ficando a sua margem Oriental pertencendo à Capitania do Grão-Pará e a Ocidental à Capitania de São José do Rio Negro. Pela parte Austral do mesmo Rio das Amazonas, devem partir as duas Capitanias pelo outeiro chamado de Maracáassu, pertencendo à dita Capitania de São José do Rio Negro tudo que vai dele para o Ocidente, e ao Grão-Pará todo território que fica ao Oriente. [...] Pela banda do Sul fica pertencendo a esta nova Capitania todo o território que se estende até chegar aos limites do Governo das Minas de Mato Grosso, o qual, conforme as ordens de S. Majestade, se divide pelo Rio Madeira, pela grande cachoeira de São João ([54]). (FURTADO)

O Governador da Capitania subordinado ao do Grão-Pará, recebeu instruções de Mendonça Furtado a respeito de suas obrigações políticas e militares. Póvoas visitou os núcleos de colonização da Capitania elevando a Aldeias diversas Vilas e a Lugares várias Aldeias. Póvoas dava continuidade à política iniciada por Mendonça Furtado que em 1758, antes de regressar a Portugal, elevara a Vilas as Aldeias de Bararoá e Itarendaua, nomeando-as Tomar e Moura. Fundamentou as bases da sociedade colonizadora promovendo a união de portugueses com nativas, tendo em vista que o número de índios era muito grande e o de portugueses ínfimo. Sua orientação surtiu efeito graças aos favores reais que favoreciam a união e a população mestiça cresceu a olhos vistos. No dia 04.10.1759, Póvoas visitava a Vila de São José quando recebeu uma mensagem de Gabriel de Souza Filgueiras, avisando-o que tinham chegado a Barcelos quatro militares espanhóis, avisando que D. José de Iturriaga estava disposto a iniciar as demarcações de limites.

---

[54] São João ou Araguari: hoje Santo Antônio.

> Mello e Póvoas interrompeu a viagem e retornou, às pressas, a Barcelos. A Vila não tinha meios para receber, naquele momento, a partida espanhola. Os engenheiros, matemáticos e astrônomos haviam retornado a Belém. As edificações estavam arruinadas e nem mantimentos havia. Mello e Póvoas de tudo deu ciência a Manoel Bernardo de Mello e Castro, sucessor de Mendonça Furtado no Governo do Grão-Pará e Maranhão, e a Rolim de Moura, novo plenipotenciário português para as demarcações de limites e Governador de Mato Grosso. Gabriel Filgueiras foi ao encontro dos espanhóis em São Fernando, no Orenoco, levando Carta de Mello e Castro, e negociou a permanência da partida de demarcação de Iturriaga naquele local, até que Rolim de Moura chegasse a Barcelos. A fracassada demarcação de limites seria oficialmente encerrada com a assinatura do Tratado de El-Pardo e a anulação do Tratado de Madri, em 12.02.1761. (GARCIA)

Sucedeu Póvoas no Governo da Capitania o Tenente-Coronel Gabriel de Souza Filgueiras que era, até então, o Comandante Militar e conhecia perfeitamente a região do Rio Negro e do Solimões tendo participado das negociações com os Espanhóis na fronteira do Rio Negro, quando das demarcações decorrentes do Tratado de Madrid.

Foi nomeado Governador da Capitania de São José do Rio Negro a 12.04.760, tendo exercido essas funções de 25.12.1760 até à data de seu falecimento, a 07.09.1761. Como Governador, restabeleceu os Povoados de Lamalonga, Moreira e a Vila de Tomar, ainda abalados pela rebelião dos indígenas de 1757. No seu governo, foi nomeado, em 30.06.1760, o primeiro Ouvidor da Capitania, Bacharel Lourenço Pereira da Costa.

A este competia, também, outras funções. Acumulava as de Provedor da Fazenda Real e Intendente geral do comércio, agricultura e manufaturas, a quem cabia visitar as povoações, promover o desenvolvimento da agricultura e da indústria. Em Barcelos, projetou uma nova Igreja e o edifício da Casa da Câmara e Cadeia. Gabriel de Souza Filgueiras faleceu vítima de doença contraída em suas inúmeras viagens pelo Alto Rio Negro. Foi sepultado na Capela-Mor da primitiva Igreja Matriz de Barcelos.

Substituiu Filgueiras, interinamente, o Cel Nuno da Cunha Ataíde Verona, que passou a administração, em 24.12.1761, ao Coronel Valério Correia Botelho de Andrade, e a este sucedeu o Coronel Joaquim Tinoco Valente, empossado a 16.10.1763.

Em 1908, o escritor Bertino de Miranda faz um relato cruel do Governador Tinoco Valente, no seu livro "*A Cidade de Manáos: Sua história e seus Motins Políticos"* (Tipografia J. Renaud & Comp). Bertino baseia sua avaliação nas considerações de seu "*inimigo fidalgal*" o Ouvidor Francisco Xavier Ribeiro Sampaio.

> Tinoco Valente havia sido escolhido sob promessa de ceder seu Lugar no Regimento a um protegido do Paço. Era pobre, avarento e sem instrução; um soldado apenas de fortuna. Não rejeita nenhum negócio, mesmo os mais sórdidos e abjetos: desce ao extremo de comprar aos soldados por preços ínfimos as camisas e as meias que o Rei manda distribuir todos os anos pelas tropas da América. Sua negligência permite a invasão espanhola em 1774. Uma única vez sai em inspeção pelos Distritos, e tanto as carreiras, que seus desafetos, com ironia, costumam chamar a essa viagem a correria do Governador. (MIRANDA, 1984)

Etelvina Garcia, no seu "*Amazonas, notícias da História*" relata que:

> Ao tempo em que Tinoco Valente governou [16.10.1763 a 23.08.1779], afloravam na Capitania os efeitos da política indigenista implementada por Pombal. A liberdade que a legislação Josefina ([55]) concedera ao índio revela-se uma utopia: a escravidão indígena continuava a ser praticada criminosamente pelos Diretores das povoações, sob as vistas do Governador. Não havia pessoas habilitadas para lecionar em Lugar dos Padres, banidos das salas de aula. As escolas estavam vazias e as roças, abandonadas.
>
> Os índios aldeados que conseguiam preservar a sua liberdade viviam quase todos embriagados, em busca, talvez, da identidade perdida. Durante o longo Governo de Tinoco Valente, foram criados os Povoados de Santo Antônio de Imaripi, São Matias e São Joaquim do Macapiri, todos no Rio Japurá, e realizadas algumas obras em Barcelos: a construção de dois quartéis e uma ponte, a conclusão do prédio do Armazém Real e a instalação de duas olarias. (GARCIA)

O Ouvidor Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio relata que a Povoação de São Matias no Rio Japurá foi estabelecida por dois Principais que, após terem descido para Santo Antônio do Imaripi, em 1774, "*escolheram aquela situação (São Matias) para habitarem*". Ainda segundo o Ouvidor Sampaio, a própria Povoação de Santo Antônio de Imaripi fora localizada em uma região, a oito dias de distância da Foz do Japurá, "*cujo Lugar ocupa novamente outra Povoação formada pelo Principal Macupuri*".

---

[55] Legislação Josefina: de D. José I ou pombalina.

Quem de fato governou a Capitania nos últimos anos da administração de Tinoco Valente foi o Ouvidor e Intendente-geral Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, a mais expressiva de todas as autoridades judiciárias do Amazonas colonial [24.03.1773 a 31.12.1779]. O "*Diário da viagem*" e seu apêndice e a "*Redação geográfica e histórica do Rio Branco da América Portuguesa*", de autoria de Sampaio são importantes obras de referência da História Colonial do Amazonas e estão reunidas na publicação "*As viagens do Ouvidor Sampaio*", editada em Lisboa, em 1826, e reeditada pela Associação Comercial do Amazonas, em 1985.

O Ouvidor Sampaio foi agredido a pauladas pelo Vigário Jerônimo Ferreira Barreto e seu primo Felipe da Costa Teixeira, em maio de 1777. Desgostoso, pediu dispensa do cargo, mas só foi removido dois anos e meio depois. Com a morte de Tinoco Valente, em agosto de 1779, Sampaio fez parte da junta governativa que exerceu o poder desde aquela data até 31 de dezembro do mesmo ano. (GARCIA)

No dia 28.08.1779, o Senado da Câmara de Barcelos enviou a seguinte Carta ao Governador e Capitão-General João Pereira Caldas do Estado do Grão-Pará e Rio Negro:

Ilm° e Exm° Senhor

Retira-se desta Capitania o Doutor Ouvidor-Geral Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, depois de nos administrar Justiça pelo espaço de cinco anos, e dez meses com tanta satisfação nossa, e bem do Real Serviço, que a todo este Povo custa bem, que ele nos deixe, principalmente nesta ocasião, em que mais o necessitávamos. Este Povo quis impedir-lhe a sua retirada, porém nem o Doutor Ouvidor sindicante o consentia, nem nós devíamos prejudicar ao dito

> Ministro, atendendo as causas tão urgentes, que ele terá, para se recolher ao Reino. Porém agora pertence a V. Exª dar remédio e providência, pedindo à Sua Majestade nos mande logo outro Ouvidor, e no enquanto bom seria que V. Exª o desse também no que lhe parecesse, fazendo vir para esta Capitania uma pessoa de autoridade, e prudência.
>
> Distribuiu Justiça a quem a tinha, regulou o Foro, animou a Agricultura, e promoveu a Indústria dos índios e dos moradores. Visitou a Capitania, e escreveu o "*Diário da Viagem*", que fez em visita, e correição das Povoações. Zelou a boa arrecadação da Fazenda Real, e estes foram os seus Serviços.

Os restos mortais de Tinoco Valente, falecido em agosto de 1779, foram sepultados na Capela-Mor da Matriz de Barcelos. A Capitania, depois de sua morte, passou a ser dirigida por Juntas Governativas, formadas pelo Ouvidor, Vereador mais velho da Câmara de Barcelos e pelo Comandante da guarnição. Durante o período de gerência das Juntas, o Governador de fato foi o General João Pereira Caldas, profundo conhecedor da região que, em 1781, veio para o Rio Negro como Chefe da segunda Comissão de Limites com as colônias espanholas. Pereira Caldas se empenhava com afinco nas atividades de demarcação das fronteiras do Novo Mundo, agora por força do Tratado de Santo Ildefonso, firmado em 01.10.1777.

Lobo d'Almada

Eu mesmo vou pessoalmente a todas as expedições. Não permito que meus companheiros passem por trabalhos ou perigos em que eu não seja o primeiro a dar-lhes o exemplo, pois todo sangue que corre a serviço da Pátria é nobre.
(Coronel Manoel da Gama Lobo d'Almada)

Os levantamentos levados a efeito pelos técnicos das partidas de Pereira Caldas, engenheiros Euzébio Antônio de Ribeiros, Ricardo Franco de Almeida Serra e Joaquim José Ferreira e dos astrônomos Francisco de Almeida e Lacerda e Antônio Pires da Silva Pontes (1780 a 1781), praticamente limitavam-se ao território da Capitania de São José do Rio Negro.

A Corte Portuguesa interessada em melhores resultados recomendou a indicação do Coronel Manoel da Gama Lobo d'Almada, português nascido em Mazagão, na África, a quem Pereira Caldas devia confiar o comando e governo militar do Alto Rio Negro.

[...] de fazer partir imediatamente para essa Capitania ao Coronel Manoel da Gama Lobo d'Almada; e logo que ele chegar à Vila de Barcelos, V.S.ª lhe dará o Comandamento da parte superior do Rio Negro, fazendo-o partir imediatamente para aquele Distrito, a fim de dirigir com maior zelo e atividade, a exploração dos Rios, e Cachoeiras que medeiam entre o Forte S. José de Marabitanas, e as Cachoeiras que ficam para baixo do dito Forte, como também as mais comunicações que poderá haver para baixo das ditas Cachoeiras.
(Governador Martinho de Souza Albuquerque)

Pereira Caldas, no dia 05.04.1784, determinou a Lobo d'Almada a realização de explorações geográficas em sua área de responsabilidade, que se iniciava a partir de Santa Isabel do Rio Negro, de promover o povoamento, a defesa do território, de estabelecer contato com a população indígena e desenvolver a cultura intensiva do anil.

No dia 03.05.1784, d'Almada chega a São Gabriel e ali instala sua sede administrativa. O Comandante, pela segunda vez, da Fortaleza, era o Tenente

Marcelino José Cordeiro que já vinha realizando levantamentos sobre a potamografia ([56]) da região, ao mesmo tempo em que recuperava a Fortaleza, vigiava o movimento dos espanhóis, instalava núcleos indígenas dentre outras providências afins com a missão de d'Almada. O Tenente Marcelino tornou-se um auxiliar de extremamente valioso permitindo que seu Chefe se dedicasse totalmente à missão que iria consagrá-lo.

Durante dois anos ele desbravou florestas, singrou Rios em frágeis canoas, atravessou pantanais, escalou obstáculos, enfrentou nativos hostis, gravando definitivamente seu nome nos anais da "*Terra Brasilis*", deixando gravado "*ad æternum*" seu exemplo, de coragem e de capacidade de trabalho. Lobo d'Almada afirmava:

> Eu mesmo vou pessoalmente a todas as expedições. Não permito que meus companheiros passem por trabalhos ou perigos em que eu não seja o primeiro a dar-lhes o exemplo, pois todo sangue que corre a serviço da Pátria é nobre. (Coronel Manoel da Gama Lobo d'Almada)

Pereira Caldas solicitou-lhe diversos levantamentos adicionais, inclusive em relação à possível ligação fluvial do Negro com o Japurá. Apesar de já se encontrar enfermo, atacado pela malária, desincumbiu-se de cada um deles com invulgar competência. Os surtos de febre se agravaram e foi autorizado a regressar a Barcelos, em 1786, onde foi nomeado Governador da Capitania de São José do Rio Negro, cargo no qual só foi empossado no ano seguinte.

---

[56] Potamografia: estudo e descrição dos Rios.

Governador Lobo d’Almada

[...] resultando-me a satisfação, de que todos estes trabalhos, estas pisaduras, e estas feridas são para mim títulos de honra e de nobreza; porque todo o sangue que corre em serviço da pátria é nobre.
(Coronel Manoel da Gama Lobo d’Almada)

Pereira Caldas não lhe entregou o governo, de fato, pois precisava de seus serviços, ainda, na exploração do Rio Branco, tendo em vista que os espanhóis cobiçavam a região e já a tinham invadido em 1777.

Mais uma vez o denodado militar demonstrou sua capacidade e virtudes cívicas, superando seus próprios limites físicos. O trabalho empreendido resultou em um minucioso levantamento cartográfico da Bacia Rio-Branquense.

Assumiu, de fato, o governo da Capitania, a 09.02.1787, no Lugar de Caldas Pereira. Caldas Pereira mandou entregar a Lobo d’Almada, em 26.11.1788, apenas parte da documentação. A Carta Régia, de 07.01.1780, que regulava os trabalhos de demarcação, as onze cartas geográficas levantadas pelos técnicos da Comissão, os livros de registro de contas e a correspondência com a metrópole, levou-as consigo.

Caldas Pereira, com o intuito de prejudicar, ao máximo, o trabalho de seu sucessor, levou consigo o Secretário José Antônio Carlos Avellar, funcionários da Secretaria, do Cirurgião, Capelão, oficiais e soldados. Lobo d’Almada, superior à tibieza de caráter de seu antigo Chefe, dedicou-se com afinco ao Governo da Capitania e às demarcações.

As vastas campinas daquele Rio estão chamando pelo gado, que se lhes deve introduzir, e S. Exmª trata de lançar mão à obra. (FERREIRA)

Lobo d'Almada, reconhecendo a vocação natural do lavrado ([57]), introduziu gado e cavalos nas pastagens naturais do extremo nordeste de Roraima, promovendo a ocupação da região pelos colonizadores descendentes de europeus. A população de origem europeia cresceu e um entrosamento salutar com os nativos foi se estabelecendo. Temeroso de invasões espanholas, o Governador Lobo d'Almada transferiu a sede da Capitania de Barcelos para o Lugar da Barra, atualmente Manaus (ponto recuado e mais estratégico) em 21.09.1791.

Pacificação dos Mundurucus

As ordens que passei ao Tenente são em consequência do meu projeto de reduzir estes bárbaros à mesma paz que estamos com os Muras [...]. E no caso de eles não aceitarem a prática que eu mesmo lhes pretendo fazer, então será forçoso gastar-se em pólvora e bala o que se havia de desprender para premiá-los. Entretanto não deixo de me lembrar que o mesmo Mundurucu e outros gentios acometam com mais confiança esta Capitania, sabendo que ela se acha destituída de Tropas que possa rebatê-los, e persegui-los. (Coronel Manoel da Gama Lobo d'Almada)

A ocupação da hinterlândia amazônica não se processara serenamente, como tem parecido a observadores mal informados. Ao contrário, a entrada do elemento cristão ocorreu em meio a sérios encontros com o nativo, que, se foi um elemento precioso para a conquista, embaraçou muito a penetração.

---

[57] Lavrado: termo local para a região das savanas de Roraima.

Na zona do Alto Rio Negro, a Confederação dos Manaos e Maiapemas, sob as ordens de Ajuricaba, no Madeira os Torás, no Solimões os Muras, sobressaltaram fortemente a ação do ádvena ([58]), pondo-a, de vezes, em perigo.

Vencidos pelas armas uns, em expedições militares, trazidos ao regaço da cristandade outros, como os Muras, em pleno expirar do século XVIII ainda havia grupos que continuavam portando-se como inimigos do novo dono da terra: os Mundurucus e os Maués. [...]

Os Mundurucus, em 1793, em verdadeiro estado de insurreição, intranquilizavam as populações entre Borba e o Xingu e Moju. Nas correrias, aproveitando-se da ausência dos Destacamentos, concentrados em Belém e Macapá para conter qualquer tentativa francesa, tinham espavorido até os Muras. Fazia-se mister dar-lhes uma lição que ficasse. Se no atrevimento incursionavam até pelo Tocantins! [...]

Captando-lhes a confiança, deles se fazendo estimar, a ponto de o virem visitar aos centos, demorando-se na Barra, regressando às malocas sem constrangimento, por fim começando a fixar-se entre Serpa e a nova Capital, d'Almada cativara-os. Vencera-lhes a rudeza com o tratamento amigo e a força do tempo, "*pois Tapuios silvestres não se levam como os mais homens que entendem a razão*". [...]

A pacificação começara em 1793. Antes de findar o século, os Mundurucus, arrastando os Maués, estavam agrupados em Tupinambarana, Maués, Canumá, Abacaxi, Juruti, colaborando com o povoador. (REIS, 2006)

[58] Ádvena: forasteiro.

Autonomia da Capitania

> D. Francisco Maurício de Souza Coutinho, expondo considerações em torno às modificações administrativas que lhe pareciam mais prementes e de certo seriam uma consequência dessa unificação de regimentos, criticou severamente o sistema vigente da divisão em Capitanias e seu regime interno. Em seu opinar, a experiência impunha moderação na política descentralizadora, com a conjugação de elementos dispersos em blocos governamentais, o que equivalia à execução do programa unitarista de Pombal. Lobo d'Almada, ouvido também, externou, a 02.08.1797, suas conclusões, fruto de sua observação na Capitania. Não havia, em vigor, regimentos que condicionassem a ação dos governadores. Nunca se lhes expedira sequer um texto de artigos nesse sentido. Nem mesmo ordens esparsas que pudessem compreender. Pelo que, sugeria, com a aplicação do regimento decretado para o Grão-Pará, dada a similitude das duas unidades, poderes amplos ao Governador do Rio Negro, passo inicial para uma libertação da Capitania. Subordinado ao Grão-Pará, aos caprichos dos homens públicos de Belém, o Rio Negro tinha necessidade de autonomia para progredir. [...] Lobo d'Almada advogava a autonomia do Amazonas com calor. Era a primeira voz que se levantava, enérgica e razoável, provando o fundamento da providência, que só em 05.09.1850 seria materializada. (REIS, 2006)

A Capitania experimentou um ciclo de grande desenvolvimento na gestão do maior Estadista-soldado que aquela região já conheceu. A incapacidade por parte de autoridades lusitanas de reconhecer o grande mérito do administrador e militar materializou-se de maneira a minar a autoridade de Lobo d'Almada.

Contestavam-lhe os projetos de expansão militar, condenavam sua capacidade de bem se relacionar com espanhóis e holandeses e, por fim, contestavam-lhe os balancetes.

Morte do Grande Estadista

A 22.01.1798, o extraordinário estadista-militar, defendendo-se daqueles que o caluniavam, expôs um inventário minucioso de seus bens numa demonstração eloquente de probidade. Fragilizado, ainda sofrendo os efeitos nocivos da malária, enfermidade contraída durante as expedições, foi vitimado pelas enormes injustiças propugnadas pelos seus desafetos, vindo a falecer em 1799. Seus restos mortais foram sepultados na Capela-Mor da Matriz de Barcelos. Os administradores que se seguiram provocaram uma verdadeira hecatombe econômica, provocando o fechamento de fábricas e precipitando a Capitania em vertiginosa decadência.

Após Lobo d'Almada – o Caos

O Brigadeiro Manoel da Gama Lobo d'Almada, último Governador do Rio Negro e que devia ser o modelo dos servidores de Sua Alteza Real na América, mostrou o caminho para a prosperidade e riqueza daquele governo.
(D. Marcos de Noronha e Brito)

O historiador Cônego André Fernandes de Sousa viveu na região do Rio Negro durante 37 anos, na primeira metade do século XIX. A Revista do Instituto Histórico, do 4° trimestre de 1848, publicou um artigo com o título "*Da Capitania do Rio Negro do Grande Rio Amazonas*" em que, dentre outros assuntos, ele faz uma crítica contundente aos governos da Capitania de São José do Rio Negro desde Lobo d'Almada.

> O progresso da Capitania provém do governo de Lobo d'Almada no fim do século XVIII. Com as rivalidades que surgiram entre este Governador e o General do Pará, D. Francisco de Sousa Coutinho, suspenderam-se os subsídios e provimentos que a Fazenda Real do Pará dava à do Rio Negro. Privado destes recursos, Lobo d'Almada criou as fábricas dos panos grossos, anil, olarias e instituiu as culturas de anisais, cafezais e algodoais, que "*em suas mãos limpas*" produziu grandes vantagens, mas na de seus sucessores não foi senão um flagelo para seus habitantes. (DE SOUSA)

O regime das "*fintas*" deu Lugar às maiores explorações e vexames, diz o Cônego André Fernandes de Sousa:

> Morto Lobo d'Almada, em consequência de calúnias e intrigas que lhe minaram o organismo, sucedeu-lhe no governo o Tenente-Coronel José Antônio Salgado, preposto do Governador do Pará, inimigo de Lobo d'Almada. Foi no seu governo que se pôs em prática a detestável "*agarração*" dos índios, sob o disfarce de serviço nas fábricas reais, mas de fato explorada na indústria particular e no cultivo de chácaras. As "*fintas da farinha*" impostas aos seus habitantes no período de 1808 a 1820, além dos dízimos e a mudança da sede da Capitania da Vila de Barcelos para a Barra ([59]), de que resultou a demolição de quase todos os edifícios da Fazenda Real e o êxodo de quase toda sua população, muito contribuíram para a decadência da região do Rio Negro. Como a teoria do governo era opressiva e geral, surgiu na Capitania uma maldita intriga misturada com calúnias entre Comandantes Militares, camaradas e moradores pacíficos, de que resultaram perseguições e violências de toda a espécie.

---

[59] Barra: Manaus.

> Daí a dispersão dos moradores [índios], concentrando-se uns nas matas, outros na Comarca do Pará, morrendo outros sem recursos. Em consequência, explicar o "*Mistério que perdeu o Rio Negro*", não é da minha pena: contudo digo que foram os vexames, os serviços sem paga, plantios e fábricas reais administrados por oficiais e Comandantes Militares, que à sombra deles saciavam a sua avareza. Vendo o Governador da Capitania evacuada de gente indiana, permitiu que se fizessem descimentos por meio de amarrações e que "*se vendessem a quem quisessem*". Era Governador José Joaquim Victório da Costa, sucessor do Tenente-Coronel Salgado, e, apesar da expressa determinação da Carta Régia de 12.05.1798, que proibia os "*descimentos*" por processos violentos e só os autorizava por meios pacíficos, não só manteve tais "*agarrações*", como promoveu e animou o comércio e a escravidão do índio. Não há pena capaz de descrever o que foi o "*incêndio físico e moral*" deste maldito Governador. O do Pará conservou-se surdo aos reclamos daquela população martirizada, parecendo que dera mão aos seus algozes. (DE SOUSA)

Seu sucessor, Manuel Joaquim do Paço, agravou ainda mais a situação em que viviam os habitantes do Rio Negro. Instituiu o recrutamento forçado para rapazes maiores de doze anos isentando-os, porém, desde que seus responsáveis lhe pagassem propinas que variavam de 80 a 200 cruzados (quantia considerável na época). Aqueles que tinham algum recurso pagavam a taxa para que seus filhos não se tornassem soldados do Governador. Não satisfeito com isso, determinou a cobrança de redízimos e fintas ([60]).

---

[60] Redízimos e fintas: um alqueire de farinha em cada três da safra orçada.

Manuel Joaquim do Paço alardeava que sua nomeação para Governador da Capitania lhe custara "*12.000 cruzados na Corte do Rio e que era preciso desforrar-se!*"

Não é, portanto, de admirar-se que, reduzida à escravidão e à especulação de toda ordem, agravada com a mudança da sede da Capitania de Barcelos para a Vila da Barra (Manaus), a região do Rio Negro, outrora a mais florescente e mais populosa do Amazonas se encaminhasse para um processo de franca decadência.

Se a autoridade maior da Capitania tinha uma execrável conduta pública, o que esperar daqueles que a ela eram subordinados? O processo purulento e altamente contagiante acabou corrompendo, inexoravelmente, todos os escalões. Qualquer semelhança, com os tempos atuais, não é mera coincidência.

Um pequeno exemplo disso pode ser verificado, ainda no início do século XX, pelo etnólogo alemão Theodoro Kock Grünberg. Grünberg percorria a região do Alto Rio Negro, no período de 1903 a 1905, realizando seus estudos, e constatou que o Tenente, Comandante do Destacamento de Cucuí, apresava indígenas do Içana e do Caiari para vendê-los como remadores aos Comandantes dos regatões e outras embarcações que por lá transitavam.

O Tenente mantinha um rentável comércio com os Venezuelanos e, por isso, lhes permitia entrar livremente, no Brasil, sem pagar impostos. O corrupto Comandante realizava batidas nas malocas e requisitava galinhas, paneiros de farinha, raladores, e outros produtos que, depois, comercializava.

1ª Brigada de Infantaria de Selva

A 1ª Bda Inf Sl foi criada pelo Decreto Presidencial de 13.11.1991, passando a funcionar a partir de 01.01.1992, com a sua transferência de Petrópolis, RJ, para Boa Vista, RR.

Sua denominação histórica, Brigada Lobo d'Almada, constitui homenagem ao Brigadeiro português Manoel da Gama Lobo d'Almada, que chegou ao Brasil, em 1780, para comandar a Fortaleza de Macapá e realizar obras de fortificação que garantissem a soberania portuguesa na região.

A história da Brigada Lobo d'Almada não se limita apenas ao seu Comando. Ela se prolonga, emoldurando e refletindo as honrosas tradições, vultos e feitos de suas Organizações Militares subordinadas que, ao longo do tempo, forjaram a posição destacada que hoje ocupa no cenário nacional. (Alexandre Magnos)

Suspiros Poéticos e Saudades V
IV – A Tempestade
(Domingos José Gonçalves de Magalhães)

[...] Aqui, neste Oceano,
Sem que sequer um só prazer desfrute,
Tudo é horror, e um vasto cemitério.

De cada lado gigantescas vagas,
Irritadas elevam-se, curvando
Sobre o navio que sem tino vaga.

Negras nuvens do sol a face enlutam;
Soltos trovões se embatem, troam, bramam;
Rijo sibila o vento nas enxárcias ([61]);
Ante a proa em montanhas espumosas [...]

[61] Enxárcia: os cabos de um navio que seguram os mastros e mastaréus.

Frei Matias São Boaventura e as Concubinas

Alexandre Rodrigues Ferreira relata, na sua obra *Viagem Filosófica ao Rio Negro*, a epopeia do Frei Matias São Boaventura desde seu malsucedido processo de evangelização dos Caricuás, na Aldeia de Japurá, até a fundação da missão de Nossa Senhora da Conceição de Mariuá que deu origem, mais tarde, à Cidade de Barcelos.

> Escrevi em seu lugar que o Missionário Frei Matias de São Boaventura fora o que neste sítio fundara a Aldeia de Mariuá, no ano de 1728. Agora escreverei o como, perseguido o Principal Baçuriana, da nação Manoa, pelo outro Principal Caricuá e mais seus aliados, viu-se obrigado a deixar este Rio donde era natural e retirar-se para o Japurá. Soube que na Aldeia de Tefé, já então fundada pelos missionários Carmelitas, no Rio dos Solimões, missionava o Padre Frei Francisco de Seixas e, discorrendo que da sua amizade dele dependia o bom êxito da sua maior segurança, se resolveu a visitá-lo e a pedir-lhe um Missionário que com ele vivesse na sua Aldeia. Muito sentiu aquele religioso se não ter por então consigo companheiro algum desembaraçado, para do seu zelo confiar tão inopinada redução.
>
> Passando, porém, logo a participar o sucesso ao seu Provincial, Frei João Coelho, com tanta instância lhe pediu que para aquela vinha mandasse um operário, que pelo sobredito Provincial lhe foi expedido o Missionário Frei Matias, o qual tomou posse da nova Aldeia do Japurá, onde erigiu uma Igreja e a casa da residência, desempenhando em tudo quanto pôde, as funções do seu ministério. No laborioso exercício de doutrinar e batizar o gentio, tinha ele aproveitado o

tempo que julgou que era bastante para os reduzir à prática do Evangelho e, observando que nem por isso deixava o Principal de entreter ([62]) um grande número de concubinas, e, à imitação dele, os índios seus vassalos, que todos tinham duas, três mulheres, não se pôde conter que o não estranhasse ao dito Provincial.

Tão pouco como isto bastou para unicamente se escandalizarem os índios e, entre si resolveram de matá-lo. Percebeu-lhes esta intenção o cafuz ([63]) José Cardoso, que servia o Missionário, porque como entendia perfeitamente a língua dos Manao, sucedeu que espreitando ao gentio, em uma noite em que todo ele se entretinha com as suas danças em uma casa do Paricá, ouviu que ajustavam de, na manhã seguinte, assassinarem o Padre, o que prontamente lhe participou para que, antes que amanhecesse, tratasse logo de se retirar. Assim resolveram entre si o Padre e o cafuz e, receando ambos serem seguidos pelo gentio, se descessem para Tefé, donde haviam subido; embarcaram em uma canoa, sem levarem mais do que um crucifixo e os paramentos sacerdotais.

Governando o Padre ao leme da canoa, remaram nela o cafuz e um rapazinho mais que se lhes associou, e entraram por um Furo que dá passagem para o Rio Urubaxi. Tendo saído deste ao outro Rio Uniuxi, passados dois dias de viagem água abaixo, encontraram o Principal Camandari, e não Camandri, como depois o chamaram, o qual andava à pesca.

Falou ao cafuz, que o entendia e, sendo informado por ele das desgraças do Padre, já então reduzido à última consternação, tanto se compadeceu dele, que

---

[62] Entreter: manter.
[63] Cafuz: cafuzo – filho de Negro e índio.

o passou para a sua canoa e o conduziu para a sua Aldeia, onde o agasalhou em sua casa, satisfazendo-se muito de mostrar e de contar a história das suas desgraças a uma índia velha, que era sua mãe, a qual disse ao Padre que se consolasse de ali ter chegado, porque se o Principal Baçuriana o queria matar, ela o recebia por filho, e como tal o havia de tratar. E assim o mostrou; porque mandou fazer-lhe uma palhoça para nela residir e outra para servir de Capela, onde celebrasse.

Três anos viveu o Padre com eles no dito Rio, até que subiu a esquadra de guerra do comando de Belchior Mendes, para castigar as violências que neste Rio fazia o Principal Ajuricaba. Era Capelão da tropa o Carmelita Frei Inácio Xavier dos Anjos [religioso da mesma ordem] e tanto por esta, como por [muitas] outras razões que assistiam a Frei Matias, para de todos pretender os precisos auxílios, foi amplamente socorrido, quando menos o esperava.

Fez-lhe tanta impressão esta novidade, que já então se não contentou de descer do Rio, mas passou a praticar o Principal e a mãe do dito, para com os outros Principais seus aliados descerem, como desceram, para este sítio acima de duas mil almas, e com elas fundou a Aldeia de Santo Eliseu de Mariuá. Tal foi o princípio que deu a este estabelecimento, segundo referem os dois mais antigos moradores que existem, e são Francisco Xavier de Morais e o Capitão Francisco Xavier de Andrade. Informam, também, que no sobredito estabelecimento se comportara tão exemplarmente, que não só conseguira atrair a si o amor e o respeito de todos os cabos de guerra e dos soldados dos seus comandos, mas também dos mesmos gentios que o não apelidavam senão por Pai.

Pelo que merecera ser chamado pelo seu prelado, no ano de 1737, para o Convento do Maranhão, donde saíra eleito em Prior do da Vila de Tapuitapera, subindo a substituí-lo na administração desta Aldeia o Padre Frei José da Madalena, Missionário que era da Missão de Santo Elias dos Paramãos, na enseada grande, superior à Fortaleza da Barra deste Rio.

Teve o gosto de a administrar no estado mais florescente que ela teve, porque lhe faziam corte, além do Principal Camandri, todos os outros seus confederados, como eram os Principais Inácio, Faustino, Maicanari, Cauarubana, Jaudabi, Taramacunim, chamado depois Teodósio Tarrinari, e seu filho Giananitari, chamado depois Romão, o qual morreu na diligência que se fez de descer os gentios do Rio Marié, Ianabati, Iama, chamado depois Manoel, Damará, Maucabana e outros que já hoje não lembram. Eram Manao de nação os que foram descidos pelo primeiro Missionário. O segundo lhes ajuntou os Barés e os Banibas; entre todos, porém, o que mais se distinguiu em serviço e fidelidade foi o sobredito Camandri, pelo que mereceu a patente que teve de Governador do Rio.

Assim foi fundada esta Aldeia, que mal cuidavam então os missionários seus fundadores que viria a ser erigida em Vila e muito menos em Capital de uma Capitania. Donde se segue que aos sobreditos missionários por nenhum modo se devem imputar os defeitos que presentemente se lhe reconhecem, quanto à situação em que persiste, na qualidade de Capital. (FERREIRA)

Comunidade Boa Vista/Barcelos

Velejando as Nuvens

(Bruno Marques da Silva)

[...] eu gosto de me distrair olhando o céu,
As nuvens se movendo para o outro lado
E o sonhos vagando por aí.
Brincar de imaginar formatos para nuvens
É o mesmo que poetar sonhos,
A nuvem que parece um barco
Navegando pelas águas deste oceano.

Saímos ao raiar do dia (06h17). Ao longe, um coral de soturnos guaribas quebrava a monotonia diária que caracteriza o alvorecer do Negro. Os delicados e cândidos cirros, a 8.000 m de altura, contrastavam com o azul do amazônico celeste e prenunciavam bom tempo. Orientei a equipe de apoio quanto ao percurso e imprimi um ritmo forte, de 10 km/h, para chegar ao meu destino antes das quinze horas.

Partida para Barcelos (04.01.2010)

Os temidos banzeiros nos deixaram em paz na primeira etapa da jornada. Na primeira parada programada, a equipe de apoio me aguardava, na entrada de um Furo, junto aos ribeirinhos da Comunidade de Baturité que haviam ancorado, na noite anterior, seus "*motores*", com receio de enfrentar os fortes banzeiros. Partimos juntos e, depois de alguns quilômetros, eles enveredaram por um Furo que ia até Barcelos. O Furo estreito, para quem o conhecia, era garantia de escapar dos banzeiros. A equipe de apoio me aguardava junto à Foz do Furo, pronta a entrar nele, informei a eles que a fotografia aérea não contemplava aquela área e eu não ia arriscar a navegação num voo cego.

Continuamos pela rota do CECMA. Pequenos banzeiros não dificultaram a navegação e não tive necessidade de colocar a saia no caiaque. Pouco antes da segunda parada, tive de desembarcar no meio do Rio, num enorme banco de areia, e rebocar o caiaque por uns 600 metros com água pela canela. O exercício permitiu movimentar um pouco as pernas e relaxar a musculatura dos membros superiores. Antes de avistar minha equipe, fui saudado por um bando ruidoso de guaribas que evoluíam pela margem direita. O Teixeira me alcançou umas bananas que comi, mergulhado até o pescoço para neutralizar a canícula.

Partimos e, novamente, um pequeno banco de areia me fez desembarcar e rebocar o caiaque. Aportei, em Barcelos, às 14h19 depois de percorrer 62 quilômetros em 08h02 e o Teixeira me aguardava com seu sorriso largo e na mão uma latinha de refrigerante gelada.

O Sargento da Polícia Militar Pepes, que conhecêramos em Santa Isabel, nos conduziu direto à residência do Tenente Walter de Souza e Silva, na Vila Militar do 3° Batalhão de Infantaria de Selva, em construção, onde ficaríamos hospedados. Na casa do Walter, dividi um dos quartos com o Teixeira, e o Osmarino foi acomodado em outra peça. As excelentes instalações possuíam ar-condicionado e armários embutidos, um palacete para estoicos navegadores.

O Tenente Walter, embora na reserva remunerada, foi convidado a prestar seus serviços ao exército, novamente. O espírito de liderança e planejamento metódico, aliados a quase três décadas de bons serviços prestados à Força Terrestre, tinha levado os chefes militares a convocá-lo novamente.

Barcelos

Histórico

Originou-se na Aldeia dos Manao, em Mariuá, a atual Cidade de Barcelos.

1728 - O Frei Matias São Boaventura funda a Missão de N. Senhora da Conceição de Mariuá. Sua primeira construção foi uma rústica Capela de palha, que recebeu o nome de Nossa Senhora da Conceição. O Frei Matias, contando com o apoio do Tuxaua dos Manao, construiu, logo em seguida, um Hospital e um Colégio.

1739 - O Frei Matias, anos depois, foi substituído pelo Frei José de Madalena, que construiu a Capela de São Caetano.

1744 - É construída a Capela de Nossa Senhora de Santana. Mariuá conta agora com um templo para cada Bairro. A Missão progrediu e outros grupos indígenas, formados pelos Baré, Baniwa, Passé e Uerequenas somaram-se aos Manao contabilizando mais de 2.000 nativos. O primeiro Vigário-Geral foi o ilustre Frei José da Madalena.

1754 - Foi enviado a Mariuá o Capitão General Francisco Xavier Mendonça Furtado, para dar cumprimento ao Tratado de Limites entre Portugal e Espanha. Mendonça Furtado permaneceu quase dois anos em Mariuá onde construiu pontes, aterros, providenciou a capina e desmatamento e abriu novas ruas, uma grande Praça, onde o engenheiro Phillip Sturm levantou, de

acordo com a planta aprovada por Mendonça Furtado, um prédio para residência do demarcador espanhol, o Palácio das demarcações onde se deveriam realizar as reuniões das Comissões de Demarcação e a casa de espera "*destinada às cortesias entre os dois demarcadores antes do início daqueles misteres diplomáticos*". Foi remodelada a Igreja de Nossa Senhora da Conceição, construído um grande armazém para os víveres, e casas para as famílias dos membros da Comissão, ergueram-se três quartéis, o dos oficiais, o da guarnição portuguesa e o dos soldados espanhóis. As Ordens Régias determinavam que se construísse, também, um palácio para o representante de Portugal, mas como a residência do demarcador espanhol havia onerado por demais as parcas finanças destinadas às diversas obras, Mendonça Furtado desistiu do luxo e acomodou-se no Seminário dos Carmelitas que fora restaurado. Mariuá começava a tomar ares de povoamento civilizado com uma população de cerca de 3.000 habitantes.

1755 - No dia 13 de abril foi criada a Vigararia do Rio Negro tendo, como seu primeiro titular, o Padre Doutor José Monteiro de Noronha. O objetivo da Vigararia era "*facilitar aos moradores a pronta administração da justiça, e o conhecimento e decisão das suas causas, evitando-lhes as dificuldades e demoras em recorrer à Capital por atenção à distância em que ficam, e raras vezes de comunicação daquele Distrito para a Cidade*". O Ato de criação, assinado pelo Bispo D. Frei Miguel

de Bulhões, foi confirmado pela Carta Régia de 18.06.1760. A Capitania de São José de Rio Negro fora criada, mas não instalada.

1756 - Mendonça Furtado esperou, sem sucesso, até novembro de 1756, em Mariuá, a chegada de D. José Iturriga, o Chefe da Comissão espanhola de demarcação.

1757 - Em março, Mendonça Furtado, adoentado, partiu para Belém onde era necessária sua presença.

1758 - Mendonça Furtado regressou a Mariuá, aonde chegou a 4 de maio e permaneceu cerca de um ano aguardando, novamente, a chegada dos demarcadores espanhóis. No dia 06.05.1758, a Aldeia foi elevada à categoria de Vila, com o nome de Barcelos. No dia 27.05.1758, foi instalada a Capitania de São José de Rio Negro com sede na Vila de Barcelos, sendo o seu primeiro Governador Joaquim de Melo e Póvoas.

1759 - No dia 30 de junho, foram criadas a Ouvidoria e a Provedoria da Fazenda. Até a posse do primeiro Ouvidor, Lourenço Pereira Costa (em 1760), essas funções foram supridas pelo Ouvidor da Capitania do Grão-Pará, Paschoal Abranches Madeira Fernandes.

1760 - Melo e Póvoas foi substituído no Governo da Capitania a 25 de dezembro pelo Tenente-Coronel Gabriel de Souza Filgueiras. A este sucedeu, interinamente, o Coronel Nuno da Cunha Ataíde.

1761 - Passou o Governo ao Coronel Valério Botelho Correia de Andrade em 24 de dezembro.

1763 - Sucedido pelo Coronel Joaquim Tinoco Valente em 16.10.1763.

1779 - Com a morte de Tinoco Valente, a Capitania passou a ser dirigida por juntas governativas até outubro de 1788.

1781 - Durante o período das juntas governativas, veio a Barcelos o General João Pereira Caldas, como Chefe da segunda Comissão de Limites, que atuou como Governador de fato da Capitania.

Pereira Caldas não conseguiu cumprir suas metas de incrementar o cultivo de cânhamo, arroz, anil e café no Alto Rio Negro e o estabelecimento de uma fábrica de tecido de algodão, olarias, e construção de pontes e prédios em Barcelos.

1788 - Nomeado o Coronel Manuel da Gama Lobo d'Almada para Governador da Capitania.

1791 - No governo d'Almada, a sede da Capitania, por medida de segurança, passa para o Lugar da Barra (Manaus). A partir da data da transferência da sede da Capitania, Barcelos enfrenta um período de decadência.

1799 - Ainda no governo d'Almada, a sede da Capitania retornou a Barcelos atendendo determinação da Carta Régia de 02.08.1798.

1808 - Em outubro, o Governador da Capitania, José Joaquim Victório da Costa, deixa Barcelos transferindo a administração da Capitania definitivamente ao Lugar da Barra.

1816 - Por determinação do Governador, foram demolidos todos os edifícios reais existentes em Barcelos, com exceção do Palácio, da Igreja a da Provedoria. O Governador nutria por Barcelos uma verdadeira antipatia. A partir de então, os vestígios da decadência, já evidentes desde 1791, acentuaram-se ainda mais.

1825 - A Câmara de Barcelos, obtendo ordens do Presidente da Província do Grão-Pará, foi transferida para o Lugar da Barra, onde se instalou a 3 de dezembro. Imediatamente desencadearam-se desentendimentos entre a Câmara e o Comandante Militar da Comarca.

1828 - As desavenças se agravaram seriamente, forçando o Presidente da Província a determinar que a Câmara retornasse a Barcelos, e o Comandante Militar a Belém.

1833 - Com a nova divisão do território nacional, Barcelos continuou como Vila, voltando à sua antiga denominação de Mariuá.

1835 - Por ocasião da cabanagem, Mariuá manifestou-se decisivamente a favor dos legalistas. Em Tomar, antiga Bararoá, Vila vizinha de Mariuá, residia o exilado político Ambrósio Aires. Ambrósio era um líder nato, rico, muito eloquente, gozava de enorme prestígio na região e logo que teve

notícias do movimento sedicioso, reuniu os amigos, e apresentou-se com setenta e sete guardas nacionais, à Vila de Mariuá, e fez o seguinte pronunciamento: "*os povos do Termo não armam as atrocidades dos Apoucenas do Pará, nem a Governo algum intruso. O que convém é preparar todos os elementos e fazer-lhes caça a toda custa*". A Câmara, então, resolveu convocar às armas os mariuaenses e o fez nos seguintes termos: "*Habitantes do Termo de Mariuá estejais alerta ao primeiro brado, porque se estes monstros, em despeito de nossa moderação, pretenderem romper a barreira que por felicidade nossa nos separa, forçoso é recorrer às armas para a defesa dos nossos patrícios e lares*".

Em Icuipiranga, perto de Tapajós, no segundo semestre, deu-se o primeiro combate entre os amazonenses legalistas e os cabanos. Bararoá, nome de guerra dado a Ambrósio Aires, comandava a resistência nesse combate e a vitória coube às suas forças. A luta, todavia, não estava terminada. Em outubro, os espiões dos cabanos rondavam a Capital da Capitania, que não dispunha do pessoal, necessário para a sua defesa. Recorreram a Mariuá, donde vieram para a Capital, em atendimento ao pedido, vinte e cinco homens, comandados por um Tenente. Em Icuipiranga, os cabanos reorganizaram-se. Investiram sobre Luzéa [atual Maués], Serpa [atual Itacoatiara], vencendo-as sem resistência.

1836 **-** A 6 de março, apossaram-se sem dificuldade da Vila de Manaus, sede da Capitania. Todavia, em agosto, eclodiu a reação no alto Amazonas, "*Vilas e Termos pegaram em armas*". O movimento teve início em Tefé e foi seguido, poucos dias depois, por Mariuá que chamou seus munícipes às armas. As forças de Mariuá comandadas pelo Capitão Miguel Benfica bateram os cabanos em Tauapessaçu.

1876 **-** Em 30 de abril, foi criada a Comarca de Barcelos.

1878 **-** A sede da Comarca de Barcelos, pela Lei n° 388, é transferida a sede da Comarca para Moura.

1881 **-** A Lei n° 538, de 09.06.1881, determina o retorno da Comarca para Barcelos, com os Termos de Barcelos e Moura.

1891 **-** Em 10.09.1891, foi criado o Município de São Gabriel com território desmembrado do de Barcelos.

1914 **-** Com a fundação da Missão Salesiana, pelo Monsenhor Pedro Massa, então Diretor das Missões do Rio Negro e Madeira, a localidade passou a recuperar-se, ainda que muito lentamente.

1915 **-** A antiga Igreja, onde descansavam os restos mortais do Sargento-Mor Gabriel de Souza Filgueiras e do Brigadeiro Manoel da Gama Lobo d'Almada, é demolida e edificada a nova Matriz de Barcelos.

1930 - O Ato Estadual n° 45, de 28.11.1930, extinguiu o Município de Barcelos.

1931 - O ato Estadual n° 186, de 17.01.1931, transferiu de Moura para Barcelos a sede dos Municípios do Rio Negro. Nesse ano, o Município de Barcelos foi restaurado pelo Ato Estadual n° 33, de 14.09.1931, com território desmembrado do de Moura, e mais o território do Município de São Gabriel que então lhe foi anexado.

1935 - Foi restaurado o Município de São Gabriel com território desmembrado do de Barcelos.

1938 - Barcelos recebeu foros de Cidade, em virtude do Decreto Lei Estadual n° 68, de 31.03.1938.

1941 - Ganha a Comarca de Barcelos mais um Termo, o de São Gabriel.

1943 - O Decreto-Lei Federal n° 5.812, de 13.09.1943, anexou a Barcelos os Distritos de Carvoeiro e Moura.

1968 - Em 04.06.1968, pela Lei Federal n° 54.499, Barcelos é enquadrado como "*Área de Segurança Nacional*".

1981 - Em 10 de dezembro, pela Emenda Constitucional n° 12, Barcelos perde os Distritos de Carvoeiro e Moura, que passam a constituir o Município de Moura.

Geografia

O Município de Barcelos está localizado à margem direita do Rio Negro, afluente do Rio Amazonas, na 6ª sub-região do Alto Rio Negro, com uma altitude de 40 metros acima do nível do Mar. A população estimada, em 2003, era de 25.318 habitantes e a área é de 122.476 km², o que resulta numa densidade demográfica de 0,23 habitantes por quilômetro quadrado. Barcelos é o segundo maior Município do Brasil em área territorial, perdendo apenas para o de Altamira – PA (161.584,9 km²). Seus limites são a Venezuela a Noroeste e Norte; os Municípios roraimenses de Iracema a Nordeste e Caracaraí a Leste; Novo Airão a Sudeste e Sul; Codajás e Maraã a Sudoeste; e Santa Isabel do Rio Negro a Oeste.

Clima

O clima em Barcelos é tropical, chuvoso e úmido. A temperatura média fica em torno de 26,3°C, com máxima de 34,3°C e mínima de 19,3°C.

Distâncias

Está localizado a 396 km de Manaus e 496 km por via fluvial.

Economia

Setor Primário:

– *Pesca*: prática artesanal, direcionada para o consumo das famílias, tem importância econômica na formação do setor. Destacam-se pirarucu, jaraqui, tucunaré, peixe-boi, piraíba, jacarés, tartarugas e ariranhas.

Tem como sua principal fonte de renda a pesca sustentável de peixes ornamentais, destacando-se pela grande produção e pela exportação dos mesmos. Barcelos exporta mais de 20 milhões de peixes, por ano, principalmente para o Japão, sendo que 20% são cardinais. A captura desses peixes é realizada pelos chamados "*piabeiros*".

> [...] A reprodução e a criação em cativeiro de muitas de nossas espécies, principalmente nos países asiáticos, ameaçam o frágil sistema de comercialização no Brasil, baseado em extrativismo. A atividade é vista por organizações não governamentais, órgãos públicos e pesquisadores, como uma das poucas alternativas de renda na Bacia do Rio Negro. Muitos piabeiros já foram madeireiros e garimpeiros ou trabalharam em outras frentes de extrativismo menos valorizadas, como o corte de piaçava e a extração de sorva [goma para a indústria alimentícia]. O mercado de peixes ornamentais tem um potencial ecologicamente mais sustentável do que estas alternativas, desde que ordenado.
>
> O comércio de piabas teve início na década de 30 e o primeiro registro de exportação é do início dos anos 50. O potencial é enorme: só nas águas do Rio Negro são 1.800 espécies de peixes ornamentais catalogadas e hoje apenas 214 dessas podem ser exportadas legalmente. A espécie mais explorada é o cardinal-tetra [Paracheiroden axelrodi], que representa 80% da exportação nacional, tendo Barcelos como principal Município exportador. Oficialmente, 20 milhões de peixes ornamentais saem anualmente do aeroporto de Manaus, gerando US$ 3 milhões. Mas poderia ser melhor, a julgar pelos números de Cingapura: há menos de 20 anos no mercado movimenta US$ 65 milhões por ano, boa parte dos quais gerados por híbridos de origem amazônica.

[...] Na estimativa do total de peixes comercializados, mais uma diferença brutal. Em seu Projeto Piaba, Chao levantou o número de exemplares coletados e armazenados nos barcos que deixam o porto de Barcelos. Foram 60 milhões de peixes ornamentais em 1999 e 40 milhões em 2004.

A quantidade caiu, mas ainda está bem acima dos 20 milhões oficialmente embarcados, também no ano passado, no aeroporto de Manaus, de acordo com as guias de exportação do Ibama.

Chao garante que a diferença não pode ser creditada à perda de peixes que adoecem ou não resistem ao estresse. "*O mercado hoje trabalha com uma perda de 5 a 10% do total capturado*", garante. "*Perda não pode ser, todo mundo estaria quebrado*". O IBAMA e a Secretaria de Pesca do Estado do Amazonas descartam a possibilidade de tráfico ou evasão de divisas. E os exportadores questionam a pesquisa de Chao, dizendo desconhecer a metodologia do estudo feito pelo Projeto Piaba. Divergências à parte, Chao acredita que nem tudo está perdido. "*Os filhos dos piabeiros hoje conhecem melhor o trabalho, depois de passarem pelo Projeto Piaba. Os piabeiros têm mais consciência, estão mais organizados. Agora precisamos certificar nosso peixe, agregar valor e proteger o ambiente natural*", observa. "*Lançamos a campanha 'compre um peixe e salve uma árvore'. Imagine um Rio Negro sem piabas? Como o pescador vai sobreviver? Vai todo mundo pra Manaus ou vai derrubar a mata, que hoje está em pé graças à atividade extrativista do peixe ornamental*".

Seguindo o raciocínio do pesquisador, o verbo piabar – que consta no dicionário Aurélio como "*arriscar pouca coisa*" – ainda pode mudar de significado. E ser conjugado junto com as palavras sustentabilidade e futuro. (RIBEIRO)

Setor Secundário:

– *Indústria*: fábrica de palmito, estaleiros, serrarias e olaria.

Turismo

A cidade tem um grande potencial turístico e pode oferecer passeios ecológicos bem variados. No seu território está contida boa parte do Parque Nacional do Jaú, do Parque Estadual da Serra do Aracá e da Área de Proteção Ambiental de Mariuá – com 1.466 ilhas, o maior arquipélago fluvial do mundo. Em meados do ano, na época junina, acontecem festas folclóricas, nas quais se destacam as danças de bois-bumbás e as quadrilhas. E no verão, período em que ocorre a vazante dos Rios, a Cidade oferece praias de rara beleza à Comunidade local e aos visitantes.

Atrações Turísticas

– Parque Nacional do Jau

É a quarta maior reserva florestal do Brasil e o terceiro maior Parque do mundo em floresta tropical úmida intacta. Abrange os Municípios de Novo Airão e Barcelos. Possui uma área de 23.377 km^2. O perímetro do Parque é de 1.213 km de extensão. O Parque tem como objetivo preservar os ecossistemas naturais e destina-se a fins científicos, culturais, educativos e recreativos. Os destaques principais do Parque ficam por conta da Floresta Tropical e o de abrigar o maior Lago amazônico – Amanã. O local é composto por Floresta Densa Tropical e Florestas Abertas. O clima é constantemente úmido devido às florestas tropicais, mas a época mais chuvosa compreende os meses de dezembro a abril.

A criação do Parque foi proposta pelo IBAMA, com apoio dos estudos realizados pelo INPA, considerando a área valiosa para preservação de recursos genéticos. O Parque foi criado em 24.09.1980. Em 2000, o Parque foi inscrito pela UNESCO na lista do Patrimônio Mundial. A região do Parque foi o primeiro polo de colonização na Amazônia por indígenas, marcado por batalhas pela posse do território. Os vestígios deste polo são materializados pelos inúmeros artefatos de cerâmica achados e pelos belos petróglifos existentes no Parque e principalmente na Foz do Jau. [...]. A palavra Jau, que vem do Tupi, também acabou nomeando o maior Parque Nacional do Brasil, que ainda é, também, o maior do mundo em floresta tropical úmida e intacta. Uma das peculiaridades mais extraordinárias do Parque Nacional do Jaú é o fato de ser a única Unidade de Conservação do Brasil que protege *"totalmente"* a Bacia de um Rio extenso e volumoso: a do Rio Jaú, de aproximadamente 450 km.

– Parque Estadual Serra do Aracá

O Parque Estadual Serra do Aracá (PAREST Serra do Aracá) foi criado pelo Decreto n° 12.836, de 09.03.1990. Ocupa uma área de 18.187 km², ou 15% da área do Município de Barcelos. No Rio Aracá, que empresta seu nome ao Parque, se encontra a Cachoeira do El Dorado.

– Cachoeira do El Dorado

A Cachoeira do El Dorado, batizada pelo amigo Marcelo Godoy, localizada no monte Tantalita, na Serra do Curupira, é a maior queda d'água do Brasil, com 354 metros de altura. Em linha reta, a cachoeira dista 211 quilômetros da sede do Município.

– *Abismo Guy Collet*

O abismo Guy Collet é a caverna mais profunda do mundo, formada por quartzito com 671 m de profundidade. A caverna foi catalogada por pesquisadores da Sociedade Brasileira de Espeleologia (SB) e da ONG Akakor Geographical Exploring. A descoberta foi divulgada no periódico Informativo SBE n° 92 e registrada no Cadastro Nacional de Cavernas do Brasil (CNC).

– *Festival do Peixe Ornamental*

Instituído na Cidade em 1994, homenageia a cultura do Município e a vida dos pescadores conhecidos como "*piabeiros*". No festival, o pescador expõe espécies raras e os turistas elegem o mais exótico.

> Piaba é peixe pequeno. A palavra de origem tupi, traduzida ao pé da letra, quer dizer "*pele manchada*". No Sudeste, é designação comum a vários peixes fluviais – em particular dos gêneros Leporinus e Schizodon – de boca pequena, dentição forte e que se alimentam de matéria vegetal e de animais em decomposição. No Norte, é aplicado a pequenos peixes da família Characidae [os conhecidos lambaris do Sudeste]. Piaba é também o nome regional genérico que se dá aos peixes ornamentais capturados em Barcelos, a primeira capital do Amazonas e que hoje se intitula – Capital do Peixe Ornamental. Na região do Alto Rio Negro, a 400 km de Manaus, tudo lembra esses peixinhos. Os pescadores são piabeiros. A arena onde, em janeiro, se realiza a festa mais esperada de Barcelos é piabódromo. A "*farra*" não é do boi, como no restante do Estado, mas do peixe. Ou melhor, dos "*cardumes*": Cardinal x Acará-Disco.

E a piaba doida? Bem, quem não torce nem para um nem para outro, certamente é visitante. É turista! É piaba doida! O turista desavisado chega à Cidade e acaba descobrindo um Festival surpreendente quanto à organização dos grupos, numa região com tão poucos recursos! Na arquibancada, entre duas grandes torcidas ou "*cardumes*", o visitante não sabe para que lado correr. Daí o apelido que, a rigor, também poderia ser aplicado ao mercado de peixe ornamental, de bom potencial, mas ainda sem ordenamento e sem regras que lhe garantam a sustentabilidade. (RIBEIRO)

– Pesca Desportiva

Barcelos possui a maior concentração de tucunarés de toda a Amazônia. O maior tucunaré já pescado, na Amazônia, foi em Barcelos, com 12,445 kg.

Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha

Soneto
(Tenreiro Aranha)

Passarinho, que logras docemente
Os prazeres da amável inocência,
Livre de que a culpada consciência
Te aflija como aflige ao delinquente.
Fácil sustento, e sempre mui decente
Vestido te fornece a Providência;
Sem futuros prever, tua existência
É feliz, limitando-se ao presente.
Não assim, ai de mim! porque sofrendo
A fome, a sede, o frio, a enfermidade,
Sinto também do crime o peso horrendo.
Dos homens me rodeia a iniquidade,
A calúnia me oprime; e, ao fim tremendo,
Me assusta uma espantosa eternidade.

Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha, escritor e poeta brasileiro, nasceu em Barcelos, no dia 04.09.1769. Faleceu com 42 anos, em Belém do Pará, no dia 25.11.1811. Tenreiro Aranha nasceu nove anos depois da fundação da Cidade pelo Governador Francisco Xavier de Mendonça Furtado, filho de Raimundo de Figueiredo Tenreiro e de Teresa Joaquina Aranha. Seus pais faleceram deixando-o ainda pequeno sob a tutela de um amigo da família que o obrigou, desde muito jovem, ao trabalho na roça.

Tenreiro Aranha enfrentou, nessa primeira fase de sua vida um homem duro e insensível, e por muito pouco não teve seu destino mudado. Aos doze anos, quando já estava entrando na adolescência, procurou o amparo de seu padrinho, o Arcipreste e Vigário-Geral Monsenhor *José Monteiro de Noronha*, que o encaminhou para o Convento de Santo Antônio, onde completaria os estudos preparatórios. Aos dezenove anos, quando ultimava os preparativos para viajar para Coimbra, o destino prepara-lhe outro duro golpe. Seus bens foram sequestrados pela Fazenda Real; impossibilitado de viajar, decide permanecer no Pará onde desposou a jovem Rosalina Espinoza. Foi Diretor da Aldeia de índios de Oeiras e, logo depois, escrivão da Alfândega do Pará.

Muito pouco da produção literária do poeta se salvou e pouco se conhece da obra daquele que teve o privilégio de inaugurar a literatura dramática paraense. Dois incidentes ocasionaram a perda da maioria de suas obras. O primeiro aconteceu em 1832: seu filho, João Batista, teve uma bagagem perdida em um naufrágio em Icoaraci, extraviando assim uma coleção de originais do poeta; no segundo, em 1835, os escritos que estavam em sua casa, em Belém, foram

saqueados pelas tropas repressoras que destruíram os preciosos manuscritos. O que se salvou foi reunido em um volume póstumo: "*Obras Literárias de Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha*", publicado em 1850, 39 anos após sua morte e, numa segunda edição em 1899, que incluiu: idílios, dramas, oratórios, odes e cantatas em português e na língua geral.

Relatos Pretéritos – Barcelos

Antônio Ladislau Monteiro Baena (1839)

> Vila criada, em 1758, pelo Governador do Pará Francisco Xavier de Mendonça Furtado, e Capital da extinta Capitania do Rio Negro, tendo sido até então Aldeia de Mariuá missionada pelos Carmelitas depois que o Principal Camandre da tribo dos Manaus a rogos de sua mãe convocou um dos ditos missionários, que encontrou andando à pesca. A sua posição em Latitude e Longitude é o Paralelo Austrino 58′ ([64]) cruzado pelo Meridiano 314°42′ ([65]). A situação local é na aba Meridional do Rio Negro acima da sua Foz 85 léguas sobre terreno distinto pelo empolamento de três medianos outeiros [montes] entre uma campina ao nascente e o Rio Maruari ocupam-se ao poente. O porto é vistoso e plácido. Conta esta Vila sob a sua jurisdição os Lugares de Poiares e Moreira. A Matriz é dedicada ao culto de Nossa Senhora da Conceição. Os moradores ocupam-se na manipulação das manteigas de tartaruga, na pesca do peixe-boi, no cultivo do café, no plantio do arroz e algodão para seu uso doméstico: e as mulheres pintam cuias e tacuaris ([66]), e fabricam louça de cozinha.

---

[64] Austrino – Sul; 58′ – 00°58′29″S.
[65] 314°42′ – 62°55′27″O.
[66] Tacuaris: taquaras, tabocas.

As terras podem abastar a tudo porque são acobertadas de vastos arvoredos de ótima madeira, e capazes de desentranharem-se em plantações de café, mandioca, anil, arroz, algodão, laranjas, ananases, sorvas, maracujás, araçazes e hortaliças.

A população consta de 58 brancos de ambos os sexos, de 100 mamelucos, de 227 índios, de 44 escravos e de 18 pretos e mestiços. Atualmente, existem 22 fogos, e no ano de 1780, 470, dos quais os que eram dos brancos formavam duas ruas, uma à margem do Rio principiada da banda da Campina e continuada pelo outeiro, em que ainda jaz a Matriz, e a outra direita ao Igarapé: e os que eram dos índios compunham dois Bairros, um sobre os dois outeiros na espalda da Rua, que ia ao Igarapé, dentre os quais e o Rio havia duas ruas, e além do mesmo Igarapé o outro chamado Aldeinha, cujas ruas eram divididas em angular feição pela esquadria. Uma ponte atava ([67]) o outeiro da Matriz e aquele, que lhe está próximo.

Ainda se divisa na Campina os curtos fragmentos da casa da pólvora: e na Rua da Matriz os do longo Palácio que servia de pousada ao Governador, ao Vigário-Geral, e ao Ouvidor; os do Quartel da tropa; os dos edifícios de uma grande ribeira das canoas; e os do excelente cais de madeira: e aponta-se os sítios, em que foram alçados o Hospital Carmelitano chamado Palacete, o Armazém Real, que era bem arquitetado, a fábrica de panos de algodão, e a olaria. Tal é a imagem epigramática ([68]) do estado de civilização, que está dando esta terra. No recinto desta Vila nasceu Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha, mui distinto pelo engenho lírico, de que o dotara a natureza.

---

[67] Atava: unia.
[68] Epigramática: satírica.

Há impressas deste homem já há muito falecido duas obras em verso, e uma em prosa: entre os seus manuscritos há uma "*Ode Pindárica ([69]) ao Governador Gama do Rio Negro*" fraseada com tanta energia de expressão e pompa de harmonia que ela só pode servir de base, em que assente o seu merecimento poético com tal firmeza que nenhuma censura o possa derruir ([70]).

A esta mesma Vila foi duas vezes o Governador e Capitão General do Pará Francisco Xavier de Mendonça Furtado em consequência da Carta Régia de 09.05.1753, que o havia feito Principal Comissário e Plenipotenciário para as Conferências da Demarcação de Limites do Brasil Setentrional na conformidade do Tratado de 1750 com a Espanha, uma no ano de 1754 e a outra no ano de 1758.

Cujas conferências sempre foram iludidas pelos Padres Jesuítas com manobras tais que muito cuidado implantaram no espírito do Marquês de Pombal segundo se depreende do contexto da sua carta de 17.03.1755 dirigida ao sobredito General, na qual ele remata dizendo – visto que com esta Potência Eclesiástica nos achamos em tão dura e tão custosa Guerra.

Também na mesma Vila residiu o General, de Mato Grosso, João Pereira Caldas com o encargo de Plenipotenciário e Comandante-Geral da Expedição da Demarcação, que segundo o Tratado de 1777 devia trabalhar no Rio Negro sobre a definitiva regulação de confins das terras, que caíam no tombo de El-Rei de Portugal. Acerca destas demarcações veja-se o meu Compêndio das Eras do Pará: aqui só adicionarei a transcrição da carta do General Manoel

---

[69] Pindárica: à maneira poética de Píndaro (poeta lírico grego do século VI-V a.C.), magnífico, excelente.

[70] Derruir: desmoronar.

Bernardo de Mello e Castro reversal ([71]) à que lhe dirigira Dom José Iturriaga, Governador do Orenoco e Primeiro Comissário das Demarcações, para que fizesse retirar as tropas, que guarneciam o Rio Negro desde a catadupa do Corucovi para cima, porque aquelas terras eram possessões da Espanha. Ei-la.

> Exmo. Senhor Dom José Iturriaga
>
> Exm° Sr. mui Senhor meu, em consequência do amor, com que Sua Majestade Católica firmou a paz com a Coroa Fidelíssima, recebi a Carta de V. Exmª em data de 20 de maio do ano corrente como uma produção do cordial afeto e sincera aliança de amizade novamente estabelecida entre os Augustos Príncipes nossos Amos, e por Eles mandado alternar entre os vassalos de ambas estas amabilíssimas Coroas: correspondência, que me é tão agradável como sensível a matéria, que contém a carta de V. Exmª pois transcendendo do poder das nossas jurisdições inteiramente nos priva de a tratar, quanto mais de a resolver sobre um importante assunto reservado aos nossos monarcas, que fizeram a paz, e às potências, que a garantiram.
>
> Pretende V. Exmª que eu mande retirar os destacamentos das tropas, que guarnecem as margens do Rio Negro desde a cachoeira do Corucovi para cima, e restituir os índios das povoações com o absoluto motivo de serem estes da devoção de Espanha, e aquelas terras dos seus mesmos domínios. Permita-me V. Exmª que em defesa da verdade dê a V. Exmª as notícias, que qualificam esta causa, ainda que as não suponho novas ao conhecimento e instrução de V. Exmª pois as terá adquirido em todo o tempo, que serve a Sua Majestade Católica nesta parte da América.
>
> A possessão do Rio Negro é tão antiga na Coroa Portuguesa que principiou logo com o domínio das mais colônias, que tem neste Estado; sendo todos os vassalos dele os que de tempo imemorial o

[71] Reversal: que assegura promessa anterior.

navegaram sempre, desfrutando todos os anos os haveres, que produziam os sertões de ambas as suas margens com tão eficaz curiosidade que continuamente estendiam a sua navegação pela mãe do Rio ([72]) muitos dias de viagem acima da Boca do Cassiquiare, e por várias outras Bocas, que tem o mesmo Rio, de sorte que em todo este tempo foi o Rio Negro encoberto não só ao domínio mas também ao conhecimento espanhol, que ignorando totalmente a sua situação hidrográfica questionava a sua origem, e a sua direção até o ano de 1744.

Ano em que curiosamente a quis indagar o Padre Manoel Romão religioso da Companhia de Jesus, e Superior das Missões, que dirigia a sua Congregação do Rio Orenoco, vindo por ele a entrar no Rio Cassiquiare, aonde encontrou uma tropa portuguesa; na sua companhia desceu até o Rio Negro, aonde fez pouca demora, e donde logo voltou dizendo que ia desenganar os moradores do Orenoco de que as suas águas pagavam feudo às correntes do Rio Negro até então desconhecido dos castelhanos, não só pela via do Cassiquiare, mas pelas dos Rios Inirida, Passavissa, Tumbú, Aké, que também do Orenoco correm a entrar no Rio Negro, cujas diferentes águas sulcaram sempre as canoas portuguesas por serem usuais à sua posse, e incógnitas à notícia espanhola.

Desta experiência, que fez o dito religioso, não surtiu ação alguma da parte da Espanha com que presumisse legitimar a sua posse imaginária até o ano de 1759, em que com o motivo das Reais Demarcações mandou V. Exmª ao Rio Negro o Alferes Domingos Simão Lopes, o Sargento Francisco Fernandes Bobadilha, e outros espanhóis, a saberem do Arraial português destinado para as conferências das Reais Demarcações: <u>e eles de caminho vieram com clandestinas práticas persuadindo os índios à sua comunhão</u>, e formando em algumas povoações, dos Principais, casas com o pretexto de prevenirem

[72] Mãe do Rio: leito do Rio quando este transborda alagando as terras ribeirinhas.

armazéns, em que recolhessem as bagagens do seu respectivo corpo quando descesse para o Arraial das conferências; com esta ocasião se estabeleceram na Povoação de São Carlos, e dela se estendeu o Sargento Francisco Fernandes Bobadilha pela Barra do Rio Negro até à primeira Povoação dos Marabitanas, que há pouco tempo abandonou queimando os índios as suas mesmas rústicas habitações. Estes são os princípios de que V. Exmª quer deduzir a pretensão ao Rio Negro: e estas são as razões da nossa parte a que V. Exmª chama violências praticadas no tempo da boa amizade.

À vista de uma e outra justiça parece que V. Exmª, não só se desculpa, mas juntamente se obriga a fazer-lhe a reconvenção para que V. Exmª mande retirar os Destacamentos das povoações de São Phelipe, e mais povoações praticadas do Cassiquiare para baixo por se terem introduzido todas nas dependências do Rio Negro.

Este requerimento, que legitimamente faço a V. Exmª, acompanhará a carta, que proximamente darei a Sua Majestades Fidelíssima para a comunicar a Sua Majestade Católica. Com que horror e escândalo da razão não ouviria V. Exmª outra semelhante proposta se eu lhe fizesse para que mandasse evacuar de tropas e índios os Distritos do Orenoco? É certo que este pensamento por injusto causaria em V. Exmª, um admirável assombro, pois afetava querer dispor e governar o prédio alheio.

No Tratado anulatório dos limites, e neste último das pazes, convieram os nossos Príncipes que as coisas se conservassem no estado antecedente: isto é, antes da Negociação dos Limites, e antes do rompimento da guerra, e a observância de ambos estes Tratados é outra razão para nos conservarmos na mesma forma, em que estivemos sempre antes destas duas assinadas épocas. Se estas duas razões assim como convencem o entendimento persuadirem a vontade de V. Exmª, estou certo que V. Exmª desistirá da empresa, que por todos os títulos está recomendada só ao Poder Real e amigável

> convenção dos nossos respeitáveis monarcas, em cuja soberana e Fidelíssima presença porei na primeira frota a carta de V. Exmª para que vista a sua matéria a trate Sua Majestade Fidelíssima com a Corte Católica, e a deliberação, que sobre ela as duas Majestades forem servidas acordar, a participaremos reciprocamente, executando as ordens, que nos dirigirem a este respeito, e por elas terei eu mais ocasiões de possuir a honra e correspondência de V. Exmª e de lhe votar a rendida, sincera, e fiel vontade, com que o desejo servir, Deus Guarde a V. Exmª muitos anos.
>
> Ensaio Corográfico sobre a Província do Pará.
>
> Grão-Pará, 26.08.1763. Manoel Bernardo de Mello e Castro.

Não é menos digno de aqui ter lugar o transtorno da carta do General João de Abreu Castello Branco, com que ele repeliu os Padres Carlos Brentano e Nicolau de La Torre, Procuradores da Província de Quito da Sociedade de Jesus, os quais pretendiam provar que não pertenciam à monarquia portuguesa as terras do Amazonas água abaixo desde a Foz do Rio Napo até a Aldeia dos Cambebas, hoje Vila de Olivença. Ela é a seguinte:

> Na Cidade de Belém Capital desta Província do Grão-Pará me foram presentes as cartas de Vossa Reverendíssima e do Reverendo Padre Carlos Brentano, as quais faço resposta por atenção devida a Vossa Reverendíssima e à matéria, de que trata.
>
> Queixa-se Vossa Reverendíssima com bastante clamor de uma preparação Militar, que diz se dispunha contra essas missões, e como estou bem informado que não houve a tal disposição, devo entender que este alarme, que inquietou a Vossa Reverendíssima nasceria daquele preciso desassossego, que nos espíritos bem regulados causa a consciência de uma injustiça, suposto haverem Vossas Reverendíssimas excedido os seus limites com ofensa dos Estados.

Neste discurso me confirma a insuficiência dos fundamentos, com que Vossa Reverendíssima procura justificar um tão notório excesso: pretendendo Vossa Reverendíssima em primeiro lugar sustentar com a força das Bulas Apostólicas, que proíbem com graves censuras a guerra nestas índias, ainda quando a houvesse por outras partes. No que me parece supõe Vossa Reverendíssima duas proposições bem extraordinárias. A primeira é, que seja lícito ocupar o alheio, é proibido recuperá-lo, como no caso presente. A segunda, que as Bulas Apostólicas tenham mais virtude no Rio das Amazonas do que no Rio da Prata; onde vimos há pouco tempo, estando em paz as duas Coroas por todas as partes, se não duvidou fazer a guerra, e passarem as tropas castelhanas a atacar uma praça de Portugal, concorrendo para esta empresa um corpo considerável de índios comandados por Padres da Companhia de Jesus, a quem não fizeram obstáculo as graves penas do mandato Apostólico.

Mal satisfeito deste fundamento, parece que recorre Vossa Reverendíssima a outro, que considera mais forte, exortando a que se exercitem nos movimentos militares tantos índios, perdendo-lhe com os exercícios, de que não são capazes, o tempo, que poderão aproveitar, instruindo-se na vida cristã, e quando Vossa Reverendíssima com os seus reverendíssimos Padres queiram conter-se nos seus justos limites, posso prometer a Vossa Reverendíssima e estarão tanto mais seguros, quanto mais desarmadas as terras de Sua Majestade Católica; pois conforme as ordens, que tenho da Corte de Lisboa, não seria eu menos criminoso se intentasse ofender as suas fronteiras, do que consentir que se insultem as deste Estado. Nestes termos conseguirá estar tão livre de perturbação por essa parte, como está pela parte dos franceses de Caiena e dos holandeses do Suriname, aonde não confina com os Padres da Companhia de Jesus; os quais por não serem reputados por mais que humanos nas suas esclarecidas virtudes, foi necessário que tivessem o defeito de serem perigosos vizinhos.

Não é da minha profissão disputar o direito da Bula Pontifícia, em que Vossas Reverendíssimas se fundam, para ampliar os domínios de Castela até às muralhas do Grão-Pará; mas devendo-se regular pela prática, que é a consequência do direito, me causa grande admiração que Vossas Reverendíssimas não façam escrúpulo recorrer a um fundamento, de que nunca se quiseram valer os mesmos Reis Católicos, a quem a Bula foi concedida, em todos quantos Tratados se tem concluído a duzentos e tantos anos entre a Coroa da Espanha e outros soberanos, que tem ocupado domínios, e comércios dentro da parte concedida pela tal Bula, tanto nas índias Orientais, como nestas. Nem me consta que a Coroa da Espanha pretendesse restituição alguma em virtude da Bula do Papa Alexandre VI sendo certo que os seus Ministros e embaixadores estariam cabalmente instruídos em os direitos, e interesses da mesma Coroa.

Nem eu sei como o mesmo Pontífice, que não pode segurar a sua própria família uma porção da Itália, pudesse dar tão liberalmente a metade da ordem da terra à Coroa da Espanha, condenando uma tão grande parte do mundo a eternizar-se nas trevas da gentilidade do ateísmo, sem poder receber outra luz mais que a que lhe mandasse pelos horizontes de Cádiz, ou de Coruña.

Consta-me que algumas Bulas Pontifícias as aceita-ram ou recusaram os príncipes segundo o que se acomoda aos seus interesses e para eu entender que a de Alexandre VI se não admite em Portugal basta ver o que escreve um autor castelhano contempo-râneo, qual é Garibay na vida de El-Rei Dom João II, de Portugal no Cap. 25, e na de El-Rei Dom João III no Cap. 31, aonde conclui que depois de se oferecer da parte dos castelhanos trezentas e sessenta léguas mais a Portugal além das cem que declara a Bula não quiseram os Ministros portugueses admitir esta oferta, e se dissolveram sem conclusão as conferências, que se faziam sobre esta matéria entre Elvas e Badajós.

De sorte que considerem Vossas Reverendíssimas, a virtude de tal Bula. É certo que as convenções, comércio e conquistas que têm alterado a sua observância, são tantas que se não pode duvidar estar derrogada a prática dela no uso das nações. E como os reis de Castela não julgaram ser necessário fazer memória desta Bula nos seus tratados com outros príncipes, parece que bem deviam Vossas Reverendíssimas fazer o mesmo nas suas cartas.

Para eu mostrar a Vossas Reverendíssimas o lugar onde confinam os domínios de Portugal e Castela no Rio das Amazonas, não hei de recorrer a linhas mentais, que só existem na imaginação, nem me quero valer do que dizem os escritores portugueses, os mesmos tratados, que Vossas Reverendíssimas alegam, e um autor castelhano apaixonado contra os portugueses e Padres da Companhia de Jesus, me parece que serão bastante para persuadir a Vossas Reverendíssimas. Mas nenhum destes documentos é necessário para que conste a Vossas Reverendíssimas que a Coroa de Portugal esteve sessenta anos sujeita, mas nunca incorporada à Coroa de Castela. Obedecia ao Rei da Espanha, mas pela Corte de Lisboa se expediam as ordens para todas as Províncias e Governos. Com a mesma notoriedade constaram a Vossas Reverendíssimas as inumeráveis perdas, que nesta sujeição padeceu a Coroa de Portugal, não só nas índias Orientais, onde perdeu um Império, que hoje faz a opulência da República de Holanda, mas também nestas índias, onde os mesmos holandeses ocuparam as praças principais do Brasil e Maranhão, fabricando três Fortalezas no Rio das Amazonas, com que chegaram a senhorear-se da melhor parte deste grande Rio. Pedia a razão, e também a política que o pouco que restauravam ou adquiriam os portugueses ficasse pertencendo à mesma Coroa, sendo uma tênue compensação das suas calamidades. E assim entenderam e aprovaram os Reis Católicos, tanto na recuperação e descobrimento do Brasil, como no do Rio das Amazonas, onde depois de haverem as armas portuguesas expugnado as Fortalezas acima

referidas expulsado outras nações de hereges, que navegavam o mesmo Rio, vieram diferentes ordens dos Governadores do Maranhão e Pará para que executassem este descobrimento, o que não oculta o Padre Manoel Rodrigues, Procurador-Geral dos índios na sua História do Maranhão liv. 6 cap. II.

Até que ultimamente o Governador Jacome Raimundo de Noronha mandou em virtude das mesmas ordens [não da Real Audiência de Quito que nunca as podia passar a terras da Coroa de Portugal] ao Capitão-Mor Pedro Teixeira que com um corpo de infantaria paga e índios que ocuparam setenta canoas, pusesse em execução este descobrimento.

Não refiro a Vossas Reverendíssimas o sucesso da navegação de Pedro Teixeira, porque da mesma história e relação do Padre Cunha constará a Vossas Reverendíssimas o imenso trabalho, e constância, com que prosseguia esta empresa, e as grandes despesas, perigos, sangue, e vidas de oficiais soldados portugueses, que custou o feliz complemento dela e só quisera que ponderasse Vossa Reverendíssima, o fundamento que pode ter a Audiência Geral de Quito para arrogar à sua jurisdição os descobrimentos feitos pelo Estado do Maranhão e Grão-Pará à custa das vidas dos portugueses e em serviço da Coroa de Portugal e por ordem de El-Rei de Castela, a quem então estava sujeito.

Bem creio da candidez de Vossa Reverendíssima que há de convir em que este descobrimento devia ceder em aumento do Governo que o conseguiu, e que a posse, que na volta de Quito tomou o Capitão-Mor Pedro Teixeira em nome de El-Rei Philipe IV pela Coroa de Portugal na presença de dois Padres da Companhia Castelhanos e do maior número de homens brancos que se tem visto nessas partes, foi um ato não somente justo, mas aprovado naquele tempo tanto por castelhanos como por portugueses; e por isso remeto a Vossa Reverendíssima o traslado dele. Bem vejo que dirá Vossa Reverendíssima que o Capitão-Mor Pedro Teixeira era naquele tempo

vassalo de El-Rei de Castela, e que havendo tomado posse em nome do mesmo Rei para este, é que adquiria aqueles domínios. Ao que respondo que sim adquiriu o domínio para Sua Majestade Católica, mas unido e incorporado na Coroa de Portugal, e como pelo artigo 2° do Tratado de Paz concluído em 13.02.1668 cedeu El-Rei Católico a El-Rei de Portugal tudo o que tinha e de que estava de posse esta Coroa antes da guerra, que principiou no ano de 1640, é certo que se compreendem nesta cessão os domínios de que tomou posse pela Coroa de Portugal o Capitão-Mor Pedro Teixeira no ano de 1639, e especialmente sendo tão justa e tão natural a aquisição, se conservou sempre a mesma posse enquanto a não perturbaram os Padres da Companhia.

Por esta razão é que o Reverendo Padre Carlos Brentano quando se vale do Tratado de Utrecht alega um documento contra si mesmo, porque naquele tratado se nomeiam especificamente todos os lugares, que restitui uma Coroa à outra, e quanto ao mais se conveio em que as raias e limites de ambas as Coroas ficassem no mesmo estado, em que se achavam antes da guerra, como tudo se vê do 5° artigo do mesmo Tratado. E não é isto somente o que tem contra si o mesmo Reverendo Padre na paz de Utrecht, que alega; porque com mais clareza achará no Tratado de Paz entre El-Rei de Portugal e El-Rei de França, que sem embargo de estarem os interesses deste Monarca mais unidos que nunca aos de Castela reconhece que as duas margens do Rio das Amazonas tanto Meridional como Setentrional pertencem em toda a propriedade, domínio e soberania a Sua Majestade portuguesa; que estes são os próprios termos em que fala o Artigo 10 do dito Tratado.

Mais razão teve o dito Reverendo Padre para censurar o Alferes José de Mello quando este sem mais desculpa que a de Soldado, em que a ignorância é por direito um privilégio, erradamente adiu ao de Westphalia, em que na verdade não houve ajuste entre Portugal e Castela. Mas se o

mesmo Reverendo Padre examinasse bem os artigos V, e VI, do Tratado de Paz concluído entre El-Rei de Castela e a República de Holanda em Munster não afirmaria que nos Congressos de Westphalia se debateu somente o exercício livre das seitas de luteranos e calvinistas diria antes com toda a certeza que aos calvinistas e luteranos sacrificou El-Rei de Castela na Paz de Westphalia todos os domínios católicos da Coroa de Portugal nas índias Orientais e Ocidentais, e que o mesmo lugar, em que o dito Reverendo Padre e Vossa Reverendíssima escreveram as cartas, a que agora respondo, foi cedido solenemente aos holandeses sem embargo da Bula do Papa Alexandre VI, a qual quando estivesse em observância bastavam os dois artigos, de que remeto a Vossa Reverendíssima a cópia, para ficar para sempre derrogada ([73]).

Se as armas dos portugueses não expulsassem do Rio das Amazonas as nações de hereges, que o ocupavam, como confessa um deles João Lait citado pelo Padre Manuel Rodrigues no livro 6°, Cap. II, da sua História do Maranhão, onde diz Tam Angli, et Hyberni, "*quam nostri Belgi a Portugalis et Pará venientibus inopinato oppressi*". Não estariam talvez Vossas Reverendíssimas em paragem de moverem aos holandeses as mesmas dúvidas que movem aos portugueses, porque este era o intento daquele Tratado tão ímpio e tão indigno de um Rei Católico, que sem temeridade se pôde discorrer que deu motivo a que a Justiça Divina transferisse a Coroa de Espanha da Família Real, em que estava, para outro Rei, que desempenhou o título de Cristianíssimo com o extermínio de muitas mil famílias de hereges, que não quis por vassalos seus.

Em consequência de tudo conheceram Vossas Reverendíssimas quanto estimo a sua opinião a respeito da nulidade de confissões e sacramentos por falta da jurisdição espiritual: pois que os limites do Estado do Pará estão clara e distintamente estabelecidos por essa parte: e se os do Bispado de

---

[73] Derrogada: anulada.

Quito estão duvidosos da mesma história do Padre Manoel Rodrigues acharam Vossas Reverendíssimas que diz ele no Livro 6° Cap. 12. "*Los Portuguezes del Pará se contentan con subir por las Amazonas hasta las islas de los Mauás*". Donde a expressão "*se contentam*" parece que inculca modéstia e que com justiça podiam passar adiante.

E se isto não basta creio que bastará para Vossas Reverendíssimas o que diz o seu Padre Visitador-Geral do Livro 1° Cap. 7° da mesma História do Maranhão, em que fazendo a descrição da jurisdição de Quito afirma que o seu Bispado compreende duzentas léguas: diferença grande das mil e trezentas, que assina a mesma história desde Quito até ao Grão-Pará; e assim devem Vossas Reverendíssimas fazer um grande reparo nesta importante parte das cartas que escreveram, e reconhecendo que não há para onde recorrer da sentença, que deram contra si mesmos, será grande infelicidade não a executarem.

A oferta do Capitão-General meu antecessor ao Senhor Presidente, da Audiência de Quito atribuo eu a um lance ainda que excessivo de cortesia Militar, em que esperava ser correspondido pela generosidade espanhola, e ao qual mais prudentemente não quis corresponder o dito Senhor Presidente: mas eu com grande desejo de que me aceitem a palavra me atrevo a fazer a Vossas Reverendíssimas, uma mais ampla oferta, e é que não pretendendo Vossas Reverendíssimas, aumentar domínios temporais, como verdadeiros seguidores de Cristo, cujo reino não era deste mundo, e devendo o mesmo mundo estar patente para a pregação do Evangelho a todas as criaturas dele, não somente consentirei que Vossas Reverendíssimas estendam as suas doutrinas até as muralhas do Pará, mas lhes franquearei as portas assegurando-lhes nesta Cidade toda a veneração e respeito devido a Vossas Reverendíssimas. Deus guarde a Vossa Reverendíssima muitos anos.

Pará, a 18 de novembro de 1737. (BAENA)

Alexandre Rodrigues Ferreira (1786)

Com a barreira em que está montada a Vila, emparelham de fronte dela as ilhas, que deixam livre um Canal, de menos de um quarto de légua de largura. No centro da linha de frente está situada a Matriz. [...]

O Missionário Frei Mathias de São Boaventura fundou neste sítio a Aldeia do Mariuá no ano de 1728. Por ocasião de fundá-la erigiu a Igreja que por então não passou de uma palhoça, e subsistiu até o ano de 1738, em que foi preciso reedificá-la. Reedificou-a no mesmo ano e Lugar, outro Missionário, Frei Joseph da Magdalena, melhorando-a quanto pode, e das paredes, que então erigiu, ainda se conservam os esteios, boa parte das sobreditas paredes, e geralmente a arquitetura interior do templo. Ele e o Hospital anexo da residência dos missionários, formalizavam a melhor parte, e quanto a eles, a mais essencial da Povoação. (FERREIRA)

Alfred Russel Wallace (1850)

Passados alguns dias chegamos a Barcelos, ex-capital da Província do Rio Negro, mas que hoje não passa de uma decadente Cidade quase inteiramente despovoada. Viam-se jogados na praia, diversos blocos de mármore, trazidos de Portugal para ornar prédios públicos que nem sequer chegaram a ser edificados. As antigas ruas bem traçadas já se haviam transformado em meros caminhos que atravessavam uma verdadeira selva de laranjeiras e outras árvores frutíferas, entremeadas de cássias e altas ervas tropicais. As casas que não haviam desabado não passavam de arruinados casebres de barro, salientando-se aqui e ali uma e outra casa mais bem acabada e pintada de branco. (WALLACE)

Major Boanerges Lopes de Sousa (1928)

No dia 6 ([74]), Barcelos, à margem direita, antiga Aldeia de Mariuá, elevada a Vila em 1757 com a fundação da Capitania do Rio Negro, recebendo o nome que ainda mantém. Continuou como sede da Capitania até 1804 quando se transferiu para a Vila da Barra, que posteriormente recebeu o nome de Manaus. Na época das demarcações luso-espanholas, gozou de grande prosperidade, chegando a hospedar mais de 3.000 pessoas. Em 1775, Barcelos, possuía dois quartéis para agasalho das tropas d'El Rei, dois alojamentos para oficiais, um Hospital Real, uma casa para Provedoria, um Pelourinho, uma Fábrica, um Armazém de algodão, Palácio do governo e muitas casas de telha. No governo do benemérito estadista Manuel da Gama Lobo d'Almada, o Rio Negro, teve sua mais brilhante fase de progresso. Barcelos guarda os restos mortais desse patriota, ali falecido em 1799. Presentemente, a Missão Salesiana do Rio Negro procura reerguê-la, tendo instalado escola e oficinas. Suas condições de salubridade são, porém, más. (SOUSA)

José Cândido de Melo Carvalho (1949)

Chegamos a Barcelos às 16h00 ([75]), após um tremendo aguaceiro. As chuvas nesta região são fortíssimas, molhando tudo em segundos e deixando seus vestígios estampados na vegetação, residências e embarcações. [...] já tendo sido sede da Capitania por 2 vezes, desde a sua criação em 1757 até 1791, e de 1799 até 1804. Disseram que só a guarnição militar de Barcelos era superior a 600 homens. Hoje a vida do Lugar resume-se na missão Salesiana e algumas repartições estaduais. (CARVALHO)

---

[74] 6 de setembro de 1928.
[75] 16h00 de 27 de maio de 1949.

Sepulcro de Manoel da Gama Lobo d'Almada

Desde o primeiro dia em que aportamos em Barcelos, tentei de todas as formas, sem sucesso, verificar se algum morador ou pesquisador local tinha conhecimento do local onde estariam sepultados os restos mortais dos ex-governadores da Capitania de São José do Rio Negro Manoel da Gama Lobo d'Almada, Gabriel de Souza Filgueiras e Joaquim Tinoco Valente. As crônicas pretéritas afirmavam que foram sepultados no Altar-Mor da Igreja Matriz. Como a Igreja foi reconstruída, em outro sítio, é difícil de se confirmar a veracidade de tal afirmativa sem lançar mão de prospecções que comprovem se seus restos mortais foram transladados para o novo Altar Mor e se realmente ali se encontram.

Centro de Atendimento ao Turista (CAT)

Recebemos apoio incondicional por parte do pessoal do Centro de Atendimento ao Turista (CAT), coordenado pela Secretária de Turismo Vilmara Francy de Holanda Moraes e sua assessora Eunice de Araújo Ribeiro, que permitiram que usássemos suas instalações e equipamentos para digitação e "*upload*" das fotos. A senhora Josely Macedo Bezerra, assessora particular do Prefeito, orientou seu "*staff*" para nos apoiar e fornecer todas as informações solicitadas.

Entrevista com a Secretária de Turismo de Barcelos

> Eu me chamo Vilmara Francy de Holanda Moraes, tenho 34 anos, estou, hoje, Secretária de Turismo, no Município de Barcelos. Confesso que é um desafio muito grande para mim, mas a vida é feita de desafios e a gente está aí para superá-los.

A minha história é muito rica e eu tenho muito orgulho. Fui criada desde que nasci dentro de um barco, meu pai viajava, ele era um comerciante que, na época, chamavam de regatão. Transportava mercadorias de Manaus até São Gabriel da Cachoeira e trocava por produtos com os caboclos ribeirinhos. Embora tenha nascido em Manaus, me considero barcelense. Com apenas 17 dias de idade, embarquei no regatão de meu pai e lá permaneci até os cinco anos. Viajava, conhecia as Comunidades, levava uma vida muito saudável, porém, muito difícil. Meu pai comprava produtos e levava a Manaus para trocar por mercadorias para trazer e revender novamente, e dessa forma ele nos criou. Tenho quatro irmãos e uma irmã mais novos que junto comigo foram criados viajando pelo "*beiradão*" observando e vivenciando o dia-a-dia dos povos do Rio.

Hoje, tenho muito orgulho por ter passado por tudo isso porque hoje eu conheço também, um pouco, dessa vida difícil, mas confesso que as pessoas que moram nesses locais, apesar de tudo, são felizes com o pouco que tem. Levam uma vida saudável, com a possibilidade de ter todo dia o que comer, vão ao Rio e pescam, vão ao mato e caçam ou colhem, têm ali a sua sobrevivência. Apesar de toda dificuldade, hoje eu me orgulho, sou uma cabocla barcelense, naturalizada!

Naquela época, até os cinco anos, não tinha acesso fácil à escola, então o pouco que a gente aprendia era com minha mãe mesmo, no barco. Com cinco anos, a gente veio residir em Barcelos e aí comecei a estudar, a frequentar a escola. Em 2003, eu estive na Secretaria de Turismo e Meio Ambiente, passei por um momento marcante na minha vida que foi ter ficado 15 dias no mato, enfrentando "*geladores*" com mais dois fiscais da Secretaria. Passava o dia inteiro sobressaltada porque assim que entrava um gelador,

tínhamos de ir até lá para determinar que eles se retirarem, pois o Rio Unini é um Rio protegido, fica dentro do Parque Nacional do Jaú. É uma área protegida, pois existem leis que não permitem a entrada de geladores ([76]).

Alguns capitães destes barcos têm consciência, outros pescam predatoriamente mesmo, tentando acabar com os peixes do Rio. A função da Secretaria era a de combater a pesca predatória e com isso acabei adquirindo muita experiência na área ambiental. Esses 15 dias para mim valeram por um ano, só ouvindo o canto dos pássaros e vivenciando toda aquela experiência.

Mais um Dia em Barcelos

Recebemos um convite, por intermédio do Sargento da Polícia Militar Pepes, para um jantar na casa do Tenente Nilder Márcio Silva Mendes. O Tenente Nilder é o Diretor do Hospital Geral de Barcelos e vem operando milagres segundo moradores locais. O Tenente Walter deixou-me no consultório do dentista às vinte horas e levou o Teixeira e o nosso piloto Osmarino para a casa do Tenente. Logo depois da consulta, me uni aos companheiros e participamos de uma confraternização em nossa homenagem.

Solidão

(Clarice Lispector)

Minha força está na solidão.
Não tenho medo nem de chuvas tempestivas,
Nem de grandes ventanias soltas,
Pois eu também sou o escuro da noite.

---

[76] Geladores: barcos que armazenam e comercializam peixes comestíveis. São chamados de barcos frigoríficos no Rio Solimões.

Suspiros Poéticos e Saudades VI
IV – A Tempestade
(Domingos José Gonçalves de Magalhães)

[...] Pulveriza-se o mar, roncando horríssono;
Gemendo as vergas beijam
A onda que se empola, ou já se afunda,
Quais débeis canas que o tufão acurva.

Que horror, oh céus! Que sorte nos aguarda!

Se é nossa estrela que morramos todos,
Quero ser o primeiro
Em quem, oh ondas, sacieis a fúria.

Procuro embalde, cintilar não vejo
Santelmo de esperança;
Só vejo a morte abrir a foz medonha
Em cada vaga, que engolir promete
O lenho, surdo à voz do palinuro ([77]).

As velas ferram desmaiados nautas,
Rouqueja o capitão, soa a buzina,
Mulheres tremem, criancinhas choram,
E sobre a bomba passageiros curvos
Arquejando se afanam.

Fitas de fogo ardentes, inflamadas,
Entre rotos listões de negras nuvens,
No horizonte se estendem;
Vasto lago de sangue o mar parece;
Relâmpagos mil chovem, mil se apagam;
Raios dardeja o céu enfurecido,
E os vermelhos coriscos no ar se cruzam,
Como cipós que os bosques emaranham,
Ou qual num rio amontoadas serpes,
Curvilíneas se enlaçam, sobem, descem.

---

[77] Palinuro: piloto.

Raymundo Moraes

O Senhor Raymundo Moraes é um escritor vitorioso que inverteu a frase de César, pois venceu, viu e chegou, desarticulou no Brasil a mecânica dos sucessos literários, conseguiu de um ponto remoto da selva amazônica, impor-se ao país inteiro. (Humberto de Campos in MORAES, 2013)

Os Lusíadas – Canto X
Estância 154
(Luís Vaz de Camões)

Mas eu que falo, humilde, baixo e rudo,
De vós não conhecido nem sonhado?
Da boca dos pequenos sei, contudo,
Que o louvor sai às vezes acabado.
Tem me falta na vida honesto estudo,
Com longa experiência misturado,
Nem engenho, que aqui vereis presente,
Cousas que juntas se acham raramente.

Um Escritor Euclidiano

O escritor Raymundo Moraes, filho de Miguel Quintiliano de Moraes e de Lucentina Martins Moraes, nasceu em Belém no dia 15.09.1872. Interrompeu cedo os estudos, havia concluído apenas o curso primário, para acompanhar Miguel Quintiliano, Prático de navios no Rio Madeira.

O fascínio e a magia de navegar pelas artérias vivas da hileia fizeram-no seguir a carreira do pai, chegando a Comandante dos "*gaiolas*". As infindas jornadas despertaram seu amor pela leitura. Autodidata de invulgar inteligência e sensibilidade aliou o conhecimento científico e literário adquirido com as experiências que recolhia e anotava nas suas viagens.

Seus líricos relatos, carregados de emoção, são flagrantes que vivenciou e paisagens que impregnaram sua alma durante quase trinta anos. São crônicas de quem apreendeu com as águas e as gentes, com os seres da floresta, os ventos e as chuvas. Reproduziremos alguns parágrafos, do capítulo "*O Regatão*", de seu livro, "*Na Planície Amazônica*", em sinal de agradecimento à minha querida amiga Vilmara Francy de Holanda Moraes.

O primor literário de Raymundo Moraes nos reporta a um Euclides da Cunha de quem era grande admirador e discípulo sem, contudo, perder seu modo próprio de dizer as coisas e de interpretar as matizes telúricas carregadas de amazônico nativismo. Graças a sua vivência com a natureza e as gentes amazônicas, ele retrata, com invulgar beleza o trabalho dos antigos regatões que percorriam os caudais amazônicos levando, a preços exorbitantes, os artigos necessários à sobrevivência da população ribeirinha.

O Regatão

> Como as estradas da Amazônia são móveis, conduzindo o homem no dorso, ao sabor e ao arrepio da corrente, o comércio ambulante, identificado com a geografia do vale, assimilando e copiando os processos da natureza, em vez de se fazer na terra, pelos caminhos e pelas clareiras, faz-se na água, ao longo dos Rios, e na curva dos Lagos. O bufarinheiro conhecido nas cidades por teque-teque chama-se, no interior, regatão; somente, em lugar de transportar nas costas – pitoresco Atlas da quinquilharia – o mundo de miudezas, transporta-o no bojo de uma galeota que desloca duas, três, quatro toneladas, dividida em seções de secos e molhados e tirada a remo de faia.

A parte da popa, fechada em roda, onde mora o dono, possui uma portinhola abrindo para vante e outra abrindo para ré. Dentro, nesse compartimento riscado de prateleiras, encontram-se os artigos mais díspares, que vão da agulha à espingarda, do fósforo à bala, do cigarro ao fogareiro, da seda ao baralho de cartas, do alfinete ao barbante, do prego ao pó de arroz, do sabonete ao leque, da corda de viola ao mosquiteiro, da requinta ([78]) à coroa de defunto, do lenço ao cobertor, da chita à escova de dentes. O regatão vende ali, come ali, pilota ali, dorme ali.

Fora, nas amuradas de madeira pintadas de branco, verde, azul, amarelo, cinzento, lê-se, em gordas letras, o nome da galeota: – Primavera, Constantinopla, Brasileira, Monte Líbano, Acreana, Vencedora, Sempre-viva. À proa, da meia-nau para o bico, sob a tolda, sentados na coberta – os remeiros, em geral dois caboclos contratados ao mês, quando não são jovens parentes do senhor daquelas cousas, egressos da Síria, da Tripolitânia ([79]) da Andrinopla ([80]). No porão correspondente guardam-se as estivas ([81]): carne-seca, pirarucu, sabão, café, açúcar, sardinha, banha, sal, vinho, cachaça, álcool, arroz, querosene, feijão, farinha, azeite, vinagre, em suma tudo que é necessário à vida.

O tipo deste mascate original, misto de navegador e cavaleiro andante, corajoso, atrevido, apesar de humilde e obsequioso, capaz de varar o Sertão no torcicolo dos Igarapés, vem de longe, ainda dos tempos em que o Senhor Marquês de Pombal, de saudosa memória, nos governava despoticamente de Lisboa, em nome de El-Rei D. José, fazendo girar por aqui, alçados em moeda corrente, o rolo de algodão

---

[78] Requinta: instrumento musical de sopro ou corda.
[79] Tripolitânia: natural de Trípoli, Líbia.
[80] Andrinopla: natural de Adrianópolis – atual Edirne, Turquia.
[81] Estivas: cargas.

no valor de 200 réis e a libra de cacau no valor de 300. Foi português o regatão dessas priscas eras. Não se limitava o engazupador ([82]) à traficância de gêneros, traficava em corações também.

Uma vez por outra, nas margens do baixo Amazonas e seus tributários, zona em que exercia o ofício nesses idos o mercador ambulante à cata do peixe-boi, da gordura de tartaruga, da mixira ([83]), da castanha, do cravo, da baunilha – o desavisado habitante acordava sacudido pela notícia de que a mulher, a filha, ou a sobrinha havia fugido com o pirata rumo de Óbidos, Alenquer, Santarém. Gente dominada pelo jugo férreo da metrópole, não reagia, e ficava por isso. O espoliado resignava-se à vontade divina, entrevista na façanha do ibero, pois o ádvena ([84]), na pior das hipóteses, tinha a lusa autoridade de sua banda.

Veio depois o hebraico, menos atiradiço, é certo, no que dizia respeito a rabo de saia, entanto mais sovina, mais usurário, devoto e fiel no arrancar couro e cabelo do cristão que lhe caísse nas unhas. Além de monopolizar o comércio em muitas localidades exemplificadas em Gurupá e Parintins, donde somente o desalojavam as iníquas e violentas reações coletivas, a tiro e a terçado, o israelita monopolizava igualmente o comércio de regatão, vendendo, trocando, comprando o que aparecia na fímbria litorânea. Afinal foi substituído pelo turco, que não somente invadiu as capitais, onde prolifera como rato, mas também os vilórios ([85]) e os povoados surgidos no "*hinterland*".

[82] Engazupador: embusteiro.
[83] Mixira: conserva de peixe ou tartaruga.
[84] Ádvena: forasteiro.
[85] Vilórios: vilas pequenas.

Mal desponta um lugarejo, com duas dúzias de casotas ([86]) em roda, lá se acha o filho da Sublime Porta, expedito, suado, trabucando ([87]) e chamando aos fregueses de Coronel e Doutor. Daí se estende Rio acima, investindo pelo deserto através das vias hidrográficas, com alguns contos de mercadorias. Valente, sóbrio, econômico, magro, possuindo qualidades de resistência e frugalidade que sobrepujam o concorrente, enfia-se à aventura pelas cordas potâmicas.

Seguro da hostilidade da natureza inclemente e da antipatia do homem rude que a amansa, encomenda-se a Alá, enche-se de infinita paciência, de alta dose de hipocrisia e segue regateando de palhoça em palhoça. Evita a casa dos potentados como o diabo evita a cruz. Procura os rústicos e os analfabetos, os ignorantes e os simples. Chega no porto silenciosamente, amarra e espera. Se o morador tarda em descer, ele galga rápido a ribanceira.

Compadre de todos, quase desconhecendo o idioma brasileiro, aproxima-se saudando, cortês e reverente: – "*Pon dia, combadre!*" E trava conversa, puxando assuntos de sua conveniência. Fala na barateza dos objetos que merca, no câmbio, na guerra, na alta da "*hevea*". O seringueiro, meio atordoado, desconfiado, vai ouvindo e confrontando mentalmente os preços aludidos e os preços que lhe faz o patrão. Surpreende-se com a subida da seringa. Não sabia. Interroga, dá corda ao linguarudo, e seu espírito perplexo fica indeciso. O Coronel que o avia, a quem deve alguns contos, paga apenas a quarta parte do que aquele mascate lhe propõe. Reclamar? Tolice.

---

[86] Casotas: casinholas.
[87] Trabucando: agitando.

O senhor dos latifúndios em que trabalha, amplos como países europeus, não o ouviria, com a circunstância, muito para atender, de incorrer na ira de um homem arbitrário, que faz e desfaz, crisma, casa e batiza. Tudo isto lhe passa nebulosa e fugidiamente pelo cérebro, enquanto o recém-chegado, na sua verbiagem ([88]) acalcanhada, demonstra, com as cifras mais positivas, a vantagem do negócio. "*Combra, combadre*". O toqueiro, entrevendo a injustiça a que o submetem e abalado com a loquela ([89]) do turco, resolve pôr de lado os escrúpulos e fazer pequena transação. Entrega duas peles de borracha fina e caminha até ao batelão, a fim de pesar o produto, calculado a olho nuns 60 quilos. Logo ao chegar, o negociante, afeito ao trato desse povo oriundo do Nordeste, cabras e caboclos bronzeados, bebedores impenitentes, cuja rijeza de caráter se derrete e se funde ao beijo de um copo, oferece-lhe meio quartinho de cachaça e prepara a balança. Mas, oh, desgraça! a seringa dá apenas 40 quilos, incluindo a entrefina ([90]). Já cortada, todavia, não pode, sem levantar suspeitas, ser entregue ao legítimo proprietário. "*Home, leve esse diabo!*" resolve por fim o ingênuo extrator, perturbado com o parati. Obtida a primeira bola de goma, o turco faz segunda tentativa, exibindo novidades: violas harmônicas, suspensórios, calças, camisas, ao lado da oriza ([91]), da água florida, da cananga ([92]), do tônico Oriental. "*Olha, combadre, esde chabéu. Bresidende Bidacio ([93]) só que usa*".

---

[88] Verbiagem: verborréia.
[89] Loquela: verbosidade.
[90] Entrefina: regular.
[91] Oriza: óleo essencial produzido por destilação das folhas secas da planta.
[92] Cananga: Cananga odorata – possui propriedades afrodisíacas e dermatológicas.
[93] Bresidende Bidacio: Presidente Epitácio Pessoa.

O seringueiro pega, olha, coloca-o na cabeça, mira-se no espelho. É um cinza das fábricas de São Paulo, já desbotado pelo tempo. Artefato de terceira ordem, assume, em tais alturas, proporções de Christy's e Borsalinos ([94]). Tentado, mas fingindo não querer, animado e transformado pelo álcool ingerido, risonho, pilhérico, o toqueiro interroga: – "*E cordas para flauta?*" – "*Não dem, combadre*". Mostra-lhe então o pirata um par de borzeguins amarelos, duros, ressequidos. O freguês examina contorcendo-os, achando defeitos. O otomano defende o artigo, considerando-o especialidade. "*Dura zinco anos, combadre, bode cordá seringa com ele, couro canguru buro*". O sertanejo ri-se desprezivamente ([95]) e retruca, afogueado pela bebida: – "*Canguru nada, couro da tua mãe, herege sem-vergonha*". Sorriso do regatão, que não "*tuge*" nem "*muge*" às injúrias ferozes. Adquirido o calçado, o caboclo, que já perdeu a noção de tudo, interroga sarcástico e espirituoso: – "*Tem anzóis de vidro?*"

O negociante com o coração aos pulos, de alegre, sente a presa segura e volve: – "*Não princa, combadre, combra*". E apresenta-lhe variadas quinquilharias, jamais pretendidas por aquela alma simples e estoica. As transações prosseguem. A borracha continua embarcando, e a balança a marcar diabolicamente para menos 40%, 50%, até que a vítima, completamente bêbeda, entrega a derradeira pele e salta de bordo. O batelão desatraca, depois de receber 200, 300, 400 quilos de ouro negro. Poucas voltas a jusante aporta de novo. Saudações, cumprimentos, negócios, que resultam invariavelmente em largos prejuízos, tanto para o extrator como para o dono do seringal, de quem se desvia, nessas sortidas, metade da colheita em cada safra.

---

[94] Christy's e Borsalinos: marca londrina e italiana famosa.
[95] Desprezivamente: revelando desprezo.

À boca da noite a galeota procura uma praia e aí pernoita, evitando os lugares frequentados, com especialidade os grandes barracões, onde os gerentes, executando os regulamentos de acordo com a lei do 44, não admitem abusos... O muçulmano invocando Maomé, que o protege, deita a linha n'água, recosta-se no bailéu ([96]), e, à luz das estrelas, puxa o mandi, a piramutaba, o surubim para a ceia. Manhãzinha faz café, toma-o com bolacha, e reinicia a via-sacra, geralmente desconfiado, temendo os imprevistos, com o olho no Padre e o olho na missa, seguro de não estar procedendo lisamente.

Às vezes, antes de fechar o ciclo de sua viagem, acabam-se-lhe os gêneros. Resolve chamar à fala o primeiro gaiola que suba. Avistado no fundo do Estirão o penacho de fumo, dá uma descarga de rifle. O navio atende e a galeota atraca-lhe ao costado. Entregue a partida de borracha ao representante da casa aviadora, que se encontra a bordo, o turco surte ali o seu curioso estabelecimento. E o batelão, outra vez abarrotado, volve de novo Rio acima, cabo passado na popa do vapor. Durante o reboque sofre o otomano os maiores tormentos, veementes abalos, negros sustos.

Vive esgotando a embarcação e safando-lhe da proa os troncos flutuantes e atravessados, sem mencionar o cuidado em mantê-la, por meio de um remo de faia à popa, em esparrela, fora da faixa de gramíneas e oiranas que vestem a orla ribeirinha, renteada pelo "*gaiola*" que sobe o caudal a fim de reduzir o trajeto e esconder-se da força da corrente. Súbito, na escuridão da noite, ouvem-se gritos de alarma: – "*Bara, bara, bara!*" É a gente do regatão que, quase alagado, está prestes a naufragar. O vapor ancora. Vozes de manobra.

[96] Bailéu: soalho da popa do barco.

O batelão é atado por um cabo até a meia-nau do navio, passam-lhe dois estropos ([97]), em funda, encapelados pelas bochechas, engatam-no nas talhas dum bote, rondam-no, esgotam-no e deixam-no com o diagnóstico marítimo de que não aguenta reboque. [...] Apanhado a negociar com a freguesia alheia e comprometida, os proprietários de seringais fraudados metem-no a ferros, surram-no e largam-no de bubuia. Ao dobrar de certas pontas, tal é o ódio que lhe votam, vê-se alvejado da mata. Encolhe-se, encafua-se com os tripulantes no porão e vinga a tocaia por artes do diabo. Ninguém labuta mais arriscadamente do que ele no vale, rodeado de inimigos, cercado de perigos. Nada o faz, entretanto, esmorecer ou recuar, e, afrontando a própria morte, sobe aos últimos manadeiros ([98]) para extorquir uma bola de borracha e vender algumas garrafas de cachaça. (MORAES, 1987)

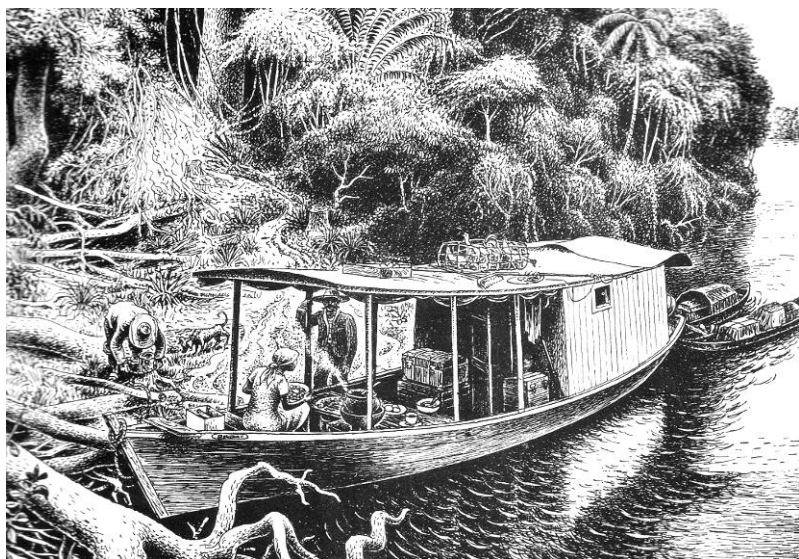



Imagem 22 – Regatão (Percy Lau)

[97] Estropos: cabos.
[98] Manadeiros: nascentes.

Suspiros Poéticos e Saudades VII
IV – A Tempestade
(Domingos José Gonçalves de Magalhães)

[...] Oh meu Deus! Oh meu Deus, teus olhos volve
Sobre os filhos dos homens.

É verdade, Senhor, eles ingratos
No tempo da bonança se esqueciam
Da tua onipotência;
Ousamos, ímpios, profanar teu nome;
Mas piedade, Senhor, hoje invocamos.

Como filhos rebeldes,
Que os sãos conselhos paternais desprezam,
Zombam mesmo dos pais, e de delírio
Em delírio à desgraça se encaminham;
E quando já no poço da miséria
Lhes brada a consciência,
Então os pais invocam;
E se os pais os não salvam, ali morrem.
Tu és pai, oh meu Deus! Misericórdia!

Um sopro de teus lábios foi bastante
Para armar contra nós a tempestade;
Um sopro de teus lábios
Basta para acalmá-la.

À tua voz, Senhor, tudo se humilha,
O mar, a terra, o céu, o vento, o raio;
Fala, seremos salvos.

Amaina o vento, o mar se tranquiliza!
Maravilha de Deus! As nuvens subam
A teus pés os meus hinos,
Hinos acesos nos transportes d’alma;
Voem de mundo em mundo, de astro em astro,
De Anjo em Anjo, até que eles se harmonizem,
E dignos sejam, oh Senhor, que os ouças. [...]

Espírito de um Verdadeiro Naturalista

O Naturalista

Como deixar de ouvir o canto do sabiá, o pio da coruja, o coaxar do sapo e das pererecas, o cricri dos grilos, o estrondo das cachoeiras e o murmúrio dos Riachos, o rosnar da onça, os gritos dos macaquinhos e o ronco dos guaribas. Sentir a maciez dos musgos e das pétalas das orquídeas e outras flores, o ardor da urtiga, os espinhos das palmeiras e gravatás. (AQUINO)

Quando ainda treinava para a descida do Rio Negro, fui chamado de "*Naturalista*" pelo Professor Dr. Rualdo Menegat, do Instituto de Geociências da UFRGS. Na época, ele solicitava autorização para reproduzir trecho de um artigo meu sobre o Guaíba.

> Prezado Coronel Hiram,
>
> Ao cumprimentá-lo, permita-me primeiramente apresentar-me: sou Professor do Instituto de Geociências da UFRGS. Coordenei a realização do Atlas Ambiental de Porto Alegre, obra que talvez seja do seu conhecimento, e sou membro do Comitê Científico da National Geographic Brasil e da Revista Brasileira de Geociências. No momento, estou preparando a publicação de um pequeno manual para saber por que o Guaíba é um Lago.
>
> Esse livro tem finalidades didáticas e destina-se à divulgação científica dos critérios e técnicas que nós pesquisadores utilizamos para definir os acidentes geomorfológicos e hidrográficos. Li com muito interesse seu artigo "*O derradeiro Desafio antes do Rio-Mar*", publicado em seu sítio eletrônico. Fiquei deveras impressionado com as dificuldades colocadas pelas correntes do Guaíba.

Assim, peço tua autorização para tornar possível a publicação de um belo excerto de teu artigo, como segue:

> Há quase dois anos, estamos treinando, exaustivamente, no Guaíba. O Lago Guaíba proporciona reais dificuldades à navegação com seus ventos fortes e largura de até 18 km [entre a Vila Itapoã e a Praia da Faxina] bem superior à do Rio Solimões. As diversas rotas que idealizamos, atravessando o Canal em navegações contínuas de mais de duas horas, buscaram ultrapassar as situações que enfrentaremos na Amazônia. Os ventos do quadrante Sul, superiores a 25 nós [45 km/h], passando entre os morros da Ponta Grossa e a Pedra Redonda, criam um interessante efeito de turbilhonamento. As ondas, de até 1,5 m, surgem de todos os lados sem um padrão definido exigindo muita habilidade e força do canoísta. (Hiram Reis e Silva, 2009).

Essa sua descrição coincide espetacularmente com o comportamento das águas de um Lago e, também, faz um alerta para aqueles que pretendem aventurar-se em navegá-lo desavisadamente. Além disso, mostra o espírito de um verdadeiro naturalista, que precisamos desenvolver para observar a natureza em todos os momentos. Sendo o que se apresenta para o momento, coloco-me a sua disposição para dirimir eventuais dúvidas que por ventura possam surgir e aproveito o ensejo para enviar meus protestos de alta estima e sobeja consideração,

Cordialmente, Prof. Dr. Rualdo Menegat

Refletindo um pouco sobre o termo "*Naturalista*", fiquei imaginando se eu era realmente digno de ostentá-lo. Acho que alguns fatores importantes devem ser considerados antes de fazê-lo, o primeiro, e fundamental, é o amor pela natureza; outro, é ser capaz sentir a influência sobre os seres vivos ou inanimados,

de cada raio de luz filtrado pelas diáfanas nuvens e, por vezes, multiplicado pelas copas frondosas dos seculares colossos das florestas. Teríamos ainda uma relação infindável de considerações a levar em conta que deveriam caracterizar o "*Naturalista*". Infelizmente, nos dias de hoje, a extrema especialização acadêmica e o rigor científico são colocados acima de cada um destes requisitos. Na verdade, o mais importante, para o cientista da natureza, é a capacidade de interagir com o meio ambiente que o cerca. De sentir os cheiros, as cores, de viajar no tempo e no espaço, observando tudo que o cerca não apenas com os olhos acorrentados ao presente, mas de ser capaz de recuar e avançar no túnel do tempo para poder entender a evolução dos elementos que o cercam. De se emocionar com o alvorecer e o ocaso de cada dia, de extasiar-se com as sonatas inéditas que emanam dos animais, de encantar-se com as acrobacias das aves...

Embora considere que possa me enquadrar em algumas das propostas supracitadas, acho que me falta o conhecimento holístico que possuíam os pesquisadores de outrora. Mesmo quando eram militares cumprindo missões eminentemente técnicas, como demarcações de fronteiras ou lançamento de linhas telegráficas, eram capazes de fazer avaliações sobre antropologia, ciências físicas e biológicas etc.

Embora muitas vezes as observações e relatos do "*Naturalista*" antecedam as leituras, o desejável é que, mesmo que a observação tenha sido precedida pelo estudo minucioso de bibliografia, ele seja capaz, através de um espírito crítico acendrado, desvincular-se do conhecimento alheio para não enveredar pelas mesmas amareladas páginas sem nada acrescentar de novo.

*Não é, desta vez, um humanista, nem um filósofo [...]
Não é mais o europeu em busca do desconhecido
tropical, que sobe o Rio Negro. Vai senti-lo, portanto,
com muito mais intensidade emocional. E por isso mesmo,
embora não sendo antropólogo, traz valiosa contribuição
ao estudo social da região. (Heloisa Alberto Torres)*

A pesquisadora e Naturalista Carla Abreu Soares Aquino na sua tese sobre a "*preguiça comum*" faz algumas reflexões bastante interessantes a respeito do verdadeiro naturalista:

> O "*Naturalista*" nato adquire seus conhecimentos em contato com a natureza. O profissional passa pelos bancos escolares, onde nem sempre obtém conhecimento geral e global da natureza e sim de fragmentos, na maioria das vezes sem a perspectiva do todo. Esta assertiva não quer dizer que o estudo das partes, efetuado nas Escolas, Universidades e Instituições de Pesquisa não seja relevante. Pelo contrário. Mas não forma o naturalista.
>
> Os profissionais cada vez mais isolam-se e protegem-se no casulo da "*civilização de laboratório*". São cientistas, mas não devem ser chamados de "*Naturalistas*". Estão ligados ao cordão umbilical de fórmulas e formulários, bolsas e relatórios. Presos a engrenagens burocráticas crescentes, anunciadoras de que os meios justificam os fins, estes nem sempre alcançados. [...]
>
> A divulgação do que é simples é vestida com uma linguagem complicada, inacessível aos não iniciados no biologês, geologês, etc. Assim, não alcança os objetivos perseguidos consciente ou inconscientemente pelo observador. Que diferença dos textos dos grandes "*Naturalistas*" e cientistas europeus de menos de um século atrás, que lançaram as bases da ciência atual!

> Que falta eles fazem! Muitos "*Naturalistas*" natos desistem de transmitir a outrem o que observaram, frente a essas barreiras com sua ortodoxia [...]
>
> Como colocar nessa camisa de força as sensações mencionadas de início? Como encaixá-las no matematismo ([99])? Alguns "*Naturalistas*", contudo, têm coragem para desafiar a corrente. (AQUINO)

Relatos Pretéritos

Quantos naturalistas hodiernos seriam capazes de descrever as raízes aéreas como Spruce o faz nas suas "*Notas de um botânico na Amazônia*"? A narrativa, ao mesmo tempo pragmática e poética, empolga quem a lê e, ao mesmo que transporta o leitor para o seio da mata, projeta diante dele um filme mágico, em imagens aceleradas, reproduzindo todo o processo de crescimento das raízes das figueiras desde sua germinação até o estrangulamento final da árvore hospedeira.

Richard Spruce (1854)

> Nas Moráceas, especialmente nas figueiras parasitárias, temos outro tipo de sapopemas, cuja origem é óbvia. Os excrementos de aves contendo sementes dos figos que lhes serviram de alimento caem numa forquilha da árvore, ou mesmo em seu tronco nu ou nos seus galhos, aos quais adere. Ali a semente germina e, à medida que seu caule cresce para cima, suas raízes, em forma de bandeja, e que, caso a árvore hospedeira seja delgada, acabam por se transformar numa bainha, vão descendo, divergindo um pouco da vertical para todos os lados,

[99] Matematismo: doutrina que defende que tudo que acontece no mundo pode ser entendido por meio da matemática e obedece a leis matemáticas .

bifurcando-se aqui e ali, mas sempre buscando o chão. Caso se formem bem alto, essas bifurcações vão-se repetindo uma, duas ou mais vezes, conferindo ao conjunto a aparência de pares de pernas exploradoras, que estariam descendo de uma habitação na qual teriam entrado não se sabe como, e que agora tateiam o chão com os dedos.

Ao atingirem o solo, enfiam-se nele profundamente, aumentando aos poucos em largura pela adição de matéria orgânica a sua borda externa, porém conservando praticamente a mesma espessura ao longo de seu comprimento, e desse modo formando umas espécies de contrafortes tabulares. Depois de ter encontrado esses pontos de apoio independentes, o parasito se instala à vontade sobre o tronco amigo que o acolheu, e, já que seu apoio agora se tornou dispensável, costuma sufocá-lo ingratamente num abraço traiçoeiro, até que ele venha a morrer. [...]

Somente umas poucas figueiras se desenvolvem desse modo que acabamos de escrever. Outras deitam raízes que se ramificam em espirais, emaranhando-se umas nas outras, até cingir o tronco de uma árvore, formando uma rede tenaz que impede efetivamente seu crescimento ulterior, e que acaba por sufocá-la. Outras emitem rumo ao solo raízes parecidas com cordas, que pendem frouxamente, a princípio, mas que aos poucos se vão tornando retesadas e rígidas. (SPRUCE)

O Fascinante Negro Caudal

[...] vimos uma Boca de outro grande Rio, à mão esquerda, que entrava no que navegávamos, e de água negra como tinta, e por isso lhe pusemos o nome de Rio Negro. Corria ele tanto e com tal ferocidade que em mais de vinte léguas fazia uma faixa na outra água, sem misturar-se com a mesma. (CARVAJAL)

O Negro Caudal vem encantando desbravadores, naturalistas, pesquisadores, escritores e poetas desde que se teve notícia de sua existência, pelos "*civilizados*" há séculos. A cada um, este portentoso ente aquático impressionou de uma forma. Alguns pela cor de suas águas, outros pela força de sua torrente, outros pelas características físico-químicas, outros pelas infindáveis e paradisíacas ilhas, outros pelo colorido e formas exóticas de sua ictiofauna, outros ainda pela sua diversidade étnica e cultural...

No dia 23 entramos no Rio Negro, outro Mar de água doce que o Amazonas recebe pelo Norte. [...] Testemunhei por meus próprios olhos que essa é a sua direção várias léguas acima de sua desembocadura no Amazonas, onde o Rio Negro entra tão paralelamente que, sem a transparência das águas que se chamam precisamente "Rio Negro", seria tomado por um braço do próprio Amazonas, separado por alguma ilha". (AGASSIZ)

Talvez os "*cientistas*" de hoje pudessem buscar inspiração em textos como o de Aurélio Pinheiro, no seu livro "*À Margem do Amazonas*" para se aproximar, quem sabe, da sabedoria dos verdadeiros "*Naturalistas*" de antanho. Pinheiro assim descreve "*o Rio Negro*":

> Não há talvez em todo o vale do Amazonas – tão fértil em mistérios aterradores, em lendas inverossímeis e em episódios que saciariam a mais sôfrega fantasia – região mais vivamente interessante que a do Rio Negro. As águas escuras como infinita toalha de hulha polida; as Baías descomunais onde as tempestades levantam ondas como as do oceano; as cachoeiras sem conta interceptando a navegação; as florestas intermináveis, invariáveis, cansativas; as Vilas em ruínas, agonizando em doloroso abandono, "*revelando um fim de civilização e de raça*", na magoada expressão de Osvaldo Cruz, ao visitar como

higienista e como sábio, a desgraçada Vila de Moura – são etapas melancólicas assinalando a solidão daquelas paragens.

As suas praias de refulgente brancura, brilhando à luz do Sol ou fulgindo à noite, lívidas, parecem mudas legendas seculares perpetuando feitos de supremo heroísmo, abnegações enternecedoras, originais caprichos de governantes, revoltas épicas de silvícolas, tumultos de guerrilhas no entusiasmo e na avidez das primeiras conquistas, audácias indescritíveis de aventureiros, arrojos de missionários expondo as vidas nas tabas alarmadas. [...]

Os barrancos históricos de Thomar recordam a emocionante aventura de Ambrósio Ayres, o Bararoá, figura de caudilho e gentil-homem, conclamando vassalos, amigos e indígenas, chefiando a sua tropa de bravos e lançando o terror nas hostes perversas da cabanagem, que vence gloriosamente nas cercanias da Serpa e de Luzéa, desbaratando-as para sempre.

No solo desventurado de Mariuá ainda se encontram vestígios das edificações de Joaquim Tinoco Valente e de Lobo d'Almada, Governadores da Capitania de São José do Rio Negro, erguendo palácios, fábricas e quartéis, num grandioso sonho de prosperidade e de força para a terra ilimitada que governavam e defendiam – convictos de que aquela soberba Mariuá, à margem da Negra Caudal, seria a célula de toda a civilização da Bacia amazônica.

Mariuá, porém, longínqua, estéril, insalubre, teria de desaparecer. E ficaram na terra abandonada os cadáveres de Tinoco Valente e Lobo d'Almada, os mais ardentes sonhadores da grandeza do Amazonas. [...]

A certeza do prêmio ao labor sobre-humano; o súbito aparecimento da "*Manôa Dorada*" faiscando ao Sol; a evidência das serranias que deviam guardar nas entranhas todo o ouro da terra; a água dos Paranás e dos Rios lavando esmeraldas e diamantes; as fábulas magníficas de Orellana, Pizarro, Almagro e Ursúa, correndo por toda a planície, desde a Cordilheira dos Andes até a Foz do Mar Dulce – davam aos forasteiros perturbados essa extrema intrepidez que ainda hoje assombra os historiadores.

Os Bandeirantes do Sul rasgavam longas veredas que os levavam ao seio das matas impérvias ([100]), ao ápice das Serras desconhecidas, aos Rios ainda sem nome – e as cenas de bravura e sacrifício abarrotam por aí pesados volumes de comovedora literatura. Mas, geralmente, os Bandeirantes partiam em grupos numerosos, em aparelhadas monções, organizadas, armadas, instruídas, sob o comando de chefes experientes. E os louvores a esses pioneiros reboam há 300 anos em vastos capítulos da nossa história. Merecem-nos, não há dúvida. Ao destemor, ao sofrimento, à tenacidade dos antigos paulistas, deve o país essa homenagem. [...] Que coragem se poderia comparar a de Francisco Xavier de Moraes, que em 1747 atravessava a teia dos múltiplos cursos d'água do Alto Rio Negro, e rompia o Cassiquiare, ignorando certamente que transpunha o "*divortium aquarum*" das Bacias do Amazonas e do Orenoco? [...] O Rio Negro, deserto, sombrio, faminto como todos os Rios de águas escuras na Amazônia, doentio, triste, só poderia inspirar lendas sinistras. Mariuá foi um erro inexplicável dos primeiros Governadores; um século de retardamento para o Amazonas – e ninguém hoje acreditará que essa mísera "*Villa de Barcellos*" foi antigamente a poderosa metrópole da Capitania de São José do Rio Negro. [...]

[100] Impérvias: impenetráveis.

> E as suas árvores devem reter ainda, na tristeza das frondes e na rede torturante das lianas, os soluços e as iras e as blasfêmias, desse homem de gênio, boêmio, cavalheiresco, transviado, ingênuo como uma criança, herói como um conviva da Távola Redonda, que foi Eustásio Rivera ([101]), transvasadas nas páginas doloridas de "*La Vorágine*". (PINHEIRO)

A Singular Torrente

O Negro me envolveu no seu manto de mistério; a alvorada silente, diferente do Solimões, que mais parecia uma Ode à Natureza, torna-o, à primeira vista, um ser inerte, apático e sem vida. A beleza das paisagens contrastava com a ausência de sons.

A calmaria do Alto Rio Negro e as belas ilhas de pedra foram substituídas, à medida que progredíamos, pelas intermináveis praias de areias virgens, pelos banzeiros e fortes ventos de proa que dificultavam a progressão de minha equipe de apoio no seu precário "*bongo*".

Diferente dos ventos sulistas, que acariciam a superfície das águas do irmão Guaíba, os banzeiros formam ondas que não obedecem a um padrão definido tentando jogar o casco do meu formidável "*Cabo Horn*" para todos os lados, eu só conseguia mantê-lo na rota graças ao formidável leme que possui.

Diferente do Solimões, cujas águas podiam ser cortadas sem o uso deste implemento, aqui no Negro ele é de vital importância.

---

[101] José Eustasio Rivera: famoso escritor colombiano autor da novela La Vorágine, um clássico da literatura hispanoamericana.

Margens Funestas

[...] revolto, e vacilante, destruindo e construindo, reconstruindo e devastando, apagando numa hora o que erigiu em decênios – com a ânsia, com a tortura, com o exaspero de monstruoso artista incontentável a retocar, a refazer e a recomeçar perpetuamente um quadro indefinido [...] (CUNHA, 2000)

O efeito devastador das águas do Solimões sobre as margens, golpeando, destruindo, arrastando, reconstruindo, alterando continuamente seu traçado, aqui não se vê. O Negro derruba os gigantes da floresta, mas eles permanecem aferrados aos barrancos de onde tombaram. São redesenhados, esculpidos pelas mãos do tempo e das águas. No Baixo Rio Negro, as margens de tabatinga, golpeadas continuamente pelos banzeiros, formam formidáveis paredões verticais e as arenosas espraiam-se longa e preguiçosamente. No Alto Rio Negro, as margens íngremes rochosas e as de terra mostram-se revestidas por uma interminável rede formada pelas radículas provenientes das bases das árvores, compondo uma densa e extensa franja.

Pobre Vegetação

No Rio Negro, cortei e medi tantas árvores, inclusive das mais altas, que disponho de dados suficientes para indicar com relativa precisão as alturas médias e máximas das florestas existentes em diversas partes da região, mas tenho de admitir que jamais encontrei uma árvore que fosse mais alta do que as que vi no Pará. (SPRUCE)

As terras mais pobres não apresentam a estupenda variedade e portento da Bacia do Solimões e as águas carentes de nutrientes não revitalizam a várzea por ocasião das cheias.

Talvez, por tudo isso haja uma diferença tão notável na capacidade de trabalhar dos nativos das mais variadas etnias do Alto Rio Negro em relação aos Tikunas do Alto Solimões. A compleição física indica uma carência alimentar ancestral que não conseguiu ser suprida até os dias de hoje, agravada, certamente, pela falta de aptidão para a agricultura e o secular vício da bebida.

Descendo o Rio Negro

Desde o primeiro dia de minha Expedição pelo Negro, eu comparava as paisagens atuais com as imagens pretéritas do Solimões. Impossível deixar de estabelecer comparações entre as características do primeiro com as do segundo. O foco inicial de minha atenção no Negro se voltou para o silêncio das matas ciliares. A alvorada no Solimões era uma verdadeira Ode à Vida e ao Sol, carregada de sons de pássaros de todos os matizes, acompanhada pelo soturno ronco gutural dos guaribas, possuía uma singular beleza que me arrebatava e me fazia mergulhar nos mistérios e belezas da natureza. O Negro, com suas ilhas e praias de incomparável beleza mais parecia um grande e belo quadro de natureza morta. As matas de menor porte do Negro não tinham a diversidade, a opulência e os frutos das do Solimões que permitiriam que os pássaros a povoassem. A torrente mais lenta causa um impacto bem menor nas margens que, por isso mesmo, guardam cicatrizes perpétuas dos gigantes da floresta tombados pelos temidos banzeiros. É interessante confrontar minhas impressões com a dos verdadeiros naturalistas do passado, por isso, transcrevo os relatos abaixo, lembrando, porém, que as observações de Spix se estenderam, apenas, até a Cidade de Barcelos e as de Agassiz até Pedreira (atualmente Moura).

Johann Baptist Von Spix (1820)

O seu declive é muito pequeno, de sorte que mais parece Lago do que Rio corrente; porém o mais fraco vento faz levantar vagas, durando a agitação muito mais tempo do que no Solimões; se o vento é mais violento ou é mesmo temporal, o movimento das suas águas é igual ao das do Mar, assustando os navegantes. Este é também o único perigo até Santa Isabel, onde começaram a aparecer no Rio bancos e violentas corredeiras, e mais acima estão as cachoeiras. Neste Rio, nada se tem a recear dos desabamentos de barrancos, de troncos de árvore deitados perto da margem ou boiando no Rio. Também é livre de toda praga de insetos [carapanãs, piuns, maruís, mutucas, brocas e formigas], que são o flagelo do Solimões; entretanto, isso só até Santa Isabel, pois, daí em diante, até às nascentes, aparecem os piuns em enxames enormes e também não faltam as espécies branca e escarlate quase invisíveis de ácaros, o micuim, que penduram no capim e se apegam aos transeuntes, produzindo com as suas picadas uma comichão intolerável e, depois, pequenos tumores.

Em contraste com o Solimões, cujas margens estão em grande parte expostas às inundações e quase sempre são pantanosas, o Rio Negro tem margens limpas, arenosas, secas e terrenos mais altos, particularmente do lado Meridional, onde as terras elevadas, pedregosas, descem frequentemente em declive suave de 200 a 300 passos, numa clara margem arenosa, revestida de árvores anãs e de arbustos ralos, que é uma espécie de campo, seguindo-se logo a mata mais alta e densa. Essa mesma mata não é irregular, como a do Solimões composta por árvores pequenas e gigantescas, de arbustos, embaúbas, palmeiras, etc, da maior diversidade de árvores e do mais variado colorido.

É, ao contrário, regular; as árvores são do tamanho mediano com a uniforme tonalidade e brilho das folhas, como as das lauráceas, de sorte que essa floresta mais parece umas arcadas contínuas, sob as quais se pode passear a vontade. Pena é não serem essas magníficas praias semelhantes a campos, nem essa aprazível mata animada por quase pássaro algum, mas apenas por muito poucos macacos. Pelo fato de o Solimões adubar muito mais as suas margens e serem elas gordas e férteis, parecem que todos os seres vivos correm para ali.

Quando navegávamos no Amazonas e Solimões, nunca nos faltava caça, e cada lanço da tarrafa nos trazia 50 a 100 peixes de diversos tamanhos. O contrário se dá nas águas escuras do Rio Negro. Nem a mata nem as águas oferecem presas, e pode-se estar a pescar o dia inteiro, sem apanhar um só peixe, a isso juntam-se o silêncio e a uniformidade da floresta, a cor negra da água, o que torna melancólica a viagem e só favorece a meditação. [...] Na verdade, também a extraordinária fertilidade do Solimões faz com que, apesar de todos os carapanãs e de outras pragas, as suas povoações sejam muito mais habitadas que a do Rio Negro. [...] (SPIX & MARTIUS)

Luís Agassiz, e Elizabeth Cary (1865)

Ontem pela manhã ([102]), entramos no Rio Negro e observamos o conflito de suas águas calmas e quase pretas com as ondas amareladas e apressadas do Solimões, como é denominado o médio Amazonas.

Os índios chamam-nos admiravelmente: "*o Rio Vivo e o Rio Morto*". O Solimões vem encontrar a corrente escura e lenta do Rio Negro com uma força tão irresistível, tão viva que este último parece bem, ao

[102] Ontem pela manhã: 05 de setembro de 1865.

lado dele, uma coisa inerte. Verdade é que esta época do ano é aquela em que as águas dos dois grandes Rios começam a baixar, e o Rio Negro parece opor uma fraca resistência à força superior do Solimões; durante um rápido instante, ele luta contra o Rio impetuoso; mas, logo subjugado e estreitamente comprimido de encontro à margem, prossegue o seu curso até uma pequena distância, lado a lado com o Solimões. O mesmo não se dá na época das cheias; então o enorme Rio comprime com tal superioridade a embocadura do Rio Negro que nem uma gota de suas águas, pretas como tinta, parece se misturar à massa d'água amarelada do interruptor; este atravessa o seu afluente e passa, barrando-o completamente. (AGASSIZ)

Gastão Cruls (1944)

Bem diferente há de ser o aspecto da flora marginal se penetrarmos qualquer Rio de águas pretas. Aí, nada do friso de capins aquáticos e praieiros, ou da orla de outras plantas herbáceas que nos Rios de aluvião antecedem a mata e, por ocasião das enchentes, não raro se despregam das ribanceiras para formar os periantãs que descem de bubuia, ao sabor da corrente, levando no seu bojo garças e outras aves, quando não até onças, colhidas de surpresa sobre essas ilhas viajeiras.

Não. Nada disso. Tal como no Rio Negro, Rio de águas pretas que poderia ser tomado como padrão, a floresta não se faz anunciar. Chega logo à beira d'água e apresenta-se sem rebuços. Não se pense, porém, que por vir assim, tão prontamente, ao nosso encontro, tenha um ar mais prazeroso e comunicativo. Muito ao contrário, de um verde tristonhamente carregado, essa mata, de árvores não muito altas e folhagem miúda, tem um rosto bastante severo, trai qualquer coisa de sombrio e misterioso. (CRULS, 2003)

Infelizmente muitos "*especialistas*", muito longe de serem naturalistas, enveredam por tortuosos labirintos defendendo o indefensável, alterando, sem qualquer sentido, a definição de acidentes geográficos consagrados e já aceitos por geocientistas que defendem suas teorias baseados apenas na ciência e não no vil metal. Vamos reproduzir uma notícia que caracteriza muito bem esta dicotomia.

Jornal do Comércio
Porto Alegre, RS, Sexta-feira, 25.05.2018

Rio ou Lago: o Guaíba é o quê?
(Daniel Sanes)

[...] Porém, ainda persistem incertezas sobre o principal cartão-postal de Porto Alegre, e elas são de ordem científica. Afinal, o Guaíba é um rio ou um lago? Alguns pesquisadores defendem a primeira denominação [que também é a consagrada pelo uso popular], mas outros alegam que erros históricos levaram a ela. A classificação oficial adotada tanto pelo Estado quanto pelo município é de que o Guaíba é um lago. E é essa denominação que o JC irá seguir.

A Questão das Margens e a Especulação Imobiliária

Há quem diga que o conceito de lago, estabelecido por decreto, foi adotado para burlar a legislação ambiental: de acordo com o Código Florestal, a área de preservação permanente de um rio é de 500 metros em relação à margem; a de um lago, de 30 metros. Ou seja, uma classificação favoreceria a especulação imobiliária, enquanto a outra garantiria a proteção da única fonte de abastecimento da Capital. [...]

Já o geólogo Elírio Ernestino Toldo Júnior utiliza o exemplo de um rio europeu para questionar possíveis interesses do poder público em definir o Guaíba como lago. "*O Tejo, em Lisboa, tem uma semelhança muito grande com o Guaíba em sua desembocadura, mas não é motivo de polêmica. A questão das margens é o motivo que levou, na minha opinião, a suscitar essa polêmica mais recentemente. Não é um motivo científico, mas comercial*", lamenta.

Entusiasta do assunto, o presidente do Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Estado e ex-presidente do Instituto dos Arquitetos do Brasil - RS, Tiago Holzmann, defendeu em um artigo que o Guaíba é, legalmente, um rio, mesmo concordando com ambas as teorias. "*O problema é misturar essas duas discussões, a científica e a legal, porque a científica, involuntariamente, está mascarando um objetivo, que é o de urbanizar onde não deveria ser urbanizado. A denominação de rio me parece mais coerente com o desenvolvimento sustentável. Temos grandes vazios urbanos, não precisamos ocupar áreas que ainda têm uma qualidade ambiental*", avalia. [...]

Descarga de Rio

Também geólogo e professor da UFRGS, Elírio Ernestino Toldo Júnior tem uma posição bem diferente. Para ele, o Guaíba é um rio. "*Trabalhamos com medições, sistematicamente, desde 2005. Portanto, são conclusões relativamente novas. Não se trata de uma visão geral de paisagem; o critério deve ser hidrodinâmico e incluir a morfologia de fundo. A partir desse trabalho, verificamos a descarga do rio, o que não se conhecia até então*", explica. Toldo destaca que a correnteza é um dos elementos importantes para embasar tal definição. A vazão média do Guaíba, de mais de mil metros cúbicos por segundo, é típica de uma descarga de rio. "*Como se manteria uma descarga significativa dessas em um corpo*

d'água represado? E aí vem outro dado importante: essa descarga renova as águas do rio. Apesar da poluição, o Guaíba tem uma alta taxa de renovação de suas águas por causa da descarga fluvial para a Lagoa dos Patos". Outra novidade trazida pelas medições é a detecção do volume de sedimentos exportado – o que, ressalta o geólogo, é um critério fundamental para determinar que não se trata de um lago.

"*O Guaíba exporta uma brutal quantidade de sedimentos, mais de 1 milhão de toneladas por ano são transferidas para a Lagoa dos Patos. E lagos não exportam sedimentos. Pelo contrário, são importa-dores*", reforça. [...]

Um Rio

Possui um canal natural, com mais de 70 km de comprimento;

As águas não ficam retidas na bacia. O Guaíba apresenta vazões médias superiores a 1,3 mil m^3/s, com valores máximos que excedem 14 mil m^3/s;

O Guaíba possui área superior a 500 km^2, com vazão média suficiente para renovar todo o volume d'água em uma média de nove dias;

Imagens de satélite e sondagens do fundo apontam que o Guaíba exporta sedimentos para a Lagoa dos Patos em um volume superior a 1 milhão de toneladas ao ano;

O tipo de vegetação das margens depende da região e do clima nos quais um rio ou lago se desenvolve. Assim, independe do padrão de circulação das águas.

Imagem 23 – Jogo das Nereides (Arnold Böcklin, 1886)

O Rio I
(Olavo Bilac)

Da mata no seio umbroso,
No verde seio da Serra,
Nasce o Rio generoso,
Que é a providência da terra.

Nasce humilde, e, pequenino,
Foge ao Sol abrasador;
É um fio d’água, tão fino,
Que desliza sem rumor.

Entre as pedras se insinua,
Ganha corpo, abre caminho,
Já canta, já tumultua,
Num alegre burburinho.

Agora o Sol, que o prateia,
Todo se entrega, a sorrir;
Avança, as rochas ladeia,
Some-se, torna a surgir.

Recebe outras águas, desce
As encostas de uma em uma,
Engrossa as vagas, e cresce,
Galga os penedos, e espuma.

Agora, indômito e ousado,
Transpõe furnas e grotões,
Vence abismos, despenhado
Em saltos e cachoeirões.
E corre, galopa, cheio
De força; de vaga em vaga,
Chega ao vale, larga o seio,
Cava a terra, o campo alaga...

E um nobre exemplo sadio
Nas suas águas se encerra;
Devemos ser como o Rio,
Que é providência da terra:
Bendito aquele que é forte,
E desconhece o rancor,
E, em vez de servir a morte,
Ama a Vida, e serve o Amor!

Uma Fraude Chamada “Tatunca Nara”

Entrevista com Tatunca Nara

O Tenente Walter buscou o Doutor Nilder em sua residência e, acompanhados pelo Soldado Francisco Alves, filho adotivo de Tatunca, dirigimo-nos ao sítio do seu pai Tatunca, que mora a algumas dezenas de quilômetros de Barcelos, onde cultiva diversas plantas frutíferas que vende para os comerciantes locais.

Tatunca foi surpreendido com nossa visita, mas amavelmente nos convidou para entrarmos em seu modesto barraco onde discorreu sobre temas como a Alemanha Nazista, onde deixou patente sua admiração por Adolf Hitler, sua trajetória de vida e suas pesquisas na Serra do Aracá. Tatunca se diz filho de uma freira alemã com um líder religioso Kichwa peruano (descendente dos Incas).

Kichwa

Originários da região do Lago Titicaca, chefiados por Manco Cápac, filho do Sol, estabeleceram-se em Cuzco no século XII. Seus sucessores consolidaram o domínio sobre os povos vizinhos criando uma notável civilização, baseada numa monarquia teocrática cuja autoridade máxima era exercida pelo Imperador [o Inca], orientado por um Conselho de notáveis.

O Império incluía as regiões do atual Equador, Sul da Colômbia, Peru, Bolívia até o Noroeste da Argentina e Norte do Chile.

Também conhecido como Tahuantinsuyo (as quatro regiões) tinha como capital a Cidade de Cuzco (umbigo do mundo). Era formado por diversas nações com mais de 700 idiomas diferentes, embora o mais importante fosse o kichwa.

Em 1533, os conquistadores espanhóis executaram o Imperador Atahualpa, dando início à decadência do vasto Império. Apesar de tudo, o kichwa, ainda hoje, é a mais importante língua indígena Sul-americana, falada por diversos grupos étnicos que totalizam cerca de dez milhões de indivíduos na Argentina, Chile, Colômbia, Bolívia, Equador e Peru, sendo uma das línguas oficiais desses três últimos países.

Num linguajar arrastado, com forte sotaque germânico, contou suas passagens pelo Brasil, sua ida à Alemanha onde se especializou em motores a Diesel e seu retorno à terra brasileira no período revolucionário.

Conta ele que, depois de muitas idas e vindas, conheceu aquela que viria a ser mais tarde sua esposa, Srª Anita Beatriz Katz, quando ela o entrevistou em inglês e alemão. Depois disso, ele "*teria*" sido recrutado como membro da inteligência para o Exército Brasileiro.

Após casar com Anita, trabalhou, durante algum tempo, como motorista de caminhão e acabou vindo para Barcelos. Explorou, por diversas vezes, o Rio Padueri, na Serra do Aracá, com a finalidade de pesquisar as origens de sua gente (Kichwa) e na tentativa de encontrar o "*El Dorado*".

Tatunca argumenta que o nome da Cidade de Machu Pichu, na língua nativa, significa a "*segunda*" e que na Serra do Aracá encontra-se um sítio arqueológico com a mesma orientação e semelhança onde teria sido construída a "*primeira*". Reporta que, em Machu Pichu, a forma do sítio lembra um gigantesco Jacaré e aqui, no Aracá, a formação lembra um grande boto. Mais uma vez, a fraude fica patente. A teoria que Tatunca advoga como sua foi plagiada do pesquisador Marcelo Godoy, empresário e pesquisador paranaense, que reside em Barcelos. Relata que existe uma fotografia aérea que mostra, nitidamente, o desenho de uma enorme tartaruga, de uns 200 metros, gravada na pedra. Um animal sagrado para os antigos Kichwas.

> Exatamente, esses pedaços de pedra de antigas cidades. Veja agora Matchu Picchu, no Peru. Matchu Picchu em língua indígena significa a segunda, a segunda cidade, deve ter a primeira, agora cadê a primeira? Matchu Picchu foi construída da esquerda para a direita, no meio de um vale, no vale não foi construído nada. Você pega aqui a Serra do Aracá, você tem esquerda, direita e um vale no meio. Eles foram construindo cidades, onde foi uma zona de animal sagrado indígena. Matchu Picchu é um jacaré ou sei lá, uma coisa meio que se assemelha à um réptil. Eu acho que aqui é a primeira cidade, então a forma da montanha é um boto.
>
> Você olhando tem a imagem de uma tartaruga no chão, [...] essa tartaruga, como eu tenho aqui no peito, está gravada na parte superior de uma pedra no alto da montanha. Você olha no mapa [...] e verifica que é maior que um campo de futebol. Ela está no nível do chão e se eu passar por cima não vou me dar conta de que ela está ali, e nem saber que ela existe, é como as figuras do Peru.

> Não tem nada com ouro ou certas coisas, simplesmente a forma de uma animal, de uma tartaruga, um bicho sagrado, de guerra, de defesa antiga de índio. As armas de um Chefe de guerra são o pão, a água e o espírito. Deus, não é um macho, na religião de índios, é sempre feminino [...] (Tatunca Nara)

Continuando seu relato, Tatunca afirma que, na Serra do Aracá, existiam três grandes buracos que penetravam terra adentro, que ele chamou a equipe do Akakor Geographical Exploring, da Itália, para inspecionar o sítio. Qual não foi sua surpresa quando lá chegou com os italianos os buracos tinham sumido. Segundo sua versão, ele tinha deixado inclusive uma corda demarcando o local. Mais tarde, voltando ao local, ele verificou que o grande bloco de pedra em que se encontravam os três buracos havia desabado.

> Existem certas coisas que ainda exigem uma pesquisa maior, por exemplo um abismo de 1.300 m, uma caverna que tem 600 m de profundidade, o maior do Brasil. Eu não procurava essa caverna, eu tentava encontrar o abismo, a montanha tem uns 500 m, há um paredão lá em cima com 3 buracos.
>
> Dois de três metros e um de quatro metros, como uma chaminé. Todos são de um granito cristalino, a água não teria como moldar uma chaminé desta maneira. E três, um triângulo que vai até centro da terra, com 1.300 m de altura – não pode ter sido formado naturalmente. Eu queria encontrar uma maneira de entrar, por isso eu chamei essa turma de Akakor da Itália que trouxe um equipamento adequado para entrar nesses buracos. Ao chegarmos lá não encontramos mais os buracos e eu fiquei desesperado [...]. Continuei procurando e encontrei outra caverna que eles entraram e recolheram amostras para saber a idade caverna. Mas, o buraco

eu não mais o encontrei. Vários anos depois eu o procurei de novo sem sucesso. Eu continuava tentando porque sabia mais ou menos sua posição correta. Depois eu fui outra vez sozinho e descobri, [...] tudo tinha desabado [...]. (Tatunca Nara)

SBE Notícias, n° 39
Campinas, SP, Domingo, 21.01.2007

Recorde Sul-Americano de Profundidade em Cavernas

Pesquisadores da Sociedade Brasileira de Espeleologia [SB] e da ONG Akakor Geographical Exploring estabeleceram um novo recorde Sul-americano de profundidade em caverna e recorde mundial em rocha quartzífera durante Expedição ao interior da Amazônia. A descoberta do Abismo Guy Collet [AM-3], como foi batizado pelos exploradores da Expedição ítalo-brasileira, com seus 670,6 metros de desnível, foi divulgada em dezembro [2006] passado no periódico Informativo SBE n° 92 e registrada no Cadastro Nacional de Cavernas do Brasil [CNC], atendendo às recomendações para expedições estrangeiras no Brasil da SBE.

A Expedição: [...] foi realizada em 30 dias entre julho e agosto de 2006. Uma verdadeira aventura pela região de Barcelos na Amazônia brasileira. Foram quatro dias trocando de embarcação e navegando por mais de 300 km de labirínticos verdes numa lenta progressão por pequenos Rios cheios de árvores tombadas, obrigando a equipe a descer e empurrar as embarcações muitas vezes, além de três dias de percurso a pé, abrindo caminho por regiões inexploradas e montando acampamentos, isso sem falar no calor e umidade elevada, insetos e possibilidade de ataque por animais selvagens.

O êxito só foi possível pelo planejamento e organização impecável da equipe que se dividiu em duas: uma de logística, que seguiu antes para a região preparando transporte, guias e provisões necessárias, além de ficar de prontidão para o caso de emergências; e outra, de exploração, que se incumbiu de levantar o potencial espeleológico da região e documentar descobertas.

A Região: a exploração concentrou-se na Serra do Aracá, Noroeste do Estado do Amazonas, altiplano constituído de rochas quartzíferas na fronteira com a Venezuela, região conhecida como tepuys brasileiros ([103]). A área estudada dentro da Serra do Aracá, constitui um exemplo típico de montanha tabular muito semelhante ao Monte Roraima e principalmente ao Pico da Neblina, com rochas silicoclásticas como quartzitos, ortoquartzitos e quartzo-arenitos de granulometria média a fina. Com a grande heterogeneidade das rochas presentes o grau de erosão é bem alto, mas a região também é interessante pelos processos de dissolução encontrados nas cavidades.

O Abismo: a equipe de exploração dividida em três frentes de trabalho, encontrou alguns abismos menores e outras possíveis cavidades, mas, ao se depararem com uma entrada no meio de uma parede de quartzito, um lance negativo de 35 metros, decidiram concentrar os esforços neste local. Após descer o primeiro lance, chegaram a um patamar de uns 6 m², o único nível topográfico positivo da caverna, desceram outro lance de 60 metros onde encontraram interessantes espeleotemas ([104]).

---

[103] Tepuys brasileiros: assim chamados por apresentarem a característica feição morfológica em forma de mesa, (tepuy = mesa na linguagem indígena Macuxi). É uma feição morfológica muito similar ao Auyantepuy na Venezuela.

[104] Espeleotemas: formações raras em quartzito.

> Parecia ser o fim do abismo, mas voltando ao patamar anterior encontraram outra via e o que se seguiu foi uma sucessão de lances extremamente técnicos, exigindo muito trabalho da equipe, com jornadas de mais de 15 horas. A cada lance e estimativa de profundidade a equipe ficava mais empolgada e não queriam parar. A partir dos 650 m a caverna começou a se afunilar cada vez mais e aos 670 m finalizando num pequeno Lago.
>
> **A Equipe de Exploração**: composta pelos italianos Lorenzo Epis e Alessandro Anghileri e pelo brasileiro Marcelo Brandt [...] o nome do abismo, seria uma homenagem ao companheiro Guy-Christian Collet, sócio fundador da SBE falecido em 2004. Collet realizou seus últimos trabalhos espeleo-arqueológicos com a Akakor. Também participaram da Expedição a espeleóloga brasileira Soraya Ayub, os italianos Stéfano Bettega, Giovanni Confente e Paolo Costa, o mateiro Francisco Alves e o guia Tatunca Nara. (RASTEIRO).

A respeito de uma suposta Cidade Perdida, ele afirma que tem certeza de que, se a região for devidamente pesquisada, ela será encontrada e que ele já encontrou, na Serra do Aracá, uma peça de cerâmica fabricada mil anos antes da chegada dos espanhóis à América.

> Com certeza existe Cidade Perdida, mas os vestígios são raros, mas esses vestígios que existem são suficientes para um exame total. Eu não queria que os estrangeiros descobrissem. Os americanos estão loucos para que eu os leve até lá. Gringo sempre descobre e depois brasileiro vai atrás. Nós encontramos uma cerâmica muito antiga no local, porque

> antigamente havia um comércio através de uma estrada, a estrada vem do Peru e vai até Venezuela passando aqui perto, [...] porque índio não tinha navegação como portugueses, o caminho era sempre passando pela terra firme [...] (Tatunca Nara)

Aqui Tatunca Nara corrobora, plagiando talvez, a teoria de Roland Stevenson que encontrou indícios de um antigo caminho pré-colombiano na região do Amazonas, paralelamente à linha equatorial.

> [...] e essa cerâmica que nós pegamos é em alto relevo [...] A PF apreendeu no aeroporto em Manaus [...] mandou para São Paulo onde avaliaram que a cerâmica tinha no mínimo 1.500 anos, produzida pelos descendentes dos Maias. Misteriosamente, antes mesmo de os espanhóis chegarem lá, como poderia esta cerâmica ser encontrada por aqui? Tem certas coisas, [...] e a estrada era um caminho neutro, todos podiam usá-la. Essa estrada não existe mais, o mato cobriu tudo – em poucos anos o mato fecha. (Tatunca Nara)

Falou, também, da tentativa de demarcação de novas terras indígenas na região do Aracá pela ONG Instituto Socioambiental (ISA). O ISA tentou criar uma maloca na região importando índios de São Gabriel da Cachoeira alegando que ali estavam desde tempos imemoriais. Nas manifestações pró demarcação que aconteceram em Barcelos, até índios negros apareceram, mas a população mobilizou-se denunciando a farsa montada pelo ISA e a terra não foi demarcada.

> [...] eles tentaram criar uma Terra Indígena onde nunca teve índios, o ISA trouxe índios de São Gabriel e colocou-os em um sítio abandonada no Aracá, ficaram lá, fizeram uma roça, antigamente era só capoeira, [...] e colocaram uma placa dizendo: nós

queremos a demarcação das terras. Mas como? É um absurdo, se eles não são nem daqui, mandem eles de volta para São Gabriel. [...] eles queriam uma área indígena absurda, mas eu acho que essas ONGS prometem, não precisa mais trabalhar, ganham rancho de graça todo mês, etc. Eles fizeram muitas promessas para esse povo passar por indígenas. Mulher preta pintada de amarelo andando nas ruas em Barcelos e o repórter perguntou: de que tribo da África ela é? Porque índio preto aqui não existe. [...] Eu sou índio com muito orgulho, mas eu cheguei aqui há 39 anos [...] e falou é índio, eu não sou índio eu sou caboclo, mas agora que dá dinheiro, todo mundo se diz índio e eu tenho vergonha de ser índio agora em Barcelos, não dá mais, onde se viu os políticos criarem uma coisa dessas. (Tatunca Nara)

Instituto Socioambiental (ISA)
São Paulo, SP, Quarta-feira, 08.07.2009

Mobilização Geral dos Povos Indígenas do Médio e Baixo Rio Negro

[...] Após quase dez anos de luta, a Associação Indígena de Barcelos – ASIBA construiu, juntamente com os Povos Indígenas, a consciência de que podem lutar pelos seus direitos sem medo ou vergonha de mostrarem-se em público. O reflexo disso foi a convicção com que mais de 300 "*indígenas*" marcharam pelas ruas de Barcelos exigindo os direitos cuja garantia torna-se a cada dia mais urgente. O ato representa um marco histórico no Município, por ter conquistado o respeito da população e da administração pública que, apesar da ausência nas discussões, recebeu a passeata e as lideranças de forma adequada, comprometendo-se a construir uma agenda para discutir as reivindicações apresentadas.

A passeata também foi à Câmara dos Vereadores para requerer a criação de uma Lei Complementar à Lei Orgânica do Município, reconhecendo a existência dos Povos Indígenas de Barcelos. Parou em frente ao Núcleo de Apoio da FUNAI para exigir a urgente demarcação das Terras Indígenas. A Câmara deve elaborar uma agenda de audiências com representantes das Comunidades indígenas e a ASIBA para tratar da proposta apresentada. Sem perder o ritmo, a ASIBA já começou a se organizar para formalizar a agenda de discussão com o poder público. No dia 05.07.2009, para exigir encaminhamentos e agilidade no processo de demarcação das Terras Indígenas de Barcelos e Santa Isabel do Rio Negro, algumas lideranças partiram para Brasília para uma audiência na Fundação Nacional do Índio [FUNAI], com o Presidente Márcio Meira. Além da FUNAI, o grupo visitará outros órgãos do Governo Federal para uma rodada interinstitucional de conversas sobre o Ordenamento Territorial do Médio Rio Negro e a apresentação da proposta de construção participativa de um Mosaico de Áreas Protegidas na região do Médio Rio Negro. (BARRA)

As estórias da vida de Tatunca Nara, até sua chegada a Barcelos, são engendradas de maneira a utilizar pessoas e fatos reais para dar mais veracidade à sua falsa origem, como resgates fictícios e participação nos órgãos de inteligência brasileiros.

O controvertido Tatunca Nara nasceu, na realidade, em 05.10.1941 em Coburg – Alemanha e foi registrado como Hans Gunther Hauck. Divorciado em 1966, fugiu para o Brasil em 1968 e, para não pagar pensão à antiga esposa, se escondeu, em Barcelos, no Amazonas. Christa, a ex-esposa alemã de Tatunca Nara, foi trazida ao país em 1989 pela revista alemã Der Spiegel, e o reconheceu, mas ele negou ser Hans.

Tatunca Nara foi acusado pela morte de três pessoas: do americano John Reed, em 1980; do suíço Herbert Wanner, em 1984; e da alemã Christine Heuser, em 1987. (Reportagem do Fantástico de 07.10.1990)

Tatunge Nare

Sua ficha criminal em Nuremberg – Alemanha – revela que o falsário já usava a alcunha de "*Tatunge Nare*" na sua terra natal, antes de fugir para o Brasil em 1968. Tatunca inventou a história de Akakor para motivar inocentes turistas a financiar suas buscas por pedras preciosas na Serra do Aracá.

Anita Beatriz Katz Nara, sua esposa, confirmou para Jacques Costeau as aleivosias contadas pelo marido. Anita foi secretária de Turismo da Prefeitura de Barcelos, Capital Nacional do Peixe Ornamental e hoje é Secretaria de Assistência Social e Cidadania.

2. Os alemães Hans Barth, Hans Kemmling, Hernrick Trautschold, Hans Augustin, Wolfgang Schmidt, Horst Paul Linke e o guia brasileiro Tatunca Nara foram flagrados às margens do Rio Negro, na proximidade com Paricatuba [AM], com uma coleta de 350 peixes ornamentais e plantas. (CPITRAFI – Deputado Sarney FILHO, 2003)

Tatunca já foi apontado pela mídia por envolvimento com a biopirataria, além de ter sido ser citado na "*Comissão Parlamentar de Inquérito Destinada a Investigar o Tráfico Ilegal de Animais e Plantas Silvestres da Fauna e da Flora Brasileiras – CPITRAFI de 2003*" ao ser flagrado, em 1999, pela Polícia Federal, transportando 350 peixes ornamentais e plantas amazônicas.

Tatunca continua guiando estrangeiros, mal informados e/ou mal intencionados, com autorização do IBAMA, na região montanhosa do alto Rio Padauari, entre o Amazonas e a Venezuela onde, segundo ele, se encontrariam as pirâmides e a Cidade Perdida.

Coronel do Exército Cícero Novo Fornari

O "*Projeto Aventura Desafiando o Rio-Mar*", na fase final de planejamento, 2° semestre do ano de 2008, proporcionou-me uma agradável surpresa. Quando recebi um e-mail do Coronel Cícero Novo Fornari, um cidadão notável cuja atitude de coragem e dignidade havia deixado marcas profundas na minha memória e na minha alma. Vou resumir a apresentação de Coronel Fornari para aqueles que não tomaram conhecimento, na época, a apenas um fato, que ocorreu no dia 25.08.2005, nas comemorações do Dia do Soldado, em Brasília, e que infelizmente a mídia, em geral, comprometida e sectária, não deu a devida atenção.

Atitudes Dignas

> Relembro um fato inédito que chamou a atenção dos presentes à cerimônia de entrega de medalhas, realizada no dia. Com a presença de Ministros de Estado, Comandantes das Forças Armadas, convidados e familiares, foi entregue a Medalha do Pacificador. Depois do dispositivo pronto, um senhor idoso, apoiado em uma bengala, vestindo roupas escuras e gravata preta, portando em seu peito a Medalha do Pacificador, atravessou toda a frente do dispositivo até o local onde estava a autêntica espada do Duque de Caxias. Com lágrimas nos olhos, retirou a medalha do peito, elevou ao alto, à frente, à esquerda e à direita.

Depois de beijá-la, colocou-a no seu antigo estojo e a depositou aos pés da coluna onde estava a espada de Caxias. Voltou, passou silenciosamente pela frente do dispositivo, indo sentar-se na arquibancada de cimento, diante do palanque. Perguntado por que devolveu a medalha, respondeu que ela havia sido desonrada e desprezada, em flagrante desrespeito à figura do insigne patrono do Exército, o Duque de Caxias, por já ter sido distribuída a pessoas que não mereciam tal honra. Disse mais, que, se a recebeu num ato solene, seria justo devolvê-la também num ato solene. Esse senhor idoso é o Coronel de Infantaria Reformado Cícero Novo Fornari. Na época tinha 74 anos, desses, 43 de serviços prestados ao Exército e à Pátria. A imprensa divulgou o fato em poucas linhas, mas eu o destaquei pela sua atitude digna e corajosa em meu livro Trincheiras Abertas, que lhe chegou às mãos por um amigo.

Em dia recente, ligou-me de Brasília, onde mora, para agradecer-me e perguntar-me se eu tomara conhecimento do que lhe aconteceu depois daquele fato. Respondido que não, contou-me que, durante um passeio com a esposa pelas ruas de Brasília, resolveu entrar em uma loja de antiguidades – uma mistura de velhos objetos com brechó. Apoiado pela bengala, visitava prateleiras e balcões, olhando as mais variadas quinquilharias e artigos ali expostos, parando em frente a uma redoma de vidro onde estavam diversas medalhas militares, cuidado-samente alinhadas num feltro verde. Atento, o dono da loja aproximou-se, cumprimentou-o e passou a discorrer sobre o histórico das medalhas, as suas origens, quem as mereciam..., e, por fim, perguntou se ele desejava comprar uma. Apesar de não ter obtido resposta, sabia que iria negociar com aquele homem calado, pois já vira aquele brilho nos olhos de muitos clientes.

Abriu a tampa da redoma e continuou com a explicação, mostrando-lhe a medalha da Primeira Guerra Mundial, da Segunda, do Serviço Amazônico... Tentava cativar aquele cliente que parecia paralisado, que ainda não abrira a boca, mas também não tirara o brilho dos olhos, e, então, o vendedor apontou o dedo para uma Medalha do Pacificador e perguntou se ele lembrava do caso daquele Coronel do Exército que devolveu a sua Medalha do Pacificador numa cerimônia em Brasília, depositando-a junto à espada de Caxias, sob o olhar e o silêncio dos presentes.

O Coronel levou um choque. Ergueu a cabeça para aquele homem gentil e educado, que evocava lembranças de um fato da sua vida. Valeu-se da bengala para melhor firmar as pernas trêmulas das muitas jornadas, e contendo a emoção falou pela primeira vez desde que entrara naquela loja: "*Não me lembro, mas deve ter sido um velho 'gagá', meio maluco, pra fazer isso!*" Surpreso, o dono da loja retrucou-lhe com veemência, dizendo que ele estava enganado, pois o Coronel era um homem honrado e tomou uma atitude digna naquele dia, uma vez que essa medalha passou a ser concedida a pessoas que não preenchiam os requisitos para tal, perdendo, assim, o seu valor.

O Coronel sorriu, mostrou-lhe a identidade, e disse-lhe: "*Pois saiba o senhor que esse Coronel está à sua frente. Fui eu quem devolveu a medalha*". O coitado do homem ficou pasmo, olhou para a identidade, olhou para o Coronel e, num gesto largo e espontâneo, abraçou-o. Imediatamente pegou a medalha, empertigou-se, esboçou um gesto solene e prendeu-a no peito do Coronel, dizendo-lhe: "*Ela é sua! Estou devolvendo-a para o lugar de onde nunca deveria ter saído*".

A surpresa agora era do velho e experiente militar. Quis impedir-lhe o gesto, mas não conseguiu. Tentou pagar-lhe o valor da medalha, também não conseguiu... E o vendedor, com um sorriso largo, disse-lhe: "*Coronel, o senhor mereceu essa medalha pelo seu trabalho e dedicação à Pátria. Estou feliz por devolvê-la*".

Os dois velhos emocionados se abraçaram. O Coronel agradeceu-lhe, juntou-se à mulher e, com passos lentos, auxiliados pela bengala, retirou-se da loja, levando a sua Medalha do Pacificador no peito. Certamente também levava os olhos marejados.

Atrás dele, um homem feliz pelo resgate que fizera naquela tarde, observava-o partir, tendo a certeza de que aquele foi o seu melhor negócio do dia. Gesto isolado, sem pompa e sem testemunhas, mas nobre e grandioso, porque esculpido na dignidade das suas atitudes, provando que os valores morais são cultuados por homens, não por sombras.

Nem tudo está perdido. (OLIVEIRA)

Desde o primeiro comunicação virtual, passamos regularmente a nos comunicar e, quando soube, recentemente, que o Coronel do Exército Cícero Novo Fornari havia tido contato com a controvertida e falaciosa figura de Tatunca Nara solicitei que ele fizesse um pequeno relato para que pudéssemos desmascarar suas histórias que envolvem e muitas vezes compro-metem instituições e personagens brasileiros.

O Coronel Fornari enviou-me o seguinte e-mail, de Brasília, no dia 12.05.2010, que reproduzo, na íntegra, a seguir:

Curiosidade: A História do Índio Loiro

O índio Loiro, que se dizia chamar Tatunca Nara, apareceu no antigo Quartel-General do Comando Militar da Amazônia [QG/CMA], no ano de 1971. Foi, depois de ouvido ligeiramente pelo Chefe do Estado Maior [Ch EM], Coronel Espírito Santo, encaminhado ao Chefe da 2ª Seção [Informações, hoje Inteligência], Maj Ruy, que após ouvi-lo mais detalhadamente, passou o caso para as minhas mãos, já que eu, Major Cícero Novo Fornari, era estagiário de EM e Adjunto da 2ª Seção, tendo depois assumido a Chefia da mesma.

Ele se dizia índio e ao mesmo tempo tinha toda a aparência de branco. Alto, pele clara bem tostada pelo Sol, cabelos aloirados e compridos, com penteado de rabo-de-cavalo. Falava um português bastante razoável, com acentuado sotaque alemão. A princípio a sua conversa foi um amontoado de ideias sobre sua vida, mas que, depois de várias repetições, fazia sentido e não caía em contradições. Ordenadas as ideias, fomos batendo por partes.

A História Narrada Pelo Tatunca

Ele disse que era de uma nação "*Inca*", habitante do Peru, numa região próxima do Estado do Acre. Disse que seu pai era o "*Inca*", título do soberano da tribo e que sua mãe era uma ex-freira católica, de nacionalidade alemã, que muito influiu na sua educação e instrução, tendo lhe ensinado o idioma alemão, História Mundial, Geografia, e Matemática. Nada falou sobre ensino religioso, o que seria de se esperar de uma freira.

Sobre a sua origem, disse que seu pai, como soberano [Imperador] dos Incas, tinha grande conhecimento da área amazônica, sua selva, sua rede hidrográfica, com experiência adquirida através de inúmeras expedições empreendidas na Calha Norte [naquele tempo não se usava essa expressão] do Rio Amazonas, dando a entender que conhecia até o caminho fluvial para a Bacia do Orenoco. Contou que seu pai, em uma dessas expedições, encontrou uma missão católica, onde, depois de um entrevero, fugiu com seus homens, raptando duas freiras alemãs.

Ao passar por um trecho encachoeirado do Rio [não é o caso, mas eu me lembrei daquele pedaço de chão, pedra, água e selva de São Gabriel da Cachoeira], uma das freiras se lançou às águas e desapareceu. Deve ter morrido afogada. A outra freira foi levada para a Aldeia [Cidade] dos Incas e mais tarde veio a ser a mãe do Tatunca. O Tatunca sempre se referiu à sua mãe com grande ternura e reconhecimento, dizendo que aprendeu com ela tudo que era possível se aprender em um curso ginasial. Disse mais que sua mãe ensinou e difundiu na tribo a numeração decimal, pois os índios até então só conheciam três números: "*um, dois e muitos*".

O caso do avião. Na década de 60, caiu um avião com várias pessoas à bordo, lá pelas "*bandas*" do Acre. O caso deve ter sido bastante rumoroso e "*os tambores da selva*" levaram a notícia para os quatro cantos da mata. O Tatunca disse que por curiosidade foi até o local do acidente e dali a pouco estava ajudando a abrir a clareira e a comer a comida dos brancos. Não fiquei sabendo nada do fato de 12 militares sobreviventes do acidente terem sido salvos pelo Tatunca. Parece mais um chute.

A única coisa que ele disse é que com o seu relacionamento com a equipe de salvamento, acabou se enturmando e conseguiu uma carona até Manaus.

Em Manaus, sem saber falar o português, se sentiu completamente desamparado. Só sabia falar o alemão, o idioma da tribo do seu pai e o idioma de duas tribos escravas dos Incas. Na selva de pedra, estava perambulando pelas ruas quando ouviu alguém falando uma língua familiar. Era um grupo de marinheiros alemães, que de folga do navio que estava atracado no porto, bebia e conversava animadamente nas mesinhas da calçada de um bar. Chegou-se a eles e conversa não lhe faltava. A alemoada se encantou com ele e aí estava o Tatunca seguindo como clandestino para a Alemanha.

Desembarcado no destino os marinheiros se descartaram dele e daí surgiram os problemas com as autoridades. Ele não tinha documentos, falava bem o alemão, se dizia brasileiro e não falava português. Contou que frequentou um curso de engenharia, mas pelo pouco tempo de duração e pelo currículo do curso, cheguei à conclusão que ele devia ter estado em um cursinho técnico de mecânica. Disse que para validar o curso teria que apresentar um diploma do curso básico.

Ele não tinha nenhum diploma. Tinha os conhecimentos, mas não tinha nenhum papel comprovando o curso básico. Para impressionar, ele queria dizer que sabia bastante Matemática e então nos propunha problemas simples de aritmética do tipo: "*Uma caixa d'água com capacidade de um metro cúbico, tem uma entrada de 5 litros de água por minuto. Quanto tempo, em minutos, vai demorar para a caixa ficar cheia, se sabemos que há um vazamento de um litro em cada 10 minutos?*" [Os dados eu coloquei aleatoriamente, agora].

É lógico que eu não me submeti a resolver os problemas propostos, mas ele dizia:

– Viu? Eu sou engenheiro!

Vejamos a História Mirabolante que ele Contou

Disse que foi informado que existia um país onde era possível se comprar um diploma. Ele não teve dúvida. Foi para Portugal, comprou o tal diploma que estavam a lhe exigir e voltou para a Alemanha para terminar o dito curso de "*engenharia*". Não teria sido mais prático ele ter comprado o diploma de "*engenheiro*" em Portugal? Para mim não exibiu nenhum diploma.

Depois de algum tempo resolveu voltar para a América. Desembarcou na Venezuela, onde disse que trabalhou com um médico veterinário que fazia inseminação artificial de animais. Passado algum tempo, disse que recebeu um chamado do pai. Daí vem outra história rocambolesca.

Como você foi chamado? Seu pai tinha o seu endereço? Foi enviado algum mensageiro? Não, Seu Major. Eu fui chamado por meu pai por uma comunicação Telepática. O Tatunca então regressou à sua terra em território peruano. Nunca falou que era no Acre. Encontrou seu pai moribundo, nos tais subterrâneos. O pai lhe passou a chefia do governo da tribo, transmitiu seus últimos desejos e recomendações e morreu... Teve que assumir a chefia da tribo com o título de Inca, com o domínio da tribo Inca e mais duas tribos de índios escravos, mas não era seu desejo viver na selva. Disse que teve muita luta contra o exército regular peruano e me exibiu uma cicatriz no corpo, dizendo que era consequência de um ferimento de baioneta em luta contra os soldados.

Disse mais que sofreu bombardeio pela aviação peruana e que os aviões passaram a utilizar aparelhos de localização de seres vivos através de raio infravermelho, tornando as instalações subterrâneas muito vulneráveis.

A tatuagem de uma pequena "*Tartaruga*", que ele me mostrou em seu peito, servia para identificá-lo com a tribo. Ele me recomendou, no caso de encontro inesperado com guerreiros do seu povo, para eu não demonstrar medo e nem agressividade e que eu deveria desenhar em traços rápidos uma pequena Tartaruga. Então eu seria poupado e auxiliado. Mesmo não acreditando, guardei a lição do Salvo-Conduto. Nunca se sabe... Uma curiosidade interessante. O índio Loiro disse que usava o cabelo grande para soltá-lo quando estivesse no meio do seu povo. Os cabelos soltos servem para encobrir as orelhas das vistas das pessoas. Disse que a orelha é tabu para sua gente. Eles podem estar com o "*bumbum*" de fora mas as orelhas devem estar cobertas. Contou sobre o seu casamento em Goiás e exibiu a certidão, mas já estava separado.

Um mistério são os seus deslocamentos pelo Brasil e pelo mundo, sem dinheiro. Meu último contato com o Tatunca foi no QG novo, na Ponta Negra. Ele estava com sua nova esposa, uma moça bem jovem, de origem judaica e ele me disse que ela era estudante [ou formada] em antropologia e que estava seguindo com ele para a selva para conhecer o seu povo. Ele me pediu para encher de gasolina o tanque do seu motor de popa, para seguir viagem. Eu dei o dinheiro necessário; foi a única coisa que ele me pediu em todos os nossos contatos. Na nossa despedida, o Tatunca parecia estar bastante emocionado e disse que ia me dar um presente que lhe era muito caro. Ofereceu-me o seu arco de guerra e suas flechas. Era um arco muito bonito, com uns dois metros de

altura, com a aparência de estar bem usado. Na hora de me entregar o arco, ele disse que a arma do Chefe não poderia ser usada por mais ninguém e então, como se estivesse executando algo ritualístico, sacou uma pequena faca e cortou a corda do arco em uma das extremidades, dando um pequeno nó para que aparentemente o arco ficasse completo, mas sem poder ser esticado e usado. Esse arco ficou depois com um dos meus filhos, enfeitando a parede do seu quarto. Depois de algum tempo tomei conhecimento de alguma aparição do Tatunca em programas de televisão no Rio de Janeiro ou São Paulo. Virou vedete e creio que perdeu muito da sua autenticidade. Os meus filhos mais velhos sempre se interessavam muito em ouvir as "*aventuras*" do índio Loiro, contadas por mim em "*capítulos eletrizantes*"...

Confrontação

Do que me foi dito pelo Tatunca Nara, nos anos de 1971, 1972 e 1973, e as informações mais recentes que me foram transmitidas pelos e-mails e a gravação feita num esforço de reportagem histórica, pelo Coronel Hiram Reis e Silva.

1. **Tatunca Nara**: Daí nós conversamos e como eu voltei para Manaus, o General Cardoso me deu tempo para eu pensar aonde eu queria ir. Eu fui ficando lá, onde agora é o Colégio Militar de Manaus [CMM], no centro da cidade, foi no tempo em que mudou o Quartel para Ponta Negra, eu ajudei a levar as coisas para lá...

   Cel Fornari: O Tatunca não foi recrutado como membro do Serviço de Informações do Exército. Ele apenas procurou o QG/CMA para relatar, como informante voluntário, a sua história que não mereceu ser aprofundada e nem investigada.

2. Passou apenas uns 15 [quinze] dias comparecendo em horário escolhido por ele e dependendo da nossa disponibilidade, almoçando algumas vezes no QG velho.

3. No final de 1972 ou início de 73, compareceu ao QG da Ponta Negra, já acompanhado da sua nova esposa, para se despedir e voltar para a selva.

4. **Tatunca Nara**: [...] na 2ª seção eu escrevi uma carta, eu colocava na minha carta "*Top Secret*", o carimbo dele e jogava a minha carta na bandeja dele. E outro dia um militar entregou minha carta, duas cartas. Era tudo segredo até eles descobrirem.

   Cel Fornari Ele não teve contato com documentos de informações, não ficou sozinho em ambientes reservados da Seção, não manipulou carimbos como disse na última gravação que me foi enviada. Como prova do absurdo, digo que não tínhamos carimbo de "*Top Secret*" como ele declarou. Nossos carimbos para classificação dos documentos sigilosos eram todos em português. Pode ser que ele, depois que apareceu a série do James Bond, tenha até mandado confeccionar um carimbo Top Secret para dar maior autenticidade às suas fantasias.

5. Ele não teve contato com nenhum General. O Comandante do CMA tomou conhecimento do assunto através dos poucos relatos orais que eu fiz em despachos com o Comandante.

6. Nunca falou nada sobre Machu Pichu nem sobre a enorme tartaruga de 200 m esculpida em pedra.

7. Nada falou sobre a Cidade Perdida, mas sim

sobre a existência de grandes pirâmides de pedra, de construção muito antiga e não muito longe de Manaus.

8. Não falou nada de ser casado na Alemanha.

9. O fato citado numa CPI, de ter sido flagrado em 1999 pela Polícia Federal, contrabandeando 350 peixes ornamentais, se for verdade, é de uma infantilidade ou imbecilidade tremenda por parte das autoridades. Prendem as sardinhas e homenageiam as baleias e tubarões. 350 peixinhos Neon é brincadeira de criança. O contrabando de peixes ornamentais sempre foi intenso e se houvesse interesse da polícia poderiam ser apreendidos quilos e quilos de peixes ornamentais todos os dias. Não haveria tempo e nem gente suficiente para contar dezenas de milhares de peixes contrabandeados em centenas de embarcações brasileiras e também com bandeiras estrangeiras nos Rios de navegação internacional como o Javari, o Solimões e o Amazonas.

10. O contrabando na Amazônia é um caso muito sério e triste. O contrabando de toras de madeira de lei é feito aos milhares e ninguém vê nem toma conhecimento. 350 peixinhos ornamentais de 3 centímetros de comprimento é um grão de areia no deserto da impunidade. Todas as grandes fortunas da Amazônia tiveram suas origens no contrabando e muitas delas ainda não perderam esse cacoete. É como onça que já sentiu o gosto do sangue humano; volta sempre a atacar o homem. Mas não vamos defender o Tatunca. Se ele é contrabandista, cadeia nele. Isso vai enriquecer as estatísticas da "*eficiência*" da Polícia Federal e da Receita Federal.

11. Do que João Américo Peret escreveu eu ouvi do Tatunca as mesmas histórias sobre pirâmides, subterrâneos habitados [não chegavam a ser cidades], as comunicações telepáticas entre ele e o pai. Dizia que seu pai era o INCA [Imperador e não Sacerdote] e sua mãe uma freira, embora a Igreja não tenha registro do rapto de duas freiras de uma missão na Amazônia brasileira. Seria na Amazônia venezuelana, colombiana, equatoriana, peruana ou das guianas? Com quem está a verdade? Falou-me também que a iluminação nas cavernas fluía da terra [?]. Não me falou em outros planetas e nem em discos voadores. Se a entrevista fosse feita no dia de hoje, poderia até aparecer uma alusão ao interesse dos iranianos na compra de minério para fazer a bomba atômica. A imaginação do Tatunca é dinâmica e atual. As histórias são inseridas num contexto real, atual e imaginário. É preciso que o interlocutor tenha experiência em técnica de interrogatório e ampla vivência na área amazônica, para não ser vítima da empolgação ou da incredulidade. As meias verdades existem e são enganadoras.

12. A história de Karl Brugger, colhida em 1972, bate em parte com a que ouvi da boca do Tatunca. Nada me foi dito sobre um Império branco na Amazônia, fundado por extraterrestres, que teria sido formado em 13.000 a.C. por brancos de seis dedos vindos de outro sistema solar. [Foi isso que entendi na gravação]. Não existia a história da negociação com os nazistas.

13. Na gravação aparece a citação de um certo "*M*", oficial do serviço secreto do Exército Brasileiro. No QG/CMA/2ª Seção não existia nenhum oficial que tivesse a inicial "*M*" no nome. Nada foi

documentado nos arquivos do serviço secreto brasileiro.

14. O Tatunca não salvou a vida de nenhuma vítima de queda de avião. A história que o Tatunca me contou sobre o avião foi bem diferente.

15. O Tatunca não recebeu identidade alguma do Exército, nem mesmo crachá para entrar no QG/CMA, simplesmente porque não existia o uso de crachá. Daí as dificuldades que enfrentou quando foi para a Alemanha; não tinha documentos. De acordo com sua narrativa, ele se viu em apuros com as autoridades alemãs, pois ele se dizia brasileiro e não sabia falar português, não tinha nenhum documento e somente falava alemão e línguas indígenas.

16. A guerra entre os índios e o exército peruano foi descrita pelo Tatunca. Ele me exibiu uma cicatriz, dizendo que o ferimento foi causado por um golpe de baioneta desferido por soldado peruano. Por informações colhidas no CFAR [Comando de Fronteira Acre-Rondônia], o índio Loiro estava sendo procurado pelas autoridades peruanas, como sendo o líder das tropelias aprontadas pelos índios.

17. Nada fiquei sabendo sobre pedido de extradição e nada disse o Tatunca sobre o assunto. Creio que tal pedido nunca existiu.

18. O Tatunca "*NÃO*" ajudou na mudança do QG da cidade para a Ponta Negra e "*NEM*" esteve presente à mesma. Eu trabalhei na mudança. Participei da cerimônia simples, mas comovente, da despedida do Velho QG, com uma formatura no pátio interno, onde depois das breves e eloquentes palavras do General Álvaro Cardoso,

Comandante do CMA, foi arriada a insígnia de comando. Essa insígnia foi para as minhas mãos, pois eu estava de serviço de Superior de Dia, e a levei para o QG da Ponta Negra para ser hasteada na manhã seguinte. Lembro-me bem da mudança. Foi feita praticamente em um dia e cada seção se encarregou da sua tralha. Na nossa Seção tínhamos um dos cofres de aço que estava com o pé quebrado e daí surgiu a oportunidade. Combinei com o Major Haroldo que era o Comandante da Companhia de Material Bélico [CiaMB] e passando pela estrada, demos uma entrada na CiaMB e com o cofre sobre a viatura, foi feita a solda elétrica necessária. Como podemos ver eu ainda estou por dentro dessa mudança. O Tatunca não estava mais frequentando o QG nessa época. Temos que ter cuidado com a sua imaginação. Ele nunca trabalhou na Segunda Seção e nem no QG. Ele devia estar delirando com malária quando disse essas coisas.

19. Pelo que me consta, o Tatunca nunca teve filhos, o que seria desejável para a sua "*dinastia*". Como já teve várias experiências matrimoniais, todas elas sem filhos, presumo que o mesmo é Estéril.

20. Em alguns trechos desta narrativa eu me alonguei um pouco, mas isso é natural, quando voltamos no tempo e passamos a reviver o passado, liberando uma carga muito grande de recordações que estão incrustadas no nosso pensamento. É como está no cancioneiro popular:

O pensamento

Parece uma coisa à-toa

Mas como é que a gente voa

Quando começa a pensar

21. Estas são as resumidas recordações da intrigante e curiosa história do meu contato pessoal com o Senhor Tatunca Nara, o índio Loiro da Amazônia.

Altino Berthier Brasil

(Amazônia, nos domínios da coca)

Em 1972, na companhia de amigos, vi um homem alto de cabelos negros e longos, traços bem delineados. Sua figura estranha, olhos castanhos e pequenos, que circulava em Manaus. Sua figura estranha e seu ar circunspeto chamavam a atenção. Seu nome era Tatunca Nara, segundo se comentou no grupo. Corria a notícia de que, em 1968, ele salvara a vida de doze oficiais do Exército, vítimas de acidente aéreo no Acre, conduzindo-os a salvo para Manaus. Tatunca Nara adquiriu notoriedade, tanto no Brasil como no exterior, em vista de sua proeza, mas, especialmente pelos impressionantes relatos místicos que contava. Seu poder de persuasão e, sem dúvida, os conhecimentos que revelava, acabaram convencendo um jornalista alemão chamado Karl Brugger a escrever um livro sobre a "*Cidade Secreta de Akakor*". A obra tomou o nome de "*The Chronicle of Akakor*", e tornou-se um "*best-seller*".

Tatunca foi um dos visitantes "*ilustres*" de São Gabriel da Cachoeira. Disse-me um dos vereadores da Cidade que o místico costumava relatar fatos curiosos ocorridos em Ugha Mongulala e Akakor, reinos encantados que afirmava estarem localizados nas brenhas perdidas daquela região. Tatunca Nara descrevia esses augustos páramos com tal riqueza de detalhes, que impressionavam qualquer pessoa. Mais ainda, ele falava na primeira pessoa do singular, transmitindo impressões de quem tinha visto pessoalmente as aquarelas extra-sensoriais daqueles mundos.

> Foi tal a fama de Tatunca Nara que ele acabou impressionando até o famoso Erik Von Däniken, autor de "*Eram os deuses astronautas*?". O consagrado escritor dinamarquês chegou a viajar à Amazônia apenas para entrevistar Tatunca Nara. (BRASIL, 1989)

João Américo Peret um Indigenista "*BRASILEIRO*"

João Américo Peret, um dos mais renomados indigenistas do país, é também arqueólogo, escritor, jornalista, acadêmico, roteirista cinematográfico e fotógrafo. Como indigenista, trabalhou no Serviço de Proteção ao índio (SPI) e a Fundação Nacional do índio (FUNAI) no período de 1950 a 1970 tendo convivido, nesta época, com o Marechal Rondon e sertanistas conhecidos como os irmãos Villas Boas, Francisco Meirelles e Gilberto Pinto. Participou da criação do Museu do Índio e da criação da "*Comissão Pró-índio*", no Rio de Janeiro; atualmente participa do "*Movimento em Defesa da Economia Nacional*" (MODECON) e do "*Centro Brasileiro de Estudos Estratégicos*" (CEBRES), organização voltada às questões indígenas e problemas de fronteiras.

Peret critica a FUNAI que, segundo ele, vem sendo omissa e conivente com a proliferação de ONGs nas áreas indígenas. "*Hoje é comum se encontrar uma jovem graduada em antropologia, amasiada com líderes indígenas e administrando ONGs em causa própria*". Em relação à reserva Raposa e Serra do Sol, afirmava que os índios do CIR são "*marionetes*" com operadores, inclusive, internacionais. Em relação à desintrusão dos não índios, Peret dizia que a maioria deles tem relação de parentesco ou amizade com os

índios, "*Como vão aceitar que lhe retirem o avô? O pai? O tio? O primo? O compadre? O índio é muito ligado aos parentes. Também, não existe unanimidade das lideranças indígenas quanto à demarcação contínua ou em ilhas da região Raposa e Serra do Sol*".

João Américo Peret e Tatunca Nara

(Entrevista de Pepe Chaves à via Fanzine)

[...] Conheci o "*índio*" Tatunca Nara, em 1979, na cachoeira da Aliança, do Rio Padauiri, afluente esquerdo do Rio Negro [AM]. Gravei em fita cassete suas histórias rocambolescas. Sobre pirâmides e cidades subterrâneas, monges espaciais, equipamento de comunicação intergaláctico. Ele dizia que seu pai seria um sacerdote Inca que atacou um Convento e raptou uma freira alemã, que é sua mãe, cresceu como Príncipe numas ruínas Incas, no Acre. Essas histórias contadas de "*boca em boca*", atraíam pesquisadores, como o arqueólogo Roldão Pires Brandão que há anos fazia expedições ao Pico da Neblina, procurando localizar "*cidades perdidas*". Tatunca Nara trazia turistas estrangeiros e faturava [US$].

Quando o explorador francês Jacques-Yves Cousteau pesquisou o Rio Amazonas, foi com Tatunca Nara, de helicóptero, "*ver as pirâmides*". Mas tudo continuou em segredo. Parece que o único autorizado a escrever sobre o assunto foi Karl Brugger com o livro: Die Chronik von Akakor [Econ verlag Gmbh, Dusseldorf und Ween, 1976], traduzido para o português sob o título "*A Crônica de Akakor*", pela Livraria Bertrand Sarl, Lisboa, 1980. Prefácio, Erich von Dâniken. Que tal uma entrevista especial, abordando somente sobre a "*Pirâmide e cidades subterrâneas, que só o Tatunca Nara tem o segredo?*" [...]

O Professor Roldão me contou que "*Conheci o Tatunca Nara, ele é guardião das pirâmides e cidades subterrâneas no Amazonas. Ficam nas cabeceiras do Rio Padauiri, no Alto Rio Negro. Ele me pediu segredo; Vai pedir ao Grão sacerdote Ugha Mongulala para me levar lá. Mas falou do perigo de encontrarmos índios canibais... Preciso de você para amansar os índios. Vou a Manaus conseguir recursos para a Expedição*". [...] Em julho de 1979, o Professor Roldão detonou a notícia de que havia descoberto as "*Pirâmides do Amazonas*". Assim, atraiu a imprensa do Brasil que alugava pequenos aviões para fotografar as pirâmides. Mas, devido à cerração, as fotografias não tinham boa definição. O Roldão me telefonou dizendo "*Venha logo, os estrangeiros estão saqueando as relíquias arqueológicas. O suíço Ferdinand Schmid foi preso contrabandeando cerâmica do Rio Padauiri. Estou voltando para a região com dois agentes da Polícia Federal com metralhadora, um monge para conversar com os sacerdotes guardiões, um etnólogo e o índio Mongulala Tatunca Nara*". [...]

Vamos por partes, porque o Professor Roldão saiu numa Expedição aparatosa com pessoas inexperientes; ficou estressado e, num movimento brusco com uma carabina, ela disparou acertando seu pé. Regressaram a Manaus e ele me chamou. Cheguei a Manaus no dia 17.09.1979, juntamos o que sobrou de material e viajamos de carona num barco até o Rio Padauiri. Na Cachoeira da Aliança, ele me apresentou a um indivíduo que falava português com forte sotaque alemão. Era o índio Mongulala Tatunca Nara de quem falei... Surpreso, não contive a expressão: "*Mas ele é um Alemão!*...". E o Tatunca tentou de todas as formas me convencer do que era óbvio. Convidou-me para ir a sua casa onde conheci sua esposa Dona Anita, o casal de filhos loiríssimos, e turistas falando alemão, examinando mapas de uso exclusivo das Forças Armadas.

No retorno da nossa hospedaria, ele parou a canoa no rebojo da cachoeira e contou uma estória rocambolesca que gravei em fita cassete e autorizou a reprodução a seguir.

> Essa tartaruga tatuada no meu peito é distintivo, sou Ugha Mongulala – Chefe-religioso de um povo Inca. Minha mãe era alemã, médica e freira, em 1930, morava na Missão de Santa Maria, no Acre [minha nota: nasci em 1926, não havia Missão Religiosa]; Meu pai chamava-se Sincaia Inca, era Ugha Mongulala – Chefe religioso, numa Cidade em ruínas tipo Machu Picchu, no alto Rio Acre [ruínas inexistentes]. Meu pai atacou a missão, matou o Bispo, os Padres e toda a população, poupando quatro freiras [minha nota: não havia missão, não havia Bispos, tinha um único Padre que era itinerante]. Em 1935, ela casou com meu pai e chamava-se Heina. Nasci em 1938, minha irmã Aharira, em 1944. Minha mãe morreu em 1956. Em 1957, Aharira casou-se com um mensageiro Mongulala que morava nas cidades subterrâneas, e foi ao Acre [minha nota: a distância é longa demais para uma aventura, sujeito às doenças e acidentes]. Quando o mensageiro voltou, viemos com ele. Foi quando conheci as Pirâmides e cidades subterrâneas: AKAKOR é onde vivem os sacerdotes Mongulala, minha irmã Aharira e milhares de pessoas privilegiadas. Ali ficam as relíquias e tecnologia avançadíssimas. A iluminação é através da aura das pessoas. Nosso povo usa a telepatia e a força mental capaz de materializar pessoas e objetos em qualquer lugar; é equipado com imagem televisual, onde se pode conectar com planetas; os meios de transporte são discos voadores, tudo é controlado de forma robótica. A Cidade AKAHIN, em ruínas fica mais próxima das nascentes do Rio Padauiri. Ali vivem os escravos de AKAKOR, denominados "*homens das cavernas*". Quem chegar à região sem autorização é morto imediatamente. [O Tatunca me revelou tudo isso ancorando a canoa no rebojo, provavelmente para me impressionar ou assustar].

> E concluiu sua estória com um conselho: Acho bom o senhor não prosseguir viagem com o Roldão. Escutei os índios Ianomâmi dizendo que seus guerreiros vão atacar os piaçabeiros [extratores de piaçaba] a qualquer momento. Isto porque os índios vem trabalhar por aqui, ganham espingarda e vão atacar os Ianomâmi da Venezuela. E morrem por lá, porque os índios de lá são treinados pelo Exército para defender a fronteira, e muitos são traficantes. Eu vou mudar para Barcelos, para proteger minha família.

Em conversa, ele [Roldão] informou: "*O Tatunca Nara comentou que as Pirâmides só eram avistadas ao pôr do Sol*...". Fizemos pesquisas, mas não encontramos materiais cerâmicos. No dia seguinte, seguimos pela trilha que subia a Montanha. Ao meio-dia, chegamos a um platô que estaria a uns 800 m de altitude. Ali seria o acampamento do Tatunca Nara, quando atendia turistas. Podíamos descortinar até a linha do horizonte, e as nuvens formavam um lastro sobre a copa das árvores. Identificamos a Serra Tapirapecó que formava um semicírculo na direção Nordeste e chegava à Cordilheira Curupira, bem ao nosso lado, com mais de 1.200 m de altura. A vista era uma deslumbrante obra da natureza; tinha que ser sacrossanto para nós, simples mortais. [...] O Sol foi baixando no Oeste e as nuvens foram se dissipando. Mais ou menos a uns 12 km, apareceram os picos das "*pirâmides*" do Professor Roldão Pires Brandão, na realidade do Tatunca Nara, o "*índio*" Ugha Mongulala. Por fim, elas apareceram de todo, e era tão grandioso que a Gizé, a Miquerinos, e Quéops, poderiam ser riscadas do mapa como maravilhas do mundo.

Porém, as "*pirâmides do amazonas*" tinham dimensões gigantescas entre 600 metros de altura e uns 2.500 metros de extensão. Também podíamos avistar uma infinidade de pirâmides, pois com o Sol se

pondo no Oeste, todos os picos projetavam a sombra piramidal para o Leste... [risos].

Carta Capital
São Paulo, SP, Quarta-feira, 04.06.2008

História e Pipoca, Combinação

Para apresentar o problema de maneira mais concreta, prestemos um pouco mais de atenção a "*Indiana Jones e a Caveira de Cristal*". Como observou o historiador peruano Teodoro Hampe, o filme reforça o imaginário do estadunidense comum, não necessariamente nascido depois de 1980, como se vê, segundo o qual tudo além da fronteira Sul, México, Guatemala, Bolívia, Brasil ou Peru, dá no mesmo. Também o historiador peruano Manuel Burga, ex-Reitor da Universidade de San Marcos e o Diretor da Biblioteca Nacional do Peru, Hugo Neyra, expressaram indignação: "*é uma barbaridade*", disse este último. Razões igualmente fortes para se sentirem defraudados teriam os mexicanos, por terem seus tesouros culturais arbitrariamente transferidos para o Peru pela imaginação "*gringa*" e ainda atribuídos à criatividade de extraterrestres. Saiu-se melhor o Brasil ao não ser citado. Foi-lhe poupado o vexame de ver exposto ao mundo seu papel involuntário na origem dessa embrulhada.

Para começar, Spielberg esqueceu-se de que o essencial da aventura de Orellana deu-se no Brasil. Além disso, omitiu que seu roteiro é baseado em boa parte na "*lenda*" do reino subterrâneo descrito em "*As Crônicas de Akakor*" [*Die Chronik von Akakor*, 1976] do jornalista alemão Karl Brugger, best-seller alemão dos anos 70 e 80, prefaciado por Erich von Däniken.

Karl Brugger, correspondente da tevê pública alemã ARD no Brasil, disse ter conhecido, em 1972, um indígena branco da selva amazônica que falava um perfeito alemão e dizia-se chamar Tatunca Nara e ser o Rei do povo dos Ugha Mongulala de Akakor, uma mítica Cidade subterrânea no alto Purus, em um vale em algum Lugar entre o Acre e o Peru, que teria sido a capital de um Império branco na Amazônia fundado por extraterrestres.

Segundo Tatunca Nara, sua civilização teria sido fundada em 13 mil A.C. por brancos vindos de um sistema solar chamado Schwerta, semelhantes a humanos exceto por terem seis dedos. Escolheram várias famílias humanas para serem seus aliados e servidores e com elas criaram o povo "*Ugha Mongulala*". Tiveram relações sexuais com eles e por isso seu povo seria diferente dos demais indígenas do continente, com pele branca, nariz bem delineado, pomos salientes e maçãs do rosto salientes.

Como "*raça superior*", os Ugha teriam construído Tiahuanaco e outros grandes monumentos da América do Sul e governado grande parte do continente ao longo de milênios, impondo seu governo e civilização aos ingratos índios comuns, de pele escura, sempre à espera de oportunidade para se rebelar. Em seus momentos de dificuldade, entretanto, contaram com a ajuda de brancos para submetê-los. Primeiro os extraterrestres, depois os nórdicos godos que, expulsos da Itália por Justiniano, teriam cruzado o Atlântico e o Amazonas para juntar-se aos Ugha em um só povo e ajudá-los a pôr os nativos em seu Lugar e conter o expansionismo dos Incas.

Se o leitor sentiu um desagradável odor de racismo e neonazismo nessas linhas não é por acaso, como

logo verá. O Império dos Ugha teria decaído de novo após a chegada dos "*bárbaros*" espanhóis e portugueses, quando os índios deixaram de acatá-los. Esconderam-se em seus refúgios secretos até as vésperas da II Guerra Mundial, quando seu Rei teria capturado uma mulher alemã e se casado com ela, união da qual teria nascido Tatunca Nara em 1937.

A mulher negociou uma aliança com os nazistas, pelas quais o III Reich se apoderaria do litoral do Brasil, e Akakor ficaria com a Amazônia. De 1941 a 1945, dois mil soldados alemães teriam chegado a Akakor de submarino, levando armas modernas. Com a derrota nazista, teriam ficado e se integrado à vida do povo. Teria sido assim que Tatunca Nara aprendeu seu alemão perfeito e moderno.

Brugger que, ao que parece, acreditou piamente na história, escreveu que viajou no alto Purus com Tatunca Nara, mas sua canoa virou e, tendo perdido os víveres e remédios, não ousou prosseguir a pé. Em 1985, o jornalista foi assassinado a tiros em um restaurante no Rio de Janeiro, no que foi aparentemente um assalto comum. Três candidatos a exploradores tentaram seguir as mesmas indicações e aparentemente morreram na selva nos anos 80.

Os alemães Rudiger Nehberg, aventureiro, e Wolfgang Brög, cineasta que realizou muitos documentários sobre a África e a América do Sul, decidiram investigar o tema. Ao entrevistar o suposto índio, notaram diversas contradições em sua história. Ao buscar registros e documentos, descobriram que "*Tatunca Nara*" era um certo Gunther Hauck, que fugira da Alemanha para o Brasil em 1966 para não pagar pensão à ex-mulher. Não era de admirar que parecesse branco e falasse e escrevesse alemão bem melhor do que o português.

A história foi contada no documentário de 45 minutos: O Segredo de Tatunca Nara: três viajantes desapareceram na Amazônia sem deixar traço. Quem é realmente Tatunca Nara? [Das Geheimnis des Tatunca Nara]. Apesar de tudo, Gunther "*Tatunca Nara*" Hauck continuou como guia turístico em Barcelos, Amazonas.

Se Tatunca conseguiu enganar tanta gente sã por tanto tempo, foi por atender à demanda de muitos europeus e, especialmente, de muitos alemães por obras que lhes reforcem o preconceito de que seu povo é a origem de toda civilização digna desse nome – qualquer realização importante que não seja estadunidense ou europeia só pode ser obra de extraterrestres. Há um mercado para isso, logo a chamada indústria cultural o atende. [...] (M. C. COSTA)

Portal Cronópios
São Paulo, SP, Segunda-feira, 07.07.2008

Indiana Jones: o Plagiato de 1,3 Bilhões de Dólares

O novo Indiana Jones é um coquetel de "*Lost City of the Incas*", livro de Hiram Bingham publicado em 1948, e de uma farsa urdida nos anos 70, que culmina em 1984 com o assassinato de seu autor, na saída de um restaurante do Leblon: A Crônica de Akakor [Bertram, 1977] de Karl Brugger, então correspondente da rede de Rádio e TV Pública da Alemanha, no Rio de Janeiro.

Contudo, crônica "*making of*" de um filme que não está na tela, o compromisso da presente é surpre-ender o leitor, aqui convidado, como fazia o bruxo Machado, a acompanhar o autor escada abaixo, por-

que a caverna escura de Indiana Jones [não citada por Spielberg nem por Brugger] é bem real e escabrosa. [...]

Transcorrida mais da metade do filme, a perseguição atinge a apoteose em Akator, uma "*Cidade Perdida*", em cuja grafia Spielberg trocou apenas o "*k*" da Akakor de Brugger pelo "*t*" de seu plágio. Alimentada por uma bizarra teoria da conspiração, a inspirada Crônica de Akakor de Brugger conta que certa "*elite nazista*", acompanhada de dois mil soldados e [para delírio da tribo dos UFOlogistas] uma versão primitiva de discos-voadores, teria se refugiado numa "*Cidade Perdida*", também conhecida como "*o castelo do Gral dos Incas*", na Amazônia. Já na versão de Spielberg não cabiam os "*nazistas*" de Brugger porque, segundo a crônica, uma guerra entre os nativos e os primeiros teria virtualmente exterminado os povos de Akakor.

Em seu lugar entraram os soviéticos, tão órfãos de materialismo dialético, quando catatônicos os gringos, face à horripilância da "*Cidade Perdida*"; úmida morada de múmias, morcegos, escorpiões e caranguejeiras. E então a sequência final: aqui o auto referido Spielberg faz desabar a montanha do "*Gral andino*" e de seu interior decolar ["*ET is back*"!] um gigantesco disco-voador – mais do que suspeita semelhança com "*Eram os deuses Astronautas*", do lunático Von Däniken, e com a crônica Babylõniaká [História da Caldeia] de Bérose, sacerdote de Bel-Marduk [330 a.C.], vagamente referida por Platão, segundo a qual o homem primitivo foi visitado pelos akpalos, extraterrestres pisciformes, que lhes transferiram o conhecimento para o despertar da Humanidade nas terras do atual Iraque. Infelizmente, para a teoria da conspiração, o informante de Brugger foi um tal de "*Tatunca Nara*" que, em 1972, se apresenta como filho de um Chefe indígena e de mãe

alemã, "*refugiada nazista*". Mas "*Tatunca Nara*", que fala alemão sem sotaque, estava mal parado na foto: no final dos anos 80 a BKA, Polícia Federal alemã, reconhece o cidadão Günther Hauck com bronzeado de urucum, na roupagem do falso índio – alemão, nascido em 1941 em Coburg, na Baviera, procurado por dívidas de pensão alimentícia e por isso escondido, desde a década dos anos 60, em Barcelos, no Amazonas. Mediante declaração cartorial, emitida em 2003, "*Tatunca Nara*", que já se naturalizou brasileiro, assume sua condição de "*doente mental*" – foi a segunda morte de Karl Brugger.

Impassível, a inconfidência esotérica insiste que a "*Expedição amazônica nazista*" teria ocorrido entre 1942 e 1943, e que em 1984 Brugger foi liquidado como "*queima de arquivo*". Mais aceitável é a hipótese de que Brugger tenha sofrido um assalto banal: levou um tiro quando esticou a mão ao bolso traseiro da calça. Certamente queria apanhar a carteira de dinheiro, mas o pivete fez outra leitura, pensou que seria uma arma – gesto fatal, mas não improvável, para quem já vivia há mais de dez anos no Rio de Janeiro. E desde então "*os nazistas*" povoam a "*Cidade Perdida dos Incas*", esculpida no subsolo da Amazônia, à qual Spielberg se mudou, sem pagar aluguel. (FULLGRAF)

Manuscrito 512

O naturalista Manuel Ferreira Lagos descobriu, em 1839, um antigo e carcomido manuscrito, há muito esquecido, no meio de tantos outros documentos, na Livraria Pública da Corte (atual Biblioteca Nacional) e, o entregou ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB).

A "*Relação Histórica de uma Oculta, e Grande Povoação Antiguíssima sem Moradores*" é conhecida como "*Documento 512*" ou "*Manuscrito 512*" que se transformou na mais conhecida fábula arqueológica brasileira, e os membros do IHGB nomearam em 1840 o Cônego Benigno José de Carvalho e Cunha para encontrar a "*Cidade Perdida*" da Bahia.

A Expedição do Cônego Benigno Cunha, patrocinada pelo Instituto, foi a primeira tentativa de se confirmar a existência da "*Cidade Perdida*" mencionada no Manuscrito.

A fantástica lenda, até hoje, encontra adeptos entre curiosos e pesquisadores que dedicam seus esforços para tentar desvendá-la.

Alguns, como meu caro amigo Marcelo Godoy, afirmam que a "*Cidade Perdida*" não estaria localizada na Bahia, mas na Região Amazônica e que seria a legendária "*Manoa"*.

Baseiam-se, estes, nas partes apagadas ou corroídas por insetos do "*Manuscrito 512*" e afirmam que a Bahia teria sido, apenas, o local onde o documento foi escrito e não o da localização da "*Cidade Perdida*":

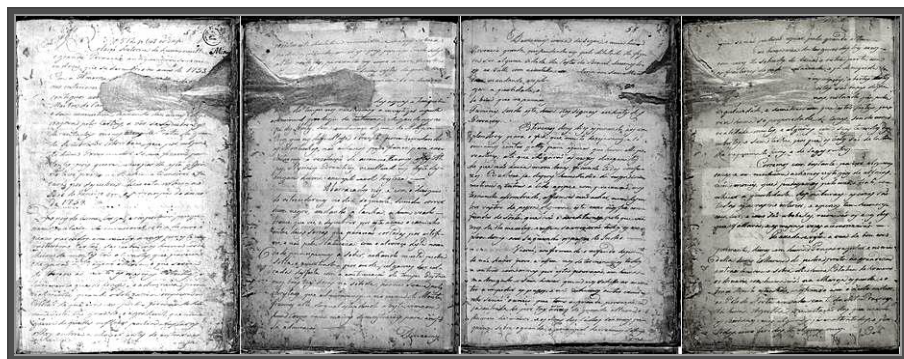



Imagem 24 – Manuscrito 512

PÁGINA 1

Relação histórica de uma oculta, e grande povoação antiquíssima, sem moradores, que se descobriu no ano de 1753. Em a América P [...] M [...] ridi[...] nos interiores [...] contíguos aos [...] Mestre de Cam[...] e sua comitiva, havendo dez anos que se viajava pelos Sertões, a ver se descobria as decantadas minas Reais ([105]) de Prata do grande descobridor Moribeca, que por culpa de um Governador se não fizeram patentes, pois queria usurpar-lhe esta glória, e o teve preso na Bahia até morrer, e ficaram por descobrir, veio esta notícia ao Rio de Janeiro em o princípio do ano de 1754.

Depois de uma larga, e importuna peregrinação, incitados da insaciável cobiça do ouro, e quase perdidos em muitos anos por este ### ([106]) vastíssimo Sertão, descobrimos uma Cordilheira de montes tão elevados, que parecia chegavam à Região etérea, e que serviam de trono ao vento as mesmas Estrelas ([107]); o

[105] Apesar de riscada, é legível a palavra "*Reaes*". (Marcelo Godoy)
[106] Palavra ilegível. (Marcelo Godoy)
[107] Não está claro se é mesmo a palavra "*Estrellas*". Os caracteres levam a crer que sim, mas a palavra está um pouco rasurada. Esta é talvez a

luzimento que de longe se admirava principalmente ([108]) do Sol fazia impressão no Cristal de que era composta formando uma vista tão grande e agradável, que ninguém daqueles reflexos podia afastar os olhos: entrou a chover antes de entrarmos e revistarmos...

PÁGINA 2

revistarmos esta cristalina maravilha, e víamos sobre a pedra escalvada correr as águas, precipitando-se dos altos rochedos, parecendo-nos como a neve, ferida dos raios do Sol, pel[...] agradáveis vistas daquele Chris [...] [...] [...] ruína se reduziria [...] [...] das águas, e tranquili[...] do tempo nos resolvemos a investigar aquele admirável prodígio da natureza, chegando-nos ao pé dos Montes, sem embaraço algum de Mattos, ou Rios, que nos dificultasse o trânsito; porém, circulando as Montanhas, não achamos passo franco para executarmos a resolução de acometermos estes Alpes, e Pireneus Brasílicos, resultando-nos deste desengano uma inexplicável tristeza.

Abarracados nós, e com o desígnio de retrocedermos no dia seguinte, sucedeu correr um negro, andando à lanha, a um veado branco, que viu, e descobrir por este acaso o caminho entre duas Serras, que pareciam cortadas por artifício, e não pela Natureza: com o alvoroço desta novidade principiamos a subir, achando muita pedra solta, e amontoada, por onde julgamos ser calçada desfeita com a continuação do tempo. Gastamos boas três horas na subida, porém suave pelos cristais que admirávamos, e no cume do

---

frase mais confusa de todo o manuscrito. O certo seria ter escrito que serviam de trono ao vento e às estrelas. (Marcelo Godoy)

[108] É óbvio que a palavra é "*principalmente*", mas é visível que está faltando a letra "*p*" na palavra. (Marcelo Godoy)

Monte, fizemos alto, do qual estendendo a vista, vimos em um Campo raso maiores demonstrações para a nossa admiração. Divisamos...

PÁGINA 3

Divisamos coisa de légua, e meia uma Povoação grande, persuadindo-nos pelo dilatado da figura ser alguma Cidade da Corte ([109]) do Brasil; descemos logo ao Vale com a cautela [...]ssária em semelhante [...] caso, mandando explor[...]gar a qualidade, e [...] se bem que reparam [...]uminéz, sendo este, um dos sinais evidentes das Povoações.

Estivemos dois dias esperando aos exploradores para o fim que muito desejávamos, e só ouvíamos cantar galos para ajuizar que havia ali povoadores; até que chegaram os nossos designados – de que não havia moradores, ficando todos confusos, resolveu-se depois um índio da nossa comitiva a entrar a todo ### ([110]), e com precaução, mas tornando assombrado, afirmou não achar, nem descobrir rastro de pessoa alguma, este caso nos fez confundir de Sorte, que não o acreditamos pelo que víamos de domicílios, e assim se arrojaram todos os exploradores a ir seguindo os passos do índio.

Vieram, confirmando o referido depoimento de não haver povo, e assim nos determinamos todos a entrar com armas por esta Povoação, em uma madrugada, sem haver quem nos saísse ao encontro a impedir os passos, e não achamos outro caminho senão

---

[109] No original é possível confundir esta palavra com "*Costa*". A letra "*s*" e a letra "*e*" aparecem meio borradas. Mas após uma análise minuciosa dos caracteres, concluímos que é um deslize na caligrafia e por isso mantivemos a palavra "*Corte*". (Marcelo Godoy)

[110] Palavra ilegível. (Marcelo Godoy)

o único que tem a grande Povoação, cuja entrada é por três arcos de grande altura, o do meio é maior, e os dois dos lados são mais pequenos, sobre o grande, e principal divisamos letras, que...

PÁGINA 4

que se não poderão copiar pela grande altura. Faz uma Rua da largura dos três arcos com casas de sobrados de uma, e outra parte, com as fronteiras de ped[...] lavrada, e já denegrida: so[...] e inscrições, abertas todas [...]ortas são baixas de fei[...]nas, notando que pela regularidade, e simetria com que estão feitas, parece uma só propriedade de casas, sendo em realidade muitas, e algumas com seus terraços descobertos, e sem telha, por que os tetos são de ladrilho requeimado uns, e de lajes outros.

Corremos com bastante pavor algumas casas, e em nenhuma achamos vestígios de alfaias, nem móveis, que pudéssemos pelo uso, e trato, conhecer a qualidade dos naturais. As casas são todas escuras no interior, e apenas tem uma escassa luz, e como são abobadadas, ressoavam os ecos dos que falavam, e as mesmas vozes atemorizavam.

Passada, e vista a Rua de bom comprimento, demos em uma Praça regular, e no meio dela uma coluna de pedra preta de grandeza extraordinária, e sobre ela uma estátua de homem ordinário, com uma mão na ilharga esquerda, e o braço direito estendido, mostrando com o dedo index, ao Polo do Norte. Em cada canto da dita Praça está uma Agulha, a imitação das que usavam os Romanos, mas algumas já maltratadas, e partidas, como feridas de alguns raios. Pelo...

PÁGINA 5

Pelo lado direito desta Praça está um soberbo edifício, como casa principal de algum senhor da Terra; faz um grande salão na entrada e ainda com medo não corremos todas as ca[...] sendo tantas, e os retret[...] serão formar algum [...]mara achamos hu[...] massa de extraordin [...]soas lhe custavam o levantá-la.

Os Morcegos eram tantos, que insistiam às caras das gentes, e faziam uma tal bulha, que admirava sobre o pórtico principal da Rua está uma figura de meio relevo talhada da mesma pedra, e despida da cintura para cima, coroa da de louro, representa pessoa de pouca idade, sem barba, com uma banda atravessada, e um fraldelim pela cintura: de baixo do escudo da tal figura tem alguns caracteres já gastos com o tempo, divisam-se porém os seguintes...

Da parte esquerda da dita Praça está outro edifício totalmente arruinado, e pelos vestígios bem mostra que foi Templo, por que ainda conserva parte do seu magnífico frontispício, e algumas naves de pedra inteira: ocupa grande território, e nas suas arruinadas paredes se vem Obras de primor com algumas figuras, e retratos embutidos na pedra com cruzes de vários feitios, corvos, e outras miudezas, carecem de largo tempo para descrevê-las.

Segue-se a este edifício uma grande parte de Povoação toda arruinada, e sepultada em grandes,..

PÁGINA 6

grandes, e medonhas aberturas da terra, sem que em toda esta circunferência se veja erva, árvore, ou planta produzida pela natureza, mas sim montões de pedra,

umas toscas, e outras lavradas, pelo que entendemos ha[...] versão, por que ainda entre [...] da de cadáveres, que [...] e parte desta infeliz [...] da, e desamparada, [...] talvez por algum terremoto.

Defronte da dita Praça corre um caudaloso Rio, arrebatadamente largo, e espaçoso com algumas margens, que o fazem muito agradável à vista: terá de largura onze, até doze braças, sem voltas consideráveis, limpas as margens de arvoredo, e troncos, que as inundações costumam trazer. Sondamos a sua altura, e achamos nas partes mais profundas quinze, até dezesseis braças.

Da parte d'além tudo são campos muito viçosos, e com tanta variedade de flores, que parece andou a Natureza mais cuidadosa por estas partes, fazendo produzir os mais mimosos campos de Flora. Admiramos tão bem algumas lagoas todas cheias de arroz, do qual nos aproveitamos, e tão bem dos inumeráveis bandos de patos, que se criam na fertilidade destes campos, sem nos ser difícil o cassá-los sem chumbo, mas sim as mãos.

Três dias caminhamos Rio abaixo, e topamos uma catadupa de tanto estrondo pela força das águas, e resistência no lugar, que julgamos o não faria maior às bocas do decantado Nilo. Depois...

PÁGINA 7

Depois deste salto espraia de sorte o Rio que parece o grande Oceano. É todo cheio de Penínsulas, cobertas de verde relva, com algumas árvores dispersas, que fazem [...] um tiro [...]davel. Aqui achamos [...] a falta dele se nos [...]ta variedade de

caça [...]tros muitos animais criados sem caçadores que os corram, e os persigam.

Da parte do Oriente desta catadupa achamos vários subcavões, e medonhas covas, fazendo-se experiência da sua profundidade com muitas cordas; as quais por mais compridas que fossem, nunca podemos topar com o seu centro. Achamos também algumas pedras soltas, e na superfície da terra, cravadas de prata, como tiradas das minas, deixando-as ao tempo.

Entre estas furnas vimos uma coberta com uma grande laje, e com as seguintes figuras lavradas na mesma pedra, que insinuam grande mistério ao que parece. Sobre o Pórtico do Templo vimos outras da forma seguinte designadas. Afastado da Povoação, tiro de canhão, está um edifício, como casa de campo, de duzentos e cinquenta passos de frente; pelo qual se entra por um grande pórtico, e se sobe por uma escada de pedra de várias cores, dando-se logo em uma...

PÁGINA 8

uma grande sala, e depois desta em quinze casas pequenas todas com portas para a dita sala, e cada uma sobre si, e com sua bica de água [...] qual água se ajunta [...] Mar no pátio externo [...] colunatas em cir[...]ra quadrada por artifício, suspensa com os seguintes caracteres.

Depois destas admirações entramos pelas margens do Rio a fazer experiência de descobrir ouro, e sem trabalho achamos boa pinta na superfície da terra, prometendo-nos muita grandeza, assim de ouro, como de prata. Admiramo-nos o ser deixada esta Povoação dos que a habitavam, não tendo achado a nossa exata

diligência por estes Sertões pessoa alguma, que nos conte desta deplorável maravilha de quem fosse esta Povoação, mostrando bem nas suas ruínas a figura, e grandeza que teria, e como se via populosa, e opulenta nos séculos em que #### ([111]) floresceu povoada; estando hoje habitada de andorinhas, morcegos, ratos, e raposas, que cevadas na muita criação de galinhas, e patos, se fazem maiores que um cão perdigueiro. Os Ratos tem as pernas tão curtas, que saltam como Pulgas, e não andam, nem correm como os de povoado.

Daqui deste lugar se apartou um companheiro, o qual com outros mais, depois...

PÁGINA 9

depois de nove dias de boa marcha avistaram a beira de uma grande enseada que faz um Rio a uma canoa com duas pessoas brancas, e de cabelos pretos, e soltos, vestidos à Europeia, e [...] do um tiro com [...] sinal para se [...] para fugirem Te [...] felpudos, e bravos, [...]ga a eles se encrespam todos, e investem.

Hum nosso companheiro chamado João Antônio achou em as ruínas de uma casa um dinheiro de ouro, figura esférica, maior que as nossas moedas de seis mil e quatrocentos: de uma parte com a imagem, ou figura de um moço posto de joelhos, e da outra parte um arco, uma coroa, e uma seta, de cujo gênero não duvidamos se ache, muito na dita Povoação, ou cidade desolada, por que se foi subversão por algum terremoto, não daria tempo o repente a por em recato

---

[111] Palavra riscada. Parece que o autor escreveu a palavra "*floresceu*" com algum erro de escrita, riscou, e depois escreveu corretamente logo em seguida.

o precioso, mas é necessário um braço muito forte, e poderoso para revolver aquele entulho calçado de tantos anos como mostra.

Estas notícias mando a Vosmecê deste Sertão da Bahia, e dos Rios Pará-açu, Unã, assentando não darmos parte a pessoa alguma, porque julgamos se despovoaram Vilas, e Arraiais mas, eu a V.m.ce a dou das Minas que temos descoberto, lembrando do muito que lhe devo. Suposto que da nossa Companhia saiu já um Companheiro com pretexto diferente...

PÁGINA 10

Diferente contudo peço-lhe a Vosmecê largue essas penúrias, e venha utilizar-se destas grandezas, usando da indústria de peitar esse índio, para se fazer perdido, e conduzir Vosmecê para estes tesouros, ### [...] eram nas entradas [...]bre lajes.

Manuscrito 512, Segundo M. Godoy

Marcelo Godoy aponta os erros dos pesquisadores do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro corroboradas pelo Doutor Johnni Langer. Godoy sustenta a tese que os exploradores depois de sua descoberta; teriam retornado para casa, na Bahia, um deles teria escrito uma carta a um amigo de outra cidade narrando a aventura. A carta acabou vindo parar no Rio de Janeiro no ano de 1754. Alguém, no Rio, redige um documento baseando-se no conteúdo da carta fazendo uma apresentação inicial dos fatos e em seguida transcreve a descoberta de acordo com o texto da carta. Relata Marcelo Godoy:

DOC 512 – O Futuro de uma Ilusão

A frase "*Relação histórica de uma oculta, e grande Povoação, antiguíssima sem moradores, que se descobriu no ano de 1753*", que dá início ao Documento 512, por si só já situa no passado os acontecimentos que serão relatados nos parágrafos seguintes do Manuscrito. O escritor vai fazer um relato de um acontecimento histórico, e que, portanto, já havia acontecido quando ele está redigindo o documento. Outra evidência desta primeira observação é a frase que encerra o primeiro parágrafo: "*Veio esta notícia ao Rio de Janeiro no princípio do ano de 1754*". Ou seja, o escritor afirma que a notícia da descoberta da antiga povoação em 1753, que ele irá contar em seguida, chegou ao Rio de Janeiro nos primeiros meses de 1754.

Ele não está afirmando que escreveu o Manuscrito naquela época, e sim que a notícia chegou ao Rio no princípio de 1754. Mas ele pode ter redigido o documento muito tempo depois de 1754.

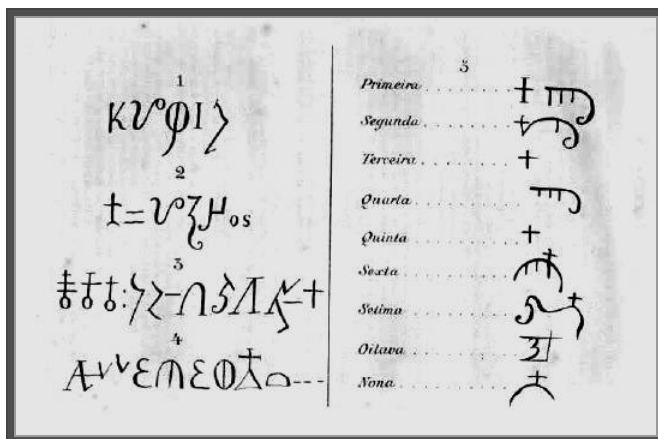



Imagem 25 – Caracteres do Manuscrito 512

Uma dúvida que acomete alguns leitores é se essa frase que encerra o primeiro parágrafo poderia se referir a menção da prisão e morte do Moribeca citada algumas linhas antes. Mas afirmamos que não e esclareceremos estes fatos num dos capítulos seguintes. Neste primeiro parágrafo percebemos também que ao fazer referência ao "*Mestre de Cam [...] e sua comitiva*" o escritor aparenta não ter feito parte do grupo. O mesmo ocorre quando utiliza a expressão "*se descobriu*". Ele não escreve "*eu descobri*" ou "*nós descobrimos*". Outras pessoas descobriram, mas ele não se inclui nos acontecimentos. Isso nos leva a concluir que ele não participou diretamente dos fatos. Outro motivo para acreditar que este primeiro parágrafo é uma apresentação de uma notícia é o recuo maior que foi aplicado à margem esquerda dele em relação a todos os outros parágrafos do Manuscrito.

Este primeiro parágrafo está à parte do texto principal. Por isso o destaque. Considerando essas primeiras observações podemos concluir então que o narrador do primeiro parágrafo foi quem redigiu o Documento 512, em data indeterminada, através de uma notícia que foi parar no Rio de Janeiro em 1754.

Entretanto ele não participou da descoberta da oculta. Mas uma coisa intrigará o leitor depois de ter lido a tal notícia, ou seja, todo o Manuscrito: Como pode alguém relatar algo com tanta riqueza de detalhes sem ter participado ativamente dos acontecimentos? Como poderia o escritor ter reproduzido os caracteres antigos que ilustram o texto sem ter estado lá e os desenhado "*in loco*"? Se lermos com atenção o Manuscrito do segundo até o último parágrafo veremos que o narrador passa a relatar os acontecimentos como participante ativo. O tempo todo até o final do texto ele utiliza expressões na primeira pessoa do plural: "*descobrimos*", "*estivemos*" "*corremos*", "*caminhamos*". Ficando evidente que ele narra os fatos dos quais participou.

E na página 9, linhas 248/249, já no final do Manuscrito, encontramos a seguinte frase: "*Estas notícias mando a Vosmecê deste sertão da Bahia*". E no parágrafo seguinte, pagina 10, linhas 257/258, a frase onde ele diz: "*peço-lhe a Vosmecê largue essas penúrias, e venha utilizar-se destas grandezas*". Através dessas últimas observações podemos concluir então que um dos descobridores *enviou uma carta da Bahia* para alguém em outra cidade comunicando a descoberta da antiguíssima povoação. E que o texto do Manuscrito, do segundo ao último parágrafo, foi baseado nesta carta pessoal. E, portanto, o conteúdo desta carta que o escritor anuncia no primeiro parágrafo como sendo a notícia que chegou ao Rio de Janeiro.

Além disso, o escritor do Manuscrito parece não saber ou intencionalmente não identifica quem era o destinatário original da carta. Possivelmente não era ele próprio. Isso porque no primeiro parágrafo o escritor narra a apresentação da notícia de forma impessoal. Ele diz que "*se descobriu*" a grande povoação e não que alguém ligado a ele a descobriu.

E conclui o parágrafo dizendo que a notícia da descoberta "*Veio*" ao Rio e não que a notícia foi enviada a ele ou que ele a recebeu. Ele não se inclui no recebimento da notícia justamente porque não está ligado a ela diretamente. Tudo leva a crer que a carta foi enviada originalmente a outra pessoa antes de ir parar nas mãos dele. Nos trechos finais do Manuscrito transparece que o descobridor considerava o destinatário da carta em posição social superior a sua e mantinha com ele uma relação de confiança e respeito. Isso porque em três ocasiões ele utiliza a expressão "*Vossa Mercê*" que é uma forma de tratamento utilizada em tempos idos e dirigida de pessoa humilde a pessoa de classe social mediana. Como também por causa da frase na linha 253 onde a cidade onde se encontra o destinatário da carta também não está especificada no texto. Poderia ser o Rio, mas também outra localidade.

A notícia foi recebida no Rio, mas isso não quer dizer que a carta foi enviada para o Rio. A carta poderia, por exemplo, ter sido enviada originalmente para Salvador. Com base nestas últimas observações podemos concluir que a carta pessoal comunicando a descoberta da "*oculta*" foi enviada por um dos descobridores a um destinatário com o qual ele já mantinha contato de longa data. Mas o nome do descobridor, o nome do destinatário e a cidade onde este estava não estão determinados no Manuscrito.

Voltando a analisar o primeiro parágrafo do Documento 512 notamos que o escritor em momento algum tenta criar um mistério ou uma nova "*oculta*" sobre a notícia que vai anunciar. Era de se esperar que fizesse isso diante de descoberta tão inusitada e que prometia grandes tesouros. Mas ele não fez isso. Pelo contrário, o escritor é objetivo, claro, e isento como se espera de alguém num cargo público ou numa função de prestígio social.

O escritor identifica a ano da descoberta [1753], o local [*Em a América ... nos interiores*], inclusive citando uma vizinhança [*contíguos aos*], além de mencionar qual era a grupo de pessoas que efetuaram a descoberta [*Mestre de Cam... e sua comitiva*] e dizer a que estavam fazendo lá quando isso aconteceu [*a ver se descobria as decantadas minas de Prata*].

E o que chama mais a atenção neste primeiro parágrafo nem é tanto o fato dos cupins terem roído esses dados principais do documento e que permitiriam confirmar a história mais facilmente. E sim a constatação de que esses dados foram revelados sem mistérios e logo no primeiro parágrafo. Num romance policial, por exemplo, não se revela o local e muito menos a autor do crime assim tão facilmente. Cria-se um suspense prendendo o atenção do leitor até o capítulo final para só então mostrar como aconteceu o crime e quem foi o culpado. A mesma coisa ocorre num filme de aventura cujo enredo é a busca de um tesouro perdido. As coordenadas que levam ao tesouro nunca são claras e definidas de imediato no primeiro capítulo. O tesouro só será encontrado depois de desvendada uma trama de mistérios que vai até o desfecho final. Isso é básico em qualquer história.

Entretanto no Documento 512 isso não acontece. O escritor não se preocupa em criar um clima de suspense ao instigar curiosidade ao leitor. Pelo contrário, ele vai direto ao assunto e diz logo quem fez, quando e onde aconteceu. Ele identifica claramente o nome do chefe do grupo e o local onde se efetuou a descoberta da cidade. Não cria outro mistério para revelar um mistério. Vai direto ao assunto. É como se alguém dissesse que fulano de tal, fez tal coisa, em tal lugar. Podem comprovar se quiserem. O nome dele é esse e aconteceu ali. É isso que o escritor faz no primeiro parágrafo.

Revela a coisa de uma vez. No entanto não podemos interpretar essa atitude do escritor como uma prova da veracidade da história da descoberta e consequente existência da antiguíssima povoação. Mas sim como mais uma evidência de que o escritor está fazendo uma apresentação de uma notícia que irá contar em seguida. E que está retirando essas informações da suposta carta enviada por um dos descobridores da antiguíssima povoação.

Considerando todas as observações que fizemos nos parágrafos anteriores deste capítulo podemos agora visualizar claramente o enredo principal contido no Manuscrito: Um grupo de bandeirantes que estava há anos vagando em busca de riquezas descobre no ano de 1753 as ruínas de uma antiguíssima povoação nos interiores do Brasil. Depois de retornarem para casa, na Bahia, um dos descobridores escreve uma carta a um amigo em outra cidade relatando o acontecido. A carta vai parar no Rio de Janeiro no começo do ano de 1754. Alguém no Rio redige um documento baseando-se no texto desta carta. Este escritor faz uma apresentação inicial do acontecido e em seguida transcreve a descoberta de acordo com a texto da carta.

E de acordo com esse enredo agora podemos levantar três hipóteses sobre a Documento 512:

1ª Hipótese - A carta Nunca Existiu.

Sendo assim o Documento 512 é uma obra fictícia. O escritor inventou o recebimento da notícia, a história da descoberta da cidade, o cenário, os personagens e os caracteres antigos que ilustram o texto. Num estilo inusitado para a época ele consegue dar maior veracidade ao Manuscrito contando a história a partir de seu desfecho final citando quem fez, quando e onde aconteceu a descoberta.

Ele pode inclusive ter mencionado um nome real de algum Mestre de Campo, mas que ninguém poderia encontrar e retrucar sobre os fatos porque já poderia ter falecido. Se considerarmos essa hipótese, de que tudo não passa de uma fantasia, temos aí uma obra literária que está há mais de 250 anos no topo das mais lidas da literatura brasileira. Restaria apenas identificar quem foi o autor da obra, quando foi escrita e ponto final.

2ª Hipótese - A Carta Existiu, mas a História da Descoberta Contida nela é Fantasiosa.

A carta chegou ao Rio de Janeiro trazendo a notícia da descoberta e com ela se redigiu o Manuscrito, pois não se sabia que a história fora inventada. Sendo assim o relato da chegada da notícia mencionado no primeiro parágrafo do Manuscrito é verdadeiro apesar da história da descoberta contada na carta ser falso. O autor da carta [descobridor] teria inventado tudo quando escreveu a carta na Bahia. Temos de identificar quem escreveu o Manuscrito, quando foi escrito, quem escreveu a carta, quem era o destinatário e quando ela foi escrita.

3ª Hipótese - A Carta Existiu e o Relato da Descoberta é Verídico.

Bem, neste caso os comilões de celulose destruíram bem mais que um pedaço de documento histórico. Desviaram em duzentos e cinquenta anos a compreensão da história das antigas civilizações. Até aqui clareamos o enredo e levantamos as hipóteses sobre a história contida no Documento 512. Agora precisamos prosseguir com nosso trabalho e identificar cada um dos personagens, o cenário geográfico, os animais, a antiguíssima povoação, analisar o texto da carta a própria história do documento. (Marcelo Godoy)

Marcelo Godoy está escrevendo um livro em que aborda suas teorias a respeito do "*Manuscrito 512*" a localização do "*El Dorado*" e tantos outros temas que fascinam e despertam nosso imaginário.

Os Lusíadas – Canto VII
(Luiz de Camões)

46

[...] Onde uma rica fábrica se erguia
De um suntuoso templo já chegavam,
Pelas portas do qual juntos entravam.

47

Ali estão das Deidades as figuras,
Esculpidas em pau e em pedra fria,
Vários de gestos, vários de pinturas,
A segundo o Demônio lhe fingia;
Vêm-se as abomináveis esculturas,
Qual a Quimera em membros se varia;
Os cristãos olhos, a ver Deus usados
Em forma humana, estão maravilhados.

48

Um, na cabeça cornos esculpidos,
Qual Júpiter Amon em Líbia estava;
Outro, num corpo rostos tinha unidos,
Bem como o antigo Jano se pintava;
Outro, com muitos braços divididos,
A Briareu parece que imitava;
Outro, fronte canina tem de fora,
Qual Anúbis Menfítico se adora.

REVISTA TRIMENSAL

DE

HISTORIA E GEOGRAPHIA

OU

JORNAL DO INSTITUTO HISTORICO GEOGRAPHICO BRASILEIRO

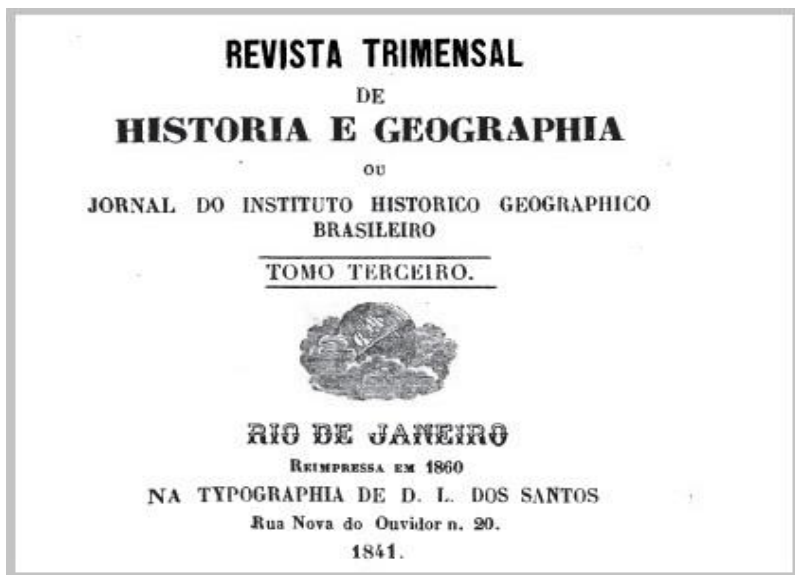
TOMO TERCEIRO.

RIO DE JANEIRO

Reimpressa em 1860

NA TYPOGRAPHIA DE D. L. DOS SANTOS

Rua Nova do Ouvidor n. 20.

1841.

Página 197

MEMÓRIA

[Escrita pelo Cônego Benigno José de Carvalho e Cunha, Sócio Correspondente do Instituto]

Sobre a situação da antiga cidade abandonada, que se diz descoberta nos sertões do Brasil por certos aventureiros em 1753, na conformidade da "*Relação*" por eles escrita, e publicada pelo Instituto Histórico e Geográfico do Brasil em 1839, e segundo as observações por mim feitas, e informações que colhi aqui e na minha viagem a Valença em 04.02.1811. Encarregado pelo Instituto de indagar o que houvesse de importante acerca da cidade abandonada nos sertões deste Império, apliquei-me todo a este assunto desde que voltei do Rio de Janeiro [1° de novembro], com destino de aproveitar minhas férias em viajar por esse respeito, logo que pudesse fixar um termo, ao menos provável, para minha derrota.

Um mapa circunstanciado da América Meridional, de que me fez favor o Sr. Arcebispo, e as informações que coligi de muitas pessoas, e especialmente do Sr. Dr. Remígio Pereira de Andrade, natural de Minas, de idade de 73 anos, que tinha viajado boa parte destes Sertões, e do Sr. Desembargador Mascarenhas, que desde Rio de Contas, onde foi Ministro, tinha atravessado a Serra do Cincorá e as terras entre o Paraguaçu e Una, junto com a "*Relação*" publicada pelo Instituto, foram os elementos de minhas conjecturas prováveis acerca da situação desta antiga cidade, que me permitiram fixar minha projetada viagem no fim de janeiro, levando todo este tempo desde novembro em exames, hipóteses e preparativos.

Não tem faltado quem meta à bulha ([112]) minha diligência neste artigo, reputando fábula a "*Relação*" dos aventureiros de 1753: eu, porém, não descubro nela nem motivos de o desconfiar, pois nada há ali que cheire a invenção poética, e será impossível descortinar uma razão de glória ou interesse, que pudesse estimular uma tal ficção; e como lembrariam a mineiros os caracteres gregos, ou runos ([113])?

Antes noto nesta "*Relação*" certa simplicidade e desalinho, como de quem escreve sem estudo, pois nem se guarda ordem na exposição dos fatos, contando depois o que devia ser narrado em seguimento, se o escrito fosse pensado: mostra que foram inscritos os fatos à proporção que iam lembrando, como se vê na "*moeda cunhada*" que um deles achou, etc.

---

[112] Meta à bulha: ridicularize.

[113] Runos: o alfabeto rúnico usa as chamadas letras runas, foi utilizado para escrever nas línguas germânicas, principalmente na Escandinavia e ilhas Britânicas, embora fosse utilizado também na Europa Central e Oriental, durante toda a Antiguidade e Idade Média.

Diga lá cada um o que bem lhe parecer; o certo é que vi coroadas minhas diligências, e realizadas minhas conjecturas, senão com toda a certeza, por não me caber no tempo e meios o prefazer ([114]) minha viagem, ao menos com uma probabilidade, que se aproxima muito da certeza. Vou expor primeiramente como fixei minha jornada, e ao que depois direi os testemunhos colhidos na minha viagem a Valença, que confirmaram tão poderosamente minhas felizes conjecturas.

Notei que os aventureiros que escreveram a "*Relação*", "*desceram pelo Rio que corre defronte da cidade, gastaram três dias até a catadupa, e escreveram*" logo depois de sua descida pelos "*Rios Paraguaçu e Una*", entre Valença e Cachoeira, ou, o que me parece melhor, das terras que medeiam entre o Una e o Paraguaçu-pequeno, que vai desaguar na mesma Baía do morro logo adiante do Jequiriça, mui perto de Valença, onde estão situadas hoje beira-mar Valença, Mapendipe, Jequiriça, o no interior de S. Fidelis, S. Ignez, Arêa, e Maracá.

Há outro Una no Sertão desta Província, que desemboca no Oceano muito para lá do Rio de Contas, ao Sul da Vila de Olivença; está claro que deste não fala a "*Relação*", aliás, diria que escreveram dentre ([115]) o Una e Rio de Contas, e não do Paraguaçu e Una, e muito menos se trata aqui do outro Una, que nasce da Serra Garanhuns na Província de Pernambuco: logo a Serra trás ([116]) da qual está situada a Cidade e o Rio, que defronte corre, devem ficar na direção a Oeste destas terras, donde data a "*Relação*": conseguintemente ([117]) a Serra do Cincorá, situada neste rumo, cuja

[114] O prefazer: de perfazer, de concluir.
[115] Dentre: entre.
[116] Trás: atrás.
[117] Conseguintemente: portanto.

extremidade a Este fica acima de Valença 3 ou 4 dias de jornada, é o lugar indicado na "*Relação*", onde deve encontrar-se a Cidade Abandonada. Depois desta conjectura, que me pareceu bem fundada, passei a informar-me das particularidades desta Serra, tendo sempre em vista a "*Relação*" publicada soube:

1° que é talvez a mais alta e inaccessível que tem os Sertões da Bahia, vista da parte do Norte, eriçada por grandes penhas ([118]), em que brilham muitos cristais; e seu cume está sempre coberto de densa névoa até 11 horas ou meio-dia;

2° que não tem mais do que uma *"tromba"* da parte do Norte pela qual se faz acessível seu cume;

3° que esta *"tromba"* ou estrada aberta desde a raiz até o alto da montanha, e formada em ziguezague [perdoem-me esta expressão], leva boas três ou quatro horas a subir, e mostra ter sido rompida à força de braço humano, e entre outros que por ela tem transitado, me afirmou isto o Senhor Desembargador Mascarenhas;

4° que desde a Povoação do Cincorá até a entrada desta "*tromba*" vão duas léguas, e não há Rio ou mata que embarace o viajante: "*são gerais*"; e tudo isto se conforma com a "*Relação*" dos aventureiros.

Ora, que a abertura daquela estrada ou *"tromba"* não é devida ao Governo Português, é indubitável, aliás deveria constar por escrito ou tradição o autor e concorrentes para uma obra de tanta monta e trabalho, como é a de romper tão alcantilada ([119]) montanha, e a época pouco mais ou menos da execução; mas tudo se ignora: os povos que habitam confinantes nem hoje teriam força e resolução para tamanha empresa.

---

[118] Penhas: rochas.
[119] Alcantilada: íngreme.

Além de que todas estas Povoações datam apenas de 40 ou 50 anos para cá, como me afirmou em Valença um velho chamado F. Logrado, que conta 100 anos de idade, residente ali há 50 anos, dizendo-me que quando foi para esta Vila só havia nela 18 casas, das quais me mostrou ainda uma defronte de sua morada, e Valença é sem dúvida a maior de todas as Povoações que hoje existem entre o Una e o Paraguaçu até a Povoação do Cincorá: portanto é forçoso confessar que o rompimento desta Serra é obra de povos anteriores à descoberta do Brasil pelos portugueses.

A serra do Cincorá estende-se de Este a Oeste entre 44° e 42° de Longitude, acaba pouco antes da Vila do Rio de Contas; desde a "*tromba*" a esta Vila fazem 12 léguas: a Oeste desta Serra corre de Norte a Sul o Rio Cincorá, que vai desaguar no Rio de Contas: para este rumo correm também o Arêa, Rio Preto, Rio Pires, Rio das Pedras, Rio d'água branca, Manaqueru, Orico-guaçu, os quais vão enriquecer o Rio de Contas, e nascem pela maior parte nas imediações da Serra: a Este desembocam no Mar os Rios Marau, Cachoeira, Acarai, Iguarapinos, Serinheem, Jiquié, Una [Rio de Valença], Paraguaçu-pequeno. O Paraguaçu-grande, nascendo das imediações da Chapada e Orobó, forma em sua corrente um grande cotovelo, que se aproxima à Serra do Cincorá, e daí volta pela Cidade da Cachoeira a desaguar na Baía ao Noroeste defronte da ilha de Itaparica. Em cima desta Serra da banda do Sul nasce um só Rio, que no mapa não traz nome, acompanha a Cordilheira, correndo de Oeste para Este, e dando aqui volta à Serra vai precipitar-se ao Norte dela neste cotovelo do Paraguaçu, dois dias de viagem a Oeste de Maracá: o seu fontanal ([120]) fica em 43°06' de Longitude, 13°40' de Latitude.

[120] O seu fontanal: a sua fonte.

Na margem esquerda deste Rio, a que os povos circunvizinhos chamam "*Braço do Cincorá*", a légua e meia da "*tromba*" pouco mais ou menos, é que deve estar a Cidade Abandonada; pois que todas as circunstâncias deste lugar quadram ([121]) com a "*Relação*" publicada. Aqui fixei portanto o termo de minha viagem. Devia por consequência, segundo o "*Roteiro*" que me apontou o Sr. Desembargador Mascarenhas, embarcar na Bahia para qualquer dos portos – Estiva, Nazaré, Cachoeira ou Jaguaripe, daí passar à Lagem, a Maracá, Fazenda das Flores, Povoação do Cincorá, subir a "*tromba*" da Serra, e demandar a Cidade pelo mesmo trilho dos aventureiros de 1753. Por este "*Roteiro*" gastava-se 14 dias de ida, e outros tantos de volta, fazendo a jornada escoteiro ([122]). Eu não tinha senão 35 dias até a abertura das aulas, e achei que por este caminho os gastos com cavalgaduras excediam minhas forças pecuniárias, por me ser preciso levar companhia, roupas e mantimentos, e, além disso, as jornadas diárias deviam ser forçadas de 10 e de 11 léguas para poder encontrar gasalhado ([123]) ou rancho, como aqui lhe chamam.

Resolvi-me, portanto, a embarcar para Valença, donde julguei me ficava mais perto o termo de minha jornada, ou ao menos o "*Braço do Cincorá*"; pois no caso do não poder penetrar ao sítio onde julgava dever encontrar a Cidade, por me não caber no tempo, visto estar próximo o fim das férias, assentei que podia reconhecer algumas circunstâncias importantes que ainda me faltavam, como se o "*Braço do Cincorá*" tinha catadupa, se espraiava muito depois da queda, e formava algumas penínsulas, se na "*margem Oriental*" havia "*minas*" ou

[121] Quadram: estão de acordo
[122] Escoteiro: só.
[123] Gasalhado: abrigo.

“*socavões*” ([124]); porque encontrando estes indícios marcados na “*Relação*”, ainda que não pudesse observar a Cidade, ficava com tudo certo de sua existência na margem daquele Rio, ou estivesse ainda em pé, ou desmantelada; e para outras férias voltaria. Com este pensamento embarquei para Valença no dia 4 de fevereiro corrente pelas 9 horas da manhã, acompanhado de um moço Ordinando, que se dispôs por seu gosto a fazer comigo esta viagem. O Exm° Sr. Paulo José do Mello, digno Presidente desta Província, me franqueou uma Portaria para as autoridades locais por onde passasse, aflui de coadjuvar-me; e me prestaria mais auxílios, se na verdade pudesse, pois me manifestou a melhor vontade.

Cheguei a Valença no dia 5, e me hospedei em casa do meu amigo o Ilm° Sr. João Antônio do Vasconcellos, meritíssimo Juiz de Direito daquela Comarca, e quando já tinha mandado alugar bestas para cargas e cavalgaduras, as quais, apesar da escassez da terra neste gênero, o mesmo Sr. Juiz tinha feito aprontar, começou a chuva, que continuou todos os seguintes dias, e tornou impraticáveis as estradas: ao mesmo tempo soube que me eram precisos muitos mais dias de jornada do que eu pensava, para chegar ao meu termo, e mesmo para examinar a catadupa do “*Braço do Cincorá*”; contentei-me então com as informações que pude colher de vários sujeitos daquela Vila, e especialmente do Sr. Antônio Joaquim da Cruz, marchante de profissão, que tinha viajado todas aquelas terras vizinhas do Cincorá, e ainda mais adentro, e tinha subido até a catadupa do “*Braço do Cincorá*”, e dois dias de viagem acima dela; e todas as pessoas principais da Vila me abonaram este homem para informar-me a este respeito.

[124] Socavões: esconderijo, lapa, abrigo.

Pelas suas informações soube que a cidade está encoberta a Este por matas, que ele se não atreveu a passar quando subiu acima da catadupa que o "*Braço do Cincorá*", se despenha desta elevada catadupa por diferentes Bocas com grande ruído, e forma várias penínsulas de verdura; e que na sua Margem Oriental há muitas e mui profundas minas, algumas abertas em penhas que formam abobada, debaixo da qual se caminha a princípio em plano, e depois rematam em furna insondável.

Contou-me um fenômeno que se observa naqueles socavões e é que de quando em quando rebenta por suas Bocas horrível estampido. Ele atribuía isto à grande quantidade de ouro e prata que continham. A razão porém deste fenômeno é bem clara: aquelas minas estendiam-se até debaixo do leito do Rio, estando arrombadas pelo decurso do tempo, peso e movimento das águas, a água que entra pelos rombos em toda aquela extensa Bacia que forma o Rio depois de sua queda, impele com violência o ar daquelas cavidades, que se dilatando rapidamente pela garganta das minas estoura nas bocas como um canhão disparado.

Estas informações, com efeito, me aliviaram em parte a mágoa de não poder continuar minha viagem, pois este prático me afirmou que para fazer esta jornada sem risco de minha saúde e vida, e sem estragar cavalgaduras, devia contar com 50 dias para ir e outros tantos para voltar: ficou de me preparar cavalgaduras e condução para o princípio de novembro próximo, e que ele mesmo me acompanharia. A estas informações acrescesse-se a tradição dos velhos daquelas Povoações desde Valença até o Cincorá, de que trás desta Serra há uma Cidade Antiga; mas revestem esta história de muitas fábulas, como costuma acontecer, porque uns dizem que esta cidade foi subvertida por um terremoto, outros que por aluvião.

Alguns afirmam que ela existe, mas que nela habita um dragão que devora quem lá se aproxima; outros dizem que quem lá vai não volta; e a este respeito me contaram uma anedota ([125]) de certo coadjutor ([126]) que foi a desobriga ([127]) para aqueles sítios, e nunca mais apareceu, etc. etc.

Todos estes testemunhos confirmam admiravelmente minhas conjecturas e primeira hipótese, de sorte que já não posso duvidar de que é ali, na Serra do Cincorá da parte do Sul, e na margem esquerda do "*Braço do Cincorá*", que devo buscar a Cidade Abandonada.

Tenho para lá dois caminhos, um pelo "*Roteiro*" do Sr. Desembargador Mascarenhas, que já expus e outro pelo do Sr. Antônio Joaquim da Cruz: este quer que vamos subindo pelo "*Braço do Cincorá*" até à catadupa, e daí a três dias de viagem estamos na cidade: este caminho é mais longo e solitário, porém é mais útil por ser borda d'água, boa estrada desde que se chega ao Rio, abundante de pescado e caça para nosso alimento, e há ali ocasião de observar certas picadas antigas, e ver onde conduzem. É o caminho inverso do que trouxeram os aventureiros quando desceram da Cidade; e seguindo esta estrada, e descendo pela "*tromba*" da Serra, terei melhor ensejo para observar a célebre gruta de alabastro que não está descrita, e fica quatro léguas distante da Povoação do Cincorá; o Sr. Desembargador Mascarenhas, que já lá entrou, me disse que é mui admirável, e se entranha por debaixo da terra até que se apagam os archotes. (RIHGB, 1841)

Bahia, 24.02.1841.

[125] Anedota: breve narração.
[126] Coadjutor: sacerdote.
[127] Desobriga: visita clerical.

Nº 512 do Cat. do Dep.

55

Minas

Relação historica de huma occulta e grande Povoação, antiquissima sem moradores, que se descobrio no anno de 1753.
Em a America [illegible]
nos interiores [illegible]
contiguos aos [illegible]
Mestre de Cam[illegible]
e sua comitiva, havendo dez annos que
viajavão pelos Certões, a vêr se descobrião as
decantadas minas de Prata do grande
descobridor Moribeca, que por culpa
de hum Governador se não fizerão pa-
tentes, pois queria uzurpar-lhe esta gloria
e o teve prezo na Bahia até morrer, e fi-
cárão por descobrir. Veio esta noticia ao
Rio de Janeiro em o principio do anno
de 1754.

Depois de longa, e importuna peregri-
nação, incitados da insaciavel cobiça do ouro, e
quazi perdidos em muitos annos por este
vastissimo Certão, descobrimos huma Cordi-
lheira de montes tão elevados, que parecião
chegavão á Região etherea, e que servião
de throno ao vento, e ás mesmas Estrellas; o
luzimento que de longe se admirava, princi-
palmente quando o Sol fazia impressão no
Cristal de que era composta, formando hu-
ma vista tão grande e agradavel, que nin-
guem daquelles reflexos podia apartar os
olhos: entrou a chover antes de entrarmos
a registar

Imagem 26 – Manuscrito 512

REVISTA TRIMENSAL
DE
HISTORIA E GEOGRAPHIA,
OU
JORNAL DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO
BRAZILEIRO.

TOMO SETIMO.

N.° 25. — ABRIL DE 1845.

RIO DE JANEIRO.
IMPRENSA AMERICANA DE L. P. DA COSTA,
RUA DA ALFANDEGA N.° 43.

M DCCC XLV.

Página 102

CORRESPONDÊNCIA

[Ofício do Sr. Cônego Benigno ao Exm° Presidente da Bahia, o Sr. Tenente-General Andréa, sobre a Cidade Abandonada, que há três anos procura nos Sertões dessa Província]

Ilm° e Exm° Sr. – Não podendo mandar já o Ordenança com este ofício, aproveito a ocasião de portador certo, Mr. Nowís, que parte prontamente para essa Capital, a fim de quanto antes dirigir a V. Exª a expressão de meu respeito, consideração, e obediência, como a novo, e mui digno Chefe desta Província, e ao mesmo tempo lhe participar o estado da Comissão, que pelo Instituto Histórico e Geográfico do Brasil me foi encarregada, em que trabalho há três anos, e que espero concluir felizmente no corrente ano, não me faltando a saúde. Depois de ter percorrido uma grande parte das Cordilheiras do Cincorá, começando por aquela, onde hoje se tem estabelecido a mais rica lavra de

diamantes, e examinando seus Rios, e assentadas, a ver se descobria algum dos sinais, enunciados no "*Roteiro*" impresso pelo Instituto, da Cidade Abandonada, e de ter indagado dos povos alguma tradição dela; e tendo com efeito encontrado em alguns velhos a tradição de um dos fatos narrados no dito impresso, o do veado branco, que fez conhecer aos aventureiros de 1753 a existência de uma estrada, que conduzia ao alto da Serra de – Cristal – de onde avistaram a dita Cidade, confesso que algum tempo estive perplexo, sem saber o que faria, visto nada ter descoberto nesta Serra.

Continuando, porém, minhas indagações diligentes, e conversando com os homens mais vistos nestes matos, vim a saber da existência de um Rio, que ainda não é conhecido pelo comum destes Povos, e não tem nome nos mapas, apesar de caudaloso, e rico, por correr nos maninhos ([128]), que ficam na margem esquerda do Tingá, e Para-açu, entre o Orobó, Camisão e os mesmos Rios.

Sítio onde as pequenas povoações limítrofes; do Andraí tem sempre temido penetrar, em razão da fama antiga, de que ali dentro há um Reino de Negros, ou Quilombo; o que, a meu ver, está realizado, como abaixo direi; e porque o dito Rio deságua no Para-açu, encoberto até coisa de légua e meia da sua Foz para dentro, entre a Foz do Una, e a Ladeira dos Macacos; é este o único Rio, que desce deste interior da margem esquerda do Tingá, e Para-açu.

Pelas informações, que me deu deste Rio um negro, que aí andou, não duvidei mais, que ele era o mesmo Rio, que corre defronte da Cidade Abandonada, achando, aliás, conveniência em outras circunstâncias, que narra o "*Roteiro*" do Instituto.

[128] Maninhos: terrenos incultos.

Esta minha tese tem sido confirmada progressivamente até hoje; e indo eu para o Tingá, em fevereiro do ano passado ([129]), recebi no caminho uma carta de um certo José Rodrigues da Costa, da Otinga, na qual me participava que um negro, por nome Francisco, escravo de um homem do Orobó, senhor da Fazenda denominada da Serrinha, na ponta da mesma Serra, se me oferecia para me ir mostrar uma Cidade Velha, nos maninhos já pré-citados, e os Quilombos, onde ele negro tinha passado sua mocidade, e donde havia fugido para seu senhor, com medo do castigo do chefe negro do Quilombo, por causa de desordens graves, que ele tinha cometido, e me pedia em remuneração sua alforria.

Mandei vir este negro, porém o senhor não só o não deixou vir, mas até depois disso o tem sonegado. Este negro dá exata notícia da Cidade Abandonada, e sua situação, e diz – que os Quilombos são três, e estão distantes da dita Cidade; que os negros só vão aí por ocasião de caçadas.

Entretanto continuei minha jornada, o dei princípio à ponte sobre o Tingá, e à estrada que devia ir a João Amaro, para facilitar o comércio deste Povo com a Bahia, pois lhe poupava mais de 40 léguas de mau caminho, e me servia para encontrar nesses meios o Rio da Cidade Abandonada, achando que nenhuma dificuldade havia mais para dar com a mesma Cidade.

Trabalhei então desde janeiro até 3 de março, com 22 pessoas, e nos retiramos por terem adoecido todos da peste das sezões, que no espaço de 4 meses me puseram no estado de moribundo, e nenhum dos que me acompanharam escapou deste sofrimento.

---

[129] Ano passado: 1844.

Restabelecido tornei a continuar a obra em setembro passado; fez-se a ponte e parte da estrada, na margem esquerda do Tingá, em direção a uns morrinhos onde se vê fogo, e onde julgo estar um dos Quilombos, segundo as informações do negro do Orobó, e por isso me persuado não ir longe dali o Rio da Cidade Abandonada; pois não se conhecem nestes maninhos outras águas que possam sustentar Povoação, e sabe-se que ali dentro não há Povoação Civilizada.

Recolhi-me em novembro por causa das chuvas que caíram mais cedo, e foram extraordinárias; e ainda continuam, com seus intervalos.

Como apareceu a nova lavra diamantina, e os Povos correm de toda a parte sôfregos a ela, este é o motivo por que em setembro pouca gente me acompanhou; aliás teria chegado ao tal Quilombo, que calculo estar a 3 léguas distante do último ponto da estrada que abri; pois esta gente me acompanha por obséquio, e com o simples interesse de que eu lhe dê as terras que vou descobrindo, e eu lhes prometi de pedi-las ao Governo para lhes repartir, e só pago aos criados necessários.

Aliás meus dinheiros para nada chegariam, pois o Instituto só me deu uma gratificação de 600 réis, por uma vez, e o Governo me coadjuva com dois soldados de linha e dois cavalos, pagos de soldo e etapa. Se tivesse tido suficiente auxílio da parte do Instituto ou do Governo, já teria concluído esta tarefa.

Estou à espera do escravo negro que me noticiou o Rio, e o mandei vir, afim de ir comigo à sua Foz, e ver se por lá posso mais facilmente subir, logo que a quadra me dê lugar; e desta sorte concluir minha empresa.

V. Exª como Sócio Honorário do Instituto, bem poderia interceder para que se desse mais algum dinheiro, ou da parte do Instituto, ou do Governo Imperial; e nisto V. Exª faz não só um particular favor a mim, mas também um relevante serviço à importante Comissão, pela qual tenho sacrificado meu descanso, meus pequenos rendimentos, e minha saúde e vida.

Eu me animo a afirmar a V. Exª que a Cidade está descoberta; mas para dar com mais brevidade esta gostosa notícia aos sábios do Brasil e da Europa, que estão com os olhos em mim, para saber de certo a existência de um monumento de tamanha transcendência para a história deste país, são-me necessários socorros, pois num terreno ocupado por negros e feras, é-me indispensável entrar com cautela, e gente armada e municiada, e levar mantimentos, porque daqui para dentro não há o que comer: sustento efetivamente 14 cavalos de carga, com os criados e utensis ([130]) necessários; agora até os mantimentos subiram a alto preço, pela vizinhança da nova lavra: reformei minha cavalaria por três vezes, e já necessita nova reforma.

Eu bem desejo acabar com isto; porém, abandonado a meus próprios recursos, hei de necessariamente ir devagar, especialmente pelas novas circunstâncias que ocorreram neste país, pouco povoado e pobre, que de repente vê rebentar diante dos olhos uma fonte de riquezas na lavra atual. No mesmo sítio solitário, onde há dois, anos dormi, debaixo de uma Lapa, na qual se agasalhava igualmente uma onça, escapo de ([131]) vegetação, e rodeado de escarpadas cordilheiras, se vê hoje o bulício ([132]) das grandes Povoações, e um comércio rico e ativíssimo.

---

[130] Utensis: utensílios.
[131] Escapo de: sem.
[132] Bulício: tumulto.

Eis, Exm° Sr., o que por agora se me oferece para dizer a V. Exª, esperando com submissão as honrosas determinações de V. Exª.

Deus guarde a V. Exª por muitos e felizes anos.

Carrapato, 23.01.1845.

– Ilm° e Exm° Sr. – De V. Exª súdito afetuosíssimo e reverente.

– Benigno José de Carvalho e Cunha. (RIHGB, 1845)

Os Lusíadas – Canto VII
(*Luiz de Camões*)

49

Aqui feita do bárbaro Gentio
A supersticiosa adoração,
Direitos vão, sem outro algum desvio,
Para onde estava o Rei do povo vão.
Engrossando-se vai da gente o fio
Com os que vêm ver o estranho Capitão.
Estão pelos telhados e janelas
Velhos e moços, donas e donzelas.

50

Já chegam perto, e não [com] passos lentos,
Dos jardins odoríferos formosos,
Que em si escondem os régios aposentos,
Altos de torres não, mas suntuosos;
Edificam-se os nobres seus assentos
Por entre os arvoredos deleitosos:
Assim vivem os Reis daquela gente,
No campo e na cidade juntamente.

Carta de Benigno ao Gen Andréa

Anno de 1846. Fevereiro—25.

Volume 2. Numero 14.

O CREPUSCULO,

PERIODICO INSTRUCTIVO E MORAL

DO INSTITUTO LITTERARIO DA BAHIA.

O Crepúsculo, n° 14
Salvador, Bahia, Fevereiro de 1846

Notícias Topográficas
Do Interior
Da Província da Bahia

Julgamos de interesse publicar a seguinte carta do Sr. Cônego Benigno dirigida ao Governo provincial. Curiosa é a descrição, que de alguns lugares dá o ilustrado viajante, em que ao mesmo tempo nota algumas inexatidões dos mapas dos Srs. Drs. Spix, Martius e do Sr. Eschwege. O Sr. Cônego Benigno há muito tempo percorre o interior desta província em busca de uma suposta cidade abandonada. Não cremos na existência de tal cidade. Uma cidade, que, como se diz, revela grande civilização em tempos remotos, não poderá existir só sem outros vestígios das artes em suas imediações: e neste caso já teriam sido descobertos não só pelo Sr. Benigno, que tem percorrido quase todos os lugares desertos que por ai há; como por outros viajantes. Se o Sr. Benigno, ajudado de algum engenheiro hábil, tratasse de organizar o mapa topográfico da província, certo muito mais valiosos serviços prestaria.

Ilm° e Exm° Sr. – Tenho presente o mapa topográfico, que V. Exª se dignou mandar-me. Não foi preciso exame para conhecer erros enormes na posição das povoações, e no nascimento, curso e barra dos rios, que formam ou vão desaguar no Para-assu, e deste mesmo rio; pois saltam aos olhos de quem tem observado estes lugares. Maracá, neste mapa, está colocado quase na margem do Una, quando sua verdadeira posição é mais de trinta léguas pela porta distante ao Sul daquele rio e ao Nordeste da Serra do Cincorá em uma assentada bem arejada e de largo horizonte, nas cabeceiras de um rio que me disseram ser de Nazareth, mas não o afianço.

O Una é formado pelo rio Jiboia, que se precipita do Cincorá para o Norte nas planícies do Campo do meio, e a quatro léguas da povoação do Cincorá se une com o Jiqui, e nesta junção começa o rio Unna, ou rio de Unna, ou d'Unna, e não Duna, como lhe chamam os Drs. Spix e Martius no seu mapa. Este rio depois de engrossado com o rio das Andorinhas, o do Pão Seco, da Trindade, das Barrigudas, Timbó, Mucugé, Marcella, Ribeirão, Timótio, Colombinho, & cia vai desaguar no Para-assu pouco acima da Almecega, e não abaixo das Flores, como está marcado no mapa de Eschwege ([133]) e Martius: faz diferença de um grau pelo menos à voo de ave. Nesta parte foram mais felizes os Drs. Spix e Martius: segundo eles a barra do Unna fica no próprio lugar ao Noroeste da ladeira dos Macacos; mas erraram o curso e barra do Para-assuzinho, que mal apontam, e sendo rio importante, como fonte do Para-assu.

---

[133] Guilherme von Eschwege ou por Wilhelm Ludwig Freiherr von Eschwege: geólogo, geógrafo, arquiteto e metalurgista alemão contratado pela coroa portuguesa para avaliar o potencial mineral do país.

Imagem 27 – Carte Géographique de l'Empire du Brésil

No mapa de Eschwege e Martius o Coxó vai desaguar no Para-assu acima da Lagoa encantada, nascendo à par dela da banda do Orobó, ou ao Norte do Para-assu, erro, em que também caíram os Drs. Spix e Martius, quando o Coxó nasce do mesmo rumo que Rio de Contas e quase à par dele ao Sul do Para-assu, no rumo diametralmente oposto ao da Lagoa encantada, e não vai desaguar no Para-assu, mas no Andrahi, outra fonte do Para-assu, e neste mapa não vejo rio que o possa representar. A ladeira dos Macacos não fica na margem do Para-assuzinho, mas sim na do Para-assu, muito abaixo da foz do Unna, doze léguas pouco mais ou menos. A Lagoa encantada existe na verdade da banda do Orobó, ou ao Norte não do Para-assu, mas do Tingá e Andrahi, que vão reunidos e comunicam com ela por uma larga boca, mas não forma um rio à parte, e distante destes rios, como aponta o mapa de Eschwege. O Para-assuzinho é o rio mais bem representado neste mapa em seu nascimento, corrente e barra: e depois dele reunido com o Andrahi e Tingá é que toma o nome de Para-assu.

O Tingá nasce ao Norte duas léguas distante do arraial da Otinga, e daí corre a Sul: o Andrahi nasce na encosta da cordilheira do Cincorá da parte do poente, e daí se precipita: três léguas ao Norte pouco mais ou menos está a pequena povoação Rio Grande, distante dele para o nascente coisa de meia légua: perto do Piripiri recebe o Coxó enterra-se com ele um bom espaço, e nasce enfim debaixo de uma alta e extensa rocha calcária, e correndo a Nordeste leva consigo o formoso e curto Prata, e vai abraçar-se com o Tingá. Este rio Prata, de que nenhum mapa faz menção, é o objeto mais curioso que encontrei até hoje nesta minha viagem. O cristalino de suas águas lhe dá este nome; é porém água pesada por ser impregnada de partículas calcárias. Nasce à três léguas ao Sudoeste da Parnaíba do Andrahi debaixo de bancos de pedra calcária, em que abunda este terreno: à duzentos passos, pouco mais ou menos, entra no Andrahi: é copioso d'água, e tem dez a onze braças de largura. Nunca enche, mas as enchentes do Andrahi represam suas águas, e as fazem subir.

A gruta donde emana é com efeito uma das maravilhas naturais deste paia, e a mais notável circunstância deste curto rio: é uma grande sala bem alumiada, cuja entrada fica ao nascente; parece aberta a cinzel por mão d'artífice, em razão do polido de suas paredes, e teto, e por sua simetria; o topo desta sala fronteira à entrada, é uma meia laranja, e o rio sai por dois corredores largos formados de um e outro lado da meia laranja pela curvatura progressiva e proporcional das paredes laterais da sala até se perderem de vista. Do teto prende um engraçado ramo de estalactite, que parece disposto a sustentar um lustre, e se reproduz no cristal das águas tanto ao vivo, que só entrando n'água, e apalpando, ou refletindo que é mesmíssimo o ramo pendente, e o que se representa, se pode diferençar a estalactite

real da sua imagem à superfície do límpido rio: a água corre em profundo silêncio, e nem levemente se encrespa, de sorte que parece encantamento ver nadar em cima da areia clara cardumes de peixinhos, sem poder diferençar o líquido cristalino, que os sustenta; e basta que algum deles boqueje, ou pule na flor d'água, este débil sonido, que em outra parte seria insensível, se propaga, e encorpa nesta abóbada natural; cantando-se à boca da gruta, não só se repete com engraçado eco a toada, mas permanece a voz até o ponto de formar harmonia, como se muitos cantassem ao mesmo tempo em contraponto. No meio, porém, de tantas graças com que a natureza adorna esta formosa nascente, abunda a feia e temerosa Lucurimba: roncam de diversas partes estas serpentes, quando se dispara um tiro à boca da gruta.

Continuando a análise do mapa de Eschwege, digo que há nele outro erro mui notável, e é o rumo da corrente, e barra do rio Jacaré: este rio não corre a Nordeste, mas a Sudoeste, não desagua no Para-assu, mas no rio de Contas. A vila de João Amaro fica bem na borda do Para-assu, e não arredada como se representa no mapa. Este mapa está tão cheio de erros, e de tanta monta, que não sei como hei de fazer nele os apontamentos, que V. Exª requer, pois muitos dos rios principais, cujos nomes ai faltam, não estão nele representados, e bem vê V. Exª que estando deslocados muitos dos pontos principais de um mapa, por força haverão de ficar os outros, que tem relação com eles. Pode V. Exª estar certo que tendo sido feitos estes mapas por Estrangeiros pouco inteligentes da língua comum nacional, infalivelmente andam sujeitos muitos enganos: e talvez estes ilustres geógrafos cometeram tais erros, porque quando viajaram por estes sítios não havia ainda a povoação, e veredas, que hoje existem; não puderam examinar por si mesmos

muitos lugares, e rios, aliás apontam em seus mapas, mais por informações, do que por cálculo. Há três anos que entrei para este terreno, que rega o Andrahi, e daqui tenho girado para diferentes pontos, e lenho tido não pequeno trabalho para formar uma ideia exata do que tenho exposto a V. Exª.

Quando perguntava à um que rio é este? Respondiam, é Rio Grande: perguntava a outro pelo mesmo rio respondia é Para-assu, outro me dizia, é o Andrahi: este rio é conhecido há 14 anos; o Bonito, que faz barra no Tingá foi descoberto há 5 anos, quando aí fui à primeira vez ainda, o descobridor – não tinha, feito casa. O Para-assuzinho só era conhecido até a sua entrada na Serra do Cincorá, e eu fui o primeiro que descobri suas cachoeiras. Há 10 anos que se abriu caminho da Parnaíba para a Otinga, e como o Tingá dá muitas voltas nas matas, por onde corre, e forma grandes cotovelos, e ninguém se atrevia a entranhar-se naqueles maninhos com medo dos quilombos daqui vem pensar-se que eram rios, que neste vinham desaguar da parte do Orobó, e assim o parecia a quem observava dos morros; que dominavam aquelas planícies, eu mandei exploradores desde a barra do Bonito até onde se ajuntam os três rios, que formam o Para-assu, e passados doze dias voltaram afirmando que até aquele ponto não havia rio nenhum, que descesse do Orobó. Há 20 anos que os Drs. Spix e Martius viajaram este Sertão, nesse tempo todos os lugares que eu tenho percorrido, eram perfeitamente maninhos, e intransitáveis. Donde pode V. Exª concluir quão errada pode ser a ideia que se forma dos maninhos entre Jacobina, Camisão, Tingá e Par-assu.

Campestre 9 de janeiro de 1846

Cônego Benigno José de Carvalho e Cunha.

A Cidade Perdida da Bahia

O Dr. Johnni Langer autorizou-me a publicar o seu pragmático estudo sobre o controverso documento.

Resumo

O artigo investiga as origens do mais famoso mito arqueológico brasileiro, "*a Cidade Perdida da Bahia*", e sua importância paradigmática ([134]) para o segundo Império. Em um canto esquecido da Livraria Pública da Corte [atual Biblioteca Nacional], um manuscrito muito antigo e carcomido foi descoberto em 1839 pelo naturalista Manuel Ferreira Lagos, e entregue ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro [IHGB]. Tratava-se do documento hoje conhecido como "*512*", com o título de "*Relação Histórica de uma Oculta, e Grande Povoação Antiquíssima Sem Moradores*". Sem saber, Lagos havia desencadeado o surgimento da mais conhecida fábula arqueológica do Brasil. Uma miragem fantástica, pela qual diversos intelectuais dedicariam todos os esforços para tentar solucioná-la.

Sapiente da enorme importância desse documento, o Cônego Januário Barboza logo o publicou integralmente na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Não sem antes realizar um pequeno prefácio, em que apelou para o estudo das antigas tradições, reconstituindo a saga de Robério Dias, o

[134] Paradigmática: que serve de modelo.

"*Muribeca*" preso por não revelar ao governo português a localização de ricas minas de prata na Bahia. Mesmo sem nenhuma comprovação da realidade desta cidade, para os entusiasmados intelectuais tal Relação histórica era um vestígio que poderia conduzir a grandes descobertas.

É muito importante a análise deste documento na conjuntura de sua época, também para entendermos mais a fundo a receptividade por parte do Instituto no Oitocentos ([135]). Inicialmente resumiremos a narrativa, definindo em seguida algumas hipóteses sobre o tema.

A Origem do Mito

O subtítulo da Relação esclarece o motivo da Expedição pelos Bandeirantes, a busca das minas de prata de "*Muribeca*", na qual ficaram dez anos vagando nos sertões da Bahia. A estrutura da aventura não possui praticamente nenhum elemento fantástico, típico dos relatos quinhentistas sobre o Eldorado Amazônico. Nem seres extraordinários, nem uma geografia pela qual o maravilhoso ditava totalmente as regras.

O início do relato descreve o encontro de uma montanha muito brilhante, devido à existência de cristais. Admirados pelo local, os Bandeirantes, no entanto, não conseguiram escalar a formação rochosa. Um negro da Expedição, ao tentar alcançar um veado branco [albino?], encontrou um caminho calçado por dentro da montanha, pelo qual a excursão seguiu adiante. Do alto da montanha, avistaram adiante uma "*Povoação grande, persuadindo-nos pelo dilatado da figura ser alguma cidade da Costa do Brasil*".

[135] Oitocentos: século XIX.

Imagem 28 – Cidade Perdida (UENP-CCP, 15.10.2018)

Após certificarem-se de que o local estava despovoado, iniciaram sua exploração. O acesso para a cidade era feito por um único caminho de pedra. A entrada da urbe era formada por "*três arcos de grande altura, o do meio é maior, e os dois dos lados são mais pequenos: sobre o grande, e principal divisamos letras que se não poderão copiar pela grande altura*".

Na cidade, as casas eram feitas com muita regularidade e simetria, parecendo "*uma só propriedade de casas, sendo em realidade muitas, e algumas com seus terrados descobertos, e sem telha, porque os tetos são de ladrilho requeimado huns, e de lajes outros*". Percorrendo o interior destas habitações, os Bandeirantes não encontraram nenhum vestígio de móveis ou qualquer outro objeto. Ao final da Rua, depararam com uma Praça regular, que possuía em seu interior uma:

> [...] coluna de pedra preta de grandeza extraordinária, e sobre ela uma Estátua de homem ordinário, com uma mão na ilharga esquerda, e o braço direito estendido, mostrando com o dedo index ao Polo do Norte; em cada canto da dita Praça está uma Agulha, a imitação das que usavam os Romanos, mas algumas já maltratadas, e partidas como feridas de alguns raios.

Sobre o pórtico principal da Rua, também situava-se uma "*figura de meio relevo talhada da mesma pedra, e despida da cintura para cima, coroada de louro*" e com inscrições abaixo do escudo. Nos lados esquerdo e direito da Praça, existiam edifícios imensos. O primeiro parecia, segundo os narradores, um templo com muitas figuras em relevo nas suas laterais, como cruzes e corvos. Outras partes da Povoação jaziam em grande escombro e muita ruína, que teria sido causado por um terremoto. Próximo à praça descrita, também havia um grande Rio. Seguindo por ele, os Bandeirantes após três dias encontraram uma enorme catadupa ([136]). Neste local, ocorriam grandes quantidades de furnas, muitas cobertas com lajes e inscrições. Ainda entre as ruínas foi encontrada uma moeda de ouro muito grande, com "*a imagem, ou figura de um moço posto de Joelhos, e da outra parte um arco, uma coroa, e uma seta*".

Após chegarem na região entre os Rios Paraguaçu e Una, os expedicionários enviaram uma carta ao Rio de Janeiro, originando o manuscrito original. Inicialmente, devemos perceber que estas ruínas não pertencem ao modelo urbanístico colonial português ou espanhol. A possibilidade de terem encontrado algum centro de mineração, abandonado após o término da exploração, também é muito remota.

Na metade do século XVIII, a maioria dos complexos mineradores ainda estava em atividade na Bahia. Inscrições, templos, pórticos e estátuas nos levam ao encontro de uma origem mediterrânea clássica, portanto, imaginária do relato. O problema principal é determinar como foi o contato com esse modelo europeu. A primeira metade do Setecentos foi marcada por uma grande efervescência clássica na Europa, antecipando uma Matriz cultural para a data do

---

[136] Catadupa: cachoeira.

manuscrito: a comparação das Praças com as construídas pelos romanos; estátuas com coroa de louros; pórticos grandiosos; moedas de ouro e citações de acidentes geográficos ocidentais ["*Alpes e Pyrinéos*", "*Nillo*"]. Tudo isso nos leva a crer que o autor do relato estava profundamente inserido no contexto das descobertas arqueológicas e culturais que estavam sendo efetuadas na Europa ao início do século XVIII.

Mas existem também dois elementos na narrativa que fazem parte de tradições folclóricas muito mais antigas, advindas do século XVI. A primeira é referente aos montes de cristais reluzentes, no início do relato. Aventureiros descreveram pelo interior brasileiro a existência de montanhas e Serras resplandecentes, associadas a metais e pedras preciosas. Essa tradição formou, a partir do Setecentos, o fundamento para alguns folclores Bandeirantes, como a Laguna Dourada [Eupana e Sabaroboçu].

O historiador Buarque de Hollanda acreditava que essa tradição esteve intimamente relacionada com o mito do Paraíso Perdido, para o qual funcionaria como uma espécie de antecipação do maravilhoso: "*da montanha que refulge passa-se muitas vezes sem dificuldade aos castelos, cidades, casas e Igrejas de cristal, tão frequentes nas clássicas visões do paraíso*".

Graças ao avistamento dessa montanha fascinante, os Bandeirantes puderam localizar as ruínas baianas. Também muitas narrativas de cidades imaginárias possuíam uma estreita vinculação com montanhas feitas com metal precioso, como por exemplo o Eldorado. Outra tradição de origem colonial diz respeito a certa estátua, encontrada na ilha dos Corvos [Açores], cujo folclore sobreviveu até o século XVIII, em forma literária ou poética.

Segundo Damião de Góes, em sua "*Chronica do Príncipe D. Joam [1567]*", durante o reinado de D. Manuel, navegadores em incursão pela mencionada ilha descobriram, no cume de uma Serra, uma imensa estátua de um homem vestido de bedém [túnica mourisca], sem barrete, com o braço estendido e a mão apontando para o poente. Abaixo da estátua foram ainda avistadas inscrições misteriosas, sem possibilidades de tradução. Já o poema Caramuru, de José de Santa Rita Durão [1781], também mencionou a célebre estátua: "*E na ilha do Corvo, de alto pico [...] Onde acena o país do metal rico [...] Voltado estava ás partes do Ocidente, d'onde o áureo Brasil mostrava a dedo*".

Na Cidade Perdida da Bahia também existiria uma estátua central, cujo braço estendido apontava o dedo para o Norte, com certas inscrições indecifráveis no mesmo local. Percebemos com essas duas tradições que o autor do manuscrito estava perpetuando um folclore mais antigo, incorporado ao universo dos Bandeirantes e exploradores.

Mas os elementos da arqueologia setecentista foram muito mais determinantes na estrutura do texto, como já mencionamos. A descoberta e escavação de Herculanum iniciou-se em 1710, mas foi com a confirmação de seu nome e origem [1738] que estas ruínas romanas tornaram-se muito famosas. Pompéia foi escavada, por sua vez, a partir de 1748, e sua identificação ocorreu apenas em 1768. Podemos também estabelecer uma relação destas ruínas romanas, principalmente Herculanum, com a cidade do manuscrito, ao perceber que o terremoto citado pelo Bandeirante é uma catástrofe natural semelhante ao vulcão [no caso, o Vesúvio].

A natureza interferindo na obra humana. Outra questão é identificar como essas matrizes foram conhe-

cidas no Brasil. A primeira publicação em larga escala dos vestígios romanos apareceu somente em 1756, com o livro "*L'antichità romana de Piranese*", três anos após a descoberta da cidade baiana. É possível, deste modo, que o autor da imaginária cidade tenha estado anteriormente na própria Europa em contato com esse panorama cultural.

O pesquisador Hermann Kruse e o historiador Pedro Calmon estabeleceram como autor do manuscrito em questão o Bandeirante João da Silva Guimarães. Percorrendo os desconhecidos sertões da Bahia entre 1752-53, ele teria noticiado a descoberta das muito procuradas minas de prata de Robério Dias, justamente na região dos Rios Paraguaçu e Una. [...]

Exames efetuados pela Casa da Moeda dois anos depois, porém, declararam que as minas não passavam de minérios sem nenhum valor. Aturdido, Guimarães foi conviver com os índios, desaparecendo após 1764. A obra de Pedro Calmon nos forneceu outra pista valiosa para a elucidação da origem histórica deste mito. Um dos auxiliadores das buscas de Guimarães foi o Governador da província mineira, Martinho de Mendonça de Pena e de Proença. Examinando sua biografia, descobrimos que ele tinha sido bibliotecário, poliglota e filólogo, membro da Real Academia de Lisboa. Além de ter proferido uma palestra sobre megalitismo português [Discurso sobre a significação dos altares rudes e antiquíssimos, 1733], Proença também realizou, em 1730, uma investigação sobre as misteriosas inscrições de São Tomé das Letras, em Minas Gerais.

A partir de 1738, estes caracteres se tornaram muito famosos, circulando cópias por toda a província. Ao analisarmos uma dessas reproduções, percebemos grande semelhança de alguns glifos com os da Cidade Perdida, principalmente cruzes e letras latinas.

Além disso, foram interpretados por um dos autores da reprodução, Mateus Saraiva, como sendo caracteres romanos.

No período em que circulavam as cópias, o Bandeirante João Guimarães abandonara Vila Rica e partira em missão exploratória para as regiões dos Rios São Mateus, Doce e Pardo, todos na província mineira. Atacado por índios, foi então auxiliado pelo Governador Martinho Proença. Talvez a origem do mito esteja nesse antigo contato, entre um Bandeirante ávido por ouro e um acadêmico interessado em arqueologia. Proença tinha todas as condições para criar a imagem de uma cidade em ruínas semelhante às romanas, repleta de inscrições, enquanto Guimarães desejava a todo custo encontrar riquezas sem fim.

O acadêmico morreu em Lisboa [1743], e João Guimarães anunciou oficialmente, em 1752, a descoberta de minas de prata pelo interior baiano, escrevendo em seguida o manuscrito da Cidade Perdida.

O Início das Buscas

Os investigadores do Instituto Histórico não conheciam os autores do manuscrito, mas mesmo assim a narrativa foi encarada como um fato totalmente verdadeiro. Ao contrário das tribos indígenas, habitantes de rudimentares choupanas, essas ruínas aventavam a possibilidade de uma antiga civilização muito adiantada ter ocupado a jovem nação. Imediatamente, todos os esforços em encontrar esses maravilhosos vestígios foram efetuados.

Em uma reunião do IHGB, o autor da descoberta do manuscrito, Manuel Lagos, oferecera-se para litografar e doar 500 exemplares das inscrições da Cidade Perdida.

Ao completar um ano de fundação em 1839, o Instituto Histórico apresentava sob a forma do relatório de seu secretário os resultados obtidos durante esse percurso. Se não eram completos, ao menos revelavam uma franca esperança no cumprimento das suas metas básicas de recuperar as origens da nação. Ao citar estupendas descobertas arqueológicas em países muito próximos do Brasil, como Palenque no México e fortificações no Peru, Januário Barboza deixou claro que tais vestígios também podiam ser encontrados no Império.

Na Europa recentemente maravilhara-se com publicações sobre ruínas maias, como "*Vues des Cordillères et Monuments des Peuples Indigènes de l'Amérique*" [1810, de Humboldt], "*Antiquites of México*" [1831, de Lord Kingsborough], e "*Voyage pittoresque et archéologique dans la province d'Yucatan et aux ruines d'Itzalane*" [1838, de Jean Waldeck]. É claro que os intelectuais brasileiros também esperavam encontrar indícios tão promissores nas desconhecidas florestas do Brasil.

Advindo o novo ano de 1840, surgiram novas referências sobre o intrigante tema. Dois eruditos, o Coronel Ignácio Accioli Silva e A. Moncorvo, residentes na Bahia, enviaram dados baseados em descrições regionais:

> [...] sobre a cidade abandonada nos sertões desta Província [...] que não parece ser fabuloso, pelas coincidentes notícias de vários antigos moradores, e exploradores dos sertões, pois por tradição se fala em uma grande Povoação, ou Cidade desprezada e que dizem a habitaram índios e negros fugidos.

Na tentativa de conseguir informações sobre a antiga cidade, os investigadores acabaram por contatar manifestações do folclore de muitos séculos.

Conhecidas pela denominação de cidades encantadas por toda a América Latina, foram metamorfoses de antigos mitos coloniais, como o Eldorado e tradições Bandeirantes, formando um rico e elaborado imaginário popular.

Muitas destas tradições de cidades encantadas sobrevivem até os dias de hoje por meio da transmissão oral, mas algumas também foram incorporadas à literatura e à poesia, como Maiundeua e Axuí [Pará e Maranhão]. Sendo um campo praticamente inexplorado pelos historiadores, é muito difícil elaborar análises sem maiores conhecimentos de fontes. Resta apenas tentar criar hipóteses entre essa aludida entrevista dos eruditos com os populares, ou seja, como as tradições coloniais sobreviveram na forma folclórica do século XIX.

Essas cidades encantadas teriam sofrido influências do relato de Guimarães?

Voltamos novamente ao livro de Pedro Calmon. Nele, o historiador afirmou que, após a morte do Bandeirante João Guimarães em 1766, rumores sobre ruínas já tinham sido criados por populares. Quando se iniciou a grande extração de diamantes na Bahia, a partir de 1844 na região da Chapada Diamantina, o folclore estava bem consolidado. Mas também não podemos descartar as interferências de outras tradições antigas, como as de Redutos indígenas e Quilombos pela Província, como a própria entrevista dos membros do IHGB deixou claro. Na Bahia, ocorrem diversos vestígios de antigos Quilombos, como nas regiões de Bom Jesus da Lapa e Rio das Rãs. Relatos imaginários também são muito frequentes por toda a região.

Em Laguna Santa [MG], existe a fábula de uma cidade submersa através de uma catástrofe, muito simi-

lar ao mito de uma cidade submarina de esmeraldas que ocorre na área do médio Rio São Francisco, na Bahia. Percebemos, desta maneira, que o mito popular foi reinterpretado pelo imaginário erudito, reforçando as convicções vigentes sobre um passado grandioso prestes a ser revelado.

Nesse início de 1840, para além do entusiasmo dos eruditos filiados ao Instituto, também os estrangeiros estavam profundamente interessados na confirmação das enigmáticas ruínas. Uma Expedição naturalista provinda de Copenhague, a bordo da fragata Bellone, teve como passagem o porto de Salvador. Composta pelos militares Suenson e Schultz, além do botânico Kruger, encarregados de examinar a misteriosa localidade. Não chegaram nem a concretizar a Expedição ao local, por falta de maiores informações geográficas: "*Mais rien ne fut exécuté, et nous en sommes encore réduits aux conjectures sur cette antique cité*". O grupo também obteria informações do Arcebispo da Bahia, Romualdo Seixas, que no ano anterior fora citado como membro do IHGB na categoria de sócio correspondente. Mais tarde viria a ser conhecido como Marquês de Santa Cruz.

Importante personagem no cenário político daquele momento, como Primaz do Brasil, foi quem presidiu em 1841 a solenidade de sagração de D. Pedro II. Ainda durante os anos 40, Seixas seria admitido como sócio na Sociedade Real dos Antiquários do Norte, demonstrando seu grande interesse por assuntos arqueológicos. Os dados trazidos do interior da Bahia por Moncorvo e Accioli, além do interesse do Arcebispo Romualdo, seriam reforçados por uma inesperada carta de Munique, assinada por Carl Von Martius. Constituindo-se na gênese da futura dissertação "*Como se deve escrever a História do Brasil*", o documento foi lido com muito interesse na sessão realizada em agosto de 1840.

No periódico da agremiação, publicaram-se determinados trechos do manuscrito, procedimento que, segundo nossa interpretação, procurava demonstrar somente as ideias mais importantes para as metas projetadas nesta época. A primeira imagem esboçada por Von Martius foi a respeito de um passado muito remoto para os primeiros brasileiros.

A confirmação das diferenças civilizacionais entre essa Povoação e os indígenas contemporâneos se fez através da ideia de contingente populacional e padrões de nobreza. Essa primeira ideia já havia sido levantada, de maneira oposta, pelos deflagradores da inferioridade americana durante o Setecentos. Para Buffon, Raynal e De Pauw, as informações dos cronistas e viajantes sobre as sociedades ameríndias eram falsas, pois a população das cidades pré-colombianas seria muito pequena, com os índios espalhados pelo campo. A concepção geológica de um continente novo contrariava a ideia de uma grande população urbana na América.

Com isso, uma remota ancestralidade e uma grande população seriam fundamentais para definir a outrora sociedade que existiu no Brasil. As provas desse suposto tempo antigo, segundo Von Martius, seriam encontradas na mitologia indígena e em vestígios arqueológicos nesta região central do nosso País. Nada mais conveniente para as metas do Instituto do que essas hipóteses que encaminhavam para uma formidável descoberta em solo brasileiro.

Na mesma sessão, o historiador Varnhagen declarou: "*uma proposta para metodicamente serem recolhidas pelo Instituto as possíveis notícias sobre essa grande geração decadente*". Conciliando dessa maneira as pesquisas sobre as inscrições fenícias da Pedra da Gávea [dessa mesma época], a cidade da Bahia e as observações do sábio alemão, o Instituto sentia-se

seguro para estabelecer um panorama otimista de nossos vestígios, determinando para todos os agremiados a busca dessa geração perdida.

Um Viajante do Maravilhoso

Conscientes de que a glorificação monumental só poderia ocorrer através de explorações, os membros do Instituto nomearam em 1840 o Cônego Benigno José de Carvalho e Cunha para encontrar a Cidade Perdida da Bahia. Quais foram os motivos da escolha deste religioso? As pistas nos levam a um contexto externo ao IHGB. Benigno era Professor, poliglota, especialista em línguas orientais e Padre subordinado ao Arcebispo Romualdo Seixas na Bahia. Suas ligações eram muito profundas, tanto que em 1840 dedicou um de seus livros [A religião da razão] a este Arcebispo. As razões para o interesse de Seixas para com a Cidade Perdida são obscuras. O mais provável é que mantivesse um controle sobre todos os fatos científicos e culturais reinantes em sua Província, indicando desta maneira o Cônego Benigno para encontrar as tão almejadas ruínas.

Ainda no ano de 1840, em princípios de novembro, Benigno de Carvalho chegou a Salvador em seu período de férias. Neste local, recolheu informações de viajantes que estiveram no interior da Bahia, como o Desembargador Mascarenhas de Assis e o Doutor Remígio Andrade. O Cônego encontrou algumas contestações da legitimidade de sua Expedição. A credibilidade da Cidade Perdida, apesar de sua grande aceitação acadêmica, não era um fato absolutamente genérico. Sem desanimar, negou o caráter fabuloso das ruínas baseado principalmente na estrutura narrativa do documento Bandeirante. Percebe-se que Benigno concebia o manuscrito como um autêntico diário de campo, onde os fatos descobertos foram sendo narrados fielmente.

Ao mesmo tempo uma história muito simples e ingênua, o documento incluiria detalhes estranhos ao universo Bandeirante, como as supostas inscrições avistadas: "*como lembrariam a mineiros os caracteres gregos, ou runnos*"? Essa lógica interna, também percebida pelos outros membros do Instituto e até alguns estrangeiros, constituiu a prova mais tangível da existência do fascinante local. A primeira problemática colocada em campo por Benigno foi a localização exata do sítio.

Concentrando-se no único detalhe geográfico mencionado no documento, que relata a existência de um Riacho de frente à cidade, pelo qual os aventureiros desceram e após três dias chegaram aos Rios Paraguaçu e Una, firmou sua hipótese, na qual o lugar indicado pelo documento seria a Serra do Sincorá. Em seguida passou a obter maiores referências sobre essa Serra com os moradores das regiões litorâneas. Ainda na Cidade de Salvador, o Cônego realizou diversos estudos hidrográficos, todos baseados apenas nos mapas do período.

Acreditava o Cônego que gastaria 14 dias seguindo o mesmo trajeto dos Bandeirantes até a cidade, mas como estava no final das férias, começou a abandonar a ideia de concretizar efetivamente a busca no distante recanto. Planejava ir somente até a cidade de Valença, a maior Vila da região, onde obteria maiores informações sobre o Rio Braço do Sincorá, se possuía cachoeiras e minas ao seu redor, confirmando o relato dos Bandeirantes. Chegando à cidade de Valença em 05.02.1841, o Padre foi acompanhado de um rapaz chamado Ordinando, recebendo um salvo conduto do Presidente da Província que não chegou a ser utilizado, pois devido à grande quantidade de chuvas na região, a Expedição foi cancelada. O resto de sua estada na cidade histórica de Valença foi ocupado recolhendo tradições orais dos antigos mora-

dores. O primeiro entrevistado foi Antônio Joaquim da Cruz, que tinha viajado pelas regiões interioranas da Bahia. Afirmava que teria subido o Sincorá e que a Cidade Perdida ficaria localizada em uma mata na direção Leste, mas não teve coragem para adentrá-la. Confirmou ainda a existência de uma grande cachoeira e de profundas minas que emitiriam um estranho estampido. De outros moradores de avançada idade recolheu informações sobre uma cidade muito antiga destruída por um:

> [...] terremoto, outros que por aluvião [inundação]: alguns afirmam que ela existe, mas que nela está um dragão que traga quem lá se aproxima; outros dizem que quem lá vai não volta; e a este respeito me contaram uma anedota de certo coadjutor [sacerdote] que foi a desobriga [visita clerical] para aqueles sítios, e nunca mais apareceu, etc. etc.

Observamos aqui alguns exemplos de cidades encantadas presentes no folclore baiano. Todos estes aspectos sugerem uma origem muito mais antiga, anterior à Bandeira de João Guimarães no século XVIII. Isso pode ser conferido, por exemplo, com o desfecho catastrófico sugerido para a cidade. Terremotos e inundações foram muito comuns em outras cidades imaginárias, como a Atlântida grega. Também tiveram grande influência simbolismos bíblicos, a exemplo do dilúvio universal, por sua vez muito populares nas teorias eruditas a partir do Setecentos, explicando a origem da humanidade.

O aspecto do desaparecimento de pessoas que visitaram a cidade também é percebido em outras localidades imaginárias Sul-americanas, como a "*Ciudad de los Césares*". No Brasil, temos os casos de Maiandeua [Maranhão] e Grozongo [Pernambuco], cidades fabulosas que desaparecem sem deixar vestígios. No Estado da Bahia, o folclore de taperas abandonadas que se afundam no chão ainda é muito comum.

Todos estes testemunhos colhidos por Benigno reforçaram suas convicções e hipóteses, confirmando a situação da Cidade Perdida na região do Sincorá. Planejando a futura Expedição para o final de 1841, esclareceu em uma carta enviada em fevereiro ao Instituto, que essa jornada seria muito "*longa e perigosa por causa das serpentes e onças, em que abundam aqueles sítios; há selvagens, porém mansos*". Apesar destas aparentes dificuldades, solicitou à agremiação carioca subsídios financeiros para a execução da viagem em pelo menos dois contos de réis.

Entraram em cena mais uma vez os poderosos aliados de Benigno. Um parecer realizado pela Comissão de História do Instituto estipulou a publicação dos documentos enviados pelo Padre, além do pedido imediato de verbas ao governo, para o êxito da Expedição. E caso não fosse possível a realização de um mapa da viagem, que ao menos os responsáveis publicassem um relatório detalhado da mesma.

Em julho foi impressa a memória de Benigno na Revista do IHGB, no mesmo mês da coroação do Imperador D. Pedro II. Após este agitado período político, o Arcebispo Romualdo Seixas foi efetivado como membro honorário do Instituto, sendo motivado a auxiliar o bom êxito da busca ao interior da Bahia. Com a influência de importantes personalidades, certamente a empresa não demoraria a colocar-se em campo.

No mês de outubro Benigno enviou outra carta para a Capital, desta vez tratando de minas descobertas recentemente na região da Serra da Mangabeira [BA], acreditando que seriam as minas de "*Muribeca*", muito perseguidas pelos Bandeirantes. Além de interesses políticos, cada vez mais a planejada viagem a campo do Cônego cercava-se de intenções econômicas.

No início de novembro, o Presidente do IHGB [Visconde de São Leopoldo] realizou uma petição ao Imperador, solicitando financiamento para a Expedição. A importância desse empreendimento foi ressaltada pelo documento principalmente pelo seu caráter utilitário. Caso falhasse em seu objetivo maior, ao menos a exploração poderia encontrar "*terrenos incultos, e ainda não desafiados no interior do Brasil*". Situando-se em uma região pouco conhecida, a Cidade Perdida poderia fornecer elementos de ordem mineralógica, como também terrenos para a agricultura. Competindo com o grande tema da Revista do IHGB – a etnografia indígena – as pesquisas do espaço geográfico nacional sempre foram muito destacadas. A publicação de narrativas de viagens, explorações, novas delimitações cartográficas e territoriais contribuiu para a construção do Império Tropical. Todo estudo para desmantelar o incógnito e o vazio de conhecimento era sempre muito incentivado pela elite.

É evidente que as regiões próximas à Capital tiveram um interesse imediato por suas importâncias econômicas ou políticas. Em uma carta remetida ao secretário perpétuo, um viajante mineiro enviou dados do

> [...] deserto que separa as povoações da Província de Minas Gerais, e às povoações do litoral nas Províncias do Rio de Janeiro, Espírito Santo, e Bahia [...] derramando algumas luzes sobre os pontos pouco conhecidos dessa interessante porção de território ainda oculto.

A Província da Bahia, nesse contexto, tinha uma situação estratégica. Somente o seu litoral era bem conhecido nesse período, e a Expedição de Benigno coincidia com essa necessidade de desvendar o que se denominou de deserto: tudo aquilo que não foi ainda explorado, abrangendo florestas, matas, Rios e montanhas.

Na realidade, estamos tratando aqui de uma categoria cultural muito mais ampla, a imagem do Sertão. Mais do que simples locais interiores do Império, são "*espaços desconhecidos, inacessíveis, isolados, perigosos, dominados pela natureza bruta e habitados por bárbaros, hereges, infiéis, onde não haviam chegado as benesses da religião, da civilização e da cultura*". Extraviada no incógnito, a Cidade Perdida da Bahia esteve associada com a imagem do Sertão. Um exemplo pode ser percebido com o Coronel Ignácio Aciolli Silva. Especialista nos temas da Província baiana, estava inserido nesse contexto de elucidação do espaço geográfico e, ao mesmo tempo, no estudo da Cidade Perdida. Em 1840, recolheu informações populares sobre esse tema e tencionava descobrir outros dados sobre os vestígios de antigas habitações, que teriam sido ultimamente encontrados nas escavações de diamantes da Serra do Assuruá.

O Sertão torna-se, ao mesmo tempo, um empecilho para a civilização – por seu caráter de nulidade territorial, e um potencial econômico – pode revelar imensas riquezas. A busca de ruínas implicava solucionar essas duas problemáticas, completando a proposta da unidade territorial:

> A motivação para pensar o Brasil é a convicção de uma nação incompleta, por isso o dito sobre o Sertão se faz com ares de diagnose e, mais, reveste-se de acusações à sua permanência enquanto fardo para o país.

Outro aspecto ressaltado na petição ao Imperador foi a respeito da Expedição de Benigno como interiorização da civilização. Buscou-se através do avanço científico a dominação do espaço selvagem, mas também a propagação dos ideais de civilidade, moral e religião. Afinal o buscador da cidade esquecida não foi um Padre? O mesmo princípio de algumas expedições naturalistas e de pacificação indígena, que além

do explorador/cientista sempre participava um religioso. Em Benigno essa função foi unificada dentro do contexto de uma missão heroica semelhante à dos Jesuítas, ao interferirem na realidade americana durante o Período Colonial. Mesmo o documento dirigido ao Imperador parece apontar nas entrelinhas esse fato. Para o Visconde de São Leopoldo, a civilização estacionou nos locais onde justamente existiram as missões jesuíticas "*e que não são de certo as que devem constituir os limites ocidentais de nosso Império*".

Quatro dias depois da solicitação, prontamente houve uma resposta positiva por parte do Imperador. Novamente se manifestou o Presidente do Instituto, muito otimista por certo ao verificar que sua petição fora aceita. Recentemente coroado, D. Pedro II iniciou seu relacionamento com a construção de uma Identidade Nacional, mas também com a Política Cultural que se praticava nesse período. Com isso, ao mesmo tempo em que o Imperador participava do mais entusiasmado e pretensioso projeto do Instituto na sua primeira década de existência, também refletia sua credibilidade na existência de uma remota civilização esquecida em nosso País. E também, nada mais conveniente ao seu recente governo do que a descoberta de imponentes ruínas no remoto brasílico.

No início de dezembro, finalmente o obstinado Padre Benigno colocou-se em campo. Desta vez conseguiu chegar à região pretendida, onde permaneceu por muito tempo. Enquanto a capital aguardava com ansiedade qualquer notícia de seus resultados, a expectativa criava muitas hipóteses favoráveis aos propósitos da agremiação. Na terceira sessão pública de fundação do IHGB, em dezembro de 1841, o Imperador novamente compareceu, revelando o prestígio dessa solenidade.

Comparados com os anos anteriores, os discursos e conferências foram muito mais exaltados. Depois de três anos de atividades, as pesquisas começavam a formar uma sólida crença em um passado capaz de rivalizar-se com o das grandes nações, inspirando também a formação de novos rumos para o futuro. Totalmente convicto disso, o Presidente do Instituto, Visconde de São Leopoldo, realizou um discurso incitando a procura de novas fronteiras do conhecimento, pela qual a conquista de descobertas inusitadas inflamaria o espírito humano. O desfecho da palestra glorificou o Mecenato Imperial.

Influenciada pelo conceito francês de civilização, a elite imperial procurava demonstrar constantemente a ligação do Brasil com o Velho Mundo e sua cultura. Desta maneira, utilizava um parâmetro de comparação com outras formas de sociedade, como a dos ameríndios, para poder expressar seus próprios valores e se autoafirmar.

Como o próprio Visconde afirmou, o Imperador conclamou os resultados do Instituto, na expectativa futura de a nação alcançar os patamares superiores do mundo contemporâneo. A descoberta da Cidade Perdida refletiria diretamente nesta imagem do Brasil: uma nação em progresso, portadora de vestígios arqueológicos, conhecimentos científicos, ideais e costumes elevados. A própria imagem de D. Pedro II foi relacionada, mecenas culto que patrocinou o possível desvendar da maior glória pretendida nesse período. O próximo intelectual a pronunciar-se, o Cônego Januário Barbosa, manteve os mesmos ideais. Relatando as principais atividades, projetos e descobertas nos últimos três anos, o Secretário Perpétuo não omitiu o fato dos temas indígenas terem ocupado a maior parte das preocupações da instituição. Mas qual o motivo desse grande interesse? O próprio Barbosa esclareceu:

> [...] investigar o grau de civilização a que haviam chegado os povos do novo Mundo antes de aparecerem às vistas de seus descobridores, força era que nos costumes dos índios procurássemos o fio, que nos deve conduzir a tempos muitos mais anteriores.

Se as pesquisas etnográficas e a literatura conduziam a um interesse objetivo pela imagem do indígena heroico, puro e honroso, os estudos arqueológicos tentavam encontrar indícios muito mais promissores.

A grande antiguidade desses possíveis vestígios foi sempre mencionada como um indicativo de sua sofisticada civilização. Pois as sociedades pré-cabralianas – encontradas pelos europeus no período de descobrimento – eram muito primitivas [aos olhos dos nossos nacionalistas], com os grandes acontecimentos do passado esquecidos pelos seus habitantes, confiantes apenas na tradição oral.

Nesta situação, as investigações etnográficas pouco poderiam contribuir para elucidar a questão do fio condutor para a geração dos tempos antigos. Para reforçar suas hipóteses, Januário Barbosa citou Von Martius, repetindo toda a sua longa carta publicada um ano antes no mesmo periódico. Devemos perceber que esses argumentos procuravam legitimar politicamente a Expedição do Cônego Benigno, recentemente enviada pelo interior baiano com os custos imperiais. Louvado por Barbosa como gênio da arqueologia, o religioso foi caracterizado como uma espécie de herói por ter-se embrenhado em tão cerradas florestas e ter de atingir Serras ainda não devassadas. Ao enaltecer o custeamento por parte de D. Pedro II, Januário Barbosa ainda insistiu nos perigos da empresa ao caracterizá-la como muito arriscada. Ao final, porém, a justificativa foi feita por outros meios, repetindo os argumentos anteriores da petição do IHGB.

Ao mesmo tempo procurando calar as vozes opositoras, que negavam a existência destas civilizações perdidas, essa justificativa atendia ao alargamento das fronteiras econômicas da nação.

O conhecimento geográfico propiciava interessantes retornos financeiros sob a forma de minérios valiosos, terras para a agricultura, habitação e a exploração de recursos naturais. E também o melhor controle político das fronteiras entre as Províncias, estas com enormes extensões desconhecidas entre as capitais e o interior. As fantásticas ruínas da Bahia ainda foram apontadas como um:

> [...] perdurável monumento, que marque nas gerações futuras o feliz reinado de nosso Augusto Protetor o Senhor D. Pedro II, e que chame as vistas das Academias e dos sábios do mundo a este grande território, cuja geografia, ainda mais que sua história, se acha desgraçadamente confusa, por não dizer ignorada.

Anteriormente, na comentada petição, o Visconde de São Leopoldo também havia caracterizado a cidade baiana como um possível monumento histórico desconhecido.

Ao início da formação do Novo Império, a elite intelectual já demonstrava um interesse objetivo em vincular vestígios monumentais com o reinado de D. Pedro II. E essas tão almejadas ruínas poderiam simbolizar a perenidade da nação brasileira. Ao mesmo tempo, rompendo a nossa vinculação histórica com Portugal, ao demonstrar que outras civilizações europeias estiveram em nosso solo muito tempo antes. Mas não podemos limitar o uso simbólico do passado apenas a vestígios arqueológicos e históricos. O próprio espaço físico foi utilizado pela elite imperial para dar credibilidade a uma ideia de nação.

Seguindo seus pensamentos, Barbosa relatou a aprovação de uma Comissão que deveria reunir em um único volume todas as informações geográficas disponíveis, formando um grande Atlas Brasileiro, eternizando a glória dos trabalhos do Império. As características do espaço físico deveriam formar também uma memória, que o historiador José Bittencourt denominou de território largo e profundo, isto é, as simbolizações de espaço e tempo efetuadas pela elite intelectual que, somadas com representações históricas, foram importantes elementos na formação do Estado Imperial. Com isso, o Secretário, ao relacionar os objetivos da Comissão do Atlas como sendo a busca de monumentos, estava mencionando acidentes físicos que poderiam caracterizar a grandeza do Império, e assim como as ruínas humanas, poderiam ser transformados em ícones simbólicos da nação. Percebemos que:

> [...] todo imaginário social, da mesma forma que possui um forte componente político, possui também um forte componente espacial pelo poder simbólico atribuído aos objetos geográficos, naturais ou construídos, que estão em relação direta com a existência humana. Em outras palavras, todo imaginário social pode revelar-se imaginário geográfico.

Aqui também verificamos outro conceito de que a paisagem geográfica é uma construção imaginária, enfim, uma representação cultural de determinada sociedade ou indivíduo. Os planos da elite imperial para a construção de uma nação tropical, necessariamente estavam assentados em determinados símbolos geográficos, sem os quais este imaginário político não teria legitimidade. Não esgotando estes recursos simbólicos visando à estruturação do poder imperial, a Revista do IHGB mantinha-se aguardando as notícias de seus associados.

E a aventura de Benigno de Carvalho estava distante de um fim. Em duas cartas recebidas já no início de 1842, percebemos as dificuldades da Expedição. O Cônego afirmou que a quantia de 600 réis recebida para os custeios era insuficiente para realizar o trajeto almejado, obrigando-o a tomar um caminho mais curto. Logo em seguida, em outra carta enviada da mesma Província, o nosso conhecido Coronel Ignácio Accioli Silva preocupou-se com o sucesso da referida Expedição, por acreditar que os recursos eram muito escassos. Quatro meses depois, o mesmo Coronel enviou outra correspondência noticiando que a Expedição ainda não tinha retornado. Somente em agosto a ansiedade geral seria em parte desfeita, após o recebimento de um novo e detalhado relatório.

Ao contrário do anterior, esse prospecto não era nada animador. O obstinado Padre lamentou em todo o documento as privações e dificuldades de concluir a sua missão, além da falta absoluta de recursos financeiros. Aguardando uma possível quantia a ser enviada pelo Governador da Província, o expedicionário efetuou diversas obras de desmatamento, abertura de estradas e queimadas. Diante de tantas intempéries, o Padre adoeceu por diversas vezes de febre e malária, ficando com grande debilidade física. Recebendo uma resposta negativa do Governador, o General Andréa, Benigno encontrava-se numa difícil situação. Sem dinheiro e saúde para chegar ao local pretendido, só lhe restava especular ainda mais sobre o instigante assunto antes de retornar para Salvador.

Enviou o ordenança do grupo e um negro das redondezas para investigar a região do Rio Parassuzinho, os quais após 15 dias retornaram sem sucesso. Não sem antes contatar pessoas no Rio Grande, que teriam descoberto um Quilombo perdido no Sincorá. Benigno terminou o relatório acreditando que escravos

fugidos teriam dominado as antigas ruínas, esperando retornar para verificar a exatidão dessas informações. Para isso necessitava novamente de subsídios do Instituto, que estipulou em 350.000 réis. Depois de dois anos de buscas infrutíferas, os acadêmicos imperiais começaram a tornar-se mais críticos com relação ao sucesso desse empreendimento.

O Coronel Ignácio Accioli Silva, ele mesmo anteriormente um caçador de Cidades Perdidas, enviou uma carta, em 1843, com certa ironia. De um início totalmente entusiástico, a descoberta dos gloriosos monumentos baianos começou a revelar-se frustrada. A realidade de nosso panorama pré-histórico e etnográfico parecia querer suprimir todas as fantasias construídas na década anterior. Mas o mito ainda conseguiu sobreviver por algum tempo.

A Miragem Custa a Desaparecer

Um ano depois, a persistência do incansável Benigno de Carvalho mais uma vez iria prosseguir na Academia. Uma nova correspondência [1844] atualizou suas pesquisas no desconhecido interior baiano.

Desistindo da procura pela margem direita do Paraguaçu, agora concentrou seus esforços na região do Rio Orobó. Acreditava que a cidade estaria a poucos dias de jornada. Organizando nova Expedição com um número maior de pessoas e equipamentos, partiu em direção do local mencionado. Mas em vez de efetuar somente explorações, iniciou a construção de uma ponte e de uma estrada, ligando as margens do Rio Tingá com a Vila de Santo Amaro. Qual foi a motivação real desses gastos com tempo e dinheiro, atrasando o objetivo principal do empreendimento? Benigno devia querer aproveitar todo o investimento em soluções concretas para o desenvolvimento da região.

Lembremos a anterior petição realizada pelo IHGB ao Imperador e dos relatórios do Secretário Perpétuo, todos aludindo aos interesses econômicos da Expedição. Sendo criticado nessa altura dos acontecimentos por alguns opositores, a utilização empírica do dinheiro contribuiria para os objetivos desejados. Outra possibilidade, pequena mas não improvável, é a de que o Padre sofria de diversas doenças na ocasião [reumatismo no braço, malária, inflamação do fígado], que o impossibilitaram de maiores aventuras por regiões selvagens. No desfecho de sua correspondência, Benigno apresentou provas para a existência da famigerada cidade, entre as quais um testemunho pessoal provindo de um escravo chamado Francisco, que afirmou ter estado nas ditas ruínas!

Não descartamos a antiga existência do folclore popular a respeito de cidades encantadas, nem a tradição de Quilombos desconhecidos aos quais aludimos anteriormente. Porém, deve-se também ressaltar que os objetivos da missão de Benigno, já há alguns anos internado pelo Sertão, deviam ser conhecidos pela maioria dos habitantes dessas regiões. O contato do explorador erudito com as Comunidades, nesse caso, deve ter sofrido intenções veladas. O escravo Francisco afirmou que esteve no Quilombo quando jovem, vindo a ser cativo na idade adulta. Mas desejoso da alforria, Francisco reforçou o relato com vistas a agradar o entusiasmado pesquisador do Instituto. Se esses Quilombos existiam ainda no período em que o Padre explorou a região, seus vínculos com a Cidade Perdida foram puramente imaginários.

O instigante tema da Cidade Perdida voltou à ordem do dia no IHGB, com a publicação de outra carta de Benigno Cunha, em abril de 1845. Escrita quatro meses antes para o Presidente da Bahia, o General Andréa, ao mesmo tempo foi um relatório geral de

todas as suas expedições, assim como uma espécie de última e desesperada tentativa de credibilidade para o assunto. Afinal, já haviam se passado três anos de explorações sem nenhum resultado concreto. O próprio Padre, pela primeira vez, apresentou alguns sinais de descrença, porém um novo contato com narrativas de idosos das localidades próximas reanimou suas posteriores convicções – como a existência de veados brancos [que foram citados no documento Bandeirante]. Ainda baseado nas descrições do negro Francisco de Orobós [aquele que pedia a alforria], aumentou para três o número de Quilombos existentes ao redor da Cidade Perdida. Já sabemos que o Presidente Andréa não partilhava de grandes otimismos quanto a essa Expedição.

E o pedido de mais soldados, cavalos e dinheiro para Benigno, nunca foi atendido. Nem mesmo sua estupenda afirmação final surtiu efeito: "*Eu me animo a afirmar a V. Exª, que a cidade está descoberta*". É evidente que essa declaração tinha propósitos imediatos para conseguir maiores recursos, mas para o contexto posterior do Instituto, surtiu efeitos avassaladores. Um deles, foi iniciar as contestações acerca da veracidade desse local. O fim da miragem estava próximo. Benigno Cunha não se comunicou mais com a capital a partir de 1845. Somente no ano seguinte enviou outra carta para o General Andréa, em Salvador, publicada no periódico "*O Crepúsculo*" ([137]), do Instituto Literário de Salvador. A redação da revista inicialmente comentou as pesquisas do Padre com extrema ironia. Foram contrários à existência da localidade, principalmente pelo fato de não existirem outros restos de civilização pré-histórica no Estado. Para estes intelectuais, seria um melhor investimento da Expedição o levantamento topográfico da Bahia.

[137] Repercutida no capítulo anterior.

E de certa forma foi o que propôs este último relatório, enviado para o também descrente Presidente da Província. Benigno não citou uma única vez em toda a narrativa o tema da localidade abandonada. Seus estudos foram baseados em um mapa enviado pelo General Andréa, do qual não forneceu maiores detalhes. Basicamente, o Padre questionou as bases empíricas de todo o levantamento cartográfico existente a respeito do interior da Bahia, nos mapas de Eschwege, Spix e Von Martius. O relato possui um momento curioso comparado com outras cartas do Padre. Dedicou muitas linhas para descrever com grande entusiasmo uma caverna situada no Rio Prata, onde percebemos um surgimento de imagens delirantes, típicas de exploradores em situações de extrema dificuldade ou frustração.

Em meados de 1846 o General Andréa, com aprovação da Assembleia Provincial da Bahia, retirou as ordenanças e o auxílio financeiro ao expedicionário. Benigno permaneceu em campo, provavelmente na região do Sincorá até 1848. Surgiram boatos de que teria ficado louco, escutando sinos e outros sons.

Escreveu para o Bispo Romualdo Seixas, solicitando faculdades espirituais para beneficiar os habitantes da nova cidade a ser descoberta, onde em breve entraria. Outros rumores desse período diziam que Benigno teria realmente encontrado as almejadas ruínas, e que minérios preciosos estariam sendo explorados por seus superiores hierárquicos. O que sabemos de concreto é que retornou frustrado para Salvador, vindo a falecer nesta cidade em 1849.

Neste momento refletimos sobre as razões de tanto empenho por parte de Benigno. Seriam apenas fantasias individuais? A fé cega em um mito não pode ser entendida apenas nessa perspectiva, pois como afirmou Girardet, "*o mito só pode ser compre-*

endido quando é intimamente vivido, mas vivê-lo impede dar-se conta dele objetivamente".

Dessa maneira, acreditamos que a análise mítica pode partir de um referencial social de longa duração, mas explicando as atitudes individuais em um contexto histórico. Tanto o comportamento quanto as imagens do desafortunado religioso foram semelhantes às de aventureiros e religiosos que também buscaram outras cidades imaginárias durante a história americana. O maravilhoso – as imagens que expressam o desconhecido geográfico através do fantástico – são as estruturas básicas dessas aventuras. Os conquistadores coloniais, Bandeirantes e arqueólogos modernos, desta maneira, foram impelidos por razões diferenciadas [políticas, econômicas ou culturais], mas seguindo as mesmas diretrizes: a busca por cidades imaginárias, situadas em regiões desconhecidas do incógnito brasileiro. O entusiasmo inicial em ambos os tipos de buscadores não era apoiado em evidências diretas, mas geralmente pelo mecanismo da paralipse ([138]). Uma estratégia narrativa que consiste em transferir a autenticidade do relato ou da existência de uma localidade imaginária para outros personagens.

O famoso Walter Raleigh, ao tratar do "*El Dorado*", legitimou sua existência com informações de indígenas locais, do mesmo modo que Benigno ao utilizar-se do folclore baiano. O maravilhoso também foi um reflexo do poder. Os aventureiros coloniais expressaram, em seus atos aos indígenas, a imagem do poder imperial europeu. E os representantes do IHGB ampliaram as fronteiras do conhecimento geográfico, ao mesmo tempo em que realizaram atividades de interesse da elite imperial.

---

[138] Paralipse: figura pela qual finge-se não tratar de determinado assunto, mas continua-se falando dele.

Se para os conquistadores, as cidades imaginárias estruturavam-se em imagens de abundantes riquezas, atendendo aos interesses mercantilistas do colonialismo, para os arqueólogos do Império brasileiro as nossas ruínas irreais atendiam ao ideal da construção de uma nova ordem social e política – a nação dos trópicos.

E a Cidade Perdida? Quase findando a década, surgiu uma última e desesperada tentativa de elucidar o mistério. Estamos no ano de 1848. O Major Manoel Rodrigues de Oliveira enviou da Bahia para a Capital um estudo contestando a localização proposta por Benigno – região do Sincorá – e propondo uma nova interpretação do documento, baseada principalmente em indícios encontrados no interior da Província.

Oliveira chamou a atenção dos intelectuais cariocas para duas regiões em especial, a primeira situada entre a Vila de Belmonte [entre os Rios Paraguaçu e Una, Centro-Sul da Bahia], e a outra em Provisão [Sudoeste baiano, próximo à cidade de Camamu]. Na primeira foram localizados vestígios de móveis antigos, louças, balaústres, ferramentas, vidros, e na segunda, foices, machados e espadas de ferro.

Tratava-se, obviamente, de objetos pertencentes a grupos exploradores, mineradores ou antigas guarnições coloniais. Inclusive, no relato original da Cidade Perdida, não ocorre nenhuma referência a móveis, alfaias ou objetos cotidianos como vidros e louças, pois os Bandeirantes encontraram as casas somente em ruínas. Peças de ferro e ferramentas também não faziam parte da Relação. O único e exclusivo ponto em comum com esses objetos coloniais, foi a menção de uma moeda de ouro ao final do manuscrito.

Ao mesmo tempo em que criticou as pesquisas do Cônego, Oliveira concebeu hipóteses fantasiosas muito mais ousadas do que seu predecessor.

Fez um breve esboço do alcance urbano dessa perdida civilização no centro da Bahia. Teriam construído um ancoradouro às margens do Rio Paraguaçu, uma estrada de acesso próximo ao Rio Una, e as pedreiras de mármore da Serra teriam sido utilizadas para fabricação de estátuas e monumentos.

Mas para as vistas da intelectualidade carioca, os pontos levantados pelo Major tiveram uma aceitação reservada. Constituíam sem qualquer margem de dúvida provas concretas de que o Sertão possuía um passado desconhecido, mas que a exploração empírica falhava em atingir. O documento enviado também recordou o caráter utilitário para a formação de novas expedições de busca: a descoberta de riquezas para o Império.

Mas com a morte do desafortunado Cônego Benigno em 1849, morreram também as expectativas do Império Brasileiro em encontrar o seu "*espelho*" civilizacional na pré-história. Esse eclipse da Cidade Perdida no período se deve também em parte aos protestos de intelectuais baianos. O Presidente e a Assembleia Provincial nunca foram favoráveis aos intentos de Benigno. Seu fracasso apenas reforçou essas convicções. Mesmo o estudo do Major Manoel Oliveira foi severamente contestado. Outro militar, o Brigadeiro José da Costa Bittencourt Câmara, publicou em 1849 na Revista Razão [Canavieiras, BA], uma crítica às conclusões de Oliveira. O Brigadeiro acreditava que o documento Bandeirante era apócrifo. Algum explorador esperto teria descoberto diamantes no Sincorá ficando muito rico, mas por remorsos teria fabricado o dito roteiro, baseado nas formas geológicas do local. Também algumas importantes agremiações de Salvador opunham-se à existência dessas ruínas, como a "*Sociedade Instructiva e o Instituto Literário*".

Um sócio do IHGB, Theophilo Benedicto Ottoni, concordava em opinião com o Brigadeiro José Câmara. Tendo também explorado o Sincorá, acreditava que o roteiro Bandeirante era uma alegoria das minas de diamante da região, elaborado para disfarçar a sua exata localização. Estabelecia ainda que alguns detalhes do relato realmente eram verdadeiros, porém obras da natureza.

Ao final da década de 40, temos também como opositor ninguém menos que o Bispo metropolitano da Bahia, o Marquês de Santa Cruz. Acusou o desiludido Cônego de ter-se afastado de suas ocupações eclesiásticas básicas, perseguindo uma quimera e efetuando uma "*empresa verdadeiramente cômica*". Mas sabemos que o próprio Bispo foi um dos grandes instigadores da busca dessa controvertida localidade.

Assim, dos pontos de vista político, econômico e mesmo cultural, a existência das ruínas baianas passou para segundo plano, sendo o ano de 1849 um divisor das pesquisas arqueológicas no Império. Marcou o fim de um período de muito entusiasmo, em que o mito foi um grande atrativo para os pesquisadores.

Conclusão: as Metamorfoses do Mito

As ruínas buscadas por décadas no Império Brasileiro possuem uma especificidade histórica bem definida, constituindo um conjunto de imagens relacionadas com o advento da arqueologia moderna. Imagens estas determinadas por parâmetros mediterrânicos, a exemplo das cidades romanas como Pompeia e Herculano.

Sabemos hoje que essas ruínas brasileiras nunca existiram, e o que os estudiosos perseguiram foi uma miragem, um mito arqueológico.

A Cidade Perdida da Bahia, concebida através do "*Manuscrito 512*", esteve impregnada de elementos culturais setecentistas, como detalhes arquitetônicos, pórticos, pirâmides, estátuas, praças, e principalmente, vestígios epigráficos. Sua interpretação pelos acadêmicos oitocentistas deve ser entendida por meio de teorias arqueológicas vinculadas com esse momento, a exemplo do difusionismo e das recentes descobertas de ruínas maias na América Central.

Mas este contexto histórico não explica a credibilidade e longevidade do mito, apenas sua especificidade temporal. O manuscrito Bandeirante despertou inicialmente o interesse acadêmico [1839], mas a sua legitimação – o primeiro passo efetuado para diferenciar a Relação de uma simples fábula, oposta à razão, o confronto entre "*mythos e logos*" – ocorreu somente quando houve contato com o folclore baiano a respeito das cidades encantadas.

Em 1840, intelectuais enviaram de Salvador para a Capital notícias desses relatos, e a partir de 1841, o explorador Benigno de Carvalho, já em campo, recolheu inúmeras outras descrições orais. Desta maneira, a palavra concedeu uma legitimidade ao mito, muito maior que a escrita: "*a verdadeira vida do mito tem sua fonte em uma palavra viva*".

A literatura e a escrita formam o grande valor demonstrativo do "*logos*", contraposto à palavra do "*mythos*". Com a afirmação de moradores da Bahia terem visto ou visitado tais ruínas, criaram-se condições muito mais profundas de sedução para a imagem da Cidade Perdida: "*a narração oral desencadeia no público um processo de comunhão afetiva com as ações dramáticas que formam a matéria da narrativa*". Desta maneira, um manuscrito velho, rasgado, quem sabe apócrifo, sozinho não explica por que houve tanto empenho por parte da Acade-

mia, estar financiando expedições custosas e perpetuando o mito arqueológico por toda a década. A cultura erudita acabou fundindo estruturas narrativas próprias com as mantidas pela cultura popular – cuja origem, por sua vez, provém de bases míticas muito mais antigas, herdeiras diretas de imagens coloniais. Após esse momento inicial de legitimação, o mito passou a ter um valor de paradigma, constituindo um modelo de referência para se pensar no passado brasileiro. A partir de 1840, a aceitação da antiga existência da geração perdida – uma civilização muito avançada, mas desaparecida sem deixar quase nenhum vestígio – nos demonstra a inclusão do mito na História. Uma narrativa fabulosa, irreal, foi interpretada dentro de um discurso "*verdadeiro*", autenticando uma forma ideal de como deveria ter sido o Brasil dos tempos antigos, sem nenhuma evidência concreta para confirmá-la:

> Dentro do que o saber histórico chama de "*mitoso*", o ilusório se nutre da memória antiga, e o fictício se apropria das narrativas dos logógrafos, das investigações dos arqueólogos e das litanias dos genealogistas.

A partir desse pressuposto, toda uma escala de valores sociais foi reforçada, a exemplo do caldeamento racial proposto por Von Martius em 1845. O sentido de civilização que se pretendia criar nos trópicos durante o Império foi baseado em um modelo situado na aurora dos tempos, uma sociedade sofisticada, mas que decaiu e cujos resquícios deveriam ser resgatados a todo custo. Um monumento que refletiria o Brasil para o mundo, para as grandes nações do Ocidente, completando todas as ansiedades e ausências simbólicas que o II Império enfrentava no seu início: "*Em sua forma autêntica, o mito trazia respostas sem jamais formular explicitamente os problemas*".

A partir desse momento paradigmático, em que a Cidade Perdida serviu de referencial ético, social e civilizatório para o Império, o mito assumiu conotações muito semelhantes a estruturas míticas universais. Sua busca, neste contexto, foi similar à de outros mitos, em locais e épocas diferentes:

> [...] no seio de uma cultura os mitos, quando nos parecem se contradizer, correspondem-se tão bem uns aos outros que fazem referência, em suas próprias variáveis, a uma linguagem comum, que estão todos inscritos no mesmo horizonte intelectual e que só podem ser decifrados no quadro geral onde cada versão particular assume seu valor e seu relevo em relação a todas as outras.

De uma perspectiva histórica e única, podemos então observar semelhanças atemporais com as cidades imaginárias do Período Colonial, e mesmo com modelos clássicos. Tanto a Atlântida, o Eldorado, o Lago Eupana e Parimé como a Cidade Perdida da Bahia, foram buscados por propósitos diferentes, sejam motivos de ordem econômica, colonialista, científica, cada um dentro do contexto social de sua época.

À medida que essas narrativas prolongam sua existência, modelos míticos básicos surgem em sua elaboração. Assim, aparecem constantes atemporais, como as motivações paradisíacas e o retorno da Idade do Ouro: imagens de uma antiga ordem, de um tempo idílico situado no início da humanidade, que revela a inocência total e a felicidade social absoluta. Outra constante foi o deslocamento geográfico – toda cidade imaginária foi buscada em diversos locais, movendo-se conforme o devassamento do ignoto e o processo de colonização. Sempre baseadas no mecanismo do maravilhoso, essas narrativas acabaram encontrando suas limitações justamente na esfera territorial.

Quando o espaço desconhecido tornou-se esgotado em todos os seus aspectos, o mito arqueológico foi eliminado de seus símbolos básicos, sendo contestado racionalmente. Aqui ocorreu um retorno ao confronto entre "*mythos e logos*": o que era entendido antes como realidade agora é transportado novamente ao terreno da fantasia, do quimérico, do irreal.

As ruínas da Bahia, ao final do Império, foram eliminadas do campo acadêmico, relegadas a uma condição de miragem provocada por antigos pesquisadores. Porém, toda elaboração simbólica nunca morre definitivamente, sendo transformada em uma nova narrativa, ocasionando sua sobrevivência para o novo século:

> os mitos se respondem mutuamente e o aparecimento de uma versão ou de um mito novo se faz sempre em função daqueles que já existiam anteriormente.

Assim, se para a ciência oficial a Cidade Perdida tornou-se uma aberração fantástica, por sua vez, estrangeiros e amadores brasileiros promoveram dezenas de expedições em sua busca, no início do século XX até nossos dias.

O historiador pode unicamente entender o lugar do mito na História, e nunca o seu significado mais profundo, pois ao racionalizar formas emotivo/imaginárias, penetra no campo da experiência, na ordem do existencial. Seja na forma de cidades feitas de ouro, ou de magníficos resquícios arquitetônicos, o mito assumiu várias páginas fascinantes da história brasileira, e que não podendo ser compreendido em sua totalidade, ao menos pudemos vislumbrar sua importância para o imaginário dos tempos imperiais. (LANGER)

O excelente artigo "*A Cidade Perdida da Bahia: mito e arqueologia no Brasil Império*", que fizemos questão de reportar na íntegra, coloca definitivamente uma pedra sobre a pretensa "*Cidade Perdida*" e outras tantas fantasias que volta e meia retornam aos meios de comunicação provocando apaixonadas manifestações e pronunciamentos por sonhadores de todos os matizes culturais.

Johnni Langer possui Doutorado em História (UFPR, 2001) e Pós-Doutorado em História Medieval pela USP (2006-2007). Atua principalmente nos seguintes temas: história e cultura na Era Viking e na Escandinávia Medieval, Mitologia nórdica, sagas islandesas, Literatura nórdica medieval, história do paganismo escandinavo, História da Arqueologia e Astronomia, Arqueoastronomia e Etnoastronomia da Escandinávia Medieval. Publicou em revistas acadêmicas da Suécia, Inglaterra, França, Portugal, Argentina e em dezenas de periódicos brasileiros. É coordenador do NEVE, Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos. Atualmente é professor adjunto II no curso de graduação em História e membro permanente do Mestrado em História Social da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), em São Luís. (Fonte: Currículo Lattes)

O Coração Latino-americano
(Thiago de Mello)

Incas, ianomâmis, tiahuanacos, aztecas,
Maias, tupis-guaranis, a sagrada intuição
Das nações mais saudosas. Os resíduos.
A cruz e o arcabuz dos homens brancos.
O assombro diante dos cavalos,
A adoração dos astros.

Uma porção de sangues abraçados
Os heróis e os mártires que fincaram no tempo
A espada de uma pátria maior.
A lucidez do sonho arando o Mar.
As águas amazônicas, as neves da Cordilheira
O quetzal dourado, o condor solitário,
O uirapuru da floresta, canto de todos os pássaros.

A destreza felina das onças e dos pumas
Rosas, hortênsias, violetas, margaridas,
Flores e mulheres de todas as cores, todos os perfis.
A sombra fresca das tardes tropicais.
O ritmo pungente rumba, milonga,
Tango, marinera, samba-canção
O alambique de barro gotejando
A luz ardente do carnaval
O perfume da floresta que reúne,
Em morna convivência, a árvore altaneira
E a planta mais rasteirinha do chão.

O fragor dos vulcões, o árido silêncio
Do deserto, o arquipélago florido,
A pampa desolada, a primavera
Amanhecendo luminosa nos pêssegos e nos Jasmineiros.
[...]

O "El Dorado" de Marcelo Godoy

O pesquisador e explorador Marcelo Godoy, dono de uma empresa de turismo sediada em Barcelos especializada em viagens à Serra do Aracá, Barcelos, AM, e a Machu Picchu, Peru, é um estudioso da região e da história americana. O amigo Marcelo, tem teorias interessantes que em breve serão expostas em um livro. Vamos deixar, porém, que o próprio Godoy se apresente e discorra sobre sua revolucionária tese:

Currículo de Marcelo Godoy

O meu currículo desde que vim pra Amazônia é bem simples: Marcelo Godoy, um dos brasileiros donos da Amazônia. (Marcelo Godoy)

Uma Teoria Inédita

Várias características do chamado Império Inca são muito semelhantes aos fatores que possibilitaram Roma se transformar num Império.

Um exército, construção de estradas, um governante único, subjugo de outras tribos, água canalizada nas cidades, produção e abastecimento de alimentos.

Esse conhecimento todo não poderia ter nascido de uma hora pra outra com os Incas. Requer séculos de desenvolvimento e aprendizado e por isso afirmo que os Incas herdaram isso e não criaram a coisa do nada.

E herdaram justamente dos antigos romanos.

O chamado Império Inca, que se considera a partir do surgimento de Manco Capac, é fruto do Império Romano. Obteve os conhecimentos dos romanos.

Antes do Império Inca, ou seja, antes de Manco Capac, Machu Picchu era conhecida como Ophir. O local mencionado na Bíblia onde Rei Davi e posteriormente o Rei Salomão mandavam buscar as riquezas que utilizaram para a construção do grande Templo em Jerusalém.

Essa Cidade foi construída por homens de pele branca e abandonada em algum momento da história. Era o verdadeiro umbigo do mundo...

Posteriormente os romanos estabeleceram aqui na Amazônia sua colônia mais longínqua. Esta cidade foi abandonada quando os romanos mudaram a sua política externa e deixaram de lado as colônias já estabelecidas. Com o fim do contato com Roma, os pais e tios de Manco Capac saíram daqui dessa Cidade romana e ocuparam a antiga Ophir lá no Peru quando ela já estava abandonada há séculos.

Passaram então a administrar a Cidade e foi ali que Manco Capac nasceu. Ophir ficou então conhecida como Tamputocco.

Em algum momento, por algum governante Inca, a Cidade foi reconstruída com o formato que conhecemos hoje e que é muito semelhante ao formato de uma Serra que temos aqui na Amazônia ao lado da qual ficava a Cidade romana.

Olhando para as construções em Machu Picchu, se observa claramente que muitos templos feitos com blocos de granito branco polido foram cobertos com paredes de pedra e barro. A Cidade foi reconstruída como uma Fortaleza em cima da que existia antes.

Os Incas reconstruíram a Cidade de Ophir no formato dessa Serra aqui de Barcelos para lembrar e homenagear o local de onde saíram seus ancestrais.

Os Incas contaram aos invasores espanhóis que Manco Capac mandou construir no local de seu nascimento um monumento com três janelas para homenagear o local de origem de seus pais e tios. O local de onde saíram os pais e tios de Manco Capac era conhecido como Pacaritampu e era marcado por estas três "*janelas*". Esses primeiros Incas teriam saído por essas "*janelas*" rumo a Machu Picchu e não a Cuzco como querem alguns. Os templos de Cuzco foram construídos depois e alguns reproduzem os templos da antiga Ophir.

No famoso "*Manuscrito 512*" que narra a descoberta por Bandeirantes de uma Cidade romana nos sertões do Brasil, a entrada principal da cidade é feita por três arcos de imenso tamanho. Na verdade, um Arco do Triunfo que os antigos romanos construíam após uma grande conquista, não necessariamente uma batalha.

Estou convicto de que o templo das três janelas em Machu Picchu é uma homenagem aos três arcos citados no "*Documento 512*". Os Incas não tinham como trabalhar a pedra em forma de arco e por isso fizeram o muro com três janelas quase quadradas.

Muitos procuraram a Cidade descrita no "*Documento 512*" erroneamente na Bahia. Um erro histórico. O narrador do documento estava sim na Bahia quando escreveu a carta ao Rei, mas o cenário do acontecimento era a nossa Amazônia.

Uma das chaves de interpretação do famoso "*Documento 512*" é a frase em que o narrador diz: "*depois deste salto, espraia de sorte o Rio que parece o grande Oceano*". O Rio que parece o grande Oceano é o Rio Amazonas que, na época da descoberta, foi chamado de "*Mar Dulce*" pelos invasores espanhóis.

No entanto, em 1753, a expressão "*grande oceano*" já não se referia mais ao Atlântico. Há duzentos anos que já se sabia que o Pacífico era muito maior. E a referência ao grande Oceano na literatura de época passou a ser o Oceano Pacífico.

O Rio Negro é muito parecido com o Oceano pacífico. Tanto nos dias ensolarados quando fica todo azul como também nos dias nublados quando se arma um temporal e fica com ondas de pouco mais de metro. Quem olha para as águas do Negro vê as águas do Oceano Pacífico não apenas por sua aparência, mas também pela tranquilidade das águas daqui em relação ao Rio Amazonas. A comparação é inevitável.

Além disso, toda a geografia descrita no "*Documento 512*" aponta para a Amazônia e para as montanhas aqui de Barcelos.

Outra história contada aos espanhóis pelos Incas de mais idade diz que os Incas tiveram sua origem em um grande Lago. Naturalmente se aponta o Lago Titicaca como a origem do povo Inca. Ocorre que as ruínas encontradas no Lago Titicaca são do período tardio da cultura Inca.

Minhas pesquisas apontam que os Incas não saíram do Lago Titicaca e sim do Lago Parime que existia aqui na Amazônia e em cujas margens estaria localizada a Cidade romana que deu origem à história do "*El Dorado*" e que é a cidade relatada no "*Manuscrito 512*".

As Bacias do Rio Demeni e do Rio Aracá são o antigo leito do Lago Parime. Vários viajantes da Amazônia mencionam a existência do Lago que já estava em processo final de escoamento quando aqui eles chegaram. Na época que a cidade foi construída, o Lago aqui ainda existia.

> Depois passou a secar e tornou-se um Lago temporão que só ficava cheio com o período das chuvas. Hoje a região toda é uma imensa planície alagada. Um chavascal como dizem aqui. Isso é perfeitamente observado por quem vive na região e também constatado nas fotos de satélite. É justamente a parte mais funda do antigo Lago Parime.
>
> Sempre se apontou a localização do Lago Parime no atual território de Roraima. Eu digo que lá também era parte do imenso Lago. Mas quando lá secou e deixou de ser Lago, aqui continuou sendo Lago porque a região aqui é de altitude mais baixa que lá. E a Cidade foi construída quando lá já não era Lago e aqui ainda sim.
>
> Alguns cronistas espanhóis mencionam que os Incas consideravam que tudo que era sagrado possuía um duplo, um correspondente, um gêmeo. É como se tudo que fosse sagrado tivesse sempre uma segunda imagem que chamavam Yanantin.
>
> A atual Machu Picchu é na verdade o Yanantin da Serra onde se encontra a cidade que deu origem à história do "*El Dorado*" e de onde saíram os pais e tios de Manco Capac. Essa cidade ficava às margens do quase extinto Lago Parime e é uma antiga cidade romana construída entre o ano 1000 e 1100 d.C. A mesma que é mencionada no "*Manuscrito 512*". (Marcelo Godoy)

Toda teoria sofre alterações com o decorrer do tempo acompanhando a evolução de seu próprio mentor intelectual. Novas informações, novas descobertas, amadurecimento vão provocando esta natural e salutar mudança e assim a teoria esboçada em janeiro de 2010 por M. Godoy foi reescrita, em março de 2014:

Boa tarde Coronel Hiram Reis.

Peço desculpas pela demora em responder ao seu último e-mail. Eu queria escrever só quando tivesse algo mais conclusivo sobre a última compreensão que tive sobre a história contada no DOC 512. E isso só veio com uma demorada pesquisa que até agora trouxe mais dúvidas que certezas.

Minha teoria sobre o El Dorado, os Incas, o DOC 512 e as antigas civilizações está em constante transformação. Penso que enquanto ela não for consistente e estiver muito bem fundamentada não merece ser publicada. Às vezes me pergunto se realmente tenho uma teoria ou se é apenas um monte de percepções que vão aparecendo ao acaso.

Meu pensamento é crítico, busco a verdade e limito a imaginação. Mas mesmo assim ainda cometo erros graves como o mencionado no e-mail anterior.

Como todo esse tempo pude ver uma cidade romana no relato do DOC 512? É claro que desde o século XIX todo mundo que lê o manuscrito visualiza uma cidade romana. E pior, na Bahia!

Mas eu me considerava mais perspicaz. Logo na primeira leitura do DOC 512 percebi de imediato que o relato não era na Bahia. Mas como pude continuar vendo uma cidade romana durante todo esse tempo? Estou remoendo a coisa para entender como cometi esse erro e continuei com ele durante 13 anos.

Espantoso como nosso pensamento é falho mesmo após tanto tempo abordando um mesmo assunto.

Me consolo com o argumento de que fazer ciência é antes de tudo um exercício constante de auto crítica e que portanto estou fazendo ciência.

Mas o que me propus a fazer é justamente isso. Ciência. Responder de modo científico a questão da existência ou não do El Dorado. E para isso formulei uma hipótese que às vezes me refiro à ela como uma teoria.

El Dorado, DOC 512, Manoa e Paititi falam todos de uma mesma coisa. Uma milenar cidade abandonada na nossa Amazônia.

O raciocínio para levar adiante esta hipótese é simples. Os argumentos que sempre se utilizou para negar a existência dessa cidade não são nada científicos. Alguns são até pouco racionais.

- ✧ Os índios mentiram para os espanhóis, portugueses e ingleses;
- ✧ É muito açucarada a história dessa cidade com paredes de ouro;
- ✧ Se existisse as expedições que saíram a procura já teriam encontrado;
- ✧ Se existisse o povo que vive atualmente na Amazônia já teria encontrado;
- ✧ O solo amazônico é impróprio para agricultura e para ter civilização precisa de agricultura;
- ✧ Se existisse apareceria nas imagens de satélite;
- ✧ A história do rei dourado contada aos espanhóis se referia aos índios Muiscas;

Mas cada um desses argumentos não se sustenta numa análise racional de poucos minutos. Não vou responder eles aqui para não estender muito este e-mail.

Sendo assim, já que não temos argumentos científicos para negar a existência do El Dorado, então obviamente ele pode existir.

E, portanto, para podermos negar ou afirmar a existência do El Dorado só há uma maneira: fazer ciência. Sair da teoria para a prática.

Percorrer a Amazônia pra ver se o El Dorado está aqui.

Mas o senhor mais do que ninguém neste momento sabe que as distâncias na Amazônia são imensas.

Foi por isso que criei um método começando por excluir todos os outros países amazônicos da possível localização do El Dorado.

Utilizei justamente os registros históricos para fazer isso. Exclui o Peru, a Colômbia, a Venezuela, as Guianas, o Suriname e o Equador e defini que de acordo com a minha hipótese, se o El Dorado existe, só pode estar na Amazônia brasileira. E dentro da Amazônia brasileira defini que ele só pode estar no que os espanhóis chamavam de Terra Firme, na margem esquerda do Rio Amazonas. E dentro desta Terra Firme dividi a região em 4 partes descartando de imediato a quarta área, por questões que bem sei foram pouco técnicas, mas tive que fazer. Fiquei portanto com 3 áreas que numerei com a probabilidade considerando os fatos históricos e geográficos. E há 10 anos que estou ainda pesquisando na primeira área.

Se, após percorrer essas três regiões e não encontrar nada, então poderei afirmar que o El Dorado não existe. É uma ilusão. Mas até lá não há como fazer isso.

Algum de nós hoje fazendo uso de um método científico pode negar ou afirmar a existência do El Dorado? Alguém pode afirmar que o relato da cidade oculta no DOC 512 é falso o verdadeiro?

Triste de nós povo brasileiro cuja história tem pouco mais de 500 anos e não podemos afirmar ou negar se dois dos relatos nas raízes da nossa história são falsos ou verdadeiros.

Nas últimas semanas dei alguns passos adiante na resposta destas questões. E fiz também uma nova descoberta assustadora em Machu Picchu. Vou enviar em outros e-mails.

Visitei seu site outras vezes e assisti algumas das entrevistas que o senhor concedeu. Tomei a liberdade de escrever à Rede Globo dizendo à eles para entrevistá-lo no programa do Jô Soares.

Eles responderam que encaminharam a solicitação pra equipe do programa. Sei que o senhor deve ter sua própria programação e objetivos, mas acho que é importante para os brasileiros verem a sua aventura de conhecimento da nossa Amazônia.

SEEEEEELVA!

Marcelo Godoy

O Caboclo d'Água II
(João Guimarães Rosa)

O canoeiro
Que vem no remo, desprevenido,
Ouve o gemido e fica a tremer.
É o caboclo d'água,
Todo peludo, todo oleoso,
Que vem subindo lá das profundas,
E a mão enorme, preta e palmada,
De garras longas,
Pega o rebordo da canoinha
Quase a virar.

E o canoeiro, de facão pronto,
Fica parado, rezando baixo,
Sempre a tremer

Crescendo d'água, lá vem a máscara,
Negra e medonha,
De um gorila de olhar humano,
O Caboclo d'água
Ameaçador.

E o canoeiro já não tem medo,
Porque o Caboclo o olhou de frente,
Todo molhado,
Com olhos tristonhos, rosto choroso,
Quase falando,
Quase perguntando
Pela ingrata Iara,
Que, já faz tempo, se foi embora,
Que há tantos anos o abandonou...

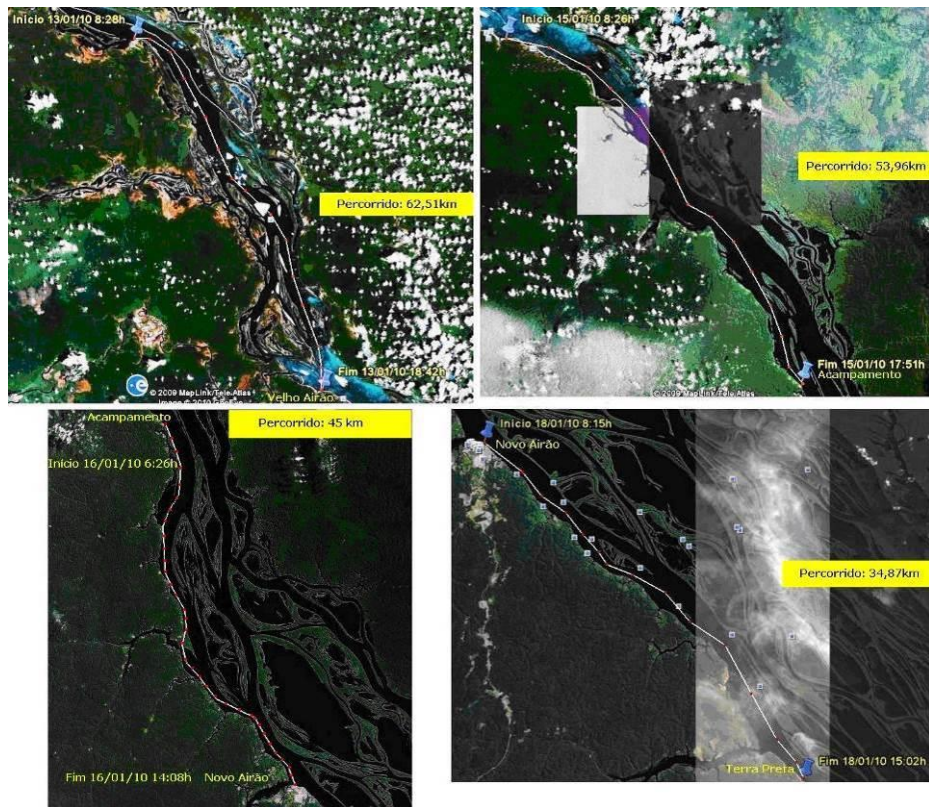
Imagem 29 – Neta do Sr. Abeni – Sítio do Abeni, Barcelos, AM

Imagem 30 – Equipe de Apoio – Rio Negro, AM

Imagem 31 – Foz do Rio Branco, RR

Imagem 32 – Solda do suporte do leme na COMARA – Moura

Imagem 33 – I. Rupestres ("dançarinos") – Moura, AM

Imagem 34 – Flutuante Comercial no Rio Negro – Moura, AM

Mapa 03 – Moura – Terra Preta (horário de verão – 2h+)

Barcelos/Moura

Acordamos às 05h00 e, das 05h30 até as 6 horas, aguardamos pelo Sargento PM Pepes e sua viatura. Como ele não apareceu, solicitamos o apoio de um graduado do 3° Batalhão de Infantaria de Selva que nos levou até o porto de onde partimos às 06h52.

Partindo para o Acampamento 1 (09.01.2010)

Ao passar pelo posto de combustível flutuante, observamos o Queen II atrelado a ele. As dívidas do Lodge Hotel, com o dono do posto, ultrapassavam o valor da embarcação. Mais uma mostra de como o poder público corrupto pode favorecer estrangeiros sem qualquer critério para a implantação de megaprojetos em regiões de preservação.

Novamente, os enormes bancos de areia e os banzeiros que iniciaram por volta das 08h00 retardaram nossa progressão. Eu continuava extasiado contemplando, nos paredões de tabatinga, as enormes raízes expostas daqueles moribundos gigantes da floresta. As lúgubres formas artísticas tanto dos troncos tombados como de suas raízes, tinham uma beleza rude e fúnebre. O Teixeira, depois da última parada, ficou encarregado de achar o melhor local para pararmos e decidiu pelo sítio do senhor Abeni, que ali reside com a esposa, filhos e netos. Aportamos por volta das 15h43, num total de 08h51 de navegação em um percurso 50,24 km. O Osmarino, logo que chegamos, preparou o almoço fritando as piranhas que havia pescado no caminho. A isca artificial que o Teixeira havia comprado em Barcelos estava funcionando.

Depois do almoço, concluímos a montagem do acampamento e tomamos um banho no Negro. Só então iniciei a análise da rota do dia seguinte.

A hospitalidade ribeirinha, mais uma vez, ficou patente, quando o irmão do senhor Abeni veio visitá-lo no sítio. Ele manifestou que teria ficado muito feliz se nós tivéssemos escolhido o sítio dele para o pernoite onde tinha a nossa disposição frutas, ancoradouro protegido dos banzeiros e uma cobertura para as barracas. A chegada de visitantes é, sempre, uma novidade para estes valorosos ribeirinhos. O Osmarino, neste dia, pescou duas traíras, algumas piranhas e dois barba-chatas, garantindo o almoço do dia seguinte.

Partindo para o Acampamento 2 (10.01.2010)

Partimos às 06h26. O dia transcorreu sem grandes novidades com os banzeiros tradicionais e pancadas de chuvas até o quilômetro quarenta. A seca colocou-nos um grande banco de areia na rota prevista, forçando-nos a percorrer um outro Canal aumentando em cinco quilômetros a rota. A energia adicional minou minhas forças, mas o esforço foi recompensado com um belo local de acampamento no qual chegamos às 14h08, um total de 07h42 em um percurso de 51,77 km. Era, pelos vestígios das fogueiras, pelos cascos de tartaruga, um local usado sistematicamente pelos pescadores da região.

Montamos as barracas no meio da vegetação buscando proteger as barracas da ação dos fortes ventos do quadrante Este. Comemos arroz e peixe e, como nossas reservas pesqueiras fossem suficientes, o Osmarino ficou a ler a Bíblia na sua rede após cumprir as habituais tarefas.

Noite quente, mas de bom tempo, de modo que tirei o teto da barraca para poder admirar a abóbada celeste que, nesse imenso deserto, é muito mais bela.

Partindo para Moura (11.01.2010)

Partimos às 06h40. Os ventos começaram às oito e não pararam mais. O grande e largo braço que navegávamos formava grandes ondas e minha velocidade foi reduzida para uma média de 5,5 km/h. Na segunda parada, encontrei a equipe de apoio na altura de Carvoeiro e, nessa oportunidade, o leme bateu no barranco quebrando o seu suporte. Navegar sem leme com os fortes banzeiros colocaria à prova minha resistência física e controle mental, ainda faltavam trinta e cinco quilômetros para nosso destino – Moura.

Combinei com a equipe de apoio de encontrá-los na entrada do furo que permite uma abordagem a Moura, livre dos inconvenientes ventos e consequentes banzeiros. Continuei lutando com as ondas e resolvi fazer uma abordagem passando pela Foz do Rio Branco. Escolhi o melhor ponto de ataque para a Foz, onde o Rio se torna mais estreito, fiz uma parada antes para recompor as forças e me lancei na travessia. Os banzeiros que quase afundaram o "*bonguinho*" de minha equipe formavam ondas de até 70 cm que vinham de todos os lados.

Naveguei em ziguezague pelas pedras à direita da Foz do Rio Branco e só consegui encontrar águas mais calmas quando a margem esquerda do Branco me deu certa proteção dos ventos. A vegetação das margens do Branco era significativamente mais luxuriantes do que as do Rio Negro.

Era reconfortante observar o encontro das águas negras com as cristalino-esverdeadas do Branco. Tive de refrear minha vontade de aportar e mergulhar naquelas belas águas e, como os ventos dessem uma súbita trégua, resolvi seguir em frente. As águas do Branco, espremidas pela torrente do Negro, permaneciam sem se misturar até a altura de Vila Remanso, a trinta quilômetros da Foz do Branco.

As curiosas ilhas de pedra eram uma constante e, depois de passar pelas Inscrições Rupestres de uma delas, resolvi aportar e tirar algumas fotos das praias e das pedras incrustadas com cristais de rocha. Logo que reiniciei a navegação, avistei minha equipe e nos reunimos numa praia paradisíaca para ultimar os preparativos para a abordagem de Moura.

Faltavam ainda vinte quilômetros e afirmei que, se tudo corresse bem, chegaria por volta das 17h15. Como sempre o imponderável acompanha os indômitos, uma hora antes de chegar a Moura, a chuva acompanhada de fortes ventos, me fez aportar e colocar a saia no caiaque.

A estreita praia era protegida por uma ilha de pedras e o barranco mostrava belas árvores com suas grandes raízes quase que totalmente expostas. Os ciclopes das matas aguardavam resignadamente seu destino, uma nova cheia e os temidos banzeiros lhes solapariam continuamente os alicerces até arrancá-las do alto do barranco.

A chuva passou rapidamente e as ondas diminuíram um pouco permitindo que eu chegasse às 17h44, depois de remar 11h04 em um percurso de 58,25 km.

Moura

O Teixeira já tinha engrenado com o administrador local, o senhor Zeca, para acantonarmos na Escola Santa Rita, e com o pessoal da COMARA de Moura para nos apoiar com viatura. Jantamos no bar da senhora Lane e fui deitar cedo. No dia seguinte, depois do café na Lane, levamos o caiaque até a COMARA para soldar o suporte do leme. A solda de material inox foi feita com precisão e esperamos que não volte a apresentar problemas futuros.

Depois do almoço na Lane, fomos descansar um pouco. Nada funciona na Cidade até às catorze horas. Contatamos o administrador, o senhor Zeca, para conseguirmos uma voadeira para ir até a Foz do Rio Branco tirar algumas fotos, e ele sugeriu que contatássemos o senhor Léo. Alugamos a voadeira e seguimos até o Rio Branco, fotografando as imagens que não tínhamos conseguido registrar em virtude das chuvas e dos banzeiros.

Especial atenção foi dada à série de Inscrições Rupestres (pictografia). A variedade dos símbolos representando animais, seres humanos e formas desenhadas ou pintadas na rocha que não conseguimos interpretar era muito grande. Visitamos a Foz do Rio Branco, desta vez, com muito mais calma e segurança e fotografamos o belo Rio de águas cor de esmeralda. As ilhas de belas praias e rochas exóticas fazem de Moura um polo de turismo inigualável. Quem sabe um dia com uma estrutura de apoio adequada, seu povo gentil possa receber turistas de todas as origens. O dia estava um tanto nublado o que, certamente, diminui um pouco a qualidade das fotografias, mas valeu o registro.

Relatos Pretéritos – Moura

Foi criada, inicialmente, na margem esquerda do Rio Uarirá, a Aldeia de Santa Rita de Itarendaua (Moura), e mais tarde os Carmelitas a transferiram para a margem direita do Rio Negro, abaixo da Foz do Rio Branco. Foi elevada a Vila por Mendonça Furtado, em 1758.

Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio (1744)

CCCXXII. Às 08h00 chegamos à Vila de Moura. Fica esta Vila na margem Austral do Rio Negro em um baixo, mas enxuto, formado sobre uma pedreira, que se estende à roda da mesma. Na entrada forma uma espaçosa Praça, em que depois da Igreja corre uma Rua. Segue-se logo outra dirigindo-se para o nascente, comunicada com outra mais extensa, que vai dar ao poente. Esta Rua é muito agradável; porque está toda cheia de laranjeiras, que fazendo-a aprazível com a frescura da sombra, a fazem também de bela vista.

Foi ereta em Vila no ano de 1758 pelo Governador e Capitão General Francisco Xavier de Mendonça Furtado, impondo-lhe o nome, que agora conserva.

CCCXXIII. Compõe-se esta Vila das nações Manaos, Carajás, Coeuána, e Júma, e de vários moradores brancos, que se aplicam à cultura do café, e cacau, sendo ela uma das mais bem povoadas desta Capitania. Destas nações é muito famosa a Carajás, antigamente guerreira, antagonista da nação Manôa.

Além do resto desta nação, que habitava nesta Vila, ignorava-se que houvesse mais alguma parte entranhada nos bosques: porém o ano passado repentinamente entrou nela uma porção de gente, que veio fugindo às hostilidades do gentio Mura, que

entrando nas suas terras os fez despejar depois da morte de muitos, de sorte que vieram procurar o asilo da nossa Povoação, e entrar na nossa sociedade.

Os que têm averiguado a origem da sociedade civil, atribuindo-a a diversas causas, e sendo uma delas a defesa das forças externas, acham aqui uma prova da sua asserção; porque vivendo estes índios nos matos como selvagens, somente depois que se viram perseguidos dos seus inimigos, é que procuraram o refúgio no bem da mesma sociedade civil. (SAMPAIO)

José Monteiro Noronha (1768)

156. A Vila de Moura é povoada de índios das nações Manao, Carahiahy, Koeruna e Yuma. O seu primeiro estabelecimento foi na margem Oriental do Rio Ararirá, apontado no parágrafo 170, meio dia de viagem por ele acima, de onde passou para a margem Austral do Rio Negro, pouco superior ao sítio em que está fundado o Lugar de Moura de que trata o parágrafo 167 e depois, finalmente para o lugar em que se acha. (NORONHA)

Alexandre Rodrigues Ferreira (1783)

Ela está situada ao longo de uma enseada, que ali faz a margem Austral; e toda a sua base é guarnecida de um como parapeito de pedrarias, ora soltas, ora amontoadas umas sobre outras pedras, as quais são areentas. O porto, além de ser pedregoso, é em si mesmo desabrigado, de sorte que para não perigarem as canoas é preciso abrigá-las em um pequeno Igarapé, que se oferece na margem, antes de montar a primeira ponta superior de pedras, entre a qual e a segunda ponta inferior medeia a ressaca de um fundo pedregoso, que constitui o porto da Vila.

De entre todas as povoações deste Rio, é a que tem melhor perspectiva: os dois lados do ângulo que observa quem navega Rio abaixo, e olha da parte de cima dele para a perspectiva da Vila, antes de aportar nela, são as duas ruas da frente, a saber, uma do lado do nascente e outra do poente. Os seus extremos sobre o Rio são as duas pontas de pedra, de que já falei. O arruamento do lado do nascente tem duas e o do poente três linhas de fundo. [...]

A canoa grande do serviço da Povoação estava nova e tinha 15 remos por banda; a outra, que tinha 10, ficava em meio uso. Havia mais duas igarités bem conservadas, de 6 remos por banda cada uma delas. Sendo tão grande como é a casa da olaria, também esteada e coberta de palha, tem o notável defeito de ter sido situada no pantanal da retaguarda da Vila, onde também está a do forno, a qual vai ao fundo com a enchente do Rio. Por esta razão não trabalha mais do que três meses no ano.

Desde o mês de julho até o de setembro de 1785, tinha feito 1.800 potes. Para podê-los fazer não tem o Diretor perto da Vila o barro que precisa; mandam buscar a Poiares, donde o transportam os índios e o conduzem nas canoas do serviço. Poiares, então, que tem o barro preciso, não tem olaria. E eis aqui o como se tem disposto a maior parte das manufaturas, de modo que onde há os gêneros não se aplicam as mãos e onde há cuidado de aplicá-las, não há o gênero. [...]

No ano de 1758, a erigiu em Vila o Ilm° e Exm° Senhor Francisco Xavier de Mendonça Furtado, o qual lhe deu a denominação de Moura. Conta 6 Diretores, desde o Alferes Manoel Pedro Salvago até Pedro Afonso Gato, que há 16 anos a dirige e tem 55 de idade. O que a respeito dele tenho escrito, e o que V. Exª mesmo tem presenciado bem escusada

faz outra qualquer informação. Vigários são oito, desde o Padre Manoel d'Afonseca, Presbítero do hábito de São Pedro, até o religioso Carmelita Frei José Damaso do Amor Divino. É um Padre septuagenário, que em tudo quanto faz ou deixa de fazer, já não mostra mais do que uma santa simplicidade. [...]

O índio que mais se distingue entre eles no cuidado de cultivar a terra quanto pode é o Capitão Baltasar Luís de Mendonça. Paga anualmente de dízimo os seus 6 até 8 alqueires de farinha e colhe as suas 10 até 12 arrobas de café. A maniba, o café e o cacau são as lavouras dos brancos; alguns também cultivam o tabaco e o milho, e José Gonçalves principiava então com o anil. (FERREIRA)

Antônio Ladislau Monteiro Baena (1839)

Vila ereta, em 1758, pelo Governador do Pará Francisco Xavier de Mendonça Furtado, e situada na aba direita do Rio Negro sobre terreno baixo e pedregoso em distância de 57 léguas da Foz do mesmo Rio, e seis acima da Foz do Rio Jauaperi, que se debruça da Cordilheira do Rio Branco. O primeiro assento desta Povoação foi na margem direita do Rio Uarirá, que se difunde no Rio Negro pela sua margem Austral, entre o Lugar de Moreira e a Vila de Thomar: dali se transladou para a presente situação. Esta Vila, que em outro tempo foi Aldeia dos Caricahis, fundada pelos missionários Carmelitas, contém dentro da sua alçada os lugares de Airão, Carvoeiro, e os lugares do Rio Branco, Santa Maria, Carmo e São Joaquim. [...]

No ano de 1789, teve uma fábrica de fiar algodão, e 280 fogos distribuídos por uma espaçosa Praça com três ruas, uma imediata à Igreja, outra dirigida ao nascente, e outra ao poente, a qual era orlada de

laranjeiras e limoeiros. Hoje não tem a fábrica: e o número de fogos em decrescimento chegou a 30. Alguns dos moradores vão ao Rio Branco buscar tartarugas: outros pescam e plantam café, cacau, arroz, algodão, e mandioca. As mulheres pintam cuias com pouco esmero. (BAENA)

Luiz Agassiz e Elizabeth C. Agassiz (1865)

Vila de Pedreira. 29 de dezembro – Quase nada tenho dito acerca dos insetos e dos répteis que desempenham um papel tão importante nas viagens ao Brasil. A verdade foi que sofri deles muito menos que esperava. Entretanto, confesso que a criatura que esta manhã avistei ao abrir os olhos não me pareceu ser nada agradável: era uma enorme escolopendra ([139]) de cerca de um pé de comprimento, parada pertinho de mim; as suas patas, inúmeras, pareciam estar prestes a se porem em movimento e os seus dois chifres ou palpos se alongavam com uma expressão ameaçadora.

Esses animais não são só medonhos de se ver, a sua mordedura é também dolorosa sem ser contudo muito perigosa. Esgueirei-me devagarzinho do sofá, sem assustar o meu horripilante vizinho que não tardou em ser uma vítima da ciência: prenderam-no com cuidado embaixo dum grande pote de vidro, donde passou para um bocal com álcool. O Capitão Faria me disse que essas centopeias são frequentemente levadas para os navios com a lenha, em que se escondem de preferência, mas que raramente são vistas, salvo se são importunadas e expulsas de seu esconderijo; dispensaríamos de bom grado semelhantes visitas. [...]

---

[139] Escolopendra: lacraia.

> Geologia de Pedreira. Uma palavra sobre geologia. O granito de Pedreira, de que nos haviam falado, é, na realidade, um folhelho de mica granitoide. É uma rocha metamorfizada no mais alto grau, de indistinta estratificação, e que, por sua composição, lembra o granito; está em imediato contato com o drift vermelho que a reveste. (AGASSIZ)

Alfred Russel Wallace (1850)

> Mais a montante, em Pedreiro [02.09.1850], a rocha já era nitidamente cristalina, antecipando a ocorrência do granito propriamente dito, que surge um pouco acima, à altura da confluência do Rio Branco. (WALLACE)

José Cândido de Melo Carvalho (1949)

> Antes de atingirmos a "*Pedra do Gavião*" passamos por Moura [26.05.1949], Povoação que também já foi Cidade, com coletoria, juízo, etc., no momento transferidos para Barcelos. Esse lugarejo compõe-se de umas 15 casas, nem todas habitadas, distando 285 quilômetros de Manaus, defronte a Foz do Jauaperi. (NORONHA)

Relato Pretérito – Inscrições Rupestres de Moura

A região amazônica é pródiga em inscrições rupestres. A primeira vez que tive contato com algumas delas foi no Rio Abonarí, Amazonas em 1983, e, no mesmo ano, em Roraima na Pedra Pintada.

As leituras de relatos de naturalistas e desbravadores antigos mostravam que há uma profusão delas e eu estava ansioso com a perspectiva de visualizá-las em breve, na Foz do Rio Branco.

No Negro existiam relatos e reproduções que apresentavam estas figuras na região do Rio Uaupés, proximidades de Santa Isabel, São José, Castanheiro e Moura. As inscrições representam utensílios domésticos, canoas, animais, seres humanos e figuras geométricas. Todas foram entalhadas ou pintadas em imensos blocos de granito tanto em locais livres das cheias dos Rios como em outros sujeitos à inundação. As pesquisas não conseguem determinar sua origem e os nativos mais antigos atribuem sua autoria aos espíritos.

Richard Spruce (1850)

> Abaixo da Foz do Rio Branco estão as célebres ilhas de Pedras ou Uarapanaque – afloramentos graníticos existentes no meio do Rio, contendo numerosos desenhos e inscrições indígenas. As figuras são muito numerosas: algumas representam animais; outras, um grupo de pessoas de mãos juntas e estendidas, chamada "*Os dançarinos*", e há uma que é com certeza uma rústica tentativa de desenhar uma Igreja; tanto mais, que abaixo do desenho está gravada a palavra Deus.
>
> Aparentemente, todas teriam sido feitas na mesma época. As figuras foram gravadas com sulcos na rocha produzidos por algum instrumento duro. Às vezes, toda a figura foi raspada. Mesmo no caso em que não sejam todas da mesma época, não resta dúvida de que as mais recentes tenham sido gravadas há pelo menos uns cem anos. Discordo do termo "*escrita pictórica ou figurativa*" com a qual se costuma designar tais inscrições, na suposição de que esses desenhos representem mensagens hieroglíficas, coisa que acredito não passar de pura fantasia.

Um pouco mais à frente veem-se novas inscrições gravadas em três grandes blocos de granito contíguos, de formato quase paraboloide, situados à margem direita do Rio. Tem-se aí a representação de um enorme jacaré agarrando um veado. Segundo Pestana, o maior número e variedade de figuras se encontra numas rochas existentes num paraná-mirim [canal-lateral] por cuja Foz tínhamos passado pouco antes. Essas rochas são chamadas Tucanaroca, palavra que significa "*ninho de tucanos*". (SPRUCE)

Relatos Pretéritos – Poiares

A Aldeia de Santo Ângelo de Cumaru (Poiares) foi fundada na margem direita do Rio Negro, entre Santo Alberto do Aracari e Mariuá (Barcelos). Era conhecida, também, como Jurupari-poracetaua (lugar das danças do diabo) em virtude dos rituais que ali se realizavam.

Alexandre Rodrigues Ferreira (1783)

Segui viagem pelas 05h00 da manhã de 24 ([140]), e pelas 6 aportei no Lugar de Poiares, antigamente Aldeia de Cumuru – 5 léguas. [...]

Está situado o Lugar sobre a elevação da barreira que continua pela margem Austral; tinha 5 braças e meia altura, quando então a medi; não vi, que houvesse no porto lugar algum de comodidade, e de segurança para nele se abrigarem as canoas de viagem, pernoita-se, quando é preciso, dentro do Igarapé chamado Camanha, que lhe fica inferior. (FERREIRA)

[140] 24 de abril de 1786.

Antônio Ladislau Monteiro Baena (1839)

Lugar sujeito à jurisdição da Vila de Barcelos, situado na margem direita do Rio Negro acima da sua embocadura, 78 léguas entre os Rios Uanari, da parte debaixo, e Baruri, da parte de cima, sobre uma ampla planície de um cabeço, da qual se goza o agradável prospecto de um estendido horizonte, de que faz parte o Rio – ali sete léguas de largo e ermo de ilhas. [...] Esta gente fabrica manteiga de tartarugas, pesca peixe-boi e pirarucu, planta café, para o qual tem as terras gênio propriíssimo; também plantam algodão e mandioca, mas só para o seu uso doméstico. A Igreja é inaugurada a Santo Ângelo. Este Lugar, no seu princípio, foi Aldeia do Cumaru; e então porque ali dançavam os gentios também lhe chamavam Jurupari-poraceitaua, que equivale a dizer "*Lugar das danças do Diabo*". A administração da fazenda teve ali um amplo armazém. (BAENA)

Relato Pretérito – Santa Maria

Antônio Ladislau Monteiro Baena (1839)

Lugar sujeito à jurisdição da Vila de Moura, e situado sobre terra medianamente relevada na margem esquerda do Rio Branco 16 léguas acima da sua Boca mais Oriental e 72 remoto da Foz do Rio Negro. [...] No Distrito deste Lugar e na mesma margem esquerda do Rio, estão as roças de farinha para provimento da Guarnição do Forte de São Joaquim.

Este Lugar de Santa Maria foi plantado pelo Principal Prudente Gonçalves, o qual reunia os índios errantes tanto da antiga Povoação de Santa Maria, que esteve assentada na margem esquerda do mesmo Rio perto do Igarapé Jarani, como de outras povoações

> derelitas ([141]), cujas localidades ainda são conhecidas entre os Igarapés Caiamé e Tacune na esquerda do Rio Urariquera e próximo ao Igarapé Sereré na esquerda do Rio acima da cachoeira de São Felipe e na margem direita do Rio perto do Igarapé Mocajahi; sendo ainda denominada Praia do Sangue onde os índios praticaram um grande morticínio quando se revoltaram, acolhendo-se depois nos últimos recessos da Cordilheira, na qual de ordem do Governador Manoel da Gama os bateu o Tenente Leonardo José Ferreira, e conduzia presos 75. Durante a vida do sobredito Principal a população tinha paulatino progresso; porém depois do seu falecimento decresceu muito. (BAENA)

Relatos Pretéritos – Carvoeiro

Fundada como Aldeia de Santo Alberto de Aracari, pelo Sargento português Guilherme Valente, no Rio Caburi, em 1693. Foi transferida, pelos Carmelitas para a Foz do Caburi e depois para a margem direita do Rio Negro, em frente ao Rio Iauapiri, onde recebeu novos moradores, os índios Paranaviana e Uarana-coacena, descidos pelos missionários.

Alexandre Rodrigues Ferreira (1783)

> [...] tratando de me aproximar ao Lugar do Carvoeiro, cheguei a ele pelas 19h00. Na outra margem do Norte não deságua Rio algum; deságuam porém os Riachos do Cuarú, Anibá e Manapixi. Serve de base ao lugar um curto e estreito lombo de terra, em que se eleva um ilhote da margem Austral do Rio Negro: a sua elevação é tão pouco sensível de vencer que nas grandes enchentes chega o Rio a beijar o batente do alpendre da Igreja.

[141] Derelitas: abandonadas.

Ordinariamente sucede ficar a Povoação alagada em roda, e apenas surge acima d'água o pequeno teso ([142]), que ocupa o arruamento das casas. No braço porém do Rio, que a cinge pela retaguarda, se abrigam as canoas, que surgem no seu porto. (FERREIRA)

Alfred Russel Wallace (1850)

No dia seguinte ([143]) chegamos a Carvoeiro, uma Aldeia desolada e semideserta, como de resto quase todas as que se encontram à beira do Rio Negro. Apenas duas famílias ali residiam [...]. (WALLACE)

José Cândido de Melo Carvalho (1949)

Mais acima atingimos Carvoeiro, povoado de 12 casas, no momento estabilizado. Fica situado em frente a Foz do Rio Jufari, do qual fazem boas referências os locais. (NORONHA)

Relatos Pretéritos – Rio Branco

José Monteiro Noronha (1768)

159. [...] O seu verdadeiro nome é Queceuene, porém, como o gentio dominante dele era da nação Parauiana, começaram os demais índios a atribuir-lhe o mesmo nome por corrupção, pronunciam os europeus Paravilhana, e lhe chamam também Rio Branco em razão da cor das suas águas, que despeja no Negro por quatro Bocas: três juntas e divididas por duas ilhas que tem na Foz, e a quarta mais distante, vizinha e mui pouco inferior ao Rio Uaranacuá, chamado Amaiauau. [...]

---

[142] Pequeno teso: a pequena parte elevada do terreno.
[143] No dia seguinte: 04 de setembro de 1850.

Pelo Rio Branco comunicavam-se, em outro tempo, os índios do Rio Negro com os holandeses do Suriname, vencendo em uma jornada de meio dia o espaço de terra que há entre o Tacutu e a parte superior do Rupununi, que deságua no Essequibo e este no Mar do Norte, entre os Rios Suriname e Orenoco. (NORONHA)

Alfred Russel Wallace (1850)

No dia seguinte ([144]), vimos umas pitorescas formações graníticas na margem que fica defronte à Barra do Rio Branco. Nesse ponto, avistam-se novamente as duas margens do Rio ao mesmo tempo. Numa ilhota pela qual passamos pudemos observar umas curiosas inscrições rupestres indígenas que representam homens e animais. Essas inscrições estavam toscamente entalhadas no duro granito. Colhi algumas amostras dessa rocha e tive tempo de copiar cuidadosamente diversos daqueles desenhos. (WALLACE)

José Cândido de Melo Carvalho (1949)

A viagem continuou da mesma forma até a noite ([145]) exceto nas proximidades do Rio Branco, onde as águas são muito claras, contrastando fortemente com as do Rio Negro. Até a mata muda inteiramente de aspecto, tornando-se mais alta, mais viçosa, com as margens do Rio repletas de umbaubeiras. (CARVALHO)

[144] No dia seguinte: 03 de setembro de 1850.
[145] Noite: 26 de maio de 1949.

Canção de Barreirinha
(Anibal Beça)

Um largo afago me abraça
Nas águas de Barreirinha
Vem comigo o Rio Negro
Saudando as águas do Ramos.

Vim para encontrar o amigo
Jogar a conversa dentro
Do meu coração saudoso
Que jogar conversa fora
Poeta não joga não.

Em pé na ponta do porto
O poeta já me espera
Ornado da luz em aura
De carinho e de candura.

Mas no semblante reflete
Algo estranho em urdidura
Abraça e nada me diz
Os seus olhos falam mais
Que sua boca vivaz.

Pressinto:
Riso disfarçando pranto
Canto molhado dos olhos
Poros fervilhando eventos
Ventos rendilhando auroras
Horas desossando o tempo
Teto cobrindo metáforas
Pássaros riscando sílabas
Voam cartesianamente
Entre o gris de duas nuvens. [...]

Imagem 35 – Pôr-do-Sol – Moura, AM

Imagem 36 – Acampamento – Velho Airão, AM

Imagem 37 – Foz do Jaú – Velho Airão, AM

Imagem 38 – Foz do Jaú – Velho Airão, AM

Imagem 39 – Foz do Jaú – Velho Airão, AM

Imagem 40 – Osmarino e Ceará – Velho Airão, AM

Imagem 41 – Osmarino, Hiram e Nakayama – Velho Airão, AM

Imagem 42 – Cabeça de Sucuriju – Foz do Jaú – Velho Airão

Imagem 43 – Foz do Jaú – Velho Airão, AM

Imagem 44 – Petróglifos da Foz do Jaú, AM

Imagem 45 – Cemitério – Velho Airão, AM

Imagem 46 – Ruínas da Rua Occidental – Velho Airão, AM

Imagem 47 – Ruínas da Rua Occidental – Velho Airão, AM

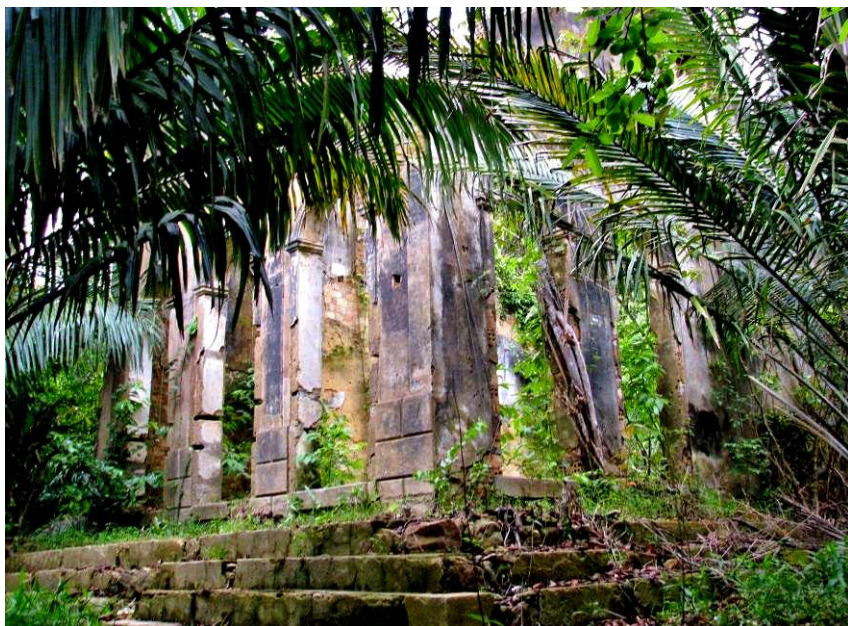



Imagem 48 – Ruínas da Rua Occidental – Velho Airão, AM

Imagem 49 – Igreja Nova, Rua Occidental – Velho Airão

Imagem 50 – Igreja Velha, Rua Occidental – Velho Airão

Moura/Velho Airão

Acordamos às 05h30 e aguardamos o apoio de viatura da Comissão de Aeroportos da Região Amazônica (COMARA), sediada em Moura. A viatura não apareceu e, novamente, tivemos que transportar todo o material para as embarcações, acarretando um atraso de trinta minutos na partida.

Partindo para o Velho Airão (13.01.2010)

Partimos às 06h28. Continuei seguindo a rota da Companhia de Embarcações do Comando Militar da Amazônia (CECMA). A opção pela margem esquerda, além da velocidade, evitava o intrincado labirinto formado pelas diversas ilhas frontais à Foz do Jau que dificultaria, em muito, a orientação, tendo em vista que a fotografia aérea disponível era do período de secas.

A equipe de apoio parou para o almoço em uma Comunidade, da margem esquerda, e fomos agraciados, por uma gentil senhora, com uma piranha para complementar nosso almoço, já que o Osmarino havia pescado somente um peixe neste percurso. Estávamos aguardando o assado ficar pronto, quando um dos ribeirinhos alertou-nos de que o "*bonguinho*" estava se fazendo ao largo. O Osmarino embarcou rapidamente no meu caiaque e trouxe de volta o barco fujão. Após o almoço, continuamos o percurso. Abandonei a rota do CECMA e contornei as ilhas, rumando direto para o Velho Airão. O Osmarino pescou três bons Tucunarés garantindo nosso jantar. Cheguei bastante cansado às 16h42, depois de remar 10h14, um percurso de 62,5 km e não foi nada reconfortante encarar a altura do barranco do Velho Airão. Ao desembarcar, conheci dois moradores: o senhor Nakayama e o "*Ceará*".

Decidimos permanecer um dia na Comunidade para poder fotografar, com a luz adequada, as ruínas da Rua *Occidental* e também petróglifos da Foz do Jaú.

Velho Airão e Foz do Jaú (14.01.2010)

Acordei cedo e percorri as ruínas da "*Rua Occidental*" e o cemitério para registrar algumas imagens. O estado de deterioração das ruínas e a violação dos túmulos são um nítido exemplo do pouco caso que as autoridades dão ao passado, à história de nosso povo. Depois de tomar o café na casa do amigo Ceará e visitar o pequeno museu que Nakayama guarda em sua casa, fomos visitar a Boca do Jaú.

Os petróglifos, sofisticadas gravações entalhadas na pedra, bem mais elaboradas que os pictógrafos da Foz do Rio Branco, chamam a atenção pela diversidade e detalhes.

Tiramos uma série de fotos que, infelizmente, continuamos sem poder encaminhar de nosso próximo destino – Novo Airão, já que cada foto levaria mais de duas horas para fazer o upload. Nakayama e Ceará estão residindo na área há mais de quatro anos e nos contaram, com minúcias, as inúmeras visitas de pesquisadores à área. Visitamos a família de um ribeirinho cujas plantações e árvores frutíferas foram bastante castigadas pela cheia do ano passado.

Petróglifos

Os petróglifos são representações gráficas gravadas em rochas ou pedras feitas por nossos antepassados a partir do Neolítico. A palavra provém dos termos gregos petros (pedra) e glyphein (talhar) e foi originalmente escrita em francês como "*pétroglyphe*".

Não se deve confundir com a pictografia, que são imagens desenhadas ou pintadas na rocha. Os petróglifos mais antigos têm entre 10.000 ou 12.000 anos. Segundo a maioria dos pesquisadores as imagens talhadas na rocha tinham um sentido cultural e religioso que há muito se perdeu. A maioria dos petróglifos parece representar uma linguagem ritual e simbólica e apesar de serem encontradas em diferentes continentes apresentam um grau de semelhança muito grande. A explicação para isso apoia-se na "*Teoria do Inconsciente Coletivo*" de Carl Gustav Jung que diz que os arquétipos de diferentes culturas resultam de uma estrutura herdada geneticamente no DNA do ser humano ou que ficariam gravados em um "*Registro Akhasico*" que poderia ser acessado através de rituais mágicos, emprego de drogas e outros estímulos.

Ao entrar em contato com este "*Inconsciente Coletivo*" ou "*Registro Akhasico*" os feiticeiros, Pajés, xamãs como queiram denominá-los, teriam a capacidade de "*viajar*" pela memória da humanidade. A tentativa de representar as formas que visualizavam neste estado de êxtase profundo teriam resultado nas inscrições, muitas vezes bizarras, que encontramos pelo mundo afora.

Airão

Histórico

Pedro da Costa Favela, acompanhado do Frade mercedário Teodósio Viegas, guiado por índios Aruaques, subiu o Rio Negro e desembarcou na Aldeia dos Tarumã de onde os transferiram para um novo local na margem esquerda do Rio Negro, próximo ao Rio Aiurim.

Foi esta Povoação fundada pela primeira vez no sítio vulgarmente chamado dos Tarumás, que foram os gentios que então a povoaram com os da nação Aroaqui, estabelecendo-se uns e outros na distância de meio dia de viagem pela enseada Boreal, imediatamente superior a Fortaleza da Barra deste Rio. Contam alguns índios antigos, que era tão grande a perseguição dos morcegos, e tanto o estrago que eles faziam nas crianças, que para evitarem esse e alguns outros inconvenientes se viram obrigados a mudarem-se daquele para este sítio. (FERREIRA)

Algum tempo depois, a pequena Povoação foi transferida para a margem direita do Negro a jusante da Foz do Rio Jaú, dando origem à missão de Santo Elias do Jaú. Em 1759, a Aldeia de Santo Elias do Jaú foi elevada a Lugar, com o nome de Airão. A mudança de categoria, executada por Joaquim de Melo Póvoas, primeiro Governador da Capitania de São José do Rio Negro, atendia às diretrizes da política pombalina. A toponímia lusófila era apenas um dos sinais de mudança na estratégia da diplomacia portuguesa em relação à ocupação da região. Até o final do século XVII, quando Santo Elias do Jaú foi fundada, vigorava o conceito de fronteira humana.

Os índios amigos dos portugueses são as muralhas do Sertão. (General Gomes Freire de Andrade – 1695)

Segundo essa premissa, era considerada possessão portuguesa todas as terras habitadas por tribos aliadas ao governo português. No século XVIII, no entanto, a posse territorial passou a ser considerada desde que houvesse a conquista militar. O reflexo desta nova política se verificou, então, não apenas na mudança do nome das povoações, mas, sobretudo, na construção de Fortes e guerras aos povos indígenas que não se submetiam à vassalagem do Rei de Portugal.

Airão, apesar de ter sido fundada em uma região de terras próprias para a agricultura e pródiga em recursos madeireiros e pesqueiros, enfrentou a decadência e a estagnação poucas décadas depois de sua criação.

Repetidas vezes tenho ouvido engrandecer a festividade do Império do Espírito Santo, pela muita pompa e riqueza, com que ali a faziam os referidos missionários. (FERREIRA)

A descrição detalhada de Airão, feita por Alexandre Rodrigues Ferreira, em 28.04.1786, mostra nitidamente a situação de abandono e decadência em que já se encontrava a Povoação. Ferreira afirma, porém, "*que em outro tempo foi das mais populosas e nomeadas*" e reforçando a tese de que Airão já havia sido uma próspera localidade ele faz menção às residências dos religiosos:

> Ainda não há muitos anos que se demoliram de todo umas casas de sobrado, em que residiam os missionários. (FERREIRA)

Victor Leonardi corrobora a opinião de Jacques Le Goff (Histórias e Memórias – Brasil, São Paulo – Editora Unicamp, 1990):

> que a realidade histórica do Velho Airão pós-1750, entretanto, não seja disfarçada: o comércio estava estagnado, o extrativismo era mínimo, os transportes eram precaríssimos, a vida cultural e religiosa já não tinha nada a ver com os tempos anteriores, quando na antiga Santo Elias do Jaú, comemorava-se a festa do Divino Espírito Santo "*com riqueza e pompa*". Ou, pelo menos, com uma certa generosidade e abastança. O Airão estava em crise, evidentemente, quando a Expedição científica de Alexandre Rodrigues Ferreira passou por lá. É o mínimo que se pode dizer.

As lendas apontam formigas e outros males naturais como possíveis causas do declínio de Airão. Pode-se afirmar, porém, sem dúvida, que foi a falta de mão de obra escrava indígena que precipitou Airão na estagnação e no caos, fruto de uma política indigenista equivocada dos tempos do Brasil Império.

Relatos Pretéritos – Airão

José Monteiro Noronha (1768)

153. Dez léguas acima da Boca superior do sobredito Canal está a Ponta das Pedras, a que chamam Igrejinhas, inferior quatro léguas ao Lugar de Airão, situado na mesma costa Austral. Este Lugar foi primeiramente estabelecido, com índios das nações Tarumã e Aruak, na enseada grande que fica logo acima da Fortaleza, de onde se mudou para o sítio em que atualmente está, povoado só com o gentio Aruak por se haver extinguido totalmente a nação Tarumã. (NORONHA)

Alexandre Rodrigues Ferreira (1786)

Fazia tenção ([146]) de naquela noite adiantar a minha viagem; porém a trovoada que sobreveio me obrigou a pernoitar desde as 8 horas na ponta de uma ilha alagada. Larguei pelas 5 da manhã de 28 e, muito pouco antes de aportar no lugar de Airão, passei pela Foz do Jaú, a qual deságua na mesma margem. Também deste se escreve que se comunica com o Anani, e que fora algum dia habitado de bastantes gentios. Pelas 10h00, aportei no Lugar [14 léguas], sem ter visto mais do que os dois Rios indicados; e até hoje não sei que pela margem Boreal do Rio Negro deságue nele algum Rio no espaço que intercede a Vila e o lugar.

---

[146] Fazia tenção: Tinha intenção.

Fica iminente ao Rio, porque está situado sobre uma barreira modicamente elevada, correndo pelo alto dela, ao longo da margem, uma bem formada planície, em que está disposta a Povoação.

Na praia que lhe serve de porto e pelo Rio dentro até pouco abaixo do Lugar, há grandes lajes de pedras que, na enchente, vão ao fundo, e as que vi no alto da barreira eram de um cós finíssimo, unicamente com mais e menos tintura de ocra e, assim mesmo, ora mais, ora menos frágeis, segundo a antiguidade da sua formação. O porto e a barreira, que se segue costa abaixo, são muito desabrigados. A largura do Rio que ali se deixa gozar da vista é tão notável como a que se goza em Moreira.

Defronte lhe corresponde a bocaina que fazem as ilhas fronteiras e, por ela se alcançam com a vista, as margens da outra banda do Rio. Quando sobrevêm as trovoadas, retira-se do porto as canoas que correm risco e lá se vão abrigar em um Igarapé imediatamente superior ao Lugar. [...]

Foi esta Povoação fundada pela primeira vez no sítio vulgarmente chamado dos Tarumás, que foram os gentios que então a povoaram com os da nação Aroaqui, estabelecendo-se uns e outros na distância de meio dia de viagem pela enseada Boreal, imediatamente superior à Fortaleza da barra deste Rio.

Contam alguns índios antigos que era tão grande a perseguição dos morcegos e tanto o estrago que eles faziam nas crianças que, para evitarem esse e alguns outros inconvenientes, se viram obrigados a mudarem-se daquele para este sítio. Fundaram uma Aldeia que, em outro tempo, foi das mais populosas e nomeadas. Ainda não há muitos anos que se demoliram de todo umas casas de sobrado, em que residiam os missionários.

Repetidas vezes tenho ouvido engrandecer a festividade do Império do Espírito Santo, pela muita pompa e riqueza com que aí a faziam os referidos missionários. [...] Depois que de todo se extinguiu a nação Turumá, ficaram povoando o lugar os Aroaquis, Manaos, Barés e Tucuns. [...] Os repetidos contágios de bexigas e de sarampo têm diminuído muito a sua população. [...] (FERREIRA)

Antônio Ladislau Monteiro Baena (1839)

Lugar dependente da jurisdição da Vila de Moura, na margem direita do Rio Negro sobre terreno assaz sobranceiro, quatro léguas superior à Ponta de Pedras, a que vulgarmente chamam Igrejinhas, e quarenta e quatro acima da Foz do dito Rio. Foi antigamente Aldeia do Jaú, nome do Igarapé, que molha este Lugar [...] O primeiro assento deste Lugar foi na grande enseada interior das primeiras ilhas chamadas de Anavilhanas, nome corrupto do Rio Anauena, que em fronte delas se entorna no Rio Negro pela margem Setentrional: o dito assento denominava-se Tarumá em razão dos silvícolas deste apelido, que ali viviam juntamente com os antropófagos, Aruaquis, habitadores do Rio Anauena, os quais, depois se desarmoniaram de maneira que hostilizaram os Tarumás até exterminá-los daquele ponto. (BAENA)

Alfred Russel Wallace (1850)

Durante o segundo e o terceiro dia de viagem [setembro], as margens do Rio apresentaram-se frequentemente pedregosas, altas e pitorescas. Pouco depois avistamos uns poucos rochedos isolados. À altura de um vilarejo denominado Airão, que atingimos depois de uma semana, viam-se diversos fragmentos de rochas areníticas de textura algo cristalina. (WALLACE)

José Cândido de Melo Carvalho (1949)

> Airão é atualmente um lugarejo com cerca de 16 casas na margem direita do Rio. Disse-me um morador ali residente há 50 anos que o local já foi próspero, com 3 casas de comércio e muitas residências. Após a queda da borracha, só restaram essas 16 casas, das quais apenas meia dúzia poderia ter realmente esse nome. Estão reformando algumas delas, fazendo apenas a frente de tijolos, deixando o fundo de madeira mesmo. (CARVALHO)

Velho Airão – Acampamento 3 (15.01.2010)

Programamos alcançar Novo Airão em dois dias e decidi que o maior esforço seria no primeiro, pois eu remaria das seis às dezesseis horas e acamparíamos onde tivesse um morador ou Comunidade próxima. Partimos às 06h26. Por volta das 10h00 passei pelas belas formações de arenito que Alexandre Rodrigues Ferreira, no século XVIII, havia batizado de "*igrejinha*". Pelo relato de Ferreira ele levou 4 horas até o "*complexo das igrejinhas*" e eu, aproximadamente, 03h30.

> Deixei o Lugar de Airão pelas 07h00 de 29 e, tendo costeado a margem Meridional, atravessei pelas 8 para a outra margem oposta. Pelas 11, antes do meio-dia, aportei para jantar na ponta da ilha fronteira à enseada grande que ali faz margem Austral, onde está a ponta de pedras a que, pela figura de algumas das suas escavações, chamam os brancos as igrejinhas. Segui viagem pela meia para uma hora da tarde, navegando sempre por entre ilhas, até que me deliberei a aproveitar o bom porto que me ofereceu, pelas 9 horas da noite, vindo eu a ficar não muito distante da boca superior do Canal chamado Anavilhana. (FERREIRA)

O dia chuvoso impediu a tomada de fotos e transcorreu praticamente sem novidades. Avistei, de longe, o local ideal de parada e rezei para que a equipe de apoio lá estivesse. Ao me aproximar, enxerguei o Teixeira acenando e me tranquilizei. Não estava em condições de remar mais cinco quilômetros até a próxima Comunidade. Cheguei às 15h51, depois de remar 09h25 em um percurso de 53,96 km. O Osmarino havia pescado mais quatro tucunarés que foram degustados no nosso almoço/jantar.

Acampamento 3 – Novo Airão (16.01.2010)

Partimos às 06h26 mantendo nossa rotina de horário para partir e novamente enfrentamos mau tempo durante quase todo o percurso. Encontrei a equipe de apoio a meio caminho e pedi ao Teixeira que se antecipasse para fazer os contatos em Novo Airão para que, quando lá chegasse, já estivesse tudo acertado. Aportei às 14h08, depois de remar por 07h42 em um percurso de 51,77 km, e fui recebido com uma garrafa de refrigerante gelado que muito me animou.

Novo Airão

Conhecido por suas belas ilhas, praias fluviais de areias brancas e pela fabricação de barcos. Destaca-se pela beleza da cidade e riqueza natural. Debruçado, à margem direita do Rio Negro, possui o segundo maior complexo insular do planeta, as Anavilhanas, com mais de 400 ilhas.

Diferentemente das antigas povoações em que a Matriz ocupava posição dominante e era avistada, de longe, pelos navegantes que subiam ou desciam o Negro caudal, Novo Airão é uma cidade descaracte-

rizada, sem carisma, as margens são dominadas pelos flutuantes onde os artesãos se dedicam à construção de grandes embarcações fluviais. Ligada a Manaus por estrada é difícil encontrar qualquer autoridade política na cidade.

Histórico

1833 **-** Quando da criação da Comarca do Alto Amazonas, a Freguesia de Airão figura como subordinada ao Termo de Manaus.

1858 **-** A Lei Provincial n° 92, de 06.11.1858, reduziu o número de Freguesias da Província, excluindo a de Airão.

1938 **-** Foi transformado em sede de Distrito do mesmo nome, integrada no Município de Manaus.

1955 **-** Foi criado o Município, quando é desmembrado de Manaus, pela Lei n° 96, de 19.12.1955, com a denominação de Novo Airão e sua sede é elevada à categoria de cidade, cuja instalação se dá em 23.02.1956.

1981 **-** Em 10.12.1981, pela Emenda Constitucional n° 12, Novo Airão perde partes de seu território em favor dos novos Municípios de Moura e Presidente Figueiredo.

Altitude

40 m acima do nível do Mar.

Área Territorial

38.706 km².

Temperatura Média

26° C.

Acesso

Via Fluvial ou Terrestre.

Distâncias

– *Em linha reta entre Novo Airão e a Capital do Estado, 115 km.*

– *Por via fluvial entre Novo Airão e a Capital do Estado, 143 km. (8h)*

– *Por via terrestre entre Novo Airão e a Capital do Estado, 180 km. (5h)*

Atividades Econômicas

Setor Primário

– *Agricultura*: incipiente, com predominância para as culturas temporárias onde se destacam a mandioca, vindo a seguir arroz, feijão, cana-de-açúcar, malva e sorva. Dentre as culturas permanentes destacam-se mamão, abacate, laranja, tangerina, limão, cupuaçu, graviola, cacau, coco, tucumã, melancia e pupunha.

– *Pecuária*: com a criação de bovinos e suínos, mas não possui representatividade na formação econômica do setor.

– *Pesca*: é praticada em escala relativamente grande, e dentre as espécies existentes destacam-se: jaraqui, tucunaré, pirarucu, tartaruga e jacaré.

– *Avicultura*: resume-se ao criatório doméstico de galinhas, cuja produção é voltada para o consumo familiar.

– *Extrativismo Vegetal*: mantém o setor primário e se processa através da exploração de seringa, madeira, sorva e castanha, abundantes na região. Merecem citação também as gomas não elásticas.

– *Artesanato*: uma das principais fontes de renda dos moradores locais, o artesanato de Novo Airão é considerado de ótima qualidade. A Associação dos Artesãos de Novo Airão (Aana) conta com diversos membros que produzem suas peças (tapetes, cestos, peneiras e luminárias, entre outros) em fibras vegetais como arumã, cipó, ambé, tucumã, piaçava e cipó titica. Os objetos podem ser encontrados na sede da associação ou em lojas espalhadas pelo Município. Objetos esculpidos em madeira, como pequenos animais e chaveiros, também são destaques no comércio local.

Setor Secundário

– *Indústrias*: estaleiros, serrarias, olaria e padarias.

Setor Terciário

– *Comércio*: varejista e atacadista e serviço: hotéis e pensões.

Eventos

– Festejos de Santo Ângelo – Padroeiro da Cidade (27.04 a 25.05)

– Festival de Música Popular Airãoense (29 a 30 de agosto)

– Festival do Peixe-Boi (último final de semana do mês de outubro)

– Festival de Verão (17.11)

– Aniversário do Município (19.11)

– Festa de São Sebastião (19.01)

– Festa de São Pedro (29.06)

– Festival Ecológico (data móvel)

– Festival Folclórico (junho)

Riquezas Naturais

Na flora, embora não tão rica como na maioria dos Municípios amazonenses, destacam-se: seringueira (Hevea brasiliensis) e castanha-do-pará (Bertholletia excelsa). A sua fauna também é relativamente importante, principalmente a aquática, com peixes de várias espécies, destacando-se o pirarucu (Podocnemis expensa); e quelônios, como tartarugas (Podocnemis unifilis) e tracajás.

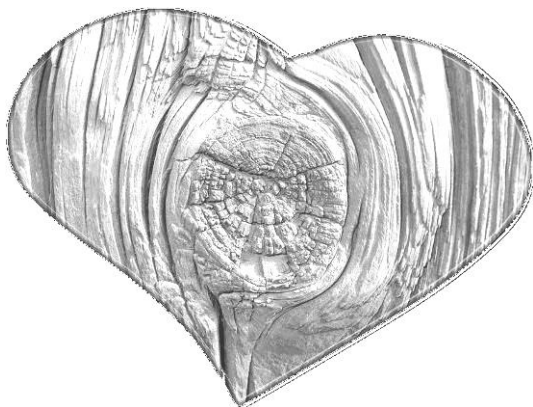
Atrativos Turísticos

As atrações turísticas do Município vêm das águas dos Rios, Lagos e Igarapés. A presença de turistas na cidade tem crescido gradativamente. Eles chegam curiosos para conhecer os animais símbolos da região: Boto-Cor-de-Rosa e Peixe Boi. Para vê-los, basta ir ao Parque Nacional do Jaú, maior Parque do Brasil e segundo da América do Sul, de acordo com o órgão de turismo do Estado.

Como atrativos turísticos naturais, destacam-se os Rios: Negro, Jaú, Jauaperi, Carabinani; os Lagos e Igarapés: constituem opções de lazer habituais, nas modalidades de passeios e piqueniques; cachoeira: no Rio Carabinani e Formação de Rochosas da Fazendinha; praias: Praia Grande e do Meio.

As Anavilhanas, centenas de Lagos, Rios e Igarapés – todos ricos em espécies de vegetais e animais, são um paraíso para os biólogos e ecologistas. A água é o recurso natural mais importante da Amazônia e a força que ela tem é tanta – principalmente em Anavilhanas – que o local merece ser visitado durante a cheia, de novembro a abril, e na seca, de maio a outubro.

Na época da cheia, pouco mais da metade das ilhas ficam submersas. Nesse período os animais se concentram em terra firme, nas regiões mais altas. Já no mês de maio, o panorama começa a mudar e a presença de animais de grande porte, como onça pintada, anta e veado se torna mais frequente. Existem duas maneiras para conhecer de perto as maravilhas da fauna da região: avião, sobrevoando as montanhas e Rios e vendo de cima as belezas naturais, ou então via barco, pelas águas do Rio Negro, tendo um contato mais próximo com os animas.

O Animal da Floresta
(Thiago de Mello)

De madeira lilás [ninguém me crê]
Se fez meu coração. Espécie escassa
De cedro, pela cor e porque abriga
Em seu âmago a morte que o ameaça.

Madeira dói? Pergunta quem me vê
Os braços verdes, os olhos cheios de asas.

Por mim responde a luz do amanhecer
Que recobre de escamas esmaltadas
As águas densas que me deram raça
E cantam nas raízes do meu ser.

No crepúsculo estou da ribanceira
Entre as estrelas e o chão que me abençoa
As nervuras.

Já não faz mal que doa.

Petróglifos do Jau

Pôr do Sol em Cajazeiras
(Constantino Cartaxo)

O anoitecer é bem tranquilo em minha terra.
Como é bonito o Sol cair lá no horizonte,
Descer, qual tocha em fogo aceso atrás do monte,
Dando a impressão de que mergulha em plena serra.

26.03.2015 – Prainha, PA – Santarém, PA

Ao retornar daquela que julgava ser minha derradeira jornada pela Bacia do Rio Máximo, de Santarém, PA, a Macapá, AP, em março de 2015, um funesto desalento tentava insistentemente cravar suas cruéis garras na minha alma – uma ambígua sensação de dever cumprido amalgamada a um pueril desejo de prosseguir tomava conta de meu ser. O Supremo Arquiteto, verificando o antagonismo que assaltava meu ser, pintou um Pôr do Sol apoteótico. As nuvens apresentavam uma fantástica variedade de cores e formas, que ao se refletirem nas águas do grande Rio formavam um conjunto harmônico singular, capaz de estimular o coral de pássaros a reverenciar com mais primor a expedição que chegava ao seu termo. Nos últimos lampejos solares o G∴A∴D∴U∴ mostrou-me, nitidamente, que minha missão na Amazônia não findara apontando-me, através da sombra de uma pequena nuvem desde o poente, um novo objetivo que se encontrava à Oeste – o Rio Negro. Meus pensamentos voltaram-se imediatamente para a Foz do Rio Jau, afluente do Rio Negro – região de Airão Velho, onde eu encontrara, na minha descida pelo Rio Negro, em janeiro de 2010, os mais belos petróglifos que avistara nos meus 11.339 km de navegação pelos amazônicos caudais.

Petróglifos

Para interpretar el significado de los signos del Petroglifo de Peñíscola, me he basado en las teorías psicoanalíticas que afirman que existen unos símbolos universales llamados arquetipos. Estos signos son de origen ancestral e incluso, según algunos investigadores, parece que los heredamos en una especie de "inconsciente colectivo". […] Muchos arquetipos tienen su origen en "lenguaje no verbal", la línea curva con los extremos hacia arriba es el signo de la sonrisa, con los extremos hacia abajo el de la tristeza, la palma abierta refleja la intención de amistad, un ojo es el signo del poder que vigila, el puño cerrado refleja furia… También se convierten en significados universales [mediatizados por el contexto] la forma que damos a las líneas básicas, la ondulada representa al agua, la quebrada a las montañas, el círculo al vientre femenino, una recta un horizonte en calma… Aunque también existen símbolos mucho más complejos, la mayoría de éstos nacidos del fruto de la actividad onírica. (BOMBOÍ)

Jung, na obra "*Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*" afirmava:

> O arquétipo representa essencialmente um conteúdo inconsciente, o qual se modifica através de sua conscientização e percepção, assumindo matizes que variam de acordo com a consciência individual na qual se manifesta. [...] Até hoje os estudiosos da mitologia contentavam-se em recorrer a ideias solares, lunares, meteorológicas, vegetais, etc. O fato de que os mitos são, antes de tudo, manifestações da essência da alma foi negado de modo absoluto até nossos dias. O homem primitivo não se interessa pelas explicações objetivas do óbvio, mas, por outro lado, tem uma necessidade imperativa, ou melhor, a sua alma inconsciente é impelida irresistivelmente a assimilar toda experiência externa sensorial a acontecimentos anímicos.

Imagem 51 – A Espiral

Para o primitivo não basta ver o Sol nascer e declinar; esta observação exterior deve corresponder – para ele – a um acontecimento anímico, isto é o Sol deve representar em sua trajetória o destino de um deus ou herói que, no fundo, habita unicamente a alma do homem. Todos os acontecimentos mitologizados da natureza, tais como o verão e o inverno, as fases da lua, as estações chuvosas, etc, não são de modo algum alegorias destas, experiências objetivas, mas sim, expressões simbólicas do drama interno e inconsciente da alma, que a consciência humana consegue apreender através de projeção – isto é, espelhadas nos fenômenos da natureza. [...] O ensinamento tribal é sagrado e perigoso. Todos os ensinamentos secretos procuram captar os acontecimentos invisíveis da alma, e todos se atribuem à autoridade suprema. O que é verdadeiro em relação ao ensinamento primitivo o é, em maior grau, no tocante às religiões dominantes do mundo. Elas contêm uma sabedoria revelada, originalmente oculta, e exprimem os segredos da alma em imagens magníficas. (JUNG)

Espirais

El espiral proviene del griego "speira", spiritus, espiritualidad. Es la representación matemática de todas las energías universales, y está inscrita en todos los niveles del espacio y el tiempo. La Tierra nació a partir del movimiento en espiral de una nube de gas y polvo cósmico. La evolución es helicoidal y está presente en el hombre, tal como ocurre en la doble hélice del ADN (ácido desoxirribonucleico) que codifica nuestra herencia. (CHÁVEZ)

A título de exemplo, vejamos o caso da espiral um dos símbolos mais comumente encontrados nos sítios arqueológicos. Infelizmente alguns pesquisadores, sem a visão holística necessária, enxergam-nas apenas como a representação de algum utensílio doméstico esquecendo que a forma em espiral é uma chave arquétipica transcendental. A espiral representa o deslocamento do Sol, a mudança das estações, os solstícios, a evolução, o princípio e o fim, a sabedoria, a eternidade, o passado e o futuro, o Poder do Criador, o "*Número de Ouro*" do Grande Arquiteto do Universo dentre tantas outras representações. A espiral é, sem sombra de dúvida, um dos arquétipos mais extraordinários da psique humana.

25.10.2016 a 31.10.2016 – Manaus, AM

Novamente pude contar com o apoio irrestrito do comando do 2° Grupamento de Engenharia (2° Gpt E – Manaus, AM), desde minha recepção no Aeroporto Internacional de Manaus (Eduardo Gomes), hospedagem e deslocamento para Novo Airão. O General de Brigada Paulo Roberto Viana Rabelo, Cmt do 2° Gpt E, e seu futuro Chefe do Estado Maior, meu afilhado, Coronel Eduardo de Moura Gomes são grandes amigos com os quais tive a honra e o privilégio de ombrear no

9° Batalhão de Engenharia de Combate, Aquidauana, MS. O 2° Gpt E sempre nos apoiou diretamente e através de suas Organizações Militares subordinadas (5° BEC – Porto velho, RO, 7° BEC – Rio Branco, AC e 8° BEC – Santarém, PA).

01.11.2016 – Novo Airão – Acampamento 1

Parti às 02h30 do 2° Grupamento de Engenharia rumo a Novo Airão. Às 05h30, estacionamos junto às instalações da Associação de Transporte Turístico de Novo Airão (Atuna). Parti rumo Sul, às 05h50, com intuito de observar melhor as ilhas e margem direita do Rio Negro tendo em vista que na minha descida, em 18.01.2010, não tinha tido a oportunidade de documentar adequadamente aquela região do Parque Nacional de Anavilhanas. Foram três horas de navegação, pouco menos da metade delas descendo o Rio e o restante retornando ao ponto de partida. Aportei nas proximidades do Flutuante dos Botos onde contatei uma de suas simpáticas guias.

Flutuante dos Botos – Praia da Orla de Novo Airão

O Flutuante dos Botos está localizado na Praia da Orla de Novo Airão – Parque Nacional de Anavilhanas. Antigamente era permitido ao visitante entrar na água dentro de uma plataforma submersa e comportar-se de maneira passiva, sem perturbar os animais. Infelizmente alguns meliantes, travestidos de turistas, agrediram os animais que algumas vezes revidaram, levando os órgãos de proteção a determinar medidas mais severas. As regras tornaram-se mais restritivas tendo em vista que alguns mal-educados turistas forçavam os botos (Inia geoffrensis) a permanecerem submersos impedindo-os de respirar, outros pressionavam

seus “*melões*”, órgãos extremamente sensíveis capazes de orientá-los em águas com reduzida visibilidade. Alguns mentecaptos, por sua vez, tapavam as aberturas nasais (espiráculos) dos cetáceos impedindo-os de respirar. O espiráculo é um orifício localizado no topo da cabeça que permite ao animal respirar e que possui uma espécie de válvula que impede a entrada de água quando o mesmo submerge.

Aguardei o amável e simpático casal Adriana Fernandes de Barros e Cristiano da Silva Lopes que tinham agendado uma tournée, com o piloteiro Antônio, pelo Parque das Anavilhanas, eu precisava pegar uma carona com o intuito de recuperar o tempo perdido. Embarcamos o caiaque na voadeira e partimos, por volta das dez horas, o trajeto pelas ilhas foi fantástico. Os belos troncos tombados, moldados e carcomidos pelas águas ácidas do Negro lembravam refinadas filigranas a adornar as margens insulares. Aportamos nas cercanias da Pedra do Sanduíche, localizada a uns 47 quilômetros de Novo Airão, e, em seguida, percorremos uma trilha de pouco mais de um quilômetro para conhecer a “*gruta*” do Madadá. A tal “*gruta*” é, na verdade, um conjunto de grandes blocos de arenito superpostos imersos no contexto de uma exuberante floresta equatorial primária.

Depois da visita despedi-me dos novos amigos e remei por uns sete quilômetros até as cercanias de uma comunidade de pescadores onde acampei depois de solicitar autorização para tal. Depois de lavar minhas roupas de navegação, me hidratar e comer duas barrinhas de proteína fiquei observando as graciosas evoluções de alguns filhotes de lontras que tentavam pescar. Deitei cedo, deixando o facão à mão na entrada da barraca – nunca se sabe.

Imagem 52 – Cauxi (Porifera, Demospongiae)

02.11.2016 – Acampamento 1 – Cercanias de Airão Velho

Parti às 05h50, e por volta das oito horas peguei uma breve carona com o piloteiro Raimundo Padilha até a Comunidade Bom Jesus, comprei do Padilha quatro litros de garapa e um enorme biju. Sua esposa, D. Marlene, me informou que eu acampara no covil do "*Monstro do Jau*". Achei que se tratava de mais uma "*lenda amazônica*", mas ela me disse que o líder da comunidade era um tarado e que era impossível saber qual o grau de parentesco de sua prole já que ele não respeitava as mulheres de seu próprio clã.

Por volta das 12h00 passei pelas belas formações de arenito que Alexandre Rodrigues Ferreira, no século XVIII, chamara de "*igrejinhas*":

Aportei sete quilômetros à jusante de Airão Velho totalmente extenuado. A canícula e a alimentação inadequada deixaram-me muito debilitado, mal tive forças para montar a barraca. Nunca tinha sentido um grau de fatiga tão intenso, qualquer movimento demandava um esforço absurdo. Tomei banho e coletei água preocupado com a profusão de cauxis (Porifera, Demospongiae) agregados aos arbustos ao meu redor.

Imagem 53 – Caleb e Jackson

03.11.2016 – Airão Velho – Base Carabinani

Parti logo após ao raiar do Sol e aportei em Airão Velho por volta das 07h30. A Foz do Jau fica a poucos quilômetros de Airão Velho onde ficamos acampados, em 2010, por dois dias (13 e 14.01.2010) conhecendo suas belas ruínas e usufruindo da grata companhia de dois ícones locais – os amigos Ceará e Nakayama. Uma moradora local disse que o Ceará estava residindo definitivamente em novo Airão e Nakayma tinha ido até a cidade. Não consegui, portanto, rever meus caros amigos. Consegui uma voadeira para levar a mim e a meu caiaque até a Base Carabinani.

04.11.2016 – Base Carabinani

Se alguma coisa pode dar errado, dará. E mais, dará errado da pior maneira, no pior momento e de modo que cause o maior dano possível. (Edward Murphy)

Sai de madrugada para procurar ovos de tartarugas com o Caleb. Achamos apenas um ninho de tracajá com 11 ovos.

Imagem 54 – Iate Filipana I

Para não contrariar a Lei de Murphy esta foi a primeira vez que eu não levara comigo as baterias reservas da máquina fotográfica e foi, logicamente, a primeira que fiquei sem carga na bateria da mesma. Não pude, portanto, fotografar meu desempenho desenterrando cuidadosamente os ovos e mantendo-os com a mesma face para cima coloquei-os no balde com a areia retirada do ninho original. À tarde vamos transferir os ovos para o tabuleiro

O Caleb chamou a atenção e expulsou três pescadores que se encontravam na área da reserva. Encontramos um enorme iate, o "*Filipana I*", ancorado dentro da Reserva praticando pesca ilegal. Segundo os pescadores locais, seus passageiros e tripulantes passaram a noite perambulando pelas praias em busca de quelônios e de seus ovos. Fotografei a embarcação contraventora. Como de costume os tripulantes informaram não saber que aquela região era uma área de Reserva, apesar da quantidade enorme de placas existentes e dos recursos náuticos que uma embarcação daquela categoria possui.

Quando o Caleb começou a fazer perguntas a tripulação intimidada chamou, imediatamente, o Senador da República, ex-Governador do Amazonas Eduardo Braga, que se encontrava à bordo. Meus amigos vigias informaram que esta não era a primeira vez que uma autoridade política era flagrada cometendo arbitrariedades no Parque e que há alguns anos atrás – pasmem – um Ministro do Meio Ambiente foi pego pescando dentro da Reserva. Certamente se o Caleb tomasse alguma atitude mais radical era capaz de perder o emprego como aconteceu com o zelador José Afonso Pinheiro, do edifício Solaris, no Guarujá, onde Lula é proprietário de um tríplex.

Continuamos, depois, nosso périplo. Em um dos tabuleiros consegui fotografar três ninhos com filhotes de gaivotas que estáticos permitiram que eu os fotografasse enquanto seus pais sobrevoavam emitindo estridentes gritos de alerta. A tarde foi movimentada. O belo barco Premium da Amazon Clipper com 23 turistas alemães aportou na Base Carabinani para regularizar sua entrada na reserva. O piloto Mário Pontes trouxe um motor novo e gêneros para os vigias Caleb e Jackson. Hoje me sinto um pouco melhor, mas ainda sem condições de fazer grandes esforços.

05.11.2016 – Base Carabinani

Acordei um pouco melhor hoje, acho que meu mal-estar foi fruto de insolação, pouca alimentação e a supressão do remédio Omeprazol. Subi o Jau, a partir das 06h00, encontrei na rota os turistas alemães e um único jacaré-açu nas proximidades da embarcação Premium. Nenhum Petróglifo. Ao retornar à Base Carabinani, o Jackson ia fazer um reconhecimento com os guias turísticos e resolvi juntar-me ao grupo.

Georeferenciei uma bela samaumeira com curiosas raízes superficiais que, de longe, assemelhavam-se a rochas e voltamos. Almocei caldo de piranha. Passei à tarde bem até ingerir uma banana, a partir daí descambou a sensação de que o esôfago estava inchado.

À tarde permaneci estacionado na Base Carabinani. Por volta das 17h00, aqueci uma xícara de caldo de piranha e acresci dois ovos – uma sopinha amazônica, que engoli sem problemas. O calor causticante intensificado pelo telhado de zinco, os quartos voltados para Oeste e a ausência de uma brisa forçavam-me, volta e meia, a tomar uma chuveirada e deixar a roupa secar em contato com a pele para arrefecer o corpo. O problema da orientação dos quartos, que devem preferencialmente estar voltados para o Leste, poderia ser resolvido sem qualquer ônus rotacionando a balsa 180°. O calor que emana dos telhados de zinco poderia ser equacionado, a baixo custo, com o emprego de placas de isopor suspensas em armações de aço perfiladas. Um merecido conforto para pesquisadores, fiscais e vigias que se utilizam da Base. Por volta das 18h00, o barco de turistas alemães aportou na Base deixando um panelão de feijoada e diversos outros pratos do seu requintado cardápio. Vou tentar comer um pouco de feijão amanhã.

06.11.2016 – Base Carabinani - Rio Carabinani

De manhã, bem cedo, fui de caiaque até o mesmo local onde encontrara, em 14.01.2010, os petróglifos. Um incêndio na floresta expôs novas rochas que apresentavam belas gravações, documentei-as com a maior calma e retornei à Base passando novamente pelo barco de turistas alemães que somente agora, por volta das 09h00, preparavam-se para o seu tour.

Imagem 55 – Arqueólogo Raoni Bernardo Maranhão Valle

À tarde o arqueólogo Raoni Bernardo Maranhão Valle, da UFOPA, resolveu documentar uns petróglifos do Rio Carabinani, afluente do Jau e eu o acompanhei. Antes das corredeiras paramos na residência do Sr. Jesus de Nazaré que serviu-nos de piloto e guia. Tivemos de arrastar a embarcação pelas corredeiras do Gavião e Paredão e, em seguida, aportamos e seguimos por uma longa trilha até chegar ao local do petróglifo na Cachoeira Guariba. Era um pequeno painel (de uns 30 por 70 cm) semelhante a uma grega e uma pequena espiral. Um trabalho totalmente diferente das gravações que havíamos encontrado na Boca do Jau.

Chegamos depois do entardecer, por volta das 19h00, tomei banho, botei a panela no fogo com dois ovos, feijão e alguns pedaços de galinha, consegui engolir com alguma dificuldade.

Imagem 56 – Petróglifos na Cachoeira Guariba

07.11.2016 – Base Carabinani

Como o retorno estava previsto para depois das dez horas fui fazer um reconhecimento em três sítios próximos também na margem direita do Jau. Todos apresentavam desgastes profundos nas rochas mostrando terem sido usados como oficinas para manufatura de utensílios domésticos, ferramentas e armas. Encontrei em um deles uma imagem antropomorfa com técnica pouco aprimorada e uma espiral. Quando o resgate do Raoni chegou, colocamos o caiaque em cima do toldo da lancha e embarcamos depois de nos despedirmos dos amigos Caleb e Jackson. Levamos pouco mais de duas horas para chegar a Novo Airão. O Sgt Ramón já estava me aguardando e tinha providenciado um almoço na residência de duas guias turísticas locais. Depois do almoço seguimos para Manaus.

Conclusão

Canção da América
(Milton Nascimento)

[...] Amigo é coisa para se guardar
No lado esquerdo do peito
Mesmo que o tempo e a distância digam "não"
Mesmo esquecendo a canção
O que importa é ouvir
A voz que vem do coração. [...]

Os levantamentos que realizei no Jau mostram que os responsáveis pela elaboração dos petróglifos era um grupo pequeno e que teve uma efêmera passagem pela região. Os indicadores desta afirmativa são os seguintes:

- Grande número dos petróglifos encontrava-se ainda em fase inicial de manufatura;
- O número limitado de petróglifos (apenas ao Sul da Boca do Jau);
- O reduzido número de oficinas (três) para manufatura de utensílios domésticos, ferramentas e armas (margem direita do Jau);
- A ausência de Terra Preta Indígena (TPI) nas cercanias da Boca do Jau. As TPI possuem alto grau de carbono pirogênico. Este carbono tem origem na queima de restos de animais, corpos humanos, lixo e excrementos. Pesquisadores defendem que são necessários 10 anos de ocupação permanente e intensa para produzir 1 cm de terra preta.

Depois de concluída minha missão, entendi a mensagem do Grande Arquiteto. O objetivo não era apenas o levantamento dos petróglifos, mas a oportunidade de rever amigas e amigos de longa data e ter a oportunidade de conhecer outros.

Imagem 57 – Cercanias da Base Carabinani

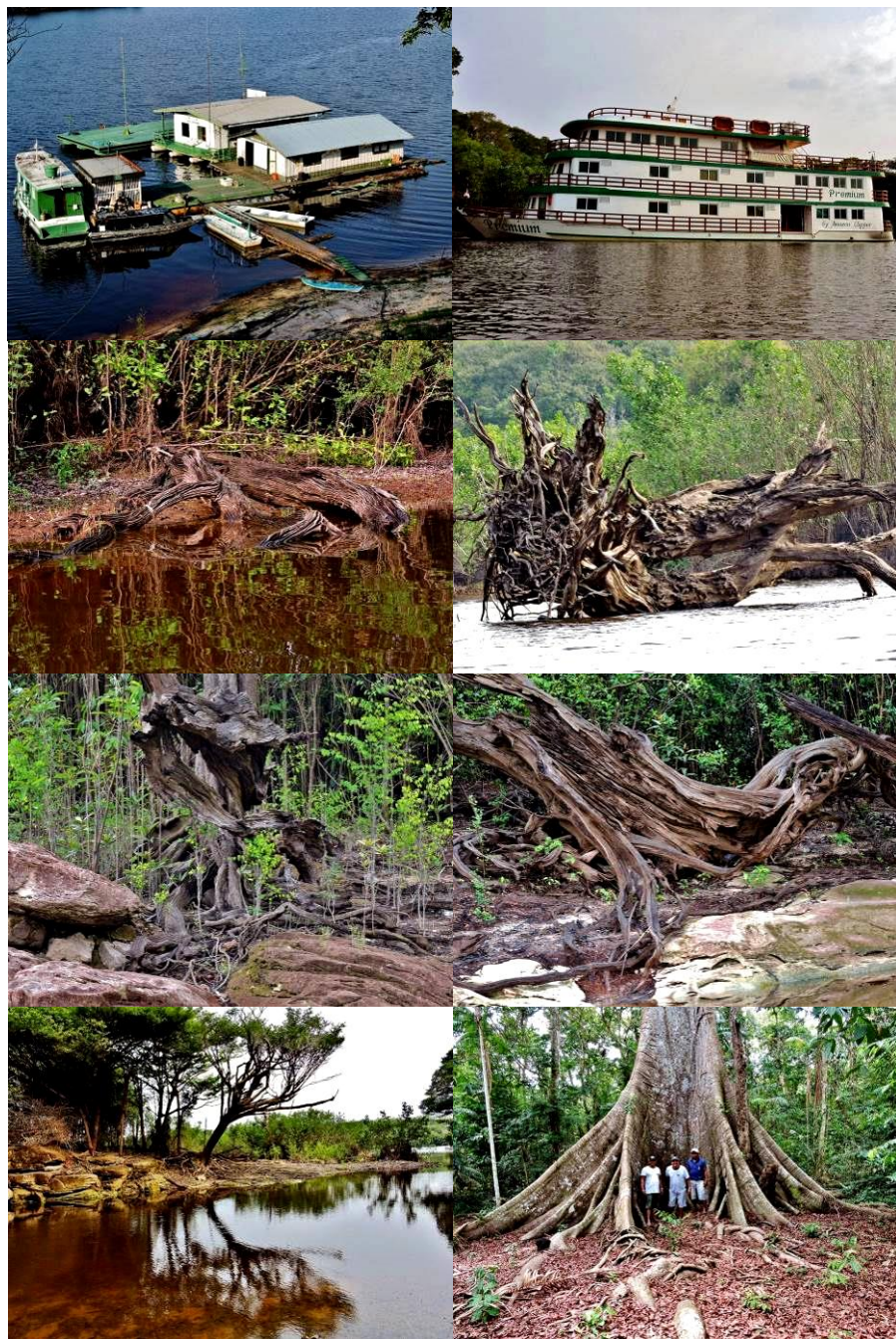



Imagem 58 – Cercanias da Base Carabinani

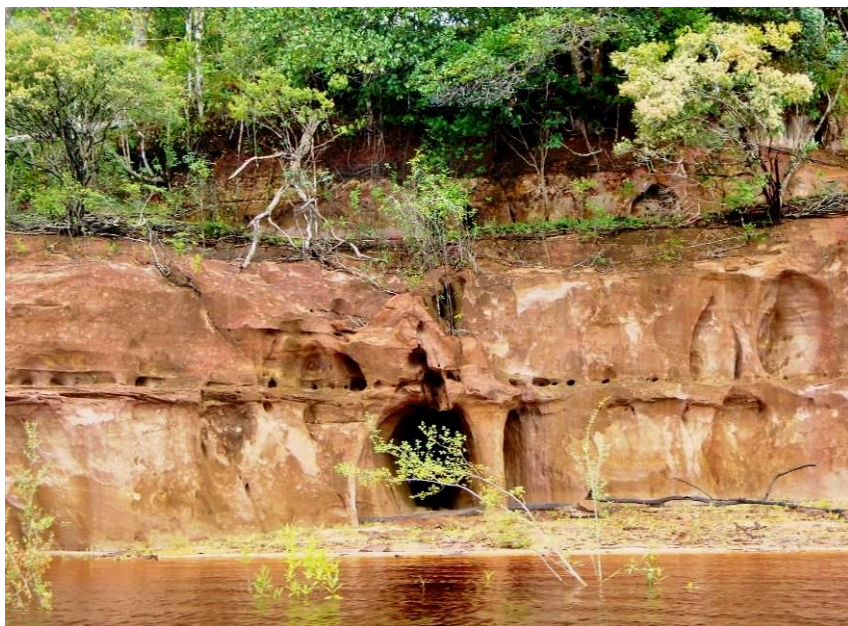



Imagem 59 – Sítio das Igrejinhas (Alexandre R. Ferreira)

Imagem 60 – Sítio das Igrejinhas (Alexandre R. Ferreira)

Imagem 61 – Preparativos para Partida de Terra Preta

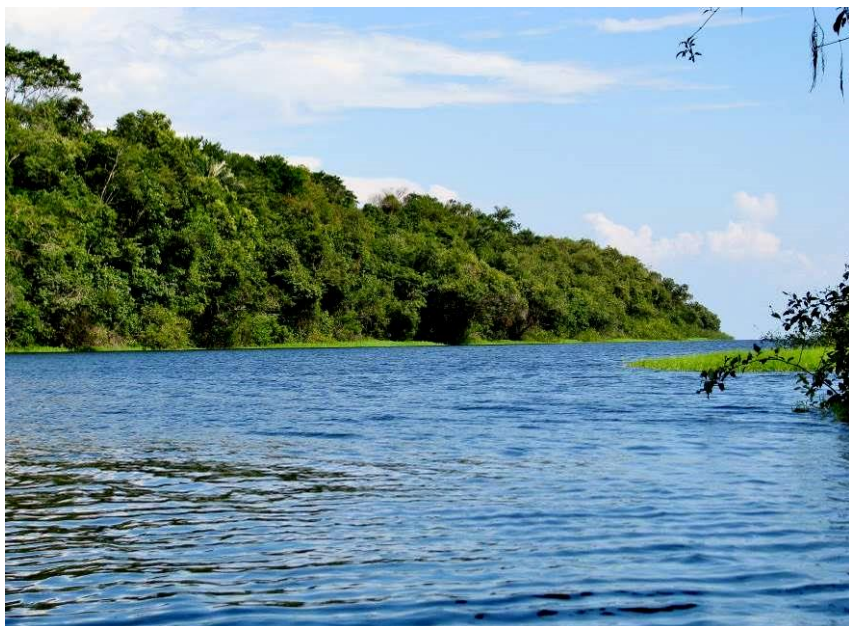
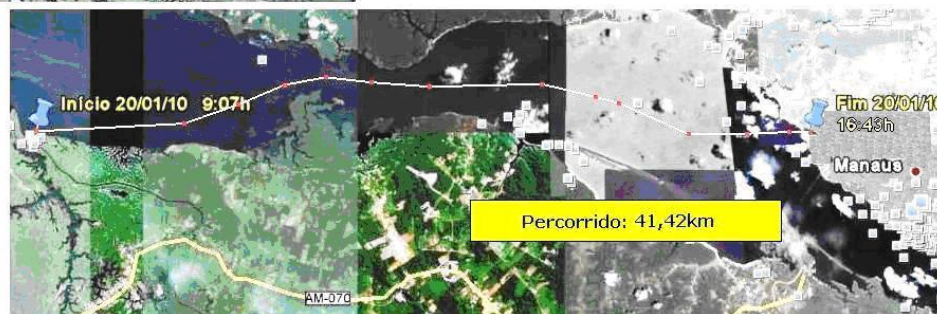
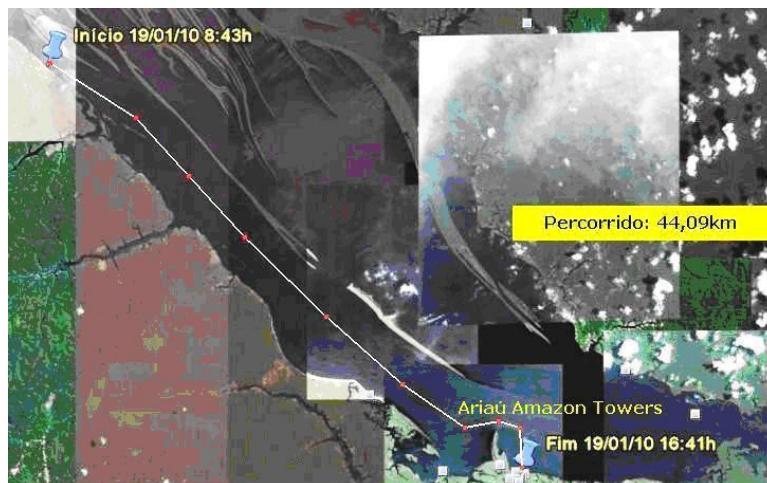



Imagem 62 – Anavilhanas – Terra Preta, AM

Imagem 63 – Ariaú Amazon Towers – Iranduba, AM

Imagem 64 – Praia do 2° Gpt E – TV Cultura – Manaus

Mapa 04 – Terra Preta – Manaus (horário de verão – 2h+)

Novo Airão/Manaus

Acordamos às cinco horas e às 05h20 fui até o posto da Polícia Militar confirmar o apoio de viatura. O policial de plantão, como de praxe, não havia recebido as ordens devidas, mas consegui que a viatura estacionasse na hora combinada na "*Pousada Alfa*", do senhor Raimundo, onde pernoitáramos.

O carregamento e o transporte do material para a margem ocorreram sem problemas e parti, exatamente, às 06h15 da manhã. Eu planejara chegar a Manaus fazendo duas paradas: a primeira, no antigo Castanheiro, atual Terra Preta, e a segunda, no Hotel de Selva Ariaú Amazon Towers.

Partindo para Terra Preta (18.01.2010)

A viagem transcorreu sem maiores problemas. Raro movimento de embarcações nas Anavilhanas. Cheguei à Comunidade de Terra Preta (Castanheiro) por volta das 11h30 e me informaram de que a equipe de apoio me aguardava no Centro Comunitário, em construção. Aportei às 13h02, depois de remar 06h47 em um percurso de 34,87 km. Os operários estavam acampados no Centro e estavam empenhados na construção de uma Escola Municipal. Terra preta é conhecida pela construção artesanal de pequenas embarcações e se estende por uma única Rua espremida entre o barranco e a praia.

Aproveitamos para navegar à tarde pelas belas Anavilhanas. O conforto adicional era que teríamos luz das 06h30 até as 10h00. O grande transtorno, porém, foi o ronco de um dos operários que não permitiu que eu conseguisse dormir a noite toda.

Partindo para o Ariau (19.01.2010)

Tresnoitado e muito cansado, parti às 06h43. O dia ensolarado, a correnteza fraca e os ventos de proa retardavam meu deslocamento. Nas paradas, com o objetivo de me refrescar, eu mergulhava o corpo extenuado nas águas turvas do Negro, mas as águas mornas não contribuíam para minha recuperação. Finalmente, recuperei o ânimo quando avistei o Rio Ariau. Os botos vermelhos evoluíam, perigosamente, ao lado do caiaque, esbarrando no casco. Parei numa instalação flutuante do hotel e me informei se podia acessá-lo pelo Canal. Após a confirmação, remei vigorosamente pelos três quilômetros que me separavam de meu destino.

Cheguei às 14h41, depois de remar 07h58, em um percurso de 44,1 km, em um dia em que a canícula me afetou bastante o organismo. O acesso pelo Rio me levou às antigas instalações do Complexo Hoteleiro e tive de procurar a recepção, no lado oposto, em busca de informações sobre a equipe de apoio. Encontrei o Teixeira e o Osmarino devidamente acomodados e providenciamos o descarregamento do caiaque. Após um banho reconfortante, do almoço e de uma breve visita às instalações, fui até o quarto pegar a máquina fotográfica, quando, então, tive um ataque de labirintite.

No ano passado, o Dr. Francisco Ritta Bernardino, dono do Ariau, havia prometido me receber gratuitamente no seu hotel, quando eu descesse o Rio Negro e foi justamente o que aconteceu. Podendo desfrutar do conforto e das diversas opções de lazer que o Ariau oferece, tive de ficar de cama até o dia seguinte.

O Ariau Amazon Towers

O Hotel de Selva Ariau Amazon Towers, localizado no Município de Iranduba, Estado do Amazonas, é único na sua concepção arquitetônica, pois o mesmo é construído sobre palafitas de madeira à altura da copa das árvores. Devido a sua estrutura singular, o hotel integra-se juntamente com você e com toda a vida selvagem existente na Selva Amazônica como: macacos de diversas espécies, araras, papagaios, botos cor-de-rosa, entre outros animais da nossa fauna.

Durante os 20 anos de existência, tem sido palco de eventos tais como: Cenário do filme "*Anaconda*" da Sony Pictures, Base de Operações dos realities shows: "*Survivor*" da CBS TV americana e "*La Selva de los Famosos*" da Antena 3 TV espanhola, assim como de muitas outras reportagens e curtas-metragens. O hotel também tem servido de base para vários eventos empresariais e educativos, com o intuito de desenvolver o conhecimento e a educação sobre a Amazônia. Dentre as inúmeras atrações do Hotel, estão as excursões programadas para visitar a Selva Amazônica: visita à casa de nativos, caminhada na selva, pesca da piranha, observação de animais de hábitos noturnos, interação com botos cor-de-rosa, sobrevoo panorâmico, encontro das águas, visita à tribo indígena, andar de carrinhos elétricos sobre as passarelas, sobrevivência na selva, visita às Comunidades locais, visita à casa de nativos, entre outros.

Para chegar ao Hotel, dispomos de um serviço de cruzeiros para o Ariau, percorrendo o Rio Negro e assim dando a oportunidade de você desfrutar e fotografar a imensidão da Amazônia. Disponível em dois horários diários de forma regular, tanto de ida como de retorno. O translado está incluso no pacote.

> Os pacotes incluem transporte regular do Aeroporto para o píer do Hotel Tropical, translado fluvial de ida e volta a Manaus, drink de boas-vindas e souvenir indígena, acomodação em apartamento standard com ar condicionado, varanda privativa e banheiro com chuveiro elétrico, pensão completa [exceto bebidas], excursões na selva conforme programação, sempre acompanhados de guias bilíngues especialistas na geografia local. (www.ariau.tur.br)

Partindo para Manaus (20.01.2010)

Acordei às 7 horas um pouco melhor, arrumei as minhas coisas e preparei o caiaque para a partida. Depois do café, iniciei minha última jornada às 07h40. A velocidade que eu conseguia imprimir ao caiaque fez com que eu reavaliasse minha conduta e decidisse não fazer nenhuma parada de maneira a não atrasar muito minha chegada prevista para as 2 horas da tarde na praia do Grupamento. O cansaço e a possibilidade de um novo ataque de labirintite me preocupavam.

> ... em volta de nós começou a surgir lenta e silenciosamente a grande Natureza das margens do Amazonas, ou antes, no Rio Negro. Ancoramos num Rio de certamente 1.500 braças de largura, distinto, à primeira vista, do Rio Amazonas, por uma correnteza muito menor, e de água preta, em lugar de pardacenta, como a do grande Rio. Em vastidão, porém, pareceu-nos quase igual ao Amazonas, como o víramos em alguns lugares na tarde anterior.
>
> Corria tranquilamente do oesnoroeste, por longos trechos, não formando moldura no seu horizonte na água, e volteando depois uma eminência para o Oeste, causava uma impressão de profunda serenidade, certa melancolia, junto a uma expressão de perfeita majestade. (AVÉ-LALLEMANT)

Depois de cruzar a parte mais estreita do Negro, e avistar Manaus a mais de 24 quilômetros de distância, senti um grande cansaço e desânimo. Foi, então, que os golfinhos amigos, os botos tucuxis, apareceram para me animar. Um trio harmonioso evoluía num sincronismo perfeito seguido de um outro pequeno e solitário. As evoluções variavam de bombordo a boreste e passavam a poucos metros da proa do caiaque. O acompanhamento durou por mais de hora e meia e permitiu que eu desviasse, pelo menos momentaneamente, minha atenção dos problemas que enfrentava.

Apontei a proa para a concha acústica da Ponta Negra onde combinara encontrar a equipe de apoio. Como não a avistasse, passei ao largo e rumei diretamente para a praia do 2° Grupamento de Engenharia. A equipe da Seção de Comunicação Social havia montado um toldo e me aguardava na praia com o repórter da TV Cultura. Cheguei às 14h43 (13 minutos atrasado) depois de remar 07h03 em um percurso de 41,4 km.

Projeto Desafiando Rio-Mar – 3ª Fase

Ano que vem, vamos descer, o Rio Amazonas, das praias do 2° Grupamento de Engenharia, Manaus (Amazonas) até o flutuante do 8° Batalhão de Engenharia de Construção (8° BECnst), Santarém (Pará). A terceira fase visa homenagear os 40 anos do Grupamento, atualmente comandado por um grande amigo e companheiro de jornada no Centro de Preparação de Oficiais da Reserva de Porto Alegre (RS), em 1984, General-de-Brigada Lauro Luís Pires da Silva. A chegada em Santarém terá um significado igualmente especial, pois o comando do 8° BECnst está nas mãos de um ex-Cadete e parceiro de trabalho no 9° Batalhão

de Engenharia de Combate, Aquidauana (MS), Coronel de Engenharia Aguinaldo da Silva Ribeiro. O Projeto já recebeu apoio do Senhor Fábio Paiva que vai doar um caiaque para ser rifado em benefício da terceira fase do projeto. Fábio é um apaixonado por canoagem e possui a maior e melhor fábrica de caiaques do Brasil, a Opium Fiberglass ([147]), responsável pela construção de mais de quinze mil embarcações, distribuídas em todo o País.

Poema Perto do Fim
(Thiago de Mello)

A morte é indolor.

O que dói nela é o nada
Que a vida faz do amor.

Sopro a flauta encantada
E não dá nenhum som.

Levo uma pena leve
De não ter sido bom.

E no coração, neve.

[147] www.caiaquesopium.com.br

Encontro com Thiago de Mello

Fica decretado que o homem não precisará nunca mais duvidar do homem. Que o homem confiará no homem, como a palmeira confia no vento; como o vento confia no ar; como o ar confia no campo azul do céu. (Thiago de Mello)

Agradável Surpresa

Estava distraído, selecionando alguns livros numa banca próxima ao Teatro Amazonas, quando fui surpreendido por uma imagem querida e conhecida. Todo de branco, ostentando uma bela e alva cabeleira coberta por chapéu igualmente branco, Thiago entrou na livraria com a suavidade de um anjo no paraíso. Fiquei boquiaberto e, não confiando em minha percepção, procurei confirmar minha expectativa com o Coronel Teixeira. A expressão boquiaberta do Teixeira não deixava dúvidas, se tratava definitivamente de Thiago de Mello.

Só se ama aquilo que se conhece e entende.
Só se defende o que se ama. (Thiago de Mello)

Cumprimentei-o e relatei minha profunda admiração pelo maior poeta do Estado do Amazonas. Confirmei, com ele, as palavras que uso no fechamento de todas as minhas palestras – palavras as quais ouvi dele em entrevista a uma rede de televisão – "*Só se ama aquilo que se conhece e entende. Só se defende o que se ama*". Fiz um breve relato de nosso Projeto Aventura Desafiando o Rio-Mar, e o poeta se entusiasmou com a ideia. Pediu meu endereço em Porto Alegre para enviar-me alguns de seus livros. O poeta mostrou-me algumas de suas obras nas prateleiras e fez um breve relato das motivações que o levam a criar determinadas poesias.

Foi realmente um privilégio desfrutar, ainda que por um breve momento, da convivência desta tão conhecida e amada personalidade amazonense.

Amadeu Thiago de Mello, por Donaldo Mello

Eu consagro a minha vida, a minha palavra falada e a minha palavra escrita, ao esforço diário de reduzir o abismo entre aqueles que comem três vezes ao dia e aqueles deserdados que desconhecem o cheiro do pão. Consagro a minha vida à união dos povos latinos. Eu fiz a opção entre o apocalipse e a utopia. Escolhi a utopia porque acredito que é possível construir uma sociedade mais justa e mais solidária.
(Thiago de Mello)

Amadeu Thiago de Mello nasceu na Cidade de Barreirinha, no Amazonas, em 30 de março de 1926. Depois de fazer sua escolarização inicial em Manaus, foi para o Rio de Janeiro, onde veio a ingressar na Faculdade de Medicina, tendo desistido do curso no 4° ano. Viveu longos anos de exílio no Chile, onde permaneceu até a queda de Allende. É membro da Academia Amazonense de Letras e mora, há anos, em sua Cidade natal, em casa projetada pelo arquiteto Lucio Costa. Vasta é a obra de Thiago de Mello, que acaba de receber bonita homenagem, realizada em 19.04.2006, na Câmara dos Deputados, em Brasília, em comemoração aos seus 80 anos. Muitos de seus livros foram traduzidos no Chile, em Cuba, na Argentina, em Portugal, nos Estados Unidos, na França, na Alemanha e na Inglaterra, entre outros países. [...] (Donaldo Mello)

A candente autenticidade de seus versos decorre, além do mais, da firme coerência que existe entre a obra e o modo de ser do poeta. Não se fechando em gabinetes, ele se põe por inteiro nessa luta em busca da justiça e da dignidade, e tem pago duro preço por isso, inclusive detenções arbitrárias e o amargor do exílio. (Ênio Silveira)

Misturando prosa e poesia, crônica e até anúncio imobiliário, o amazonense de Barreirinha, o cidadão do mundo, o personagem de nossa época, o poeta de "A Canção do Amor Armado" penetra na memória, obtendo a síntese do urbano e do telúrico, do lírico e do social. Comprometido com a sua terra e com a sua gente, de uma vez por todas Thiago de Mello assume a expressão de um poeta verdadeiramente universal. (Carlos Heitor Cony)

Precisamos do menino que você guarda em você e que ajuda a ser mais homem o homem que você é. Aguente o barco, querido amigo! Muitas madrugadas, cheias de orvalho macio, esperam por você. Andarilho da liberdade, você tem ainda muitos trilhos a percorrer; seus braços longos, muitas crianças a abraçar; suas mãos, muitos poemas a escrever. (Paulo Freire)

Thiago de Mello é um poeta na contramão da modernidade e isso bastaria para distanciá-lo de seus pares, mas há ainda um fator circunstancial a considerar: desde que retornou do exílio, em 1978, voltou a viver na distante Barreirinha, pequena Vila de cinco mil habitantes encravada no Baixo Amazonas, em pleno coração da floresta. Quando volta do Sul do País, depois de voar até Manaus e de lá num pequeno avião até Parintins, o poeta ainda é obrigado a enfrentar uma longa viagem de barco, de mais de cinco horas, até chegar em casa. (José Castello)

Imenso, em sua ternura vestida de branco, o poeta passeia por entre a bruma da memória. E não tropeça, e não vacila, porque esse é o caminho que ele trilha, com seu andar cambaio de caboclo suburucu, desde sempre. (Zemaria Pinto)

Comovi-me apreciando Thiago de Mello fazer leitura de seus poemas no Salão Nobre da Câmara Federal, em noite memorável. Ali, ineditamente, conseguiu o poeta amazônico-universal reunir a bancada do Estado do Amazonas, como assinalado aos presen-

tes. E assim, transformar senhores Deputados e Senadores em intérpretes de um jogral, como simples colegiais – “*de castigo*” – declamando Os Estatutos do Homem. Numa hora em que nosso país vive grande sofrimento e os políticos, em especial, estão desacreditados, ouviu-se soar profundo, na voz sumida de um Senador em plena senectude:

> Artigo VII – Por Decreto irrevogável fica estabelecido o reinado permanente da justiça e da claridão, e a esperança será uma bandeira generosa para sempre desfraldada na alma do povo.

Como um solene violino Stradivarius, então ecoou alegre, aos oitenta anos, o canto da lira thiaguiana, lançando [seta certeira] aos corações enternecidos um bálsamo revigorante: a poesia do “*menino de Barreirinha*”, uma vez, sempre. (Donaldo Mello)

Suspiros Poéticos e Saudades VII
IV – A Tempestade
(Domingos José Gonçalves de Magalhães)

[...] Glória! glória ao Senhor! estamos salvos!
Desaparece a morte,
Raia o sol, ri-se o céu, o mar se aplana!
Glória! glória ao Senhor! estamos salvos!
Afaga-me a esperança,
Que renasce no fundo de minha alma,
Como a fênix das cinzas.

Oh Pátria, serei teu; minha existência
Ao louvor do meu Deus, a teus louvores
De ora avante a consagro.

Bibliografia

ADBN, N° 67. ***Ajuricaba*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Anais da Biblioteca Nacional, Vol. 67 – Livro Grosso do Maranhão – 2ª Parte – Divisão de Obras Raras e Publicações, 1948.*

AGASSIZ, Luís e Elizabeth Cary. ***Viagem ao Brasil (1865 – 1866)*** *– Brasil – Brasília, DF – Senado Federal, 2000.*

BAENA, Antônio Ladislau Monteiro. ***Ensaio Chorographico do Pará*** *- 1839 – Brasil – Brasília, DF – Senado Federal, 2004.*

BARRA, Camila. ***Mobilização Geral dos Povos Indígenas do Médio e Baixo Rio Negro reúne mais de 300 pessoas*** *– Brasil – São Paulo, SP – Instituto Socioambiental (ISA), 08.07.2009.*

BERREDO, Bernardo Pereira. ***Annaes Históricos de Berredo*** *– Itália – Florença – Typographia Barbera, 1905.*

BRASIL, Altino Berthier. ***Amazônia Legendária*** *– Brasil – Porto Alegre, RS – Editora Posenato Arte & Cultura, 1999.*

BRASIL, Altino Berthier. ***Amazônia, nos Domínios da Coca*** *– Brasil – Porto Alegre, RS – Editora Posenato Arte & Cultura, 1989.*

CARVALHO, José Cândido de Melo. ***Notas de viagem ao Rio Negro*** *– Brasil – São Paulo, SP – Edições GRD, 1983.*

CHÁVEZ - Teodosio Chávez C. & Israel Chávez S & Nádia Chávez S. ***Tradición Andina: Edad de Oro*** *– Peru – Lima – T CH C Editor, 2007.*

CMPA, 1874. ***Ajuricaba*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Comissão do Madeira, Pará e Amazonas (1ª Parte) pelo Encarregado dos Trabalhos Etnográficos, Cônego Francisco Bernardino de Souza,1874.*

CRULS, Gastão Luís. ***Hiléia Amazônica*** *– Brasil – Belo Horizonte, MG – Editora Itatiaia, 2003.*

CUNHA, Euclides da. ***Os Sertões****: Campanha de Canudos – Brasil – São Paulo, SP – Editora Martin Claret, 2006.*

DANIEL, Padre João. ***Tesouro Descoberto no Máximo Rio Amazonas*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Contraponto Editora Ltda, 2004.*

DE SOUSA, Cônego André Fernandes. ***Da Capitania do Rio Negro do Grande Rio Amazonas*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Revista do Instituto Histórico – 4° Trimestre, 1848.*

DTHDCAA, 1852. ***Ajuricaba*** *– Brasil – Recife, PE – Dicionário Topográfico, Histórico, Descritivo da Comarca do Alto-Amazonas, por Lourenço da Silva Araújo e Amazonas, 1852.*

FERREIRA, Alexandre Rodrigues. ***Viagem Filosófica pelas Capitanias do Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Conselho Federal de Cultura, 1971.*

FREGAPANI, Gélio. ***No Lado de Dentro da Selva II*** *– Brasil – Brasília, DF – Thesaurus Editora, 2009.*

FRITZ, Samuel. In: PINTO, Renan Freitas. ***O Diário do Padre Samuel Fritz*** *– Brasil – Manaus, AM – Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2006*

FULLGRAF, Frederico. ***Indiana Jones: o Plagiato de 1,3 Bilhões de Dólares*** *– Brasil – São Paulo, SP – Portal Cronópios, 07.07.2008.*

FURTADO, Francisco Xavier de Mendonça. ***Carta a Joaquim de Mello e Póvoas, 11 de maio de 1758*** *– Brasil – Manaus, AM – Revista do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas, 1932.*

GARCIA, Etelvina. ***Amazonas, Notícias da História*** *– Brasil – Manaus, AM – Norma Editora, 2005.*

JUNG, Carl Gustav. ***Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*** *– Brasil – Petrópolis, RJ – Editora Vozes Ltdª, 2002.*

LOUREIRO, Antônio José Souto. ***O Amazonas na Época Imperial*** *– Brasil – Manaus, AM – Valer Editora, 1989.*

M. C. COSTA, Antonio Luiz. ***História e Pipoca, Combinação Indigesta*** *– Brasil – São Paulo, SP – Carta Capital, 04.06.2008.*

MIRANDA, Bertino. ***A Cidade de Manáos: Sua história e seus Motins Políticos*** *– Brasil – Manaus, AM – Ed. Umberto Calderaro, 1984.*

MORAES, Raymundo. ***Na planície Amazônica*** *– Brasil – São Paulo, SP – Livraria Itatiaia Editora Ltda – Editora da Universidade de São Paulo, 1987.*

NORONHA, José Monteiro de. ***Roteiro da Viagem da Cidade do Pará até as Últimas Colônias do Sertão da Província (1768)*** *– Brasil – São Paulo, SP – Livraria Itatiaia Editora Ltda – Editora da Universidade de São Paulo, 2006.*

OLIVEIRA, Emerson Rogério de. ***Atitudes Dignas*** *– Brasil – Porto Alegre, RS – Jornal o Sul, 04.10.2008.*

OMBOÍ, Vicent Melià i. ***El Significado del Petroglifo de Peñíscola*** *– Espanha – Madri – Comunidad Valenciana, 2013.*

PINHEIRO, Aurélio. ***À Margem do Amazonas*** *– Brasil – São Paulo, SP – Companhia Editora Nacional, 1937.*

RASTEIRO, Marcelo Augusto. ***Estabelecido Novo Recorde Sul-Americano de Profundidade em Cavernas*** *– Brasil – São Paulo, SP – Boletim Eletrônico SBE Notícias – Sociedade Brasileira de Espeleologia, n° 39, 21.01.2007.*

REIS, Arthur Cézar Ferreira. ***História do Amazonas*** *– Brasil – Belém, PA – Livraria Itatiaia Editora Ltda – Editora da Universidade de São Paulo, 1989.*

REIS, Arthur Cézar Ferreira. ***Lobo d'Almada – um Estadista Colonial*** *– Brasil – Manaus, AM – Editora Valer, 2006.*

RIBEIRO, Maraísa. ***O Mercado de Peixes Ornamentais*** *– Brasil – São Paulo, SP – Agência EPTV, Notícias, 19.11.2009.*

RIHGB, 1841. ***Benigno e a Cidade Perdida*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Tomo III, 1841.*

RIHGB, 1845. ***Correspondência*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Tomo VII, 1845.*

RTHG, 1850. ***Ajuricaba*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Revista Trimensal de História e Geografia, Segunda Série, 1850.*

SABATINI, Silvano. ***Massacre*** *– Brasil – São Paulo, SP – CIMI – Edições Loyola, 1998.*

SAMPAIO, Francisco Xavier Ribeiro Sampaio. ***Diário de Uma Viagem Que Em Visita, e Correição das Povoações da Capitania de S. José do Rio Negro Fez o Ouvidor, e Intendente Geral da Mesma Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, no Ano de 1774 e 1775*** *– Portugal – Lisboa – Tipografia da Academia, 1825.*

SOUSA, Marechal Boanerges Lopes de. ***Do Rio Negro ao Orenoco*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Ministério da Agricultura, 1959.*

SPIX & MARTIUS, Johann Baptist Von Spix e Carl Friedrich Philipp Von Martius. ***Viagem pelo Brasil 1817 – 1820*** *– Brasil – São Paulo, SP – Edições Melhoramentos, 1968.*

SPRUCE, Richard. ***Notas de um Botânico na Amazônia*** *– Brasil – Belo Horizonte, MG – Editora Itatiaia, 2006.*

WALLACE, Alfred Russel. ***Viagens Pelo Amazonas e Rio Negro*** *– Brasil – São Paulo, SP – Editora Companhia Editora Nacional, 1939.*

Contudo, nesta era da Cibernética, as notações estão necessitando de uma atualização capaz de subsidiar futuras políticas de desenvolvimento. Foi daí que nasceu o sonho do autor: navegar Rio Negro abaixo, de Cucuí a Manaus, não só observando a geografia física, mas também os diferentes cenários da geografia humana.

Meses mais tarde o assunto acabou fechado. O sonho tinha se tornado realidade. A viagem fora executada, conforme o previsto.

De volta a Porto Alegre, ao redigir seu Relatório, constatou ter em mãos uma preciosa fonte informativa, que não podia, nem devia ser desprezada. Resolveu, por isso, aproveitá-la. O resultado foi esta magnífica obra.

Convém que se diga que o autor não se ateve apenas ao material recolhido. Impôs no livro o seu gênio, seu sentimento e sua extraordinária força descritiva, transformando-se de cronista, de historiador-militar em um autêntico escritor. Além disso, deu um exemplo de quanto os brasileiros do Sul prezam sua integridade territorial e amam seus irmãos da Amazônia.

Finalmente, consideramos este livro indispensável aos estudiosos, tanto pela revelação de uma parte rica e estratégica da Amazônia atual, como pela sua mensagem mística cheia de civismo, generosidade, fraternidade e grandeza humana.

Coronel Altino Berthier Brasil
(escritor e historiador militar)